

Jorge Ferreira de Vasconcelos

# Comédia Aulegrafia

Edição de 1619 corrigida pela lição do manuscrito II/1519 da Biblioteca de Palacio, de Madrid

Edição preparada no Centro de Estudos de Teatro da Faculdade de Letras de Lisboa  
(José Camões, Lurdes Patrício, Isabel Pinto, Helena Reis Silva, José Pedro Sousa)

2015

Comédia Aulegrafia.

Feita por Jorge Ferreira de Vasconcelos.

Agora novamente impressa à custa de dom António de Noronha.

Dirigida ao marquês de Alenquer, duque de Francavilla, do Conselho do Estado de sua majestade, visorrei e capitão general destes reinos de Portugal.

Com todas as licenças necessárias. Em Lisboa. Por Pedro Craesbeeck. Ano 1619.

Revista do Revedor. Está conforme ao original.  
Em S. Domingos, 8 de Março de 619. Frei Diogo Ferreira.

Taxa: taxam este livro da Comédia Aulegrafia em duzentos e cinquenta réis em papel.  
Em Lisboa, a 11 de Março de 619. Moniz. Machado

Erratas

Licenças:

Vi esta comédia intitulada Aulegrafia e não tem cousa algũa contra a nossa santa fé nem bons costumes, e me parece digna de se imprimir.

Em S. Domingos 29 de Outubro de 1618.

Fr. Diogo Ferreira.

Vista a informação, pode-se imprimir esta Comédia Aulegrafia e dipois de impressa torne a este Conselho para se conferir com o original e se dar licença para poder correr e sem ela não correrá.

Lisboa aos 31 de Outubro de 1618.

Bertolameu Fonseca. António Dias Cardoso. Fr. Manoel Coelho.

Pode-se imprimir esta comédia,

aos 23 de Novembro de 1618.

Damião Viegas.

Que se possa imprimir esta comédia, havendo primeiro licença do Ordinário, em Lisboa 17 de Novembro de 1618.

Fr. Pinto Moniz.

Ao marquês de Alenquer, duque de Francavilla, do Conselho do Estado de sua majestade, visorrei e capitão general destes reinos de Portugal.

É tão vã, excelentíssimo senhor, a opinião humana, segundo dela zomba Pérsio, que havemos por nada quanto alcançamos saber se outrem não sabe que o sabemos. Deste comum erro nascem quantos vemos de autores que, enlevados nesta vaidade, assoalham suas fraquezas. Sendo pois eu um dos que menos razão tem para querê-lo ser, e que algum conhecimento tenho deste engano, por lhes imitar a culpa, já que al não posso, cometo publicar a vossa excelência faltas, que todas me são próprias, pela razão que há. E assi, pera encobrir as que neste livro se podem enxergar, não achei remédio mais eficaz que deregi-lo a vossa excelência e pô-lo diante delas, para que com seu resplendor cegue os olhos e êmudeça as línguas dos maldizentes que quiserem caluniar o autor dele, que foi Jorge Ferreira de Vasconcelos, meu sogro. E fique vossa excelência sendo defensão e amparo seu, como quem tudo pode, lembrando que inda que a oferta seja pobre, a estima dela é igual aos desejos de servir, pois donde a posse não chega eles não encorrem em culpa. Aceite-o vossa excelência com o gosto que se lhe oferece, para que, vendo o mundo que o recebe, não haja que temer censuradores dele. E o ser desta comédia tenha o lugar que lhe cabe em peitos generosos, pelo que participa de vossa excelência, que Deos etc.

Dom António de Noronha.

Jorge Ferreira de Vasconcelos não pôs nunca seu nome em nenhum dos livros que compôs e por esta razão se lhe fizeram há muitos anos estes versos.

Iacobi Teuij ad Auctorem.

Aepygrama.

Inscribunt alij morituris nomina chartis  
Cumque illis cernunt, nomine obire sua;  
Funeribusque suis intersunt vesteque operti  
Hac sua lugubri fata suprema vident.  
Tu bone Ferreri victuris nomina chartis,  
Non tua subscribis, sed latitare cupis.  
Est tibi sat saeclis prodesse aliquando futuris,  
Quamuis mulla tui nominis aura sonet.  
Nil agis, insequitur fugientem fama sequentem,  
Aufugit ad Superos, et volat alta polos.

Comédia Aulegrafia, de Jorge Ferreira de Vasconcelos. [1]

Prólogo.

Autor (Momo).

Trilhado estilo é destes que chamais de arte, entrando na guarda-roupa, falar de cabeça aos conhecentes, o mesmo preto da boa criança portuguesa, e acessório, olhar carregado (digo grave) aos extravagantes, e, pretendendo vender-se por de casa, dão mostra de sua linguagem ante os da sua cevadeira por equívocos e derivações, com um desdém pinalto e casquicheo, por nada lhe ficar por fazer em qualquer arrepique.

Perdoai-me se me não declaro, nas orelhas me zine já que vou cumprido e vós sois todos mortos [1'] por brevidade. Mas venho ao ponto.

Eu, portanto, já que entro aqui, antes que vos sequeis estranhando-me, por mostrar conversação, que há dias que a temos por estas reais casas, falo-vos como delas, dado que como ando de rebuço a uso de galantes amornetados não sei se me conheceis agora que vos falo de face a face. Atalhando, porém, a todo inconveniente, ao desar dos vossos desconhecimentos e sequidões, dir-vos-ei de mim, e escuso mandá-lo dizer por outrem, porque terceiros tem muitos pés quebrados.

Sou, senhores, um dos antigos deoses, que por nome não perca, o Momo. Se vos chegou, e porquanto todo o desacostumado é obscuro, para que vo-lo não seja a tenção de vir aqui apontarei minhas calidades. Quiçá por elas, donde ora me haveis por estrangeiro reconhecer-me-eis natural, porque haveis de assentar que tenho o mais vivo, delicado e sutil juízo que pudestes ver. Sabeis quanto, inda que é mal dizê-lo eu, por ser vil o louvor na própria boca, mas di-lo-ei, já que começo, ca dado é ao bom cavaleiro louvar-se per natural, intrínseca, puríssima discrição mera, minha mesma, só eu soube emendar a natureza na composição do homem em que se ela esmerou, [2] produzindo um animal perfeito sobre todos. E tendo-o o grave concílio dos deoses por acabado, aparado e perficionado sem falta alguma, lancei o rabo do olho por sobrerrola de seus juízos e à própria hora, sem mais tir-te nem tirai-vos, julguei ser-lhe necessária ãa porta no peito, per que se lhe pudesse ver o coração. Tomais ora isto bem e caís nesta delicadeza e em quão proveitosa e importante era esta trapeira se viera a lume? Pressuposto que não há cousa pior de conhecer que o coração do homem a que não se pode dar saca-pelouro que lhe alimpe a ferrugem que cria e conversação nele imprime, não me quiseram crer. Donde notai quão antigo é espíritos nobres admitirem mal parecer alheio.

De modo, feição, guisa, arte e maneira, por que abafemos a cópia castelhana, que esta foi a fonte dos enganos do mundo, a mina de seus ressábios e o centro dos seus escarcéus, porque o animal mais imigo do homem é o mesmo outro homem, por o desconhecimento que tem da pureza de seus corações, ca o bem e o mal conhece-se nas cousas em que consiste e o verdadeiro e falso na alma em que se encobre.

Per aqui vereis quão pouco val o bom conselho onde não querem segui-lo. Se tomaram meu [2'] voto, escusado este dano, fizera-se muito proveito. Nunca por isso vos mova a autoridade de quem fala, senti o que se diz e chegai à boa razão, pois o melhor homem do mundo há

mester conselho e o engenho de cada um, qualquer que seja, não se vence com leve arte, que a natureza a todos dá o que lhe convém.

Digo ao propósito do que não se emendou, segundo soutilizei, a culpa em fim foi sua, que eu consola-me que é melhor ser desprezado por fazer virtude que estimado por doudices. De mim crede que ninguém cai assi na realidade das cousas, mas sou, digamos, tão mal esqueçado que nunca minhas razões imprimem para fruto, donde, perdido o trabalho, fica-me sempre a mágoa por não escapar à pena do envejoso, que é tormento de males próprios e tristeza de bens alheios. Ora eu d'ambas mãos sirvo e corto de dous gumes e dado que, quanto a mim, defeito de pessoa não é culpa própria, contudo algum tanto ando estomacado, porque tem a minha incrinação esta manqueira com que me dou de rosto vendo triunfar contra direito aqueles em quem mais tachas aponto. Vai isto de maneira que dizem que aos bons a bondade é seu prémio e aos maus sua malícia seu tormento. E [3] certo é grande trabalho cuidar que tendes razão e não vos conhecerem dela.

Vedes-me aqui que dês que o mundo é mundo tenho corrido diversas terras, cousa não me ficou por notar, e, de ter o espírito muito sutil, neste exame em tudo achei pecha, té na fermosa Vénus, à qual fui descobrir um chapim desigual doutro, que

o diabo lhe não pudera cair neste desar. Não sei se estais comigo nesta sotleza porque nenhũa há sem dificuldade, assi no alcançá-la como na invenção, e pode acontecer muito bem saber um sojeito diversas e muitas cousas, mas o entendê-las todas não é tão fácil, e aqui jaz o ponto. Porque cada um sabe o que aprendeu, e muitas vezes mal, e eu revolve o centafolho do mundo melhor que o vento suão. E peregrinando assi ao som do atambor da fortuna, que a seu sabor dispõe dos estados, vim-me por fim com ela, ao tom da voz da fama, a esta vossa notada província Lusitânia, a qual achei tanto do meu gosto e o bom pasto para o meu ofício, isto aqui antre nós como antre lebre e seus filhos, que me tenho aposentado nela onde ora vivo com larga dominação, tratando o paço e todos os mais corrilhos desta feita, e ùa hora por outra chego a fazer-me arrais de Unhos. E com geral [3'] alçada vos ando assoprando os espíritos, tão embebido neste gosto raivoso que muitas vezes por morder outrem me mordo a mim mesmo de gargantão. Ca o bom dezidor antes perde o amigo que o bom dito assazonado e como não há mor pobreza que ser avaro, tal o envejoso tudo lhe faz nojo, e então torno-me às armas da molher por atalhar a dor, ou em parte satisfazê-la. Não sei se ides comigo nesta moralidade mas sabeí que vivo à lei da terra, já que seus defeitos, digo propriedades, se mal não falo, fazem tanto a meu propósito que me mantêm a pasto, sobejando-me sempre matéria para a minha obra. E como o trabalho cria os generosos ânímos trago por aqui muitos obreiros com alforges, quais estes meus, ao pescoço, que apanham mais salitre que um calçado velho e despendem mais pólvora que um aguardente. Com esta providência não há pressa a que eu não acuda com obra de sobremão e a minha jurisdição abrange té o futuro, que é muito para notar, estimar e ponderar. Verbi gratia.

Cousas há que trazemos na forja alguns dias, exempro: as companhias do ano passado sobre edificar a fortaleza de Mazagão dando-lhe mil voltas e outras tantas cores de diversos juízos. [4] Passa não passa, bem-feito malfeito, segundo chega a lança do próprio ou alheio juízo. Ca, mal pecado, mais nos imos com a voz geral que com o particular arbítrio. Outras com ùa calda e duas se apuram, como, ora digamos, ùa ida ou vinda de natural ou estrangeiro embaixador, levando sempre por sonda a ordem do tempo que a tudo dá sua tinta, e com esta condição o tratamos.

Per maneira que vos tenho feita esta corte ùa ferraria dos Ciclopas que forjavam os raios de Júpiter. A calidade porém dos meus, por a maior parte, é subirem e esvanecerem como foguetes, ca, como não há cousa que não saiba a natureza que tem, e inveja sempre atina logares altos, e nada há tanto no cume a que ela e o trabalho não cheguem, tal o meu exercício



voltea sempre sobre as gáveas. E é cousa de admiração ver que tudo se me aqui dá e prende, que em despondo reprehensão ou censura de algũa obra, de que sorte ou qualidade quizerdes, já dá flor e parece cousa feita acinte o arreigar e produzir de qualquer fruta nova que trago. Não há qui palmo de mato, por pequeno e mau que mo deis, que não tenha bojo para a vaidade de Alexandre, e então em que cuidais que [4'] me banho todos meus enxertos saem empenados de confiança, a razão não a sei, ca os mais vecejam tanto que não basta saírem bravios na discreta nobreza mas nem para neles a enxerirdes prestam.

Ora olhai, peço-vos, quantas pontas faz o tempo, leixai juízos de poldros desbocados de que não faço caso porque todos se apagam no nascer dos colmilhos, mas o velho sengo, que viu o que passou e vê o que ora corre, difícil é não escrever sátira, como dizem, donde não há por aqui estâmago de tão más ancorages em que eu não tenha alfândega desta mercadoria. Porque tomais os portugueses tanto em grosso toda novidade e sois tão maus de contentar e geralmente receosos uns dos outros que tudo vos faz nojo, e aqui o vemos cad' hora antre mãos.

Que os moços de esporas que soíam cantar de solau a vezes Quebra coração, quebra que não és de pedra, e outros do teor, enquanto os amos estavam no serão sem cuidado de má ventura, agora fazem consulta antre mó de cavalos sobre as premáticas do reino e desaprovam tolher-se a seda porque se perderão os chapéus de feltro.

Daqui vai de grau em grau que não há cousa [5] que não seja traçada, aparada, agorentada e cerzida. Damas notam os servidores de não querençosos da caça. Galantes as notam de interesseiras e desafeiçoadas do filho segundo que chamam treçó por ardido que seja. Cavaleiros ladram após desembargadores. Escudeiros, se os há, choram senhores avaros louvando-lhe o avoengo. Finalmente, anda esta matéria tanto em prática que té dos elementos dizem que não são os que soíam, e eu sou o padroeiro e inventor que mexo estes caldos porquanto há-se de falar como os muitos e saber como os poucos.

Por esta razão, portanto, me escolheu e manda por seu autor a Comédia Aulegrafia, que pretende mostrar-vos ao olho o rascunho da vida cortesã, em que vereis ãa pintura que fala e vos fará vente e palpável a vaidade de certa relé cuja compostura trasladada ao natural vos será representada per corrente e aprazível estilo de certos almogáveres que correm o campo fazendo ãa salsada de gente manceba, em que as primeiras partes tem Grasidel de Abreu, amante servidor de Filomela, da qual agravado e desavindo, não sem grande dor e sentimento nos primeiros recontros, e ela por fim das desavenças trasladada a outro orago de seu gosto, ele, [5'] sobredito Grasidel de Abreu, visto o facho em terra, faz-se forte no castelo da própria liberdade com não menos descanso. E assi fica tudo pacífico e quieto, rematando-se a comédia na quietação e repouso não esperado ao princípio, e discurso das vascas do querelante queixoso para aviso e exempro que nos casos humanos onde o juízo e diligência humana não alcança dá Deos súbito e nunca cuidado remédio.

Nesta selada portuguesa vereis várias diferenças, e certeza que passam em uso e costume por estes bairros. Donde deve notar-se e advertir-se que as qualidades e epítetos atribuídos em singular a toda espécie de pessoa aqui introduzida competem geralmente ao género de tais espécies, convém a saber, declarando-me: quando se pinta ãa espécie de cortesão ou cortesã, que dizemos especiais, ao natural de suas artes e modos principal e singularmente, entende-se em geral por o género de tais pessoas, ca de particular nada se trata porquanto seria odioso e alheio do estilo cómico moderno.

Finalmente, fazei conta que vos apresento um instrumento esférico, astrolábio, balestilha, ou que mais quizerdes, por que podeis divisar os auges e epiciclos dos planetas deste orbe palenciano. [6] Este é o primeiro fundamento de sentirdes esta música. E o segundo seja que tudo o que estes ministros meus dizem é um decorado trasunto do que cõmummente se diz,

pratica e trata antre os que por eles se representam, tendo-se muita conta com o decoro desta cousa que em tudo é muito importante. E o terceiro, ouvirdes prontos por que possais discernir antre lepra e lepra e comer-lhe o são com as condições do bom juiz, que eu vou-me pôr de rebuço e fazer-me invesível, e torno-me logo para vós de soticapa para saber que julgais desta invenção. Ca fugir juiz é confessar pecado e para lograr do proveito há-se de sofrer o dano, e assim se passará a vida com tu bom e eu bom, quem tangerá o asno?

Acto Primeiro, Cena Primeira. [6']

Grasidel, Rocha

Grasidel Ora se é possível acabar ãa molher consigo tanto que leve avante sua teima a seu salvo, sem valer tê-la penhorada de amor de tanto tempo. Eu me benzerei dela.

Rocha Duro caso é, mas não o duvido.

Grasidel E por que não acabarei comigo também o que me cumpre?

Rocha Essa era a verdade, quem pudesse.

Grasidel E por que não poderei?

Rocha Isso não sei eu, há mister bem cuidado. Ser o bom não se render não se duvida, começá-lo para o não acabar é perigo, arrisca-se a outra pior, porque tornar atrás com determinação, se é sem tempo, é mau remédio. Quando o tomar por falta de sofrimento será necessário rogar, quando não houver lugar ao rogo, e conhecida ou confessada a força do amor em render-se, não quer ela mais para cachar a seu salvo. Rogadas são indomáveis e desprezadas [7] impacientes.

Grasidel Pois que conselho?

Rocha Cousa que o não tem, nem modo de entender-se, não se pode reger por ele.

Grasidel Por que razão?

Rocha Tratar dela com quem a não tem é estar quebrando as soltas do juízo. Nesta cousa de amor não há saber conselhar-se: toma-se por arbítrio d'alma, a qual, satisfeita da sua escolha, acertada ou errada, raramente ou com muito trabalho se desafeiçoa do que lhe satisfaz. E o melhor valhacouto que lhe eu sinto é fugir-lhe quem puder, e isto acabam as molheres melhor consigo como se determinam.

Grasidel E pode ãa molher, confessando amor em palavras e obras, isentar-se?

Rocha Nunca fazem outra cousa, são muito determinadas na vontade.

Grasidel E por que não o serei eu também quando isso for?

Rocha Por ser mimoso, da condição que arrasta o saber e de todas essas vascas: farei não farei. Com ãa lagriminha esfregando os olhos deitada por força arrasa tudo, e eu não sei se bastará pedir-lhe mil perdões, que da nossa parte eu lhos faço bons.

Grasidel Oh mísero estado o de quem se afeiçoa a cousa algũa da terra, que a falta da liberdade sempre é trabalhosa. Conheço minha má sorte, padeço sujeição, entendo a isenção da causa e arso em amor. Sei o que me seria melhor e não tenho espírito [7'] para acometê-lo. Que farei?

Rocha Atalhar ao mal antes que tenha mais força, ò princípio admite remédio e ao fim não o compadece.

Grasidel Pois que maneira?

Rocha A senhora Filomela, se está vacante e não tomada de pensamentos novos, que sempre são apazíveis, admitirá rogos, e eu diria que lhe ofereçamos arrependimentos.

Grasidel E se lhe eu não errei?

- Rocha Oh valha-me o que pode e que val! Façamos as pazes quando nos cumpre, a nosso custo, e lá virá o tempo das vinganças.
- Grasidel Essas toma ela de mim sem causa.
- Rocha Do pouco sofrimento nasce muitas vezes sofrer muito. Saber dessimular afrontas é o meio de satisfazer delas.
- Grasidel O gosto da vingança é breve e de espíritos baixos. Eu dela pretendo só paz.
- Rocha Quem a quer ou há de dá-la ou pedi-la.
- Grasidel Que talho dais vós agora aqui?
- Rocha Parece-me, segundo minha má cabeça, que devo ir-me ver com Dorotea, sua donzela, e ter meio de falar com a senhora. Se lhe falo farei o campo franco a meu risco, se o mal tem cura.
- Grasidel Ora vai, e dá-lhe esta carta que dê à senhora Filomela. Quando lha não puderes dar vejamos em que se determina e tende maneira que não tardeis, que tod'a tardança custa muito e para mim agora é insofrível.
- Rocha Bom estâmago está esse para [8] cozer o mais. Vou e voltarei segundo se me azar, que o tempo negocea mais do que a deligência pode.

Cena Segunda  
Grasidel

- Grasidel Que grande pequice é ser afeiçoado, e muito maior desventura chegar a estado que vos seja necessário haver outrem dó de vós e pender vosso remédio da valia ou diligência alheia. Porque só a Deos se pode confessar necessidade, e tê-la menoscaba o entendimento como a sobejidão lhe dá fouteza. Em mim o vejo, que peço conselho e remédio a Rocha e ele está sobre mim como um Séneca. E dá-lhe tão pouca pena a minha que virá quando quiser, irá onde quiser e fará o que quiser, e hei de sofrê-lo. E pendurado da esperança padecerei receios, padecerei desconfianças que se pairam com dessimulá-las. Vede se há laberinto de desaventuras qual o meu. Não há masmorra menos sofrível que ter negócio e desejo. Quem acabasse consigo tê-lo de nada atalharia a enfadamentos [8'] e lograria sua liberdade que, não se comprando por preço algum, todos a vendemos por mil cousas sem ele. Antes de nenhum tomo. Olhai-me agora eu que perco o sono de noite, o descanso de dia, o gosto da mocidade, a quietação da vida, por ãa molher que está triunfando de mim. Recrea-se em enfadar-me, e muito segura que lhe hei de sofrer suas perrarias, pairar suas manias e agradecer-lhe muito amainar suas birras. E mais não pode ser menos, que elas naceram para serem rogadas e nós pera sofrê-las, e eu não sou de natureza mais forte que a dos outros. Sansão, que afogou um leão, não afogou o amor, quebrou as prisões de seus imigos e não as da sua afeiçoão, queimou as searas alheas e não pôde salvar-se do amoroso fogo de ãa molher falsa. Pois que menos fará o amor de ãa virtuosa que é a melhor jóia que o mundo tem, e ser isenta é discrição e virtude? Eu não me posso salvar de culpa ante ela dado que a não tenho no que me culpa. É muito dividido que a sofra, que a molher

nasceu para ser estimada do homem e senhora do amor a que não há poder resistir, e, o que é mais de temer, que tem asas e voa de uns noutros. E a mulher é incostante de sua natureza, e assanhada, indomável. Quem tomará pé [9] em pego tão profundo de inconvenientes? Vejo-me um confuso homem e, contudo, que menos pode sofrer-se por ùa mulher fermosa? Mal, como dizia o outro, sem o qual não se pode viver. E o praguejar delas é pequice, que se houve algũa má há mil boas, e os homens são a matéria de seus males. Pois chegar eu a cuidar que pode a senhora Filomela dar o seu amor a outrem tendo-lhe eu tão merecido! E aquelas amorosas e brandas palavras que dela já tive, não há coração que tal compadeça! Render-me-ei a tudo o que ela quiser, e, se posso, não dilatarei mais o meu descanso, mas muito me cansa a pouca segurança que n'alma sinto. Ora verei que faz Rocha e assi me determinarei.

Cena Terceira  
Rocha

Rocha Piadoso estado é o do homem que carece de conselho próprio no seu trabalho, que no alheio pouco dá, como dizem, o farto por o faminto, e ninguém vos diga al. Deos vos livre de conselheiros, que eu não sei bateria de [9'] mosquetes mais enfadonha, todos são discretos ou fultos em conselhar e fracos em padecer. Digo-o ao tanto cuidando em meu amo, o qual sendo insofrível de servir próspero agora é um cordeiro ante mim e eu um gigante com ele. Tudo tem volta e o tempo lhe dá as cores. Em amoestar não há quem não seja Cícero, à custa alheia todos são prudentes, esforçados e comedidos, e quem tem a dor padece. Vele-se cada um de desventura quanto lhe for possível, que mais não seja que por não ouvir conselhos. Ora os julgos que chovem sobre vós! Aqui errou, isto não entendeu, foi mal atentado, etc. É ùa munição que chove sobre vossa vida, e vós não achais quem vos dê a mão, e muitos mostram ter dó de vós e nenhum o tem, inda que vo-lo deva, porque a fortuna como vos quer tomar a fame ao seu sabor toma-vos os portos do remédio. Por mim o julgo que me estou banhando no desabrimento de meu amo, e o triste ficou dando a alma esperando o remédio que lhe eu levo bem mau. Mas é este que lá vejo meu amigo Cardoso? Este é. Vou-me a ele, que inda que venho depressa não pode homem leixar de comunicar seus amigos, que é a melhor fruita da vida, quando são quais devem.

Cena quarta [10] Rocha, Cardoso

Rocha Suas mãos beijo.  
Cardoso Oh senhor, grão saber vir.  
Rocha Dónde bueno?  
Cardoso Estava naquela travessa sobre ver ùa rapariga que me atravessa.

- Rocha E ela é travessa?
- Cardoso Mas travessa d'alma.
- Rocha Dessa maneira fareis d'amor ãa cancela!
- Cardoso Essa alcanc'ela de mim, a seu salvo.
- Rocha E a esse alvo pretendeis vós fazer tiro?
- Cardoso Mas tiro pouco mais de nada, porque a minha senhora nada em pensamentos altivos.
- Rocha I-vos logo aos banhos desesperados curar dessa lepra, que se vos ela enxerga a da vossa miséria ruim seja quem vos houver enveja, que essas mecas não descem a mochos.
- Cardoso Õa cousa vos afirmo eu, que não dá ela vento a bilhafres tão mal empenados, e mais agora que vos enxergo tocado de pensamentos malencónicos como figo bafreiro em unhas de cartaxo.
- Rocha Não vou eu todo trigo nem vós não vindes puro, haveis mister cipilhado dalgũas friezas, e eu vos irei adestrando pelo tempo.
- Cardoso A má ventura sempre é queixosa como a felicidade soberba, mas tudo passa. [10']
- Rocha Ah, assi é. E se a miséria não se alternara, que hoje vem por uns e amenhã por outros, não pudéramos sofrer-nos: os prósperos de malquistos e os mesquinhos de desprezados.
- Cardoso Por isso faz Deos bem, que ãa hora por outra a todos visita e nos baralha as sortes. Esqueçam-se embora os ricos dos pobres que lá virá sua residência.
- Rocha Esses ameaços não forcem natureza, velai-vos de cair em necessidade, que é trabuco que derruba tod'o repairo de parente e amigo. E prosperidade sabeis que legume é, que até Deos parece que está do seu bando.
- Cardoso Bem aviado está logo quem por mais que braceje por soltar-se de miséria não pode mudar a penugem, e sobr'isso cativo sou de cativo e servo de um servidor, bem longe de ser senhor.
- Rocha Disso vou escumando, e assentai com letras d'ouro que a maior rapazia que há no mundo é servir outrem, seja ele quem quer que for.
- Cardoso Pois como dizem que servir príncipe nobre não é servidão nem há mor liberdade que viver debaixo da jurdição do príncipe piadoso?
- Rocha Isso é já remédio que sempre foi vilão roim, e seu nome lhe basta. Mas o que vos eu digo dar-vo-lo-ei moente e corrente inda que doutra parte sabeis que me enfrea. Acho por minha conta, sondando as alturas da mísera vida humana, que ninguém [11] a passa livre, nem o mesmo rei.
- Cardoso Muito filosofar é esse, não dirá mais Segamundos.
- Rocha Ora ouvi remar e vereis como tomo o vento à vaidade mundana: vós tereis por forro o rei porque manda sobre todos e eu o julgo sojeito de todos, pois inda que não queira se há de fazer seu ofício e cumprir com a obrigação dele. Há de estar contínuo à estaca para ouvir agravos dos grandes, mimos dos pobres, pequices de letrados, queixumes de mal casadas, gemidos de viúvas, arengas de conselhos, obrigações de cavaleiros e mil outras cousas de enfadamento. E a toda esta bataria há de estar em corda de sofrimento, ter cópia de repostas e

- mealheiros de esperanças que reparta, e nem assi satisfaz. Parece-vos que basta paciência para levar o jugo desta sojeição com fôlego?
- Cardoso Não vos tinha por tão alquimista. E os senhores de estado, em que os tendes?
- Rocha Por garavatos, porque o trabalho que têm em estadear-se é ãmenso: a vigilância sobre não lhe errarem ponto das dívidas, cerimónias e martírio os balança na taixa das cortesias. É ser atalaia. Finalmente, pode-se fazer deles um galarim de bravas sojeições.
- Cardoso E os nobres dantre fouce e vencelho, em que rumo os pondes?
- Rocha O viver desses é a corrente da enxovia, seus ingrifamentos, [11'] seus fastios, suas ostentações e suas dívidas. Fazei conta que vedes bufo em soalheiro, sofrendo por que os sofram, granjeando por que os acatem. E se alguns têm a sojeição sofrível são os de bico rebolto, que os outros, de almazém, é melhor ser cogumelo.
- Cardoso E a gente que chamam de ãa lança, em que as presas do reino fazem escora?
- Rocha Mas em que fazem gazua os que mandam. Essa relé tem piadoso cativeiro. Não há siso que paire as diligências de que se sustentam, nem linguagem que supra seus cumprimentos, nem terra que sustenha o seu passear, nem céu que seu expirar sofra. Que direi? São ãa galé de fortunas, e achareis mil géneros de prumages sustanciais que para fazer deles alardo não basta tempo.
- Cardoso E da gente peã, que trazeis a rol?
- Rocha Esta tenho por livre e descansada, se pode ser, porque comem seu pão com seu suor como Deos mandou, dormem seu sono por encheio, sem os cuidados do privado que entesoura et inora, cui congregabit ea.
- Cardoso Bem encaixastes o latim. De maneira que, segundo isso, Salamão rematou tudo em vaidade e vós em servidão. Queria pois saber, sendo assi, vós e eu em que paragem ficamos?
- Rocha Vós em pessoa nobre, agraduado a obreiro sobre que já competem padeiras, [12] lê pelo Conde Partinoples, sabe de cor as trovas de Maria Parda e entra por fegura no auto de Marquês de Mântua.
- Cardoso Está bem. E de vós que diremos?
- Rocha De mim, vasculho. Não, pouco é. Antes muito, digo rodilha. Inda presta. Cavaco. Enfim, calçado velho do género humano, havido respeito, que meu amo nasceu no planeta Mercúrio, que é ser neutral, nem pega nem gavião. E eu sou a água ruça da sua discrição e, quando me vejo em mares cruzados, com meus pozinhos de latim vou-me ao meu cartapácio em que colegi mil avisos bons e faço conta que corro tormenta ao som do vento até que acalme.
- Cardoso Ora o rapaz do latim, que pressa foi a sua tamanha que lançou âncora em vós?
- Rocha Não o hajais por estranho e impróprio, que já não há aldeia que não lance de si seus dous pares de bacharéis de cabo e topete alfanado, e destes troncos achareis enxertos que vecejam mais que os da nobreza antiga, e sempre as boas letras se entavolaram bem.
- Cardoso Pois se isso entendeis, que razão tevestes para leixar essa estrada?

- Rocha A que têm todos os que erram a que lhe cumpre. E dir-vos-ei a verdade como amigo: meu pai foi tabalião do judicial da vila de Alfaiates e, sendo mexericado por descuidos de seu ofício, foi preso, [12'] em que desbaratou o que tinha e faleceu na cadeia. Havia no termo um Pero Esteves, merchante e rendeiro, que por sua astúcia, e não sem gemidos do povo, diziam, fez-se rico; casou com minha mãe, houveram um filho, e como ambos fomos de idade que eu sós dous anos lhe levava, mandou-nos ao estudo colimbriense, no qual passámos alguns três, em que me eu já ia aproveitando. O outro, como era mimoso, jogava isso que tinha e sabia cada vez menos. Fomo-nos à terra nas vacações, ia doente, e lá morreu. Pero Esteves correu a fortuna trás ele, como acontece a quem mal sobe, e quanto tinha ganhado em muitas rendas perdeu em ãa só, e lá foi tudo e morreu na cadeia. Eu destraído assi do bom caminho que levava, neste comenos vai de cá da corte um meu primo, que ora é na Índia, mancebo que lhe pungia a barba como ora a nós, de sua roupeta e calções cor de telha, botas baias e chapéu de feltro com fita encarnada, galante mancebo bofé, e fora homem de prol se vivera. Em fim venho-me com ele, o qual vivia com um primo de meu amo com quem foi à Índia, e como ele pretende a mesma jornada a esse mesmo fim assentei com ele, e assi vim de esperanças em esperanças, nas quais vivo [13] vai em dez anos.
- Cardoso Essas consomem as vidas de quantos peregrinamos com estes fados que acenam com o que não dão.
- Rocha Dão logo trabalhos, afrontas e necessidades assaz, mas não se escusam enquanto lidamos com a vida, que nosso senhor havia de acrescentar aos cortesãos para poderem pairar o vagar de suas satisfações. Passam-se os dias à mercê da vontade alheia, que as mais das vezes escassea de nossos fundamentos, fazendo contas ao longe que se alongam cad'hora. A vezes satisfeito do que cuido, outras desesperado, sem acabar com determinações. O tempo vai-me tomando, os anos bons correm caminho dos maus, não posso melhorar-me segundo vejo outros que de menos vieram a mais do que cuidaram, e sem merecer, o qu'eles não cuidam. Corro-me de quem me conhece e me vê, estou penhorado do serviço, é forçado pairá-lo, que assi faz meu amo.
- Cardoso E fazem todos e o mesmo vos digo de mim, mas assentado tenho comigo se o meu não se embarca este Março leixá-lo a boas-noites e citá-lo se me não pagar, que eu tenho aderência de parentesco com um corregedor que o condenará sem dó, e não hei de morrer sem ver a Índia.
- Rocha Lá queria também ir fazer a ossada, se meu amo me der a el rei como me tem prometido, [13'] mas tão má ventura é a sua como a minha.
- Cardoso Ninguém a tem boa como pende da vontade doutrem.
- Rocha Assi é, que o coitado serve como um perro, gastando o seu e o alheio, e quanto mais obrigação lhe tem menos lha satisfazem. E por isso digo que algum grande néscio foi o primeiro que serviu outro e muito pior o que pôs maus foros na terra. Que este negro medrar nos consume



alma e vida, e não somente nos degrada da natureza mas do gosto e do amor dos vossos. Pudera ser se me eu cá não viera que j'agora fora casado na minha pátria, vivera por meu trabalho sem sojeição, gosto que poucos entendem e todos suspiram. Não me desvelara por vontade alheia negando a própria, não dissimulara soberbas, sem-razões dos que me aborrecem, não vivera de fingimentos, não me pendurara de esperanças que estilam. Meu amo pende das de seu serviço, eu das do meu, e assi tudo é esperanças que seguram só em Deos, cui servire regnare est.

Cardoso Em extremo folgara de saber latim, porque sempre achais nele uns contrafortes que çarram a abóboda a pedir por boca.

Rocha Perdoe Deos a maus remendões que o devassaram, que ele, por si, não lhe podem tolher ser casto, de preço. E por fim acho por boa conta que de todas as empresas [14] um triunfa e os outros perecem. A Índia dá-nos um rico, mata por ele cento e empobrece dozentos, e desta maneira corre tudo. E o merecimento raramente o vedes alcandorado, e entendê-lo não basta para nos desviarmos do mau emprego, porque vontade incrinada não aceita inconvenientes por seguir desejos mancebos.

Cardoso Dais-me a vida em vos ouvir, não se pode falar com outro homem, bem parece que o lestes e entendeis. E onde fazeis a derrota?

Rocha Na volta da pousada.

Cardoso Nossos amos são no paço, é horas de se virem.

Rocha O meu em casa está esperando. Mandou-me com um recado à dama e o que lhe eu levo não lhe há de ser muito saboroso.

Cardoso Como assi?

Rocha Estão desavindos sobre certos ceúmes, e ela escandalizada.

Cardoso Essas desavenças são costumadas, e para mais confirmação d'amor.

Rocha Nunca vos fieis disso, que a constância é rara nas mulheres e determinadas põem em efeito o que querem. E esta, segundo entendo, está mais que determinada.

Cardoso Contai, por vossa vida.

Rocha Já sabeis que me pico com Dorotea, sua criada, que é ùa pega.

Cardoso Bico tem, mas parece-me muito garrida.

Rocha Esse mau, quero-a eu porventura para conselho? Sabei que é o mesmo azougue e que a trago brasa. Bem [14'] que receio agora que se me remonte com sua ama, porque mandei chamá-la na portaria, e donde soía vir em um pé tardou de maneira que desesperei sua vinda, e sospeito que não viera salvo porque vinha tomar roupa à lavandeira. Ora sobr'isso fez-se-me tão grave que estive em erre de levar-lhe as toucas nas unhas. Vou e sequei-me também, e sem tratar de mim dei-lhe ùa carta. Rofusou tomar-ma, dizendo que lhe era defeso. Todavia a tomou com mil achaques e seqidões.

Cardoso É artefício e ciência que tem antre si de natureza.

Rocha Foi enfim e voltou logo com me tornar a carta, dizendo-me que sua senhora lhe mandara que recado nenhum me tomasse e portanto escusasse mandá-la mais chamar. Repriqueei-lhe a voltas de meus amores, desenganou-me limpamente, tão infinta e isenta que não sei

- como a sofri. Venho sem paciência de me assi cachar, hei de estomentá-la. E mais vi estar um pajem mirrado nela como que a serve ou pretende servir. E ela que o agasalhava com os olhos, e tenho para mim que por seu respeito me rechaçou a conversação.
- Cardoso Essas são elas, perdidas por novidades.
- Rocha Pois par estas que lh'hei de tirar a encrava e vingar-me, a poder que eu possa.
- Cardoso Tomar vingança de molher é dar no próprio [15] broquel, leixai par' elas ser vingativas.
- Rocha A vingança abranda a dor.
- Cardoso Tomá-la é fraqueza per ofício, arte, ódio e malícia, é ignorância e desconfiança própria.
- Rocha Não vos nego ser realengo grandeza de ânimo e de espíritos poderosos o perdoar, qual foi Sócrates que não quis dar da peçonha que lhe deram em pena de morte ao seu acusador, mas os maus tomam ousadia da facilidade do perdão.
- Cardoso A vingança sofrível é ver os imigos soberbos tomados de temor e necessidade por castigo de suas culpas.
- Rocha Boa paciência seria a minha se lhe tal esperasse. Sabei que me hei de melhorar por que não zombe de mim, que a natureza da molher mais compassiva é que a do homem e assi também mais envejosa, maliciosa e mais fácil de enganar, e portanto hei de ensiná-la à sua custa.
- Cardoso Não há cousa de tanto fruto e bom exemplo como o castigo assazonado.
- Rocha Estais com vossa paixão, como a virdes que se vos rir...
- Cardoso Mas que me chore.
- Rocha A lágrimas de molheres, inda que fingidas, não há casa forte.
- Cardoso Não me vistes alardear com estas? Hei-vos lá de levar um dia e tereis maneira que ocupeis o guarda em prática, que se acha quem o ouça e divirta fareis dele çambarco, e neste entretanto tendê tento em [15'] mim e vereis touros.
- Rocha Apraz-me.
- Cardoso Meu amo espera por mim, alonguemos o passo que para a sua dor já lhe tardo.
- Rocha Eu vou-me ao paço, ao meu, que já estoutro está em casa quiçá quererá vir-se.
- Cardoso Deos diante que eu subo.

Cena Quinta.

Grasidel de Abreu, Rocha.

Grasidel Oh como tardais meu amigo.

Rocha Mais houvera de tardar.

Grasidel Que novas?

Rocha Outras vi já melhores, temos tudo entornado: a senhora Filomela faz bancorroto, segundo vou barruntando.

Grasidel Bom estou eu logo.

Rocha Qual Deos melhore, e mais lhe digo que hei medo não estar a sé vacante.

Grasidel Pior é essoutra, venhamos ao ponto.

Rocha O ponto é que não quis tomar a carta, avisando-me logo que houvesse por escusado tornar lá. Esta é a resolução.

Grasidel Pois donde conjecturais essa sospeita?

Rocha Vi um certo polhastro embicar-se para Dorotea, e ela tão despejada e destra que me quis cachar com ele, mas à fé que mo não leve em sosso.

Grasidel E daí inferis a maçada.

Rocha Serei [16] parvo, mas outros tem pior faro.

Grasidel Muita sutileza é essa, não vos tenho por tão notomista.

Rocha Oxalá me enganasse, mas como não se hão de crer sospeitas também não se há de fiar delas.

Grasidel E o pajem cujo é?

Rocha Eu o saberei antes que amanheça.

Grasidel E Dorotea que diz?

Rocha É gentil peça, tudo foi fastios, enteijos, pressas fingidas... mas ela me ouvirá.

Grasidel Finalmente, que a cousa vai de romania e dais-me por axorado de todo.

Rocha Muito me dói o cabelo, que lhe entrou lanço de seu gosto e lançou âncora. Quer, parece, obrigar quem a contenta à conta de descontentar a quem lho desmerece, que este é o visco com que caçam.

Grasidel Dias há que sei, que é pesada obrigação.

Rocha Pois se ela se determinou em negar-lha e perder-lhe o respeito não haverá cousa que a torne a nós, que molheres e príncipes só vontade os obriga e fora dela nada as penhora, e as culpadas isentam-se mais de quem são devedores.

Grasidel Antigo é ganhar imigos com obrigações.

Rocha Não me haverei por homem se a Dorotea não escozer as orelhas e lhe tirar do bojo o feito e por fazer.

Grasidel Ora andar.

Rocha Desta vez para trás.

Grasidel Bom vai o negócio. É brinco que o tempo traz com os humanos: nenhum saber que deva desejar ou fugir. Tende lá [16'] confiança em amor de molher, fazei fundamento de suas promessas, crede seus afagos, entregai-vos a suas meiguices e vereis onde ides parar. Não de balde se diz que todos os males nasceram de bons princípios. Mas como é certo ser a fortuna videntra, quebrar quando mais resprandece e com afagos nos armar a queda.

Rocha Gente meguiceira sempre é falsa.

Grasidel Bem o sentiu Teramenis, que escapando de um perigo disse: para que ocasião me guardas, fortuna?, crendo que seria para pior, como foi. E Demétrio, que de experiência lhe sabia a condição, a trazia pintada com ùa letra: tu me ergueste, tu me abaixaste, o mesmo posso dizer agora.

- Rocha As fortunas são iguais, verdadeiramente ouvi isto e calai-vos. Hei de vir a desenganá-lo, quero porém leixá-lo pernear para que abrande a fúria e metigue a cólera, porque vencer a própria ira é melhorar-se de um bravo imigo.
- Grasidel Oh atribulada sorte a do homem afeiçoado! Que é possível isentar-se ùa molher penhorada de amor?
- Rocha Nenhũa cousa fazem tão fácil! Ter-lhe a cacha, que rogada há de ser pior.
- Grasidel Esse conselho é de baque. Bom descanso seria de espírito o que se compadecesse fazer essas experiências, sendo tão perigoso fazê-las em tod'a amizade, quanto mais [17] no videntro amor. O forro da perda ou gainho do secedimento conselha fouto.
- Rocha Se o negócio meu fora eu lhe tivera as pélas, mas é manqueira da nossa natureza cada um no próprio ser mais boto que no alheio.
- Grasidel Nas adversidades há-se de aceitar o necessário e não o bem falado.
- Rocha Para isso consultá-lo bem, que não é pequeno desconto da perda errar por conselho, pois é menos mal morrer por culpa alheia que por a própria.
- Grasidel Até isto tem a má fortuna, que haveis de ouvir e sofrer e todos são sentenciosos.
- Rocha Não há molher tão constante em sua determinação que não possa mover-se dela, nem tão provida e consultada que não se lhe entenda, e entendida é logo contraminada. E o engano pode a vezes mais que a força.
- Grasidel Como vós, meu aio, vos prezais de bacharel, ora sabeis que nenhũa cousa tem destruído e destrue o mundo senão eles.
- Rocha Pouco me vai nisso.
- Grasidel E muito menos na minha dor, porque na verdade cada um passa a sua. E, porque não posso sofrer tantos, ponde-vos no andar da sala, leixai-me bracejar com minhas mágoas e brasfemar de mim.
- Rocha Assi o faço na mesma hora. Forte aziaré o da verdade que ninguém o aguarda. E mais hei por graça falá-la pois tudo é já mentira, e na corte fica em parvoíce [17'] porque vos cai em casa a pena. E o bom disto é ser juiz da própria vida e nada saber da alheia. E quem conhece e rasteja sua culpa emendá-la, que o reprender outros é fácil e sofrer ser reprimido muito raro. Assi que o calar-me é escusar questões, mas eu não posso acabá-lo comigo porque o tenho de condição, e mais também não escuso pesar-me do seu pesar. Quero ouvir se abrande e quando não eu não hei de desempará-lo.
- Grasidel Ora vivei lá de dessimular a inconstância de ùa molher voluntária e passar por desconcertos tão custosos a quem lhe é forçado senti-los. E que não haja algũa que queira prezar-se do primor que lhes dá preço e estima e com que se senhoream dos homens de entendimento.
- Rocha As damices e purezas que estes querem nas damas são tão más de achar como de conservar, e só Deos pode fazer homens semelhantes a seu coração. E nós se nos não soffrermos e dessimularmos muitas quebras não é possível betarmos cores tão diferentes quais são as

- condições humanas, maiormente a portuguesas tão esquivosas que não sofrem argueiros nas orelhas, que, enfim, são de carne e imperfeitos.
- Grasidel E que chegue a tanto a bajoujicedo homem afeiçoado, que o desatine e desassossegue a [18] pequice, por não dizer malícia, de ãa molher voluntária e mudável em tanta maneira que a mais comedida nunca leixou de fazer sua vontade, maiormente no que é menos razão.
- Rocha Muito menos a tem quem conhece o contrário do que faz homem que não sabe contraminar malícias femeninas. Digo-lhe parvo. Como é, porém, certo queixar-se delas quem as sofre, e quantas mais queixas e com mais razão elas tem de nós.
- Grasidel Pois não é nada, senão que vos val entendê-las. Verdadeiramente não sei desculpa que nos dê salvo lança-lo à conta do ânimo varonil que não se ofende de suas fraquezas, e Deos em pena de nossa soberba nos confunde com o vício vil que nos afronta e avilta.
- Rocha Pois inda eu hei por pior culpá-las e acusá-las sendo nós ocasião de seus erros e fazê-los por elas muito maiores.
- Grasidel Tal sou eu agora, que tive já por graça poder afeição comigo o contrário do que entendo e venho cair em tudo o que desaprovo.
- Rocha Não vi mor certeza em todos. Que vitória teria agora a dama se o ouvisse! Que a elas nenhum gosto lhes chega ao mostrar-se poderosas com queimar o sangue aos servidores.
- Grasidel Não se pode viver da vontade cujo principal gosto são minhas dores.
- Rocha Como [18'] se o amor descobre na adversidade. Se as mulheres soubessem nunca favoreceriam os homens para se melhorar deles, e por mal os armariam ao bem, tal é nossa natureza.
- Grasidel Dura cousa é sojeição para quem nasceu livre.
- Rocha Essa chega ao vivo, como a dor é sentenciosa.
- Grasidel Mas inda é maior mágoa dar a liberdade a troco de ingratidão e desamor.
- Rocha Companheiros achareis, que, mal pecado, foro é da terra.
- Grasidel Coitado de quem há de esperar remédio de seu contrário.
- Rocha Mas coitado de quem o pretende de ti.
- Grasidel Triste da vida que na morte espera o descanso, pois todo mal por leve que seja é sofrível se muito não dura.
- Rocha Estou remediado com amo tão moral.
- Grasidel Ah desaventurável alma, ó isenta molher, esta é a satisfação do amor de tantos anos?
- Rocha Pois que direi eu do meu serviço?
- Grasidel Onde está a fé? Onde as promessas? Onde aquelas palavras meigas que me tantas vezes foram o espiritual pasto desta alma agora tão magoada? Ó fingimentos femininos cujos laços nem Alexandre os cortou. Ó vida sojeita a eles. Ó coração vendido tanto tempo. E que é possível que debaixo de um rosto tão fermoso se encubra um espírito tão desleal e que o tenha eu para não abafar de paixão? Mais que de [19] ferro seria o coração que tal compadecesse com sofrimento. Eu me irei à serra d'Ossa ou onde ninguém saiba de mim e enterrar-me vivo. Não é possível ver-me assi desprezado e desapossado de um

amor a que me entreguei, não hei de sofrer isentar-me que antes não morra ou faça um extremo suado.

- Rocha Muito avante vai isto, e bofé que receio que faça algum desatino. Quero ir chamar Dinardo Pereira, mas leixá-lo só será dar-lhe azo a tentação. Cousa que nunca leixou de danar muito se é para mal, como para bem também val muito. Todavia lhe quero ir reprimir. Inda que se apure cômigo quebrará já assi o ímpeto da paixão em que está o perigo e depois tudo o tempo abranda e cura. Entro, valha o que valer. Logo eu, senhor, diria ãa cousa, se algũa hora lhe armasse o meu parecer.
- Grasidel Dizei, que pois não tenho conselho próprio necessário é tomá-lo, com entender que todo o alheio é sospeitoso, maiormente onde o juízo falta para extremar o bom ou a necessidade faz força.
- Rocha O ouvi-lo é de bom ânimo, e o aceitá-lo, sendo tal, de espírito confiado. Mas os discretos desta monção costumam arredar de si quem os entende, abater os dados ao bom juízo se lhe sentem lanço, e depois ajudam-se do que ouvem como de próprio [19'] cabedal, com lhe darem outra tinta.
- Grasidel Também isso é discrição. Guarde-vos Deos dos que tem entejo a tudo, o alheio e o seu próprio é qual Deos melhore, porque claro está que um só não pode saber tudo. Tende por timbre de discrição o entendimento que sabe acomodar-se ao bom e extremar os votos. Mas venhamos ao vosso, que já me rendo a confessar que sois sutil e homem de conselho, tendes porém muita parola e eu estou em tempo que requer remédio apressado.
- Rocha Também sou disso, se me valesse, mas tudo quer sação e todos tem furor no seu gosto e interesse e no alheio são dormentes.
- Grasidel Caro me custa já o conselho, verdade é que nenhum há barato e sobr'isso tão incerto que as mais das vezes é errado, tal pode ser o vosso. E porque sinto que me vai faltando fôlego para vos ouvir falar bem abreviai e vinde ao ponto.
- Rocha Digo, senhor, que devo ir perder esta tarde sobre acolher Dorotea e tirar dela o fundamento de sua ama por que sabido apriquemos o remédio conforme a enfermidade, isto dito brevemente.
- Grasidel Bem apontais. Eu ir-me-ei passear nas tranqueiras de rebuço antre lusco e fusco. Mandai o mulato trazer provisão para a casa, e tende maneira que vindo Dinardo Pereira e eu [20] a desoras achemos candeia acesa.
- Rocha Assi se fará.

Cena Sexta.

Rocha, Mulato.

- Rocha Muito melhorado estou com meu amo, posso vender ofícios em sua casa. Par estas repas que me apontam se me não faz o que pretendo que por justiça hei de despi-lo na satisfação de meu serviço, por que não cuidem cabrões que se hão de servir dos homens de bem a som de

bem que farei, e nunca lho fazem. E a idade que despendeis não pode cobrar-se, e se vimos estar à conta com ele e eu há-me de pagar tintim por tintim, quero dizer, convém a saber: tantos anos de pajem, tantos de estribeiro, tantos de conselheiro, demo e sa mãe, e por fim tantos de tudo. E aqui há de ser a de mazagatos, que eu sempre me fui empondo com ele em meus acrecentamentos até que me entavolei no que ora estou, que é pouco menos de aio ou porventura mais, que ele não faz mais do que lhe eu digo. Mas quero ora dar ordem ao que cumpre a meu [20'] corpo quanto ao presente. Dês i irei ver Dorotea de que muito desejo melhorar-me. Ah, monseor comprador.

Mulato Que foi?

Rocha Quatro parole.

Mulato Falar e servir.

Rocha Mande-se fazer na volta da Ribeira, já sabeis: cea leve, marisco, fanecas, qualquer outro peixe sadio, seladeta, rabanete, e para a comunidade sardinhas fritas ou berguigões. E por amor de mim não vos atravesseis a solho inda que vos caia em lanço, porque vós sois comprador do enxurro e tomam-vos na lambugem como eiró.

Mulato Oulá escudeiro, não vos desmandeis que vos danarei a gravidade.

Rocha Cardoso vos sabe a vós a lenda e vos açama.

Mulato Pelos santos que eu fiz que lhe dê quinze falta. Ele fez-se muito infinto e não lhe lembra que veio para o senhor Dinardo Pereira com ãa capa de dó que parecia rede, e esta emprestada, e o pelote do teor pouco mais de jaqueta, que parecia grumete das Berlengas que vende perrexil, e eu lho enculquei. E não sei, bofé, se andava à seirinha, mas não duvido que vendia obreas, e agora não há quem possa com ele e quer zombar e desprezar.

Rocha Dir-lhe-eis vós isso no rosto?

Mulato Eu não quero afrontá-lo, mas se me vier a abespa ao nariz tanto me pode indinarque não lhe valha trazê-lo seu amo mimoso. [21] Mas receio meu senhor.

Rocha Assi vo-lo conselho eu, que já sabeis que é agastado: não cureis de competências que a paz é dom de Deos.

Mulato Tenho eu logo ãa condição, que o meu gosto seria guerra.

Rocha Como sei certo onde haveis de ir parar. Mas que arengas e esforços haveis de mostrar como vos virdes de verga alta.

Mulato Par este rosto que me não conheceis. Não me vejais estes couros baços, que o castanho obscuro corre o mole e o duro. Bem sei que hei de morrer vestido, mas há de ser de estocadas frias, como homem de bem que as sabe dar e tomar. Não me víreis domingo na Porta do Mar?

Rocha A fugir.

Mulato Estomentei-vos um taverneiro de la gala.

Rocha E porquê?

Mulato Ganhei-lhe ao rodízio ãa canada e ele quis-me desacatar e pôs-se em me não pagar, e as palavras não eram ditas quando o bom do mulato, Heitor de los lindos, se põe no andar da rua e toma a porta. As trepeças choviam sobre mim, eu com receio dos croques trasmalhei-

me em um sopro pelas travessas e não parei senão em São Mamede, mas sabeí que fiz terreiro.

- Rocha Enfim, que vos valesstes dos pés como gentil graçaõ!
- Mulato É mal?, pois que quereis? Que fizesse rosto a cem bêbados que me embaraçaram ali até me filharem os seus [21'] galegos? Assi é o menino tolo, basta que o bêbado não se quis ir averiguar comigo, nem foi para isso. E quis logo o diabo que não levava eu o meu pau, que eu houvera-vo-lo de estilar a dous por três.
- Rocha Senhor meu, Heitor Sanhudo, encomendo-vos muito que trabalheis por conservar vossa pele sã para odre, por que não façais vosso senhor órfão de seu dinheiro.
- Mulato Por si ou por não, sabeí que não hei de levar duas em capelo passe por onde passar, porque tenho averiguada minha pessoa por meus amigos e, se me cumprir, hei-os de achar comigo em toda a afronta.
- Rocha Não vos fundeis nessas atenças, que faltam no melhor.
- Mulato Não, que eles sabem o que tem em mim e eu neles.
- Rocha Sereis marca de me enxovalhar um polhastro que se me atravessa em servir minha dama?
- Mulato Si, por Santa Guiterea, aí sou eu homem. Dai-mo a conhecer e leixai-me com ele, que eu vo-lo tomarei com a minha quadrilha e vo-lo faremos salmoira. Mas haveis de dar como pessoa nobre para o beberete dos da osma, para sobre mesa meus leais companheiros metigarem seu corage.
- Rocha Não sei se me fie disso, que vós outros se vos arreganham os dentes fugis montes e vales.
- Mulato O que eu digo eu o farei bom.
- Rocha Falarei com Cardoso, veremos que lhe parece. [22]
- Mulato Esse fidalgo há de zombar porque é boa lança.
- Rocha Todavia ele é bom bicho e diz que sois ronca.
- Mulato Quando o demo quisesse que fizesse ele sombra ante mim! Mas quereis que aventuremos à cuja certas brancas que tenho e me carregam, que já sei que sois meu herdeiro?
- Rocha Eu necessidade tinha delas para ãa certa compra mas tenho que fazer, fique para a noite. Vamos agora fazer o que é necessário, que para tudo há seu tempo.

Cena Sétima.

Dinardo Pereira, Cardoso.

Dinardo São horas de correr as esparrelas e ver se aparece caça no parque do amor, que neste antre lusco e fusco há grandes acertos, maiormente em noute de calma e luar em que os suspiros amorosos são raios de calmaria que centilam, e este é o mel da vida. Eu ao menos não me dem outra que Sob los teus cabelos ninha dormiria. E leixai cabrões apagados no sentir o bom pôr suas bem-aventuranças em cobiças e onzenas insaciáveis, vender almas por vil preço, açoutar [22'] o mundo com diligências, enriquecer depressa com perder medo e



vergonha a inconvenientes, pondo tod'o seu ser no que tem, porque diz que quanto tens, tanto vales, que tudo se isto remata em entesourar para quem não sabe, e que o há de espalhar mais depressa do que ele o ajunta. Pois essoutros garções que tem por recreação tirar pela carta não os desculpa jogar Júlio César, que o fazia raramente por divertir trabalhos, e com esta condição é sofrível, moderado, que os varões graves se tem apetites estranhos sabem usá-los com leve culpa ou sem ela, e o jogo é ofício de desgostos. De caçadores não há que tratar, basta saber o fim de Acteão e Meleagro, e faz os homens muito montanhese e intratáveis, dado que seja ofício varonil, mas requer muita moderação para ser compatível, por maneira que, tenteados estes e todos outros passatempos humanos, tenho alcançado que não há recreação que chegue à dos amores, e não vos gabo, antes desaprovo essa canalha dos sensuais. Trato do amor contemprativo que é um arminho, porque já ver ãa bela dama enourçada e fumosa é mais que Roma triunfante. Ora ver um paciente mirrado nela é outra caça de altenaria que vos tira a vista, um bom acerto para um [23] remoque leva os pés do chão, um espreitá-la a desoras é mais doce que um banho, já chegar a escabelá-la por fresta não há mais Campos Ilíseos, pois a comunicação e prática com amigos e amigas não lhe chega à melodia das sereas. Finalmente é ãa ocupação esta que vos adormenta os sintidos para não sintirem outra algũa dor, e ãa serpente áspis que vos chupa tão docemente a vida que não quereis outra, nem a há tão melíflua. E dos que isto não sintem assi basta para vingança carecerem dela e deste júzo, e por isso como vivo ensopado nesta opinião e gosto não me trocarei por algum outro homem que não seja desta feita. E porque a companhia faz a posição doce e a fortuna leve quero auguar os enfadamentos do paço com ir em cata de Grasidel de Abreu, que deve estar velando seu quarto ou não tardará de vir à travessa que já são horas. Cardoso, a quem digo?

Cardoso Senhor.

Dinardo Ah velhaco, já dormias? Em casa mo direis, eu vos hei de tirar essa manha à vossa custa. Inda não torna em si.

Cardoso Estou ervoadado da cabeça.

Dinardo Não seja vinho! Que vós, cuido que não lhe perdoais.

Cardoso Ele não se dá de graça e o dinheiro tem azar comigo, foge de mim.

Dinardo Como não há de fugir de um vilão tão carregado! Vai-te [23'] para casa, e se lá estiver Grasidel de Abreu dize-lhe que cá o espero, e não vos vades daí. Cá me parece que vejo meu amigo, vou-me a ele.

Cena Oitava.

Dinardo Pereira, Grasidel de Abreu.

Dinardo Que espirrar é esse, micelo mio? esse desordenado passo? essas personagens para o céu? esses olhos para a terra? Sinal é de serem os pensamentos que vos movem mais terrestres que divinos. Esse colear

- de cabeça? esse escarpeçar de barbas? esse morder de bigodes, que decrinam que o mar deve andar bravo na costa?
- Grasidel Nada, senhor, são passatempos que se tem comigo.
- Dinardo Grande olho tenho, aposto que lhe ponha o dedo, que como recochilhado sei desse rapaz Cupido quão contínuo é em travar escaramuça, e vós estais mais infiado que se houvésseis de entrar em desafio.
- Grasidel Com a morte.
- Dinardo Muito moral vai isto. Nunca castelhano chegou a fazer tal fero, já esse passa pelo de Alexandre, que ouvindo que havia muitos mundos chorava por não ter conquistado mais de um, sendo já [24] de trinta anos. E vós sois-me desses? Não vos sabia tanto bem.
- Grasidel Mas tanto mal.
- Dinardo Anhadi-lhe, por bien venido, que já sabeis que por amor de Julianeta esto y más se ha de pasare.
- Grasidel Vós sabeis da minha destruição.
- Dinardo Como? De quê? Roubaram-vos?
- Grasidel Oh contentamento! Oh amor, não soube de ti pouco quem te deu por companheira a fortuna!
- Dinardo Sois perdido por moralidades, mas eu rio-me da fortuna e dos seus fados. Acho isto para mim, que nosso bem nós o granjeamos cá humanamente sem tratar da providência divina em que cruzo o juízo e me aferro com a Igreja. E cá pelo meu leigal tudo cuidado que vai em acertar ou errar o alvo de nossa sorte.
- Grasidel Isso é falar às apalpadelas. O cego não julga de cores nem eu do que não sei, mas se quereis ouvir vereis quanto a minha desventura soube para destruir-me o meu descanso e quanto mais facilmente se cai nela do que a bonança pode sustentar-se, porque a fortuna nunca se satisfaz com danar ãa só vez a quem começ'a mostrar sua oscura cara, antes tudo se arma contra o abatido.
- Dinardo Abreviai, que eu sou pouco de muitos rodeos e enfadam-me muito poesias.
- Grasidel Sereis portugueses?
- Dinardo Do lombo.
- Grasidel Está vossa prima comigo de fogo e sangue.
- Dinardo Já vós aqui sois [24'] com vossas desavenças? Foram os mais novos amores estes vossos que se viram na continuação das pelejas. Como gatos, parece que vos recreais nelas.
- Grasidel Esse é o puro amor, que se lhe tirais as guerras não dura e mortifica-se como o fogo que morre faltando-lhe a matéria.
- Dinardo Não sou disso, pois mau grado a quem for mais namorado, e tremo ante minha dama se me arreganha os dentes, porque amor muda-se como tudo e a ninguém deu o seu mel que não gostasse seu fel, traz por mote: vencerás ou serás vencido. E a mulher é mais mudável que o vento e para sostê-la há mister lançar-lhe muitas amarras, e diz meu amigo Propércio, que foi mancebo que soube tratá-las, que não se movem assi as sirtes com a enxurrada nem a folha treme tanto com o Norte quanto a fêmea assanhada é incerta nas promessas. Tanto me dá

que seja a causa grave como leve e, portanto, não sou de me pôr em pontos com elas e crede vós que este é ele todo medroso, que o cruel amor, disse o outro, ensina sofrer ameaços e dessimular mentiras, mas vós não sabeis querer bem ou não quereis.

Grasidel Inde mal.

Dinardo Não sei, eu por certo não vos entendo nem estou bem com esse estilo. O rigor em tudo é danoso, a brandura pesca corações inda que [25] seja com mentiras, a aspereza causa ódio e desavenças hão-se de ivitar muito, e fugir contendias e más palavras que escandalizam, e com as boas se cria o brando amor. E sabeis quanto? que nem culpas se hão de reprender, porque o dessimulá-las foi proveitoso muitas vezes. Há mester muito artefício para encaixar ãa reprensão, os males abrandam-se a tempos com nomes bons e dar boa cor aos erros em sazão, o aceitá-la é sagacidade de que se tira muito fruto, muitas cousas não há homem de querer saber, que a maior parte delas ofende, outras não entender, ou entendidas calá-las, e querer apurar tudo é trabalho imenso que brota sempre em mágoas. E bem me está que os que muito se querem de qualquer palavra se assanham, doces menices desse rapaz Cupido, que hoje é guerra, amenhã paz, por o que logo se amigam sem terceiros. E como quando faz sol e chove dizem que caça a raposa assi elas que o são para connosco: choram e rim juntamente. Mas nunca al vi senão pombas que agora pelejaram a pouco espaço ajuntarem os bicos e granjear-se, a razão o pede. Quem quer ser amado ame e queira antes sê-lo que ser temido, por onde, de meu conselho, não deveis tentar sempre minha prima de paciência, porque [25'] receio que tantas vezes vai o cântaro à fonte, etc.

Grasidel Em vésporas disso estou ou pouco menos.

Dinardo Que diferentes são os juízos e os gostos dos homens, o que vós fazeis para a minha arte enfadar-me-ia, que lhe perderia toda a devação a poucos lanços, porque os amores são para gostar da vida e lograr do tempo em branda conversação e não para queimar o sangue sem porquê de cousas que não vão nem vem.

Grasidel Fazeis muito bem se podeis, mas parece-me não correstes inda esta costa com mau temporal e os prósperos perdem a natureza e sintem-se pouco dos afortunados.

Dinardo A ninguém lhe parecem pouco suas afrontas e o estado alheio sempre o havemos por menos cansativo. Coitado de mim que vivo de sofrer e calar.

Grasidel Onde aproveita o ser mau dana o ser bom, e para com as molheres é já muito certo valerem menos as verdades.

Dinardo Mas para com todo mundo, se ides por i.

Grasidel Pois se o nosso pensamento não se aparta do certo, como dizem, dou tudo por acabado, porque não posso tirar da fantasia este receio.

Dinardo Nunca al vi nelas senão feros e por fim são cordeiras. A ferida do amor, quem a dá a sara, qualquer desculpa, inda que fraca, para quem folga de aceitá-la alcança mil perdões. A vida vai assi [26] alternada: trás o gosto socede o desgosto. Antrevem ãa paixão e logo tornam a congraçar-se com retorno de mais amor, que o estado da reconciliação

não tem preço, nada é gostoso salvo o que refaz a variação, tão enferma e enfasiada é nossa má natureza que lhe enfada estar sempre em um ser, inda que bonançoso. E a mudança dos tempos ãnova as cousas, e da maneira que os males novos são mais graves assi os contentamentos ãnovados são mais gostosos, e naturalmente somos tão inconstantes que até das boas cousas nos faz mal o muito costume porque nos vem em desprezo e aborrecimento, e aqui abate o vosso desenho a fim de vossa opinião. E reconciliado, na primeira hora refarei todos os passados danos. E portanto não vos acanheis nem esmoreçais.

Grasidel Não sei que ouse esperar. O amor desata-se facilmente e torna-se atar com trabalho, porque toda a ira envelhece tarde, maiormente a da mulher, vingativa de sua fraca natureza.

Dinardo Vós deveis ser culpado, que quem teme vãos medos confessa os verdadeiros, e o que jaz em algũa culpa aborrece-lhe tudo o que está em dúvida, mas o ãnocente sempre do mal espera bem.

Grasidel Teme o pequeno o que o grande peca, culpas de príncipes são penas do povo. Padecem os gregos, [26'] dizia Homero, os erros dos reis. A condição de vossa prima costumada a ter sem-razões comigo me faz temer o que nunca cuidei.

Dinardo Outra hora não tomar experiências.

Grasidel Já sei que são perigosas na amizade.

Dinardo Queria que vos ficasse daí arrependimento para vos ver bem julgado destas senhoras, não se escandalizem em ver que não agradeceis a minha prima a estima em que vos tem. Porque o ingrato faz mal a todos os necessitados e vossas culpas podem danar-me, que como são cabras que saltam ãs trás outras julgar-me-ão por vós, e eu sou preso sem culpa que não quer quebrada a cadea.

Grasidel Já sei que é engano contar ninguém suas mágoas sendo tão certo ninguém se sentir salvo das próprias, e a nossa natureza é triunfar do mal alheio em lugar de enternecer-se.

Dinardo Alguém haverá, como não for oficial ou privado, que se compadeça de seu amigo por virtude ou por vaidade? Ora contai-me, não há três dias que estáveis muito amigos?

Grasidel Isso me tem mouro. Cuidava eu descansar de tempestades passadas e de súbito veio este pé de vento tomando-me descuidado com a vela, de lua sobre o masto de minha confiança, e soçobra o barco do meu descanso leixando-me no pego de suas bravas esquivanças, bebendo-as com [27] tal mágoa que me afofo sem achar távua em que me salve, nem poder tomar pé para ter fôlego em sofrer o ímpeto das suas sem-razões, contra as quais bracejo dês que a conheço.

Dinardo Não há mais poesia em João de Mena, dessa maneira sois um Ícaro ou outro Leandro bracejando nas águas do desamor.

Grasidel Mas sou o mesmo Apolo fugindo-lhe Dafinis, e as mesmas setas de ouro e chumbo com que Copido se melhorou dele eram figura do que padeceu.

Dinardo Não há cousa para ouvir como excramações de amantes agravados e aquele seu ponderar suas mágoas tanto que todas as chagas da

- linguagem do mundo não bastam para o argumento da obra. Quem vos ouvir espirrar cuidará que expirais e a mim que vos conheço enleais-me, e tudo seria, quando muito, fazer ela que vos não via e fugir-vos da janela, e porventura lhe seria forçado dissimular com a guarda.
- Grasidel A mim quereis vós ensinar respeitar tempos, nascendo antre esses abrolhos? Soube eu nunca al senão receber esses encontros sem perder a sela, e ter-me amor ensinado todos seus postos? Inde mal, porque há tanto que sou réu padecendo culpas de autor.
- Dinardo Pelo judicial vai o caso, pois podeis perder saudade de justiça, que os seus ministros tem-se conjurados [27'] contra o género humano.
- Grasidel Estais muito frautado e eu nada para graças.
- Dinardo Não há quem alcance as posturas destes vossos amores, sabeis algũa para tiro de arcabuz?
- Grasidel Ora zombemos.
- Dinardo Acabai vós já e contai-me à letra o que se passa.
- Grasidel Estou em estado que vossa prima não quer ouvir-me mentar ante si, aparta-se da conversação de minha comadre, como vos ela dirá, e de todas minhas amigas por que não lhe vão à mão nem lhe falem em mim. Ora julgai se há herpes que assi corrompessem em breve vontade que tanto se publicava por minha.
- Dinardo Falastes-lhe vós?
- Grasidel Se me ela condenara ouvindo-me sofrera eu a sentença por justa, mas mexericaram-me com ela que tinha outros amores, do que indinada assentou em desabrir mão de mim para nunca mais. Parece-vos que é isenta d'amor condição tão determinada?
- Dinardo Dai-as aos corvos todas em um vencelho, tudo podem como querem. Crer ela sem indícios lhe não louvo, mas, todavia, amor anda por i, que Porpércio suspeitava que na camisa de Cíntia estava homem escondido, e sem ceúmes não há grande afeição. Já em molheres é dor impaciente, como os poetas pintam em Procris e Juno, e são mui prontas em crer o mal.
- Grasidel E porque não crerá a minha verdade? [28]
- Dinardo Dir-vos-ei: não há molher que não presuma de si que se lhe deve amor e que a todos apraz sua fermosura, e esta vaidade muitas vezes lhes dá cambadelas, e assi também por outra via são suspeitosas e desconfiadas. E como sou a lenda delas! A sua desconfiança vem-lhe da própria inconstância, se mal não cuido, por onde são muito incertas e más de conchavar, e com paixão de ceúmes, diz Ovídio que as leu, que o javari quando se rebolve antre os cães raivosos, a leoa dando a teta aos filhos e a bíbira pisada do pé não é tão cruel. E com esta ira esquece todo decoro de sua obrigação por satisfazer-se, como Medea que matou os filhos e Prognés, e Séneca diz que não há besta brava que não seja mais mansa, nem Cila nem Caribdis tão indomáveis, nem cousa pior e mais indomável que a molher quando se determina. Por o que a natureza, o seu ânimo pronto ao mal e vingativo, as fez medrosas e fracas para poderem ser domadas e ser a sua fraqueza freo da sua ira, e as apaixonadas tudo rebolvem em contendias e são prontas em fingimentos.

- Grasidel Coitado do coração afeiçoado e sojeito a tanta tempestade.
- Dinardo Agora vos chegou, pesar de Fez, porque sou todo calos de apairar.
- Grasidel Não havia de querer-lhe bem quem alcança conhecer tanto mal.
- Dinardo Si, quem pudesse, mas dai-me quem tenha esse siso. Mas Hércules que os trabalhos não domaram sofreu e padeceu o jugo de Jole e morreu por os ceúmes de Dianica. Ca, na verdade, quereis que veja e não deseje? Ferosura é dos principais dões de natureza, de tanta força que não somente adquire amigos mas também não tem imigos. Muitos alcançam o conhecimento do que se deve temer e crer das molheres, e quem o tem melhor vemos mais enleado e castigado também. Porém uns olhos furtados que ferem de pancada, um desdém de beijo rebuçado, um riso mordido da volta, ãas acolhenças meigas e escassas e um querer e não querer, quem há que possa ser tão insensível e tão boto que fuja parecer-lhe bem? E este bem traz após si logo outro, e sombra de outros para mais engodo, que nos faz correr bêbados para a cilada de nossos males sob color de bens, e são tão doces suas dores, tão macios seus desprezos, e seus favores tão aferrados, que eu vos afirmo de mim que não saberia, nem quereria, viver hora sem elas. E açoutai-me se vos parecer que eu vo-lo consinto.
- Grasidel Eis aí vós, senhor, que sois ditoso e tendes a razão em tudo por vós.
- Dinardo Não vos vades por i, não há tão [29] boa fortuna de que não possais queixar-vos, também tenho meus descontos.
- Grasidel Tendes logo outro para abutamar todos esses, que é saberdes certo que vos querem bem.
- Dinardo Não tendes dúvida, ao menos assi mo dizem e eu que o creio.
- Grasidel Conserve Deos vosso estado, mas que conselhais neste meu tão mau?
- Dinardo Leixai-me ir falar com minha prima que eu vos farei mar chão a pesar dos mouros. Já sabeis que tenho ante elas crédito, que é a principal alfaia para este trato. Não vos agasteis, que tanto é homem mesquinho quanto se ele faz.
- Grasidel Como quereis que não me agaste ser ãa molher tão senhora de si que assenta consigo em não ouvir nem tomar desculpa de quem está inocente da culpa que lhe dá? Que se pode cuidar disto, salvo que busca achaque para se desobrigar de mim?
- Dinardo Tudo isso é vento. O amante merencório mete-se em muitas cousas, não há determinação tão birrenta que a razão não vença. Dai-me vós quem saiba dar-lhe a bateria, que eu vos digo que folgam de as enganarem e aceitam de boa mente toda desculpa forjicada quando mais não podem, quanto mais oferecendo-lhe inocência. Ora ela me ouvirá e vereis como sou destro nestas escaramuças.
- Grasidel Não me levantam o [29'] espírito vossos esforços, o que tenho a mau sinal. Lembra-me que do recair morrem os mais e a pouca justificação que de mim quis me certifica muito que é cilada que me alguém armou. E sabeis de quem me temo? De Aulegrafia que me foi sempre contrária, e dizem-me que são agora grandes alforges.
- Dinardo Que me matem se isso não traz água no bico. Assentai que daí vem a tosse ao gato, e se tal é leixai-me com minha madrinha que eu vo-la

farei do nosso bando. Tudo será mandar-lhe ãa merenda que a molefique e vereis que é isto trato antr' elas e cacha para vos asir e rematar, que aqui atiram todas e se desvelam por se remir de seus fados, porque enquanto cursam neles não vivem. E minha madrinha Aulegrafia é perra velha, e o tombo de suas negociações, sabe mais cautelas que um legista, pode ler as leis do paço como Bártolo e todas lá registam com ela seus negócios, toma os portos a quantos graças se apontam nos livros de Copido. E digo-vos que vos cumpre granjeá-la ao menos por que vos não faça mal, como homem faz a outros roins, e quando aproveita é menos mal.

Grasidel Não tenho paciência quando cuido quam de improviso e sem causa se me esta molher isentou.

Dinardo Não há quem se entenda [30] com molheres nem saiba temporizar e pairar com elas sem muito risco, porque se começam fazer mal nunca acabam e se bem logo cansam. Já crerem que lhe quereis muito é o açoute com que nos disciplinam sem dó. Acho eu que nenhũa cousa as avinagra como o favor, mas contudo eu me atrevo aniquilar essa sospeita e restituir-vos a vosso estado. Sabei conservá-lo que não é menos que ganhá-lo, porque adquirir quer ventura e conservar arte, e este mar que vos espanta com suas ovelhas eu vo-lo farei de donas.

Grasidel Nada me segura, doutras vezes que nos desavínhamos nunca me chegou perder esperança de conformidade, a que agora vou perdendo. Todo esforço acho fraco, todo remédio duvidoso, traz tal fúria consigo a enchente dos meus receios que me afoga o conselho e perco acordo nesta afronta. Por aqui vereis que necessidade tenho de diligente socorro. Portanto valei-me em breve, antes que me estile este pensamento.

Dinardo O varão não dá costas à fortuna, nem são mesquinhos os que padecem muitas mas os que se leixam vencer delas, e a prosperidade é lepra e mangra dos generosos espíritos como o trabalho escamel dos animosos. O bom namorado há de ser muito sofrido, ca sofrendo se vence [30'] a desventura, donde dizia Dario que guerras e cousas ásperas e contrárias o faziam prudente, porque não há júizo claro sem experiência. Daqui vem dar o tempo saber, e quem a perna estendida, como dizem, e bocejando presume entender o que outros experimentaram melhor podeis-lhe assoviar. Mas isto são horas de nos recolhermos, que elas devem já dormir, que é tarde. Amenhã eu descobrirei os portos e trabalharei quanto me for possível por falar com minha prima e lhe dar ãa fraterna, e se for necessário também com minha madrinha para que nos não encontre, que eu confesso-vos que a tenho por muito daninha e perigosa.

Cena Nona.

Aulegrafia, Filomela.

Aulegrafia Vinde cá sobrinha, que tenho muito que vos contar.

Filomela De quê, tia minha?

- Aulegrafia Agora vereis como sou profeta e como da causa antes é ocasião da culpa quem dissimula com o pecado. Vós não me quereis crer e folgo mais do mundo, porque vos fiais de amigas que [31] vos vendem e eu conheço. Ponhamo-nos a essa janela e ouvireis maravilhas. Sabeis que me agora afirmou pessoa que o sabe de certa sabedoria grande cousa minha?
- Filomela Já vos entendo.
- Aulegrafia Não entendeis.
- Filomela Si, entendo.
- Aulegrafia Que é? Por ver se acertais.
- Filomela Toca a foão?
- Aulegrafia Qual deles?
- Filomela A Grasiel de Abreu.
- Aulegrafia Si, mas sobre cousa de que porventura estais bem segura e sois bem vendida, porque o mau quando se finge bom então é pior. Disseram-me de certa certeza que andava o senhor perdidíssimo d'amores em ùa certa parte da cidade, com grandíssimos fundamentos de casar, ou mui perto disso por a senhora ser mui rica, que já sabeis que esta é a mais certa barreira a que estes galantes atiram. Ferosura e virtude nenhũa valia tem e já não se tomam as mulheres senão a peso.
- Filomela Pois enforcem-se em bom dia claro. Quando noutro dia viemos em prática ambos sobre vosso amigo Germínio Soares me dissestes que vos viera às orelhas essa suspeita.
- Aulegrafia Pois si, mas agora mo certificaram, que não havia dúvida, quem o tem sabido por uns certos canos de Carmona.
- Filomela Eu vo-lo dou por ser assi. Mas sabeis o que tenho feito sobr'isso, por que vejais que não sou molher que leve duas em capelo?
- Aulegrafia Quê, [31'] por vossa vida?
- Filomela Tanto que mo dissestes não curei de mais cá nem lá, mas assentando comigo que era assi, por ele não lograr a vitória desses enganos, mandei logo desenganá-lo desencalmadamente que não falasse em mim mais nem lhe lembrasse que era viva ou me vira algũa hora, que tal havia eu de ser com ele d'hoje avante. E mais lhe fazia saber que d'agora para todo sempre me desdezia de todo o passado, que fora um sonho e ùa ignorância de molher moça confiada, em que levemente cai quem não sabe malícias, mas que o desenganava, que me não faziam papo ifantes.
- Aulegrafia Ora fezeistes a melhor cousa que molher fez. Oh como andastes bem e da minha arte, agora vos tenho por molher de fantasia. Estes assi se querem, porque haveis de saber que a muita facilidade é em parte doudice, maiormente nestes casos. E pois ele que diz a isso, sabeis se lho tem dito?
- Filomela Já me depois mandou carta que lhe não quis tomar e ressegundou, mas eu avisei à minha Dorotea que se guardasse como de fogo de tomar recado seu.
- Aulegrafia Adiante vos vades, nunca vos a mão doa, não há tal cousa para estes picões que presumem muito como arregar-lhe os dentes e desprezá-los, porque a pessoa já vingá-se, que é grande gosto, [32] e



eles não se vão alabando. Quanto mais que se vos ele quer bem, o que não creio, agora o vereis no que faz, e também se é quem eu cuido. Para que quereis que zombe de vós? Que, mal pecado, isto é sempre o mais certo dos tais, mana minha. De meu conselho vá, como dizem, o perdido por amor de Deos. Tornai-vos ao siso, mais val perder que mais perder, arrenegai de passatempos que em vez de aproveitar danam, estimai-vos sereis estimada. Porque, sabeis que cousa são homens? se os favoreceis e amiais não vos estimam, parece-lhes que os granjeais a fim de vosso proveito e mais não erram, como nada fazem sem levar o seu por guia assi nos julgam, e também quem não vive deste siso fica com a mágoa e perda. E portanto abri vosso olho, esquivai os servidores quando o tempo o requer, porque assi inda que não tenham amor são tão mortos por chegar com tudo ao cabo que se entregam por se satisfazerem a quem lhes sabe armar com sofrimento. Acolhenças e juntamente desabrimentos, descuidos e enteijos. E mais, tem-vos na posse em que vos aforais, e se mal não sei a lenda deste meu senhor não arma daqui muito longe. Eu não lhe quero mal, por aqui e perante Deos, nem meus pecados me cheguem a [32'] querê-lo a ninguém, e ele não me tem feito por que lho queira. Verdade é que não hei de negar que me aborrece muito há dias, porque ouvi sempre que a maior injúria que se pode dizer a um homem é chamar-lhe ingrato e sei que o foi para vós que o trazeis muito mimoso, por onde não posso tê-lo em boa conta nem gostá-lo, e certamente não andara com ele d'amores inda que soubera que me havia de fazer rainha, não por mais que por sua condição tão fora de meu jeito. Pasmada era eu de como podíeis sofrer amor tão enxarondo. Por isso dizem de nós outras com razão que somos lobas no escolher.

- Filomela Agora lhe farei a vontade, enfadada me leixam seus desgostos.
- Aulegrafia E bem desgostos, não vi homem tão desgraçado e solobro. Ele pode ser discreto, que não lho tolho, está porém bem longe de galante. Serei párvua e não o entenderei porventura, mas não sei de que vós gostáveis.
- Filomela Queria-lhe bem de longe, parecia-me que mo queria e já sabeis que é cega a afeição. Mas, vamos e venhamos, contudo, não se lhe pode negar que escreve muito discreto.
- Aulegrafia Dessas discrições comeremos? Quisera-lhe mais condição, mana, antes asno que me leve, etc. A molher não ganha em tratar com discretos que não pode domar e são [33] muito pesados. Livre-me Deos de saberes sengos e revitados, que nunca acabo de entendê-los. Matem-me com espíritos humanos e brandos, e digo-vos que antes os queria bajoujos para me ajudar deles.
- Filomela Muito val a conversação da pessoa discreta. E também sempre me pareceu tê-lo seguro por ser honrado.
- Aulegrafia Essas confianças nos desbaratam a nós outras, tolas, tudo o que nos dizem cremos porque temos o siso na casa dianteira, e como nos gabam de fermosas cremos que tudo nos obedece.
- Filomela Um coração simpres não é muito crer o que lhe parece que se lhe deve, e enganar-me quem me mente a culpa é sua.

- Aulegrafia É logo a pena vossa, não vo-lo dizia eu? Conheço melhor aquele raposo que minhas mãos. Guarde-vos Deos destes sotrancões dissimulados, que nunca sabeis como os tendes. E este, segundo ouvi, é useiro e vizeiro nestes conluios. Andastes vós bem que vos isentastes com tempo, que caminho levava ele convosco se pudera e, como dizem, não é só ladrão o que furta mas o que furtaria se pudesse. Assi que foi mui acertado leixá-lo em branco, ca perdoar aos maus é danar aos bons. No tempo que o sofrestes poderíeis ter ganhado outro e a molher sesuda não há de passar tempo à sua [33'] custa. Sois muito moça e, se me quiserdes crer, eu vos aposentarei acrecentada.
- Filomela Si, mas que parecerá isso assi logo? Para Grasidel de Abreu ter que dizer que por esse respeito me desavim com ele?
- Aulegrafia Olhai como ela sabe! Dinheiro daria eu, sendo vós. Cresse ele que o leixáveis por outro. Que se pode desejar mais para saneardes vossa opinião? Muito sem comparação é melhor, se puder ser, que fiqueis rindo dele que rir-se ele de vós.
- Filomela Todavia me julgarão por mudável, quanto mais, tia, que, falando convosco como aos pés de meu confessor porque a vós nada se há de negar, pois vim a isso, eu há anos que quero bem a Grasidel de Abreu e tenho dele muitas palavras, e recebido obras, e não lhe quero inda mal. Estou agora assi escandalizada, e amor pode-se no princípio tomar segundo a própria vontade se incrina, mas dês que se aceita não se enjeita quando a pessoa quer.
- Aulegrafia Tanto melhor vo-lo dou. Lançai-vos à minha banda com a nova ocupação e de mais gosto que vos ofereço: ireis perdendo a saudade à afeição antiga, maiormente enquanto o escândalo está fresco. Esta é a mais certa cura que este mal tem, que amor inda que possa mal desarreigar-se de improviso pode dilir-se na vontade [34] por outros meios. Regra é de discrição não olhar o que fez mas prover o que está por fazer. Quem passa o dia com fortuna procure tomar porto para a noute, que do fim toma nome a vida, e se estivermos à conta do que vos eu digo bem vedes qual dos dous fica devendo. Ao menos sei-vos eu dizer que tem Germínio Soares a condição bem diferente e que será muito mais maneável para quanto quiserdes. Assi Deos me ampare e tire deste fadairo do paço em que andamos como ele é ãa cera bela de brande e eu sou perdida por homens desta arte, pois galante se o virdes perder-vos-eis por ele. É a mesma graça e o mesmo bom ensino, ora andais a proveito porque tudo se há de cuidar e isto é o que importa. Sabei de mim e crede, porque não vos falo a lume de palhas, que tem moios e esperanças.
- Filomela Bem vejo que não me caía mal nele a sorte, mas...
- Aulegrafia Que mas? Não vos fiais vós de mim? Eu não sou de ãas que vendem suas amigas por fazerem por seus amigos. Não falaria por homem de que não soubesse certo que anda em boa tenção, por cousa desta vida, porque, senhora, o que não queria que me fizessem não hei de fazê-lo. Medo haveria de Deos, porque assaz de mal viria ao mundo quando tal [34'] houvesse. Não cuido que o haverá. Boa estou porém quando a sanear-me e a desconfiardes de mim.

- Filomela Se a confiança que tenho em vós, senhora, não fosse, longe estivera de falar convosco desta maneira.
- Aulegrafia Não sei disso, eu por mim me julgo e vejo-vos fazer muito caso de amigas que, porventura, vos seria melhor não conhecê-las. E assi entrou o mundo e há de sair: valerem lisonjarias e não verdades.
- Filomela Eu me cavidarei daqui por diante, que bem entendo já quanto mal me tem feito a minha boa condição. Como tenho os bofes lavados cuido que todas tais são, e não posso negar nem negarei que sempre vos achei muito verdadeira e amiga desenganada.
- Aulegrafia Ora pois leixai-me com o cargo e vá sobre mim, que se vos eu, sobrinha amiga, não meter nas mãos Germínio Soares com ele cuidar que o vem Deos a ver que me cortem estas na picota. Nisto não se aventura mais que duas vistas desta janela e aceitar-lhe ùa barretada, e vindo a falar-lhe far-lhe-ei primeiro certa declaração; se me desarmar dela desarmá-lo-ei também limpamente. Não se tacha ter a dama muitos servidores, antes o ter muitos que a cobicem a faz isenta e senhora de si e ser bem servida, porque trabalham todos por comprazê-la e guarda-se cada um d'anojá-la e ela pode e tem que escolher, e sem obrigar-se [35] mais do que quer obriga ao que quer. E é regra certa competidores fazerem casar mais cedo. Dantre o mal se conhece o bem, tem os homens por honra ser perferidos a outros e por mostra de especial amor, que tem ser raro nas molheres, amigas de seu proveito, e tanto mais se estima porquanto as cousas raras são estimadas. E por isso, sobrinha minha, eu sou de ser desejada e servida de muitos, que se um se vai fica outro e é menos mágoa e escusa-se a saudade, donde se disse: um roim se vai da porta, etc.
- Filomela Bem dizeis vós, senhora, se mais não houvesse, mas a conversação é visco, afeiçoa-se a pessoa e depois não ganha mais que ficar com a paixão.
- Aulegrafia Camanha graça, não vos queria tão provida em tão pouca idade. Não vos há de lembrar tanto o porvir se vos quereis lograr do presente. Cuidai no presente que aqui está o ponto, o al leixai à providência divina. E mais, quereis que vos diga, mana minha,? Eu já não vos mando afeiçoar-vos, que toda afeiçãõ é custosa e a molher galante em ser livre e desamorável se salva, e o al é bajoujice, mas também algũa cousa se há de aventurar por ganhar outra. E dou-lhe ora que vos afeiçoeis, quando não pegardes não há mal que não tenha cura. Não tendes vós logo que por [35'] força há de ser mal, sempre vimos tomar em boa ventura o que outro enjeita. Por isso são os panos de muitas cores, tantos toureiros vos saiam ora quantos vos conselharei que tomeis. Esta é a minha opinião, que cuido que não é má e desta queria ver quem bem quisesse. Aí está foão e foão que primeiro que aferrassem o descanso que tem passaram dela com dela, e perventura aprenderam assi o que lhe cumpria. Finalmente, senhora, vede em que vos determinais, que eu digo-vos tudo isto como quem levaria muito gosto em ver-vos descansada porque sou amiga desenganada e não tenho mais que este rosto, e sofrer vícios nos amigos sem lhos dizer é

fazê-los próprios. Como sou muito clara digo assi o que me parece a la lhana, e o que queria que me fizessem e eu faria.

- Filomela Bem sei isso.
- Aulegrafia Si, mas parece que me não credes. Enfim, mana, fazei o que quiserdes. Quem me mete ora a mim entender na fazenda alheia nem dar conselho a quem não mo pede? Daqui lavo as mãos destes feitos, mas eu fico que vós me nomeeis, que o demo sempre me faz adevinha nestas cousas. Já me vós houvéreis de crer para bem.
- Filomela Ora depois falaremos, e bem sabeis vós, tia minha, que sempre folguei de me chegar aos vossos conselhos.
- Aulegrafia Achastes vós [36] mal deles?
- Filomela Não. Parece aquele que lá aboca na travessa vosso afilhado Dinardo Pereira.
- Aulegrafia Antes não é outro.
- Filomela Recolhamo-nos para dentro antes que chegue mais perto, porque é tão sobejo e enfadonho como começa que nunca acaba.
- Aulegrafia Isto haveis de dizer de vosso primo? Não vo-lo parecia ele quando vos falava no vosso enxovado. E hei-lhe de falar de força porque me releva.
- Filomela Ficai-vos logo embora.

Cena Décima.  
Dinardo Pereira.

Dinardo Quero ver por esta sesta, enquanto a cousa está cá quieta, se posso haver vista da minha gaita, que com minha má desposição há dias que não vi, não se me faça montanheza, que estas são como príncipes, não lhe lembram os ausentes. Verei também se alcanço fala de minha prima Filomela, e fazer pazes entre ela e Grasiel de Abreu, que desavença prolongada é perigosa e o ódio, se cria calo, é mau de dilir. Lá me parece que enxergo na janela dos furtos minha madrinha Aulegrafia, já desta vez não perderei [36'] lanço, que ela me franqueará o campo e chamará quem eu quizer. Quero ir-me chegando e ajudar-me do tempo enquanto o paço está seguro de espias. Ninguém assoma por cá, venho a pedir por boca.

Cena Undécima.  
Dinardo Pereira, Aulegrafia.

- Dinardo Beijo as da senhora minha madrinha, com a divida reverência.
- Aulegrafia Eu as do senhor meu afilhado. Qu' é de vós, má cousa, que há mil anos que vos não vejo por aqui? E achar-vos assi menos não vem de vos querer mal e também nasce de serdes dos continos, que não é tacha para bom galante.
- Dinardo E que o fora, tenho eu, senhora, para mim que não vo-lo parecera e ao menos ninguém mo encobriria melhor.

- Aulegrafia Por certo que assi é, tanto vossa amiga e servidora sou eu e em tanta maneira me parecem vossas cousas bem que não poderia, inda que quisesse, saber ter outro parecer nelas, quanto mais sendo a vossa arte tal que por si se salva. E cá estou sempre posta no campo no que vos toca tanto [37] me lembra cumprir com nossa amizade, e não menos de hoje perguntei a um vosso servidor, que se pregoa por meu, que era feito de vós.
- Dinardo Eu lhe mereço essas lembranças, que não estimo pouco, mas estive haverá dez dias maltratado de não sei quantas febres que se houveram comigo ásperas. Ateou-se, parece, o fogo d'alma ao corpo e começou querê-lo gastar, e quando viu que não me pesava cessou, porque de minha calidade é folgar com meu mal e buscá-lo.
- Aulegrafia Como isso está bom, e mais se vos outra pessoa ouvira! Se leixásseis algũa hora de ter graça em quanto dizeis! Porém contai-me, chegou a estardes em cama ou foi mimo?
- Dinardo Sangrado e feitas as exéquias como quem zomba.
- Aulegrafia Jesu, meu Deos, pois nas cores do rosto pouco se enxerga.
- Dinardo Não há mal que comigo possa, e também é da natureza do meu. E todas minhas chagas não fazem sinal senão por mim já defunto.
- Aulegrafia Ora que também as cá sinte ùa alma e eu sou boa testemunha, porém bom fora que soubera eu de vossa doença, ao menos ajudara-vos com minhas fracas orações a pedir a saúde, já que para mais não presto.
- Dinardo Esse pouco e sempre me podeis valer, dizendo-as com esse ânimo, que daqui pende mi bien y mi alma, mi muerte y mi vida. [37']
- Aulegrafia Sempre fostes desses dichos que, apropriados bem, matam-me, e ela foi sabedor disso.
- Dinardo Sempre o é de meu dano e não para leixar de mo fazer.
- Aulegrafia Ora não vos queixeis tanto que também isso não vo-lo hei de consentir, pois não tendes de quê e eu não posso sofrer ingratidões. Quantos ora há que presumem e se contentariam com a sombra de vosso estado. Bem sabeis que a senhora Melícia de Fontes não é peixe podre e que é muito para estimar ter ante ela valia. Ora pois da vossa para com ela não há que negar a mim que me passa tudo pela mão.
- Dinardo Assacais-mo, senhora, ou se vo-lo parece enganais-vos porque inda que pudera ser o que dizeis, de meu natural ou não sei se é enfermidade, sou tão faminto de seus favores que nunca me podem matar sede, quanto mais que, sabeis muito bem, e se té qui o não quisestes saber sabeí-o agora, que me tratam muito ao contrário do que merece minha fé e a cada passada me negam a satisfação do que padeço.
- Aulegrafia Não sei se vos diga a isso, senhor afilhado, a muchos veréis queixar, ninguno veréis morir por amores. Todos sois muito maus e muito falsos, fazeis o mal e as caramunhas.
- Dinardo Isso não foi na avença, serdes também contra mim. Bem aviado vou, eu que cuidava [38] ter-vos por valhacouto em minhas afrontas.
- Aulegrafia Assi serei por certo no que em mim for, quando cumprir, mas a verdade de vossas mercês é esta, e as tolas já morreram, e ao menos cá

todas estas senhoras sabem muito bem como todos sois raposos e quão pouco há que fiar de nenhum.

- Dinardo Eu, senhora, não vos hei de desculpar todos, mas ainda há alguns que padecem em particular culpas gerais. De mim sei dizer que em vez de medrar desmedro com a senhora Milícia de Fontes, sem ter quem lhe vá à mão aos seus descuidos.
- Aulegrafia Ora vos prometo peleijar com ela muito de propósito.
- Dinardo Por ma fazer, quiçá valerei por vosso meio o que por mim desvalho.
- Aulegrafia Por vós valeis vós, senhor, e valereis tudo, o al será sem-razão e entender mal o que se deve a tal pessoa. E agora onde vos lançais?
- Dinardo Onde a ventura me lançou farropeas. Que remédio, senhora madrinha, para um homem cego há mil dias!
- Aulegrafia Esses despachos vão por distribuição ao tempo. Contudo, por vos servir lhe irei dar rebate. Esperai-me que eu tornarei à própria hora.
- Dinardo Vai ferindo fogo, e para ãa obra pia destas! Para quem ela quer não há mais negócio. Preza-se ela de amparar todas e se lhe sai a sorte em branco faz tudo venial, de vós e de mim [38'] queixoso. Mas como o castelhano estava picado, espírito tem no que dizem, porém o amor é português e quem al disser não lhe sabe sondar as alturas e navega por fora de todo o bom sentir.

#### Cena Duodécima.

Aulegrafia, Dinardo Pereira, Melícia de Fontes.

- Aulegrafia Aqui vo-la trago à falsa fé presa sem me ela entender, e sabeis que não tive pouco artefício para a tirar dantre certas senhoras.
- Dinardo Quando vos faltou ele?
- Aulegrafia Não direis que vos não sirvo.
- Dinardo Crede que sou homem que conheço minhas dívidas e que nunca me esquece servir a quem devo.
- Aulegrafia Pois eu por não perder por curta e me lograr dessa confiança, porque saber entregar da ocasião forra muitas queixas, quero-me logo pagar, e far-me-eis mercê e eu a vós, senhor, boa obra em vos desendividar.
- Dinardo Isso me não será a mim possível por mais que sirva.
- Aulegrafia Da vontade tem preço as obras.
- Dinardo Por essa via ninguém me ganha.
- Aulegrafia Tenho um brinco d'ouro de pouca valia, enfada-me e queria fazer dele uns pensamentos de algũa obra de pouco custo, mas [39] que fosse todavia galante porque sou pobre.
- Dinardo Que triste epitáfio esse, fora melhor aleixada sequer da língua.
- Melícia Todas assi fossem.
- Dinardo Acodiu pelo bem comum.
- Aulegrafia Eu não tenho mãe que me proveja nem tia que me perfilhe como vós, mana, tendes.
- Dinardo Bem lho pagou.
- Aulegrafia E mais também dizem que a galantaria consiste em ser pouco custosa.

Dinardo Nunca eu tal aprovo, são piveradas que a necessidade achou para seus fastios.

Aulegrafia Ora isto me haveis de fazer, assi tenhais boa ventura com quem desejais.

Dinardo Sabe Deos que tenho assaz minguá dela.

Aulegrafia E seja cousa vossa, que nesta confiança me fundo.

Dinardo Perdei o cuidado.

Aulegrafia Vede-lo vai, e sabeis, senhor afilhado, como me eu quero. Isso há de ser assoprar e comer, porque sou muito apetitosa e cozo mal dilações.

Dinardo Não sois logo do tempo, mas não faltará, por diligência.

Aulegrafia Por vida desta senhora.

Dinardo Esconjurais-me de maneira que desatinarei.

Melícia Não seja para o fazer pior.

Dinardo Julgais-me mal, senhora, porque mo quereis.

Melícia Daí vem.

Aulegrafia Não quero pejar, vou-me. Cá vo-lo encomendo que não me lhe façais mal.

Melícia Dai-o por encomendado. Que vento foi este que vos agora aqui trouxe?

Dinardo O que me sempre traz.

Melícia Achar-vos-íeis enfadado [39'] na pousada.

Dinardo Sempre me julgais ao contrário do que sinto por vos forrardes de dívidas, como que vos acusasse eu delas. Quanto mais que das verdadeiras que vos não acoimo não vos podeis salvar.

Melícia Se vos faltassem algũa hora queixas!

Dinardo Inde mal, porque me sobeja razão.

Melícia Ninguém há que não cuide tê-la por si.

Dinardo Mas val poucas vezes.

Melícia Assi é, mal pecado, e os que menos a tem são mais queixosos.

Dinardo Isso não se entende em mim, porque eu já tenho mil razões de ser aleijado por essa gentileza que me traz embaído e outras tantas para gritar contino com raiva de não me lograr dessa perfeição em que contemplo, e farei por aqui ãa ladainha de mágoas que se me ouvirdes com ouvidos compassivos por sem dúvida tenho correrdes risco de vos enviardes a mim.

Melícia Livre-me Deos de mau agouro.

Dinardo Oh que olhos tão ladrões.

Melícia Estais já bem são?

Dinardo Nunca o serei enquanto vós senhora não quiserdes.

Melícia Assi deve ser, porque estais sempre comigo tredo?

Dinardo Mas quão longe de terdes isso para vós, senhora, como que não sei eu que sois muito confiada e é divido que o sejais de vós e de mim, e oxalá o não fosseis tanto, quiçá me custara menos minha dor.

Melícia Ah mau, que ninguém vos conhece como eu. [40]

Dinardo Pois pesar dos mouros, senhora, não é já tempo de conhecerdes o que vos quero e de não serdes tão escassa para quem foi tão liberal de si mesmo para convosco? E sabeis quanto?, que chego já a correr-me da

- minha sujeição vendo-vos tão isenta, e vou cuidar que me desprezais ou descredes.
- Melícia Se vos eu não crera não me pusera a isto, que nenhũa molher da minha calidade faz, salvo penhorada da vontade, mas acolheis-vos sempre a esse desconhecimento por me nada agradecerdes.
- Dinardo Ah senhora, não faleis heresias. Eu para vós ingrato, que só de me abirdes esses olhos cuida que triunfo do mundo? E mais dais-me mau grado, porque são eles tão ufanos e senhores de quem os vê que tudo se lhe rende forçado, e esta força que os meus recebem deles estimo eu mais que quantas liberdades há no mundo, porque, senhora, tudo me podeis tirar mas saber estimar e conhecer o bom é natureza minha. Ora como isto assi seja e vós, senhora, sois quem eu contemplo e o meu ídolo, crede de mim que vos sacrificio esta alma apurada no amor que se vos deve. Mas não seria possível ouvir-vos em parte que vos beijasse essas mãos de marfim para verdes minha obediência e o senhorio que em mim tendes?
- Melícia Sou tão pouco atrevida que [40'] só de falar nisso as carnes me tremem, e mais não há maneira.
- Dinardo Essa é má escusa, e se vo-la eu der?
- Melícia Bom siso seria o meu quando nessa parte fizesse o que vós dizeis. E em que conta me teríeis vendo esses atrevimentos?
- Dinardo Ora ouvi isso e vivei. Sabeis por que me não vou lançar no mar? Porque entendo que me fazeis essas perrarias de conhecerdes em mim o muito que vos quero.
- Melícia Isso sei eu ora bem mal, que no coração do homem há muito que entender e nada que fiar.
- Dinardo Para isso sois vós, senhora, muito discreta e eu tão enleado que nada do que sinto sei encobrir-vos. Lanço a alma e estilo-me de desejos de vossa conversação, velando arso nestes pensamentos, dormindo não me consentem repouso algum, aborreço-me a mim mesmo por o pouco que valho convosco, só a querer-vos mal não chego por mais que me façais, e tomado desta contínua não ouço nem vejo, nem sei entender noutra cousa, e é de maneira que me receio. Que há de ser isto, senhora? Se é vosso gosto gastar-me assi a vida, nunca ela mais valha. Declarai-vos e com isso me consolarei.
- Melícia Desatinais-me com vossas importunações e não quereis respeitar inconvenientes.
- Dinardo Oh pesar de mim, senhora, chamais importunação a não [41] viver um homem morto por vos conversar, não querendo mais da vida, a qual darei por ãa só hora desta glória. E vós, senhora, não tendes que recear com grades em meio e mais de quem vos não sairá da vontade que antes não se enterre vivo.
- Melícia Eu cuidarei no que posso.
- Dinardo A vontade tudo facilita.
- Melícia E assi também se arrisca. I-vos que não sei quem vem.
- Dinardo Pois ouvi-me, senhora, bradaí com vossa cunhada sobre vosso compadre e dizei-lhe que me ouça para apurar a verdade.
- Melícia E parece-vos bem os seus enganos? Mande Deos não sejais outro ele.



Dinardo Fiai-vos de mim, que está longe do que ela sospeita.  
Melícia O demo o sabe.  
Dinardo Por vossa vida que não há tal.  
Melícia Depois falaremos e eu lho direi. Beijo-vo-las mãos.

Cena Décima Tércia. [41']

Dinardo Pereira.

Dinardo Nam há cousa que chegue a isto, vão bugiar os fúcaros e quanto trato há em Trapizonda. É manjar d'alma falar com pessoa discreta e galante, e acha-se raramente. Se eu chego a armá-la que me fale de noute não há mais na vida. Mas o cuidado que eu tive de negociar por Grasi del de Abreu! Enlevei-me na doçura da prática e perdi a memória de tudo o al, e ele estará com olhos longos, esperando que lhe leve eu a triaga. Desta maneira correm os despachadores, e tudo assi é realmente. Não há quem faça por amigo como por si, donde todos padecem más amizades. Irei satisfazê-lo com esperanças que nos consumem as vidas, e coitado do paciente. Muito deve trabalhar todo homem por não cair em necessidade doutrem, porque só Deos se compadece da alheia e muitos triunfam dela, e quando menos pesa-lhe pouco. É um piadoso estado o que há de ouvir sentenças sobre si de amigos que vos magoam com desculpas de erros [42] e de imigos que os pubricam e gostam. Se vos a fortuna escassea todos vos emendam, e se vos venta todos vos sofrem. Por isso cada um olhe por si, não penda seu gosto ou seu remédio doutra vontade, que inda que vos seja muito própria sempre manqueeja na diligência quando menos, como ora eu fui com meu amigo. E todavia comecei, que é meio caminho andado. Vejo lá vir Rocha do paço, quero saber que vai.

Cena Décima Quarta.

Rocha.

Vou-me fazendo muito discreto e pesa-me porque receio dar comigo em malenconizado, que será um piadoso estado para mim. E mau pesar veja eu do primeiro que tal costume trouxe à terra, bufos que de fracos fazem carantonhas por que os não entreis e vejais que é tudo pena. Do que ouvem fazem seu mau cabedal e tão bom dia se prestam para joeirá-lo, adros em toda discreta conversação, e com parvos mostram os bofes e floream foutos. Longe estou porém de aceitar homens ídolos, assi que vou a isto. [42'] Determino velar-me de mim, não me tomem os portos estas maginações malenconinas, que são alambiques em que estilais a vida. Digo-o ao tanto por meu amo que se preza de contemporativo: cuidou levar à toa sua dama e fazer-lhe do céu cebola por discrição furjicada, não lhe dava fôlego com ceúmes e achaques por apurá-la como açúcar, e a minha senhora é pega, teve-lhe a cacha enquanto não viu lanço que lhe armasse. Agora, parece,

entrou-lhe e nega-lhe obrigação e respeito. Vou barruntando que arma para outro novo Peru, nem pode ser al segundo acho na criada, donde arrenego de me sentir tão discreto porque adivinhei sempre isto e tenho-lhe caído no chiste. E estes meus senhores não querem conversar nem ouvir quem os entenda, e se meu amo atinar que sou mais discreto que ele a la mesma sou posto na baralha e irei buscar a satisfação dos meus bons anos apaxitos com emprazá-lo para o outro mundo, que é bom remédio para matar a fome deste. Cá vejo Dinardo Pereira, outra tal cabeça cujo cuidado é damejar, e elas dão-se-lhe à sua custa porém, que este é o cano per que estes negócios correm, ou todos, e não vi cousa mais barata que poder comprar o que pretendo. Vou-me a ele.

Cena Décima Quinta. [43]

Dinardo Pereira, Rocha.

Dinardo Que vai, micer Rocha? Onde fica monsenhor?

Rocha No paço.

Dinardo E vossa nobre pessoa, donde e para onde?

Rocha Mandou-me à portaria, mas tudo é malhar em ferro frio.

Dinardo Como assi?

Rocha Porque minha ama já se me lampedeja, foge-me como se eu fosse visão, e a sua rapariga dêz que isto começou anda tão de levante que a não posso amalhar.

Dinardo Pois e esse é o amor que vos ela tem?

Rocha Tempo sei eu que sonhava comigo e bebia os ventos por mim, e se me eu arrufava moía e não há dúvida senão que a trazia brasa e que me temia, que o homem de barba há de ser temido delas.

Dinardo Ora vos digo que, salvo vossa graça, tão parvo é o amo como o criado. Nunca vós ouvistes: o bezerrinho manso, etc.? A brandura vence almas, aspereza cria ódio, amor sustenta-se com palavras brandas e com as de escândalo se desbarata.

Rocha Antes amor todo é guerra, mas, senhor, tudo o que sucede bem se aprova, e por o contrário [43'] o que se erra não erra culpas.

Dinardo Sois um Séneca, bem se enxerga que o lestes e entendeis, e esta rapazia tem o latim como se apegas, que sempre sabe ao fumo.

Rocha Mais fidalgo é não saber ler.

Dinardo Ûa cousa me haveis de sofrer, guarde-vos Deos de amarrar a bachalaureatus, que é pior que bexigas, e daqui cuido eu que vós ficastes manquejando nos amores. Porque vós, Deos seja louvado, sois são e escoreito para aparecer antre homens, mas se não tirais melhor pela carta não me parece que tendes boa estrela.

Rocha Não lhe negarei que tratam lá mais disso que dos textos. Mas o bom natural alcança tudo e eu sempre me incrinei ao amor, e trazia Dorotea da minha mão, que jurara eu que não havia mais cordeira. E soube agora que se serve de um pajem, já valente polhastro, sáfaro e sem

penugem, destes napolezes esgaldados, o qual diz que peitar largo que é grande engodo.

Dinardo E o dito infanção cujo é?

Rocha De Germínio Soares, que também cuida pretende impetrar a ama, se me eu não engano.

Dinardo Não apontais vós ora muito mal, que isso parece que leva caminho. E não tereis vós maneira para vos certificardes dessa suspeita?

Rocha Tenho prometido ãas sapatas à minha corretor se acabar [44] com Dorotea que me dê ãa audiência. Se lhe falo ela não pode ter segredo, que de golosa e palreira a ninguém se agacha e a poucas palavras ela me dirá o novo e o velho.

Dinardo Vós o tendes bem cuidado se soceder assi. Vamos ter com vosso amo, consultaremos sobre essa cousa para que lhe atalhemos antes que lance raízes, que eu tenho que lhe destes no faro.

Acto Segundo.  
Cena Primeira.

Germínio Soares, Artur do Rego.

Germínio Vós, senhor, quereis ver minha dama?

Artur Contai-me, tendes alguns amores nesta paragem?

Germínio Agora o sabeis? Muito vos esquecem minhas cousas.

Artur Não para vos servir.

Germínio Nunca vos eu disse que tinha travada pendência com a senhora Filomela, que é a que põe a raia sobre as belas?

Artur Cuidei que era graça, [44'] porque vos não senti tão ferido que vos visse fazer exclamações aos ares nem buscar tempos particulares para os solilóquios de uns enlevados que chamam ao amor Cupido, gabam noite serena e quieta, e pondo os olhos no sete-estrela dizem: fermosa cousa é o céu.

Germínio Inda não arribei a tanto porque, na verdade, nunca fui desses mecos que fazem saudades antre valados e amam por artefício. Mas acerca desta minha senhora, a vós como a vós, eu não lhe sou tão sojeito que me vejais carpir por ela. Porque, senhor, sou disto: quero-me a mim mesmo mais que a ninguém e tenho assentado comigo poupar-me o mais que eu puder, havido respeito a não ter vida de juro, por o que me fundo em passar meus dias sisados em prazer, e pesar de toda a malenconia. E para me desopilar dos enfadamentos e sojeição do paço busco esta juvenil ocupação, que tomo, como digo, à cautela de me não custar mais do que eu quiser.

Artur Desse calete busco eu o homem, porque estes pensamentos parece que tentam contraminar a providência divina, vejo que erram tudo e não vivem. Eu queria ocupar o mundo com amores porque sou muito desta fruta, mas não que me ocupe a vontade mais do que cumpre a meu gosto, [45] e esta é a suma da galantaria.

- Germínio Que dizeis? Suma? O píncaro, a grimpa e o mesmo âmego dela! Há uns enleados, devotos de cavaleiros andantes, que se sustentam da contempração, e em qualquer bom rosto que lhe fazem atolam até às orelhas, e vem-lhe de pouco capazes e muita falta de sagaz experiência.
- Artur Falais lila, que eu com a ter acho por singular siso ser ganhado de mim por não me perder por outrem, e isto é pura discrição. O homem de espíritos há de ser Narciso de sua liberdade e ter bojo que coza favores de princesas sem sentir-se empachado nem danar-lhe o estômago como vianda descostumada, porque, senhor meu, sabeis que me faz todo vestido e não sou gente povo que me espantem prodígios.
- Germínio Bom é tudo isso, mas dizem que amor espreita os mais recatados e se vos toma em descoberto, já sabeis, cajadada de cego.
- Artur Dir-vos-ei como me temo dele: por o que ouço não me meto nele confiado, trago armas de desafeiçoado, faço repartição da vontade como fazia Júpiter por que tenha onde refazer-me do destroço, não pereça tudo junto como Numância, que aos romanos valeu-lhe no ímpeto dos franceses ter Camilo fora de Roma, e tendo seus capitães espalhados pelo mundo se lhes venciam um eram outros vencedores. [45'] Desta maneira me paio em esses recontros amorosos.
- Germínio Parece-me de rosas quanto dizeis, mas há horas em que nada aproveita. Não fugiu Príamo, rei de Tróia, à determinação de seus receos, conquanto pôs parte de seus tesouros com seu filho Polidoro fora de seu reino com tenção de refazer-se per esta via.
- Artur A boa providência vence toda adversidade, donde se diz: o sabedor domina as estrelas. Tudo pode ser, mas eu forro minha culpa e nada vos dou forçado.
- Germínio Dessa maneira ireis ao meu reino. Mas falando agora cá à face da terra, que dizeis àquele belo rosto? Parece-vos que poderá Apeles tirar dele a sua Vénus?
- Artur Bom está, quisera-lho eu, porém, sobre o cumprido e não tanto feição de joelho.
- Germínio Oh, mas matizai-a. Vós quereis o que ninguém tem, bom é olhos castanhos rasgados, com seu escabeche de tredice grave, bom também beicinho derrubado e morder bem o freo, bom barbinha com cova e papadinha ao pé, pois orelha assentai que é viva como azogue. Eu não queria mais do mourisco, vós sereis doutras divindades. Querereis ver se sarrou e tentar-lhe os cascos, se dá bem ò pé.
- Artur Mais vos digo que não me pesaria ver-lhe passear a carreira, porque me satisfaz o que vejo. Ela me parece ãa bela [46] dama e desenfadadiça para toda honesta conversação.
- Germínio Muito vos engolfais nas esperanças, olhai em que o tendes, que nada se esperou que se alcance sem muito custo. Aquela bela mal-maridada não se toma com fita vermelha e mais com ter ao lado essoutra jóia que lá enxergo, de que ouço ser a mesma alfândega dos alvitres do paço, alforge de todas em adquirir afilhados e novos conhecimentos, arriba de parteira, grande conselheira d'amores alheios e nos próprios sobreatimada, enleadíssima para com os amigos, mimosa, isenta, e

- fogo e sangue para quem, como elas dizem, lhe cai dos dentes para baixo, morta por discricões, amiga de merendas. E portanto, vede lá por do passareis o Tejo, que por nenhũa via podeis tomá-la que a não acheis com o maço de mão para vos ter os envites e quebrar-vos a cabeça se a tiverdes tão má que presumais fazer-lhe rosto.
- Artur Tudo se remedeia com providência.
- Germínio Dizeis por Aulegrafia? Pois por essa espero franquear tudo porque é toda minha, e já que lhe sabeis a lenda também sabereis que é porto seguro dos seus encomendados, e está posta por mim em campo.
- Artur Grande basalisco é esse para bater a muralha, mas sabeis vós de que pé se ela calça?
- Germínio Vós o direis, pois sabeis tanto dela.
- Artur Pelo [46'] couro e cabelo a quem lhe vai a rol, grande molher de dar encomendas em que ao menos forre o feitio. Toca de pedir alfaces no Verão e nata em dia de feira.
- Germínio Nunca falta ãa jubilada, tomo das antiguidades do paço, e em entrando a noviça a fazem do seu bando, ensinam-lhe a andadura e notam-lhe as cartas, donde é forçado pagar-lhe ancoragem quem surge neste porto. Mas haveis que me tomará desaperebido, como essoutros que não sabem da terra.
- Artur Eu não queria, por vossa honra. Cumpre tratá-la à cautela, que eu vos afirmo que falou mais verdade Plínio conquanto o reprovam, e estas não há gosto que lhe chegue a levar de vitória o coitado que lhes cai nas telas, e então gabam-no de muito bom homem, ao qual podeis dar esmola por paciente, e fica por exemplo para dar com ele de rosto a outros.
- Germínio Esse jura sempre por vida de sua dama, benquisto de todas, servidor grande de suas amigas cuja ajuda o sustenta ao paio de todo vendável, mas nunca lhe vai muito bem por ser respeitador de suas horas e bom de contentar, homem de muitos conhecimentos, aprazível ao povo além de confiado sem porquê e sem razão, qual é vosso conhecente Dinardo Pereira, contino por estas calhes.
- Artur Não cuida ele que vale pouco com [47] sua madrinha Aulegrafia, que inda que menina e moça não dirá por si «nunca me em tal vi». Antes, como é de muitas mudas e lhe nasceram os dentes no paço, hétega de património, é ãa atalaia da fortuna com um epitáfio que diz: a las armas moriscote, si en ellas queréis entrar, armada em boas mostras e afábil asseo, combatida de servidores e trilhada em sabê-los rechaçar. Os pensamentos são de altenaria e a confiança de carregação. Está bem de paio e muito melhor de vela, mas cumpre que a tenhais de vós se haveis de tratá-la.
- Germínio Senhor, andaremos aos toques.
- Artur Vedes que é mui certa da mão.
- Germínio E eu o mesmo.
- Artur Pois eu seguro que come já fiado sobre vossa nobreza.
- Germínio Feito lhe tenho o alforge de promessas ao longe e dar-lh'-ei as respostas de Apolo: irás e virás não morrerás, e sobre estas esperanças peneire sua mercê como camarinha em palha.

- Artur Não há quem se repaire de seus tempos, e aos confiados hei maior medo porque os tomam no brete do seu descuido.
- Germínio Estas ressabidas estão tomadas de quem lhe furta o vento, fazei-vos inocente e segurai-as e levá-las-eis à toa ou por tolas onde quiserdes. Ca se quereis não ser entendido não mostreis que entendeis.
- Artur Isso fará quem está de ganho no jogo [47'] da vida, mas quem pode descobre mil fraquezas, mais do tempo às vezes e de necessidade que as próprias. E portanto não vos fieis nos Provérbios de Séneca nem nos Remédios de Petrarca: segura quem pode, sabe quem alcança, entende quem prospera, baralha o mundo quem o não recea, e isto também tem sua contia e por isso se disse: à hora mala perro não ladra.
- Germínio Senhor, não falemos de siso que é muito enfadonho, o bom é matar os imigos com suas armas, como dizia o capitão Brasidas. Estas refinadas correas por seus ardis o brete delas é fazer bajoujo, porque são como senhores que não querem que os entendam, e saber tratar os negócios escusa em parte o perigo deles. Já sabeis que tenho bom natural, que é o todo, porque o cavalo nobre só da sombra da vara se governa e o fraco nem à força de esporas se move, e saber tentar o trato consigo é segurar o próprio.
- Artur Em nada há regra sem falência, maiormente com estas minhas senhoras cuja incerteza não sofre regimento, e tudo é assi. Perde-se um no que outro se salva, os acertos são raros. Eu me contentarei que leveis sempre a sonda na mão e nada façais sem mo comunicar, que para as afrontas da noute não vos hei de falar.
- Germínio Quero-me ir chegando [48] ao pé da janela e ver se posso haver fala, e esperai-me ao perto que possais participar ao menos dos altos se a prática se atear, que eu hei de ferir fogo, e notai como vou seguro.
- Artur Não sois de uns Copidos que tremem, tolhe-se-lhe a fala, seca-se-lhe o cuspo, mostras do alvoroço de seu penado coração.
- Germínio Anda já seleiro nestes recontros.
- Artur Pois, senhor, por ma fazer assinada vossa mercê tenha tal maneira que vá com toda boa ordenança. Pois tem descobertas as atalaias, ou atalaiadas senhoras, que acometa as tranqueiras com amoroso furor e animoso acordo, porque sabeis que haveis de achar as senhoras fronteiras, mui constantes e versadas em receber os amorosos embates.
- Germínio Vou de meio embuço, bom recacho e nos bicos dos pés, desposto e oferecido a lhes dar bateria de boas razões cortadas, remoques equívocos e dirivadas dições.
- Artur Pois eu lhe enxergo de cá que entendam já em vós com a divida segurança. As gentis damas ornadas de despejo cortesão vos esperam, seus olhos de esquelha, ar no peito, tento no descalçar da luva, guedelha descuidada, compondo a gorgueira, chamando a modo de perdigão, para as amorosas telas, e bem adargadas, da sua palanciana arte.

- Germínio Para isso vou arrodelado de meus contrapontos, [48'] e per trilhados modos nos daremos diversos e bravos encontros, quebrando lanças à fola per um delicado estilo.
- Artur E por fim vos despartireis, despedidos contentes, em diversos propósitos sobre um mesmo sojeito, cousa que a filósofos não permitem mas são segredos do amor que se alcança de poucos.
- Germínio Leixai segurar o passo desses picões que lá passam e vereis doce França.

## Cena Segunda.

Aulegrafia, Filomela.

- Aulegrafia E a vós, sobrinha, mana, como vos vai com vossas peleijas?
- Filomela Como vos já disse.
- Aulegrafia Vistes mais o galante?
- Filomela Nem verei por minha vontade, porque a vou achando minha e folgo muito.
- Aulegrafia Que falais? Por vida de quanto mais quero que é doudice tratar com aquele homem, eu era espantada do vosso sofrimento. Mana, não chamo amor a obrar sem ele. Se homem que eu olhasse andasse assi comigo em pontos não o sofreria por toda a vida. Não sei doutras condições mas eu quero-me muito mimosa. [49] Ninguém cuide acabar comigo por mal que não soffro desconhecimentos. Sou como Alexandre, de quem dizem que, sendo em extremo liberal, nunca deu a ingratos, e de César, que nunca lhes perdoou conquanto se prezava de piadoso, porque a ingratidão de todos é condenada e todo vício outro pode ter desculpa salvo este. Homem ingrato nunca foi dos godos, que o coração nobre com pouco se obriga. Quant'a vós, mana, éreis mártir com seus achaques e ele agora há se d'achar enleado, que a maldade consigo se castiga. E mais eu entendia que cuidava ele que vos fazia mercê em tratar vossos amores por a facilidade que tínheis com ele, e a estima das cousas consiste muito em carecer delas.
- Filomela Agora fico bem desenganada, que a prosperidade desmerecida nunca é segura e a presunção sobeja é muito certa onde há menos merecimentos.
- Aulegrafia Tornareis vós ora, como alguém vos falar por ele e vos puser o mel pelos beijos, a ser quem solíeis.
- Filomela Pois assi é a menina tola! Feito é já, estou farta dele até qui!
- Aulegrafia Certamente não vi cousa mais para enfastiar, sobrinha amiga. Deitai mão de quem vos digo e vós me nomeareis. Sei muito certo que bebe Germínio Soares os ventos por vós e não d'agora somente, que dias [49'] há que soffro suas importunações, mas dessimulei com ele sem ousar dizer-vo-lo todo este tempo porque vos via tão enleada. Sabe Deos quanto me pesou por vosso respeito porque, andai e rebolvi, não haveis de achar amiga tão desenganada e não me dá que me creais, que para mim basta-me saber que falo verdade.

- Filomela Essa tenho eu por mui certa em vós, senhora. E que vos não comunicasse tanto minhas cousas, quando quer que assentara em algũa não fora sem vir por vossa mão.
- Aulegrafia Assi me valha Deos, mana, que não menos folgaria com vosso descanso do que desejo o meu.
- Filomela Não me errais, e de mim também vos afirmo o mesmo.
- Aulegrafia Ora enfim, quanto a estoutro que digo, se quereis lançar mão dele desabri de todo de essoutro que cuida que lhe deveis de foro sofrê-lo. Errai agora por mim pois não há melhor médico que o fiel amigo, e quando não desenganai-me logo, não vos falarei mais nisso, que já pode ser, segundo sou ditosa em ser boa para todas, que vos quereis encobrir de mim e me agradeceis mal a tenção, e eu de ninguém quero mais que o que me de si dá. Trabalho muito pouco por saber vidas alheias nem julgá-las, por tanto como isso determinai-vos comigo.
- Filomela Pesa-me muito terdes comigo essas [50] desconfianças. Sabeis, mana, por que não queria entender nisso? Não porque não creia o que dizeis, que mais não fora que por serdes molher como eu que assaz mal contado seria enganar-me por nenhum homem, nem também por ele desmerecê-lo, que bem entendo que tudo merece, mas de enfadada destas paixões determino arredar-me delas. O que meu for à mão me virá. Se me Deos tem prometido algũa boa ventura não há tantas no mundo que possam tolher-ma e, quando não, muitos mosteiros há aí.
- Aulegrafia Como sois tola, sobrinha minha, e perdoai-me. Parece-vos que daríeis boa vitória de vós a roins? Nas desaventuras mais pena dá o gosto do imigo que a própria desventura, porém isso é falar de graça. Toda minha vida tenho ouvido esses feros a molheres scandalizadas, o mosteiro é bom de nomear e mau de sofrer e muito duro de aceitar sem antevir muita graça. Quereis que vos diga, sobrinha, meu amor? Quem não peleja não vence. Muito saberia quem me j'agora tirasse trazer o espelho no seo e prezar-me de mim, mas lá vos avinde. Quem me mete em matinar ninguém? Já sois grande para saberdes o que vos cumpre. Amigas como dantes.
- Filomela Falou-vos ele mais depois do outro dia?
- Aulegrafia Qual falou, não [50'] me leixa o coitado a sol nem a sombra com recados, anda mais morto por isso. Mas daqui me determino em desenganá-lo.
- Filomela E que lhe haveis de dizer?
- Aulegrafia Que se empregue em quem o estime e o queira.
- Filomela E logo o ele assi pode fazer levemente?
- Aulegrafia Que me dá a mim de sua pena, eu pari-o? Forrar-me-ei eu já das suas importunações que lhe soffro a fim de vos servir, e não vos nego que me pesa valer ele tão pouco convosco, ao menos pelo meu. Mas olhai o que eu digo: é certo que por mim perde o que por si merece, e quanto nisso acertais ao diante o vereis. Mas vós, minha mana, esperais tornar ao vosso fadairo?
- Filomela Esse é ora o meu cuidado, se o sua mãe guardou do fogo quão segura estou disso.



- Aulegrafia Prezai-vos de leal que per i medrareis. As molheres não hão de ser mudáveis, que assi as querem os homens para seus enganos. É grão peça ser afeiçoada.
- Filomela Como zombais à minha custa.
- Aulegrafia Perdoe-me Deos se peço, ora eu não sei que vós enjentaes em Germínio Soares, a la fé. Por isso dizem que são as molheres lobas no escolher.
- Filomela Ora tia, quereis que vos faça a vontade?
- Aulegrafia A mim? Fazei-a vós, mana, ao vosso enxovedo.
- Filomela Que quero o que vós quiserdes, com tal que tomemos concrusão com ele, que eu não hei de viver mais [51] em esperanças longas.
- Aulegrafia Leixai-me com isso, porque me vai minha honra em vos mostrar para quanto sou.
- Filomela E há de ser muito secreto.
- Aulegrafia Mas ensinai-me se virdes que é bem ao cabo de envelhecer no paço. Oh, vede-lo, assoma lá. Por minha vida, sobrinha, que lhe falemos, e andareis muito galante.
- Filomela Mas quero recolher-me.
- Aulegrafia Não façais que me anojareis muito.
- Filomela Não vedes que me não enfeitei hoje nem lavei o rosto, e não estou para ver?
- Aulegrafia Quem o é sempre o parece, e assi como vós estais, destoucada, dareis mate a todo o mundo, e eu fiador.
- Filomela Não me fio disso, que os homens tudo olham e tudo julgam.
- Aulegrafia Que concrusão traz agora o irdes-vos? A nossa menina tenreira como é espantadiça. Boa baixeza é molher de paço fugir dos homens, consetindo a gentileza em despejo e desenvoltura, e ter o cabedal que lhe falta da fazenda na língua. Isto é o que apraz e namora os galantes, o al é de moça de vila, que não parece senão ao domingo e acode a um tamboril. A molher cortesã há de ser tão segura que em nada enxerguem espantos, e de cousa nenhũa faça caso salvo por grande mistério. Este é o mesmo saber, arte e cortesia. Mate-me Deos com pessoas discretas, que até morte hei de querer antes ãa hora de [51'] um discreto que toda a vida de um nécio. Julgue-me quem quiser, que eu não posso tapar bocas alheias nem dar entendimento a quem dele carece. Não há cousa bem feita por algum bom que falte um mau para contrariá-la, sempre o vício teve defensor e a virtude imigo. Todos julgam fouto o alheio e poucos ou nenhum sinte o seu, e se são parvos não lhe tenho eu culpa, basta que sei o que me cumpre e como vivo.
- Filomela Também me eu por isso vou.
- Aulegrafia Ora ide-vos, como sois enfadonha e fastienta.
- Filomela Assi me quero.
- Aulegrafia Pois fazeis bem, porque tendes muitos morgados e rogar-vos-ão podeis escolher na dúzia. Amiga minha, eu não vos entendo, molher muito vergonhosa e retraída tarde quer casar. E que sejais fermosa, se não provocais as vontades livres nunca sereis desejada: boa para estátua, que quanto mais perfeita menos estimada. Se não há quem a entenda! Se de vós não tendes cuidado não espereis que outrem o

tenha, e aqui podeis envelhecer e aborrecer quanta mais obrigação vos tiverem. A molher que vem ao paço há de saber casar por si, e se não antes que cá venha meta-se na observância onde servem os muitos recolhimentos, que são parvoíces, e nenhũa cousa destrue o mundo como quererem muitos viver [52] pelas leis do estado alheo e fugir às do próprio. Não debalde se diz que é por demais dar conselho a gente manceba, vós trazeis inda os beiços com que mamastes, lembram-vos os ensinamentos de vossa mãe. Como as mães, porém, são tolas, matinando as filhas com seus avisos de velhas: moça, abaixa esses olhos, para ninguém olhes tesa, não sejas janeleira, não te fies dos homens, e per aqui mil velhices que o tempo já desaprovou por desnecessárias, porque não há melhor aio e doutrinador e ensina o certo, assazonado ao estado em que estais, maiormente antevendo necessidade, porque essa abranda a soberba e dá novos espíritos e experiência de muitas cousas, que é o fiel da discricção.

- Filomela Não me negareis que não se há de pôr em perigo a virtude que quer conservar-se.
- Aulegrafia Como é galante! Também a honra se ganha onde se sói cobrar infâmia, e o prudente da ofensa toma aviso. Mana minha, sois muito moça, não vos engane presunção de bom parecer, que dado que val muito para obrigar vontades fermosura com vanglória dana mais do que aproveita, e as mais das vezes lhe corre per d'avante Mofina Mendes, e a boa diligência acaba o que o merecimento não alcança. Ora estai e não seiais sensabor que me correrei por vossa [52'] parte, o animoso faz vontade da força e o discreto conselho da necessidade.
- Filomela Forçareis as pedras, cousas me fareis fazer que não estão em razão. Eu já não lhe hei de falar.
- Aulegrafia Não faleis que eu lhe falarei. Pegai-vos comigo de dentro que vos possa ele enxergar a tempos, que estas fames fazem estes galgos querençosos da prea.

Cena Terceira.

Germínio Soares, Artur do Rego, Aulegrafia, Filomela.

Germínio Faço a roda, olhai por mim.

Artur Assi ides bem. Oh como é deslustroso, valha-me Deos! O corpinho é todo espírito, mas serve mal para passar em alardo. Então leixai-o presumir de galante, e o saber-se vestir está em França. Quantas alfaias há mester o homem para discreto que mal o pode ser o próspero e parecê-lo o necessitado. Mas por fim tudo passa e tudo se sofre, e a terra é de néscios confiados.

Aulegrafia Não gostais muito, sobrinha, do requebro com que ele vem em saltinhos d'alvéola? Não há gosto que me chegue a ver estes recachos! Já escarra. [53] Grande súprico! Por estas honras me perco eu. Notai em que postura se põe, direis que é corrido. Isso tem.

Germínio Beijo mil vezes as de vossa mercê, e se para mim pode havê-la dalgũa esperança que ditoso dia este seria. E mais, se o quereis, senhora,

- olhar bem, não é alheio de vossa obrigação o meu amparo, ao menos por que se diga e veja que boa sombra me cobre, inda que isto não sei se me engana e me engano, ou tomo mais do que me dão.
- Artur Entendei lá aqueles esfola-gatos, jurarei que nem ele se entendeu.
- Aulegrafia De meu conselho perdi antes por desenvolto que por curto, que é menos mágoa da perda, que eu sou de tomar.
- Artur Que negro esforço aquele, já o ameaça e ele não assossega. Está-se pondo nas pernas como ginete, que não lhe há hoje de ficar registo por tocar segundo as moscas o picam.
- Germínio Dou-vos minha fé, senhora, de me perder antes por o vosso parecer que ganhar-me com nenhum outro por que vejais quão entregue lhe sou.
- Aulegrafia Entendido sois, falais com dous entenderes: voz de ãa cousa e mãos doutra.
- Artur Seu avô marmelo torto foi grande brevista, e de confiada que falava bem esforçou o tipre para que eu participasse.
- Germínio Pois, senhora, diga cada um por si.
- Artur Quanta badalada dessas haveis [53'] de disparar, cospi e tomareis fôlego. Quanta madraçaria há destes treinados em confiança própria, e então discreto sou eu. Que diferente lhes eu, porém, falara.
- Aulegrafia O tempo é disso.
- Germínio E disso.
- Aulegrafia E a vós, senhor, que vos arma?
- Germínio Um cuidado de quem mo desconhece, e destes anda contra mim ãa grossa armada de receios, temores e três mil dores.
- Artur Armada vos vejo eu, meu amigo, a tarpeira. O prazer que a outra gentil senhora tem por detrás destoutra intérprete, como se ele falara bocados de ouro! Estas não gostam nem sintem senão pequices tísicas.
- Aulegrafia Por que ides na do estreito.
- Artur Em estreito me vejo eu.
- Aulegrafia Diriva. Não gostais, mana?
- Artur Não percais lanço. Como ele fica contente, sacode-se como galo.
- Germínio E de tudo o que somente sento é não saber se consente a causa.
- Aulegrafia Quereis que lho pergunte? Inda que bem vos ouve.
- Filomela Ah má cousa, como sois palreira.
- Germínio Não pio por al, mas receio um desengano mais que a própria morte.
- Aulegrafia Que dizeis àquilo, sobrinha? Que lhe direi?
- Filomela O que vós quiserdes.
- Aulegrafia E vós não tendes querer?
- Filomela Inda agora não.
- Germínio Se houvera razão no mundo já o devêreis ter para quem se vos entrega.
- Filomela Ai triste, que me ouviu.
- Aulegrafia E se vo-lo merecerem, tê-lo-eis?
- Germínio Que vos diz senhora?
- Aulegrafia Nada senhor, pegai-vos a quem cala consente. [54]
- Germínio É tão incerto esse descanso que descanso de consegui-lo, e para mim incertezas de vida não são estranhas mas naturais.

Aulegrafia Ou sois vós, senhor, natural delas?

Germínio É verdade, já vejo que sentis minha dor melhor do que posso nem sei dizê-la.

Artur A escaramuça anda travada, segundo o festejam a cousa vai per seus termos. Jurarei que cuida ele que contrafaz o próprio Mancias. Pois elas estão mais afiadas na cortesia que mau grado a Cleópatra. Isto tem o chegar ãa dama a fazer a roda da sua opinião, que dará pernadas no aguilhão, e daqui vem grandes quedas.

Germínio Quereis-me dar licença para o tomar a bom sinal?

Aulegrafia Não, porque temo de não crerdes minha verdade acerca de vos desejar servir e cavá-lo.

Germínio Mas de me fazer mil mercês, e não vivo d'al. E se me isso não esforçara não ousara aparecer ante quem se me esconde. Ah, pesar de Fez, senhora, que não é esse rosto para se esconder, porque se me tolhe a luz, que o sol a bons e maus não se nega.

Artur Desarmou em vão, e ela não está pouco satisfeita em lhe fazer aquelas carestias. Bem sabe a litrária.

Germínio Como dissestes, senhora, que vos não ouvi porque se me foram os espíritos após os olhos?

Aulegrafia E logo vos assi espanta [54'] a sombra.

Germínio Mirro-me na caça, mas eu fiquei desairoso, com a cortesia em branco.

Aulegrafia Isso não posso eu sofrer, que cai em mau ensino. Por minha vida, sobrinha, que lhe haveis de falar.

Filomela Fá-lo-ei por amor de vós.

Germínio Beijo as mãos a vossa mercê. Mas não foi na avença recolher-se tão prestes.

Aulegrafia Não sejais mau de contentar, não vos julguem por ingrato.

Artur Grandes medidas vão lá. Quis, parece, cumprir com a cortesia. Também aquele é bom termo.

Germínio Longe estou de cair em culpa de ingratidão, portanto foutamente me deveis fazer vosso valido.

Aulegrafia Quem o tanto é em toda parte também pode esperar sê-lo nesta.

Germínio O selo n'alma está já, de mo desconhecem me receio.

Aulegrafia Merecei-o vós, senhor, no efeito não se vos negará o vosso.

Germínio Já se me nega pois me negam a vista do que desejo e do que vivo, e vós, senhora, que o consentis.

Aulegrafia Estais mal informado.

Germínio Não sei de informado, mas formado de sentimento de quem o não tem de mim.

Filomela Já ouvi dizer disso.

Germínio Consintis nisto, senhora? Não entendo por acenos.

Filomela Não.

Germínio Ora dobrem por mim que tal ouço.

Artur Artista é também a Filomela quanto basta, dá-lhe suas picadas a tempos e recolhe-se com gentil ordenança. Ah, d'ua gazela, que grande recamo se perde [55] em vós. Prometo-vos que sabe a bogia caçar, não há mais anegaça. O demo lhes ensina tanto. O Germínio está

sospendido no ar do faro dela como o sancarrão de Mafoma, e tem feito aos pés um espejeiro de continências.

- Filomela Vejo lá Dinardo Pereira ao longe, há de vir diferir aqui. Deveis despedi-lo, que o não veja.
- Aulegrafia Senhor, i-vos que vem de cá de dentro quem não queria que vos visse aí.
- Germínio Pois assi me mandais apedrejado de ãa mão tão crua?
- Aulegrafia Dai-lhe um sim, polo meu amor.
- Filomela Sim.
- Germínio Bejo as de vossa mercê.

Cena Quarta.

Germínio Soares, Artur do Rego.

- Germínio Andai por cá, vamos ao deserto onde possa gritar se quereis que não arrebente. Dou-vos minha fé que outrem podia estar de pior vea que eu. Parece que falava de mim algum espírito, segundo estive bravo, dera quanto tinha por que me ouvíreis.
- Artur Algũa cousa alcancei de cá, e parece-me que de artifício vos cortaram o fio por vos leixarem com o desejo esfaimado. E é do tempo dar tudo sopesado, justa [55'] pena da malícia da nossa natureza, que se sostém da variação das cousas.
- Germínio Mas cuido que, segundo disseram, vinha de dentro algũa de que se recearam.
- Artur E a senhora Filomela recolhida per detrás de Aulegrafia jogava o tavoleiro de fora.
- Germínio É inda espantadiça, mas essa que agora vedes assi arisca eu vo-la farei caparoeira.
- Artur Mais me parece a mim que de muito destra sabe assi palear suas cachas.
- Germínio Não me rendo a artes que alcanço. Se me enganardes sem vos entender será discrição tinta na terra, e doutra maneira é simpreza.
- Artur Muito gentio encalha nesse passo e por isso ando manho sem saber determinar-me em que altura me ponha, que assi como entendo estes discretos alcandorados em sua alquimia cuido que também me tiram o vento, e ando desvelado por dar um surto para que me salve destes bilhafres.
- Germínio Senhor, quereis estar do palanque?! Usai do vosso natural se é bom e leixai bogios contrafazer-se, que por i os caçam. Notastes o sim muito comprido com que me açamou a senhora Filomela?
- Artur Notei mil passos bons nela e mais destreza do que vos cumpre, donde entendo que todos nos entendemos, nós a elas em seus fingimentos e elas a nós em nossas malícias.
- Germínio Assi é, e contudo enganam-se [56] e enganamo-nos. Mas por nascer está a que me houver de enganar, porque sei que antre a erva jaz a cobra e em suas branduras a peçonha.

- Artur Presunção própria é perigosa, dado que boa e necessária. A boa linguagem acaba muito com elas.
- Germínio Pois prometo-vos que vo-las atarraquei de razões, estive afinado.
- Artur Aulegrafia também vos tiria as pélas.
- Germínio Eu não vo-la leixo entrar em talho, porque estou sempre tão delgado com ela que me não alcança.
- Artur Não sei como isso é que ela não lhe metem dado falso, e anda mais certa ao primeiro pulo do que porventura andareis a seu boléu.
- Germínio É riso isso, perde-me de vista a cada passo. Falai muito se quereis que fique por vós o campo em tudo, e mais não vos enganeis, que a molher que crê de si que é discreta é fácil de enganar, e mais não sei se há algũa.
- Artur Pois eu tenho para mim que nos precedem na discrição nesta parte. Donde Lais se gabava que fizera muitos sábios parvos e nenhum sábio a fizera párvoa.
- Germínio No conselho para mal, de improviso e em cousas de seu gosto são seguras e não se dobram, salvo do seu interesse.
- Artur Crede-me que nunca se enganam salvo quando querem ser enganadas. Só do seu desejo são movidas, no em que se determinam são constantes [56'] e na virtude puras, e connosco, como digo, muito mais discretas.
- Germínio Eu antes a quero simpres e desta me temo, porque, vedes vós, Aulegrafia com que todas registam tenho sabido que é sempre atropelada de seus servidores e afeiçoada cousa de extremo.
- Germínio Perdei cuidado, eu tomo a empresa à cautela de não me queimar o sangue. O negócio está em caminho e achar o princípio em tudo é difícil mas achado facilmente se procede até ò fim. Passaremos assi o tempo para aziar da nossa sojeição.
- Artur Sofrível é enquanto não for mais. Vós vedes a visagem deste castelhano que cá vem? Para nós encaminha, é especial figura. Lancemos mão dele enquanto dura o despacho para que enganemos horas tão perdidas.

Cena Quinta.

Aulegrafia, Filomela.

- Aulegrafia Vistes, mana, como fala discreto? Estes são os galantes que eu converso.
- Filomela Parece-me ele de boa conversação.
- Aulegrafia Per extremo, é arminho de brando.
- Filomela Deve ser muito vosso, [57] segundo se mostra confiado em vossa valia.
- Aulegrafia Guarde-vos Deos, somos almas de muito tempo. o homem per quem eu, mana, falar sabeí que o tenho na bolsa, doutra maneira nem por meu pai o faria. Não, nisso sou muito escoimada, a ninguém soffro passatempos à custa da honra alheia. confessar-vos-ei ãa presunção de mim: toda cousa desta calidade em que ponho mão se me deu sempre

bem. Quem cuidais que casou Caterina Teixeira, Bárbara de Fróis e outras, e muitos negócios de muita sustância que se comigo consultam, cujo segredo enterro? E não sou como ãas que eu sei, que tiram de ãas para dizer a outras, e inda bem não sabe a cousa já anda na praça, assi o seu como o alheio. De mulheres vos fiais vós e conversais que não conversaria de siso por todo o ouro do mundo.

- Filomela J'agora sei de quem me hei de guardar. como tenho os bofes lavados assi cuidava que os achasse para mim, que a malícia quem a não faz não a cuida.
- Aulegrafia Não é isso o que agora corre. Haveis de viver forrada de cautelas, tanto que nem convosco sejais singela. E sofrer-vos-ei não usardes tredices se as não tendes de condição, mas haveis de entendê-las. E sabeí que trago a prática do que ouço e vejo, e com os galantes alfanados que cuidam triunfar [57'] de nós sempre os espero armada. Os que não são de laia para serem admitidos não me tomo de sua opinião nem os escandalizo por não me dar por achada da sua confiança, e antes falo bem deles que mal.
- Filomela Eu não posso sofrer madraços que presumem pregoar-se per servidores de quem os não conhece.
- Aulegrafia Esse é o pregão da fermosura, e a molher confiada põe os pés segura por cima de tudo.
- Filomela E que fareis a praguentos que chamam a isso doudice?
- Aulegrafia Rir-me de parvos, que se houver quem condemne esta arte também há de haver quem a aprove. Não se pode satisfazer a todos. Quero portanto satisfazer primeiro a mim e aos do meu bando, e os outros enforquem-se. A toda cousa deu a natureza seu bicho e imigo: o da molher é o homem, do qual tudo lhe é e deve ser suspeito, por o que lhe cumpre ser com ele muito acautelada, por o que o principal é saber do servidor como está de património e se não tem mais que a rama e o fundamento em suas esperanças, inda que seja dos godos, há-se a dama de haver com eles escassa de vistas, descuidada de suas diligências, trazê-lo assi na forja do amor e tê-lo à destra como qualquer mosteiro. Mas se é afazendado aqui é o lançar das contas, porque favorecê-lo depressa por acolhê-lo a [58] risco da pessoa fica muitas vezes em branco. Doutra parte, sopesar-lhe o favor acontece outras horas segurá-lo em breve. O meio disto é nunca lhes dar tanto que possam ir-se alabando, nem tão pouco que se esfriem no amor. E a gentil dama com os olhos paga suas obrigações, e se confessa ou dá penhor da vontade logo fica de menos preço. A nós boas obras nos cegam, a eles avisam. Brandura nos vence, a eles ensoberbece. Amor nos abranda, a eles isenta. E tal é nossa sorte que quando nos tomam por senhoras ficamos-lhe escravas e, por cima de tudo isto, sabeí que quem cuida acertar por si tudo nada acerta. A vida passa-se forçadamente sorteada de culpas, as menos graves tem desculpa e são sofríveis. A tenção lhes dá a tinta, e de um erro nascem muitas vezes muitos acertos. É ofício da discricção saber nos socessos estremar o grão conforme à sazão dos tempos. Não há lei tão justa que não possa ser injusta acerca dos casos humanos, é tão enfermo o juízo humano

que ordinariamente tem razões que se alcançam. Quem melhor se reger terá menos que sentir. Sem experiência não há discricção segura, nem sem erros acertos puros. Donde é muito para agradecer a quem errando depois acerta.

- Filomela Melhor seria acertar sempre.  
Aulegrafia Só a Deos é possível. [58']  
Filomela Muito sabeis, tia, não se dirá que passou por vós o paço.  
Aulegrafia Pois inda, má hora, não quereis que me valesse a mesma corte? A molher que se há de sustentar nestas casas com tão pouco cabedal, como as mais temos que queremos e não podemos e na reputação nos vai tanto, é-lhe necessário lançar redes à ventura, aferrar do azo da vida quando se nos oferecer. Para isto a que é fermosa valhe muito, ser discreta é grão terço e, se ambas, falta-lhe somente a prática do paço, para o que há de ser muito fantisiosa, que até nas feas dá preço.  
Filomela Cousas direis vós hoje que nunca foram escritas.  
Aulegrafia Vedes que eu não sou como essoutras molherinhas que vós conversais, e na conversação vai muito. Fiai-vos de mim, conversai antes dama à vossa custa, que moça do retrete que vos sirva. Dai pouco de vós a quem se quer honrar convosco e conversai quem vos autorize. Gabai todos os homens, sereis benquista de camareiros, estribeiros e pajes de espada; dos senhores e fidalgos vos benzei como de demónio, porque fazem notomia em toda a alma que lhe cai na forja.  
Filomela Ora vos digo que vos ouvirei toda minha vida.  
Aulegrafia Pois palhas é o que vos digo para o que me fica, e o que também [59] importa muito é saber conversar damas com autoridade, que vos sofra a sua donzela sem se vos igualar e a sua aia aprove vossa amizade em tanto que vos apresente os queixumes de sua senhora. Aqui há muito que aprender e em amores de fidalgos, se se vos oferecem, este é o passo mais perigoso e em que cumpre ter grande acordo. Mas vejo já perto Dinardo Pereira, meu afillhado. I-vos embora que tenho que lhe falar.

Cena Sexta.

Dinardo Pereira, Grasidele de Abreu, Aulegrafia.

- Dinardo Anda tão amotinada que a não posso alcançar à vista, mas se mal não enxergo naquela janela a caça. Vamo-nos chegando e quiçá nos entrará dado. A dianteira é minha madrinha Aulegrafia, a outra está de dentro e não lhe vejo o rosto. Mas seja quem for leixai-me ir diante aferrar minha madrinha, e como travar prática vinde-vos chegando e metei-vos em conversação, pois sabeis que é guarda dos portos com que de vontade ou força se [59'] há de apontar todo galante que quer atalhar a coimas.  
Grasidele Eu para mim tenho que ela me faz a guerra a fim dalgum fundamento.  
Dinardo Pois, por tanto vos cumpre mais não entender e dessimular o que entendeis, e com paciência forçada fazer, se puderdes, do tredo fiel.



- Grasidel Dura lei do mundo, que vos seja necessário granjear quem vos faz mal e sofrer quem vos faz bem.
- Dinardo Pois se isso valesse! Tal seja minha vida, mas com sangue baixo que sempre é soberbo se pode e com condições tiranas e bofes danados nada aproveita, e chega já a tanto a malícia que não se satisfaz de aniquilar obrigações, mas tem sua guedelha em contraminar tenções, e minha madrinha é azougue e joga o dou-che-lo-vivo com quantos aqui ancoramos.
- Grasidel Arrenegai de quem virdes temido por roim e aborrecido por perjudicial.
- Dinardo Muito bom é ser benquistado por ser prestadio, mas vai-se desusando. O bom nome perdeu seu preço e juntamente perdeu-se a vergonha ao mundo, e o que antigos faziam por deixar clara memória de sua virtude fazem os presentes por deixá-la da sua cobiça.
- Grasidel São novidades do tempo.
- Dinardo Que tem por remédio entendê-lo e padecê-lo, ora leixai-vos ficar. Que grande engano seria, senhora madrinha, cuidar ninguém [60] que vos pode saber servir melhor que eu.
- Aulegrafia Por certo, senhor afilhado, que essa é a verdade, que ninguém me faz mercê de tanta estima e que vejo o meu brinco como o eu não soubera desejar.
- Dinardo Ah, estás zombando.
- Aulegrafia Não zombo em verdade, mas não é para mim novo que ninguém tem a vossa galantaria.
- Dinardo Ao menos, senhora, na vontade para vos servir não sofrerei competidor.
- Aulegrafia Nem eu darei vantagem a ninguém em lho merecer, porque vos trago cá na minha alma onde não entra outrem, e sempre digo cá antre estas senhoras que sois tábola que não joga na amizade como de um irmão, nem me parece outra arte nem outra conversação como a vossa. Quão longe porém destes milagres esse vosso amigo que lá vem, podem queimá-lo e lançar o pó por todos para a cousa ficar como não cumpre.
- Dinardo Não é o demo tão feo como o pintam.
- Aulegrafia Antes cuido que mais que do bem há-se de esperar o menos e do mal crer o mais.
- Dinardo Antes, senhora, do bem crer mais e do mal o menos.
- Aulegrafia Eu todavia não quisera esperá-lo aqui se me não fora por vos não leixar.
- Dinardo Ah, não sejais má cortesã.
- Aulegrafia Vem-se chegando com seus passos de grou, mas o ar é vosso.
- Dinardo É afeição isso?
- Aulegrafia Eu não na nego, mas contudo é dar o [60'] seu a seu dono.
- Dinardo Não sejais tão justificada que não é sofrível.
- Aulegrafia Se lhe eu mal não tenho caído no chiste de sua confiança ele se virá meter em conversação com todo despejo.
- Dinardo Ah, como sois galante, quem quereis que a não cobice por ouvir-vos?

- Grasidel Se vossas mercês não falam segredo também me, senhora, podeis meter em reste dos vossos, pois o sou a destro com mil desejos de vos servir, senão que me val tão pouco tudo que nem com milagres converterei ãa alma que me converteu de livre a sojeito. Mas, porém, se me conhecêsseis de meu direito ele me sobeja para me haverdes por tão vosso servidor que dou quinze e falta a quem mais presumir sê-lo. Ora pois bem, isto como é? Leixam vossas mercês de falar por mim? Eu se pequei por antremetido, inda que a muitos val, aqui estou oferecido à pena da culpa de que me desculpa a tenção, que sendo sã a ninguém culpa, antes é a tintura de toda obra. E a minha foi de participar tão boa conversação, não como dino dela mas tentando habilitar-me se me assoprasse a ventura, dado que já devera ter entendido o que lhe devia esperar pois me desampara sempre nas maiores afrontas. Porém, senhora, antre bons má ventura não tolhe merecimento. Todavia, como não queria ser pesado [61] e pretendo servir e não ofender, se cortei o fio à prática calar-me-ei, que assaz sandeu é quem não se cala onde não lhe escutam razão, e o trabalho dos trabalhos é falar com ouvidos e não com corações. Eu vou-me antes que mais enfade.
- Dinardo Não senhor, eu vos dou a mão e vá por ambos.
- Grasidel A honra há-se de tomar maiormente dos honrados, com esta porém não me atrevo só, porque não sou para cousa de tanto preço e peso.
- Dinardo Pois eu também confesso que vo-la soltava de não poder com ela.
- Grasidel Quereis-me meter na mouta e arredar-vos? Dessas tenções vos darei per aqui muitos banqueiros. Não pagueis comigo vosso erro de conta.
- Dinardo Essa é outra, já me parece que não acertareis a minha.
- Grasidel Erra-la com tais acertos, qu' é maior ganho que o próprio acertar, e diga-o a senhora Aulegrafia.
- Aulegrafia Sou muito má juiz.
- Grasidel Ao menos em me julgar.
- Aulegrafia Bem, em quê? Vistes aquilo? Pois como? Eu sou disso? Que cousa para a minha arte, julgar nem entender em vidas alheas. Não vivo tão ociosa, senhor.
- Grasidel Não o digo por tanto, mas porque me não julgais nem quereis ter por muito vosso, não desejando eu al.
- Aulegrafia Pague-vo-lo Deos, que eu não me meto em obrigações com que não posso.
- Grasidel Bem sei que não sou marca, mas os [61'] grandes em levantar pequenos se mostram.
- Aulegrafia Como defeito.
- Grasidel E ante falsos juízos a culpa tem louvor.
- Aulegrafia Pois, por tanto.
- Grasidel Todavia entendo que pejo aqui, mandai-me, senhora, que me vá já que assi é, que antes quero consentir em minhas perdas que errar-vos.
- Aulegrafia Não, eu sou muito livre e não me chegam essas cousas, mas já o devêreis ter feito.

Grasidel Condições isentas me tem morto, ora melhor é obediência que desagrado. Dê-vos Deos algũa hora conhecimento do que vos mereço.

Cena Sétima.

Aulegrafia, Dinardo Pereira.

Aulegrafia Oh, como me fica a mão folgada! Leixai-o vós ir rezando.

Dinardo Correste-lo, senhora, e essas cruezas e desprezos não servem para com quem se vos entrega e deseja vossa amizade. Sangue nobre não afronta a quem lhe obedece, antes aceita toda desculpa. Mas a vós, senhora, vem-vos isso de fermosa, que todas sois desumanas e avarentas.

Aulegrafia Pois assi, é e já que o não sou quero parecê-lo. Vedes aí, senhor afilhado, [62] um homem, sem embargo que é vosso amigo, que me aborrece de graça porque cuida que é despejado e de corte, e a meu jeito é tão senabor que nenhum sal lhe acho, e então vem-se antrometer onde o não chamam por cuidar que é discreto e que sabe falar, e por minha vida que o não é muito para arrebentar. Outros vejo eu a que ele não dá pelos pés e não presumem de si tanto.

Dinardo Não sei se lhe sois sospeita ou lhe tendes entejo, que ele não é dos mais perdidos.

Aulegrafia Nem muito ganhado, cuidou eu, com sua dama.

Dinardo É logo sem-razão e ele tem que lhe sois contrária e não vo-lo merece, que eu sei que deseja muito vossa amizade.

Aulegrafia Eu, porquê? Sabei de mim que nunca me antremeto nem entendo salvo no que me cumpre e no meu, sei-o muito bem e não me governo por outrem por quão falsos ou incertos são conselhos alheios para dor própria. Tenho por regra que é suma miséria publicar necessidades e grande pequice notar vícios alheios. Verdade é que se me ãa amiga me diz ãa cousa e me pede conselho não lho sei negar.

Dinardo Queria eu remédio ou não ter necessidade dele. Como esta é douda e enganada consigo.

Aulegrafia E desenganadamente lhe digo o que entendo.

Dinardo Se em meio [62'] não antrevier respeito próprio que faz soçobrar todo juízo, mas ela é toda justificação.

Aulegrafia Porque é molher como eu e somos obrigadas todas ãas a outras, e mais sou muito contrária a escarninhos e tenções dobradas.

Dinardo Fruto do tempo e de carregação nos mais poderosos.

Aulegrafia E por nenhũa serei imiga mortal de ãa pessoa como por saber que trata enganar a quem se fia dela, isso me dá que seja homem que molher.

Dinardo Estranha o que usa por que lhe não furtem a bênção. Senhora madrinha, já passou o tempo das confiadas, neste todos mostram que confiam e não se fiam.

Aulegrafia Antes vos digo que é pequice ser confiada, o desconfiar segura mágoa e culpa. Mas o homem de honra e verdade não há de enganar molher, maiormente as tais e em semelhantes logares.

- Dinardo Se elas não folgassem de ser enganadas para desculpa de seu gosto.
- Aulegrafia Que fica em baixeza e ganha-se pouco, que por derradeiro tudo se sabe e tudo cá entendemos.
- Dinardo Inde mal, senhora madrinha, porque por essas sospeitas e cautelas de vossas mercês pervalecem muitas vezes os maus que sabem contrafazer-se e padecem os bons que carecem de fingimentos.
- Aulegrafia Crede que nunca nos enganam, salvo quando muito queremos.
- Dinardo Dias há que eu isso sei. Se [63] me confessores crerem.
- Aulegrafia E de meu conselho, senhor afilhado, não crieis galinhas onde raposa mora, que estes ditos antigos são muito certos.
- Dinardo Mas vós não entendeis que dando-me dais no vosso borquel?
- Aulegrafia Não há cá molher, por simpres que seja, que não estê além de vossas tredices.
- Dinardo Quisera-lhe mais ùa pura simplicidade. Senhora madrinha, não creais que há homem tão peço que não entenda quão pouco valem enganos nesta parte, nem já há quem os use por oucioso que viva. É má presunção que de nós conceberam dos tempos passados em que houve isso, e não a exortam em querer de nós experiências em que se passa a vida e se gasta o cabedal da fama.
- Aulegrafia Esses serão os que se prezam da verdade, como vós, senhor, de que há poucos e raros. Mas aquele gentil homem, e outros tais que eu conheço muito bem, todas o cá já tem na conta que ele merece, donde creio que seus maus modos não farão impressão.
- Dinardo Ah senhora, quem pudesse estar a muitas amarras em porto tão perigoso.
- Aulegrafia Nem isso aproveita se a fortuna desanda. Portanto, se sois seu amigo conselhai-lhe não seja tão enganado consigo; ria, folgue e leve boa vida, não se ocupe nem empregue o alvo em cousa de sua marca se quer não perder tempo.
- Dinardo Diz [63'] verdade, mas até o bom conselho se há de temer de pessoa suspeita.
- Aulegrafia E por derradeiro estes muito ataimados caem em piores atoleiros.
- Dinardo Estas jubiladas são muito sentenciosas e dão grandes cabeçadas.
- Aulegrafia Ele cuida que o hão de rogar por nome de rico. Bem párvua será a molher que roga homem, por príncipe que seja.
- Dinardo Todas isso dizem e todas rogam quando se lhe oferece caso.
- Aulegrafia Como a molher tem parecer e é discreta tudo merece e tudo se lhe deve.
- Dinardo Desta lei vivem e com ela se condanam porque se aventuram sem fundamento. Esta tem por discrição ter o saber na língua, a honra no despejo e a virtude na ouciosidade.
- Aulegrafia Aquele gentil homem tem grande opinião de o não merecerem. Adiante o achará, que se me a senhora Filomela crer...
- Dinardo Bem diz ele que lhe sois contrária.
- Aulegrafia Folgo de o ele assi crer de mim, ao menos não me terá por párvua pois o entendo. Não digo mais eu que todas, porque o bom nome nas trevas tem resprandor e val em tudo muito a boa reputação, a qual ele tem perdida antre nós por quão falso e mudável é.

- Dinardo Informações falsas tem destruída esta terra, e maus pareceres são os maiores ladrões dela, ninguém sabe disso mais que eu. E é falso e assacado, e fiaí-vos de [64] mim que lhe não sofreria outra cousa por parte de minha prima, de que sou muito amigo, e ela me ouvirá e saberá a verdade.
- Aulegrafia Não, a poder que eu possa. E ela também me crê e faz o que lhe digo.
- Dinardo Senhora madrinha, quem não tem parecer próprio não acerta com os alheios, porque casi sempre em tudo antrevem ódio ou amor, ira ou cobiça dos conselheiros, e o efeito do conselho sempre sabe à tenção de quem o dá. Trabalhai portanto em conselhar-vos convosco no que vos for muito e não vos entragueis a vontades forras da vossa dor, que ninguém é tão justificado que corte por sua afeição. E mais é grande defeito fazer aio do meu cuidado a ninguém. Digo-vos isto por que não conselheis quem porventura vo-lo agradecerá mal sendo vossa tenção boa.
- Aulegrafia Não, minha sobrinha não é párvua, sabeí que o entende muito bem e se me não credes vede o que faz.
- Dinardo Pois certefico-vos que está mal informada e que anda ele mouro por o desconhecimento com que o trata. Tirai-a disto que é mal feito, que perseguir ao necessitado é injúria própria.
- Aulegrafia Eu o desejava, ninguém ande com enganos que a prosperidade dos maus nunca durou muito.
- Dinardo As armas hão-se de tirar ao merencório e não dar-lhas, e a ira [64'] dura pouco nos bons.
- Aulegrafia Senhor afilhado, lá se avenham. Dai-me licença que me chamam.

Cena Oitava.

Grasidel de Abreu, Dinardo Pereira.

- Grasidel O que a senhora tem bom, que me irei eu enforçar por não ser dos seus validos. Dou-lhe quatro figas! Ela me dá vingança de si na conta em que a tenho e eu tão parvo que me arrisco a ouvir seus maus ensinios, que nestas estão tão certos sendo rogadas como as obediências quando vos rogam.
- Dinardo Estas são oficiais de uns pespontados de tredices que se honram de mal ensinados se lhes caís na lança. Peitados são jasmis, se lhe não dais fruto são tojos, e sem isto é graça granjeá-las com diligências, que tudo é cavar afrontas. Aulegrafia veste-se do tempo e cá falámos na vossa pele, mas não está muito vossa.
- Grasidel Nestas certos são os desprezos com quem sintem penhorados de afeição, e o seu gosto é fazer perrarias a corações sojeitos.
- Dinardo Também é preceito do ofício, que como vos vem aução de serviço, por que é forçado tirardes, [65] trabalham por abater-vo-la porque lhe haveis de sofrer tudo. E a concrusão é que sem muita aderência do vosso não podeis viver nem de paciência, e mais havei-la de ter para vos sofrerem.

- Grasidel Nem essa basta, não sei se seria mais acertado ser impaciente e perder per esta via o que per estoutra não se ganha. Algũa hora hei de ser livre e falar fouto do palanque para rir de valias tão sopesadas.
- Dinando Não vos apresseis, que tudo tem sação. Falarei com minha prima e determinar-nos-emos. Agora vamos ao paço.

Cena Nona.

Agrimonte, Artur do Rego, Germínio Soares.

- Agrimonte Beso pies y manos de vuestras mercedes.
- Artur As vossas senhor.
- Agrimonte Dar-me ha vuestra merced, por dicha, recaudo y noticia de un hombre que anda en esta corte, de mediana estatura, y tiene una capa qual esta mía.
- Artur Notai como vem real! Sem o nome, per esses sinais, pouco vos saberemos dizer.
- Germínio Como se chama?
- Agrimonte No lo sé en verdad, ni más dél de quanto es un hombre de mi [65'] oficio, y por eso le pescudo.
- Artur Gracioso vem, quer-se-nos dar a conhecer por hábil.
- Agrimonte Cómo, señor, conócele?
- Artur Que oficio é o vosso?
- Agrimonte Mi oficio, señor, componedor.
- Artur Bem está, como o conheci logo! Eu farei deste brasa porque cuida que é sutil.
- Agrimonte No me entiende vuestra merced?
- Artur Não, bofé. Que chamais componedor?
- Agrimonte Como son nescios los portugueses. No alcanza entenderme, señor, por su vida?
- Artur Broslador quereis dizer?
- Agrimonte Que no señor, hombre que compone.
- Artur Ah si, bateis ouro! Batifolha chamamos cá.
- Agrimonte Qué diablo de batihoja, válasme la trinidad! Nunca ha visto trovas, coplas, rimas?
- Artur Nunca al soube toda minha vida.
- Agrimonte Trova vuestra merced?
- Artur Não.
- Agrimonte Mas de verdad que trova?
- Artur Não por certo, mas é cousa sabida.
- Agrimonte Pues quién hace coplas llamamos allá en Castilla componedor, porque compone en su orden y regla, rima y compostura aquellas sílabas y pies de que se hace el verso, y de los versos compónese la trova o copla que se dice de copula, figura latina que quiere decir y significar congregación, unión y ayuntamiento, por quanto es una cierta composición de palabras y razones metrificadas, arte muy tratada y aun muy necesaria y importante para caballeros que [66] sirven damas en sus galas e invenciones. En tanto que estoy por decir que es nescio,

- o casi, el que no la sabe medianamente sequiera. Toma ora vuesa merced? Hame entendido?
- Germínio Salgado é em cuidar que o não alcançam.
- Artur Já estou convosco.
- Agrimonte Cómo señor, que le conozco?
- Artur Entendo-vos muito bem.
- Agrimonte Pues mire más, por su vida: componedor puede también llamarse el músico que hace una unión de voces perfetas e imperfetas, sonantes y disonantes, como decimos, tercera, cuarta, quinta, etc., que son buenas y sonantes; segundas, sétimas, etc., que son disonantes y no las sufre la oreja sino que, mezcladas las disonancias y consonancias, hacen la compostura de gentil melodía. Y desto también algo se me entiende cuando se ofreciese, y de un laúd, y pasar una pavana y todo lo demás.
- Germínio Como é çarrado um castelhano em parvo, e não é nada senão que cuida ele que está sobre nós e que nos tem espantado com suas habilidades.
- Artur Finalmente que fazeis trovas.
- Agrimonte Hace hombre lo que alcanza con su flaca posibilidad, a lo menos publica sus necesidades cuando hay oportunidad.
- Germínio Nunca maior verdade dissestes.
- Artur E pois trazeis algũa cousa que possamos ver?
- Agrimonte Muchas traigo, mas quedarónseme en la posada.
- Artur Não vos lembra algũa de cor?
- Agrimonte No entiendo, [66'] señor.
- Artur Não sabeis algũa de memória?
- Agrimonte Ah, ya le entiendo, dice vuesa merced si se me acuerda alguna. Este su lenguaje es diablo! Yo hice aquí unas a un caballero, o hidalgo que acá llamáis, y voto a tal que mucho más preciara no habellas hecho, porque gasté los sentidos en componellas, qué tan sotilísimas y eloquentes iban!, y el no me dio por ellas blanca.
- Artur E que tratavam?
- Agrimonte Loores que en él por cierto no hay, que si las hiciera al menos caballero de Castilla me diera cuando menos cien ducados.
- Germínio Nenhũa regra tem em mentir.
- Agrimonte Yo pienso que no las entendió, según hizo poco dellas.
- Germínio Seriam tais que o mereceriam.
- Artur Espanta-me, porque portugueses nobres nada tem próprio para castelhanos, e lá os vossos não os temos por tão dadivosos.
- Agrimonte Cómo dice, señor?
- Artur Liberais, quero dizer.
- Agrimonte Oh pesia ti mal grado, pues dónde se halláse allá la flaqueza y la magnanimidad? Más terciopelo rompen los lacayos de Castilla que las arenas en la mar. Castilla, señor, no tiene que ver con el restante del mundo, todo lo demás en comparación della es aire. En ella hay las mineras de plata y oro que descenden al profundo, pues los graneros, los axarafes, etc., no hay lenguaje que baste explicallo. Vuesa merced ha de tener por entendido [67] que todo es burla sino Castilla la vieja.
- Artur E Portugal que vos parece?

Agrimonte Razonable tierra, mas cosilla, no tiene Castilla en él un trago. Yo seguro que es mayor que él por lo menos una milla la vega de Granada. Esto sin duda, si no me engaño.

Germínio Tudo lhe eu perdoara se ele não cuidasse que o críamos.

Artur Melhor o tendes, que ele mesmo se crê e o tem por fé.

Agrimonte Mas a lo que diximos de los nobles no ha más afabilidad y llaneza. Acá vuestros caballeros todos son fantasía que no se sufre.

Artur Não podeis negar que realmente temos cá o ponto em favorecer estrangeiros mais que outra nação algũa.

Agrimonte No sé d'eso, yo en mi tierra quisiera verme.

Germínio Naturalmente são ingratos connosco.

Artur Tornemos a nosso propósito: por vossa vida que digais a primeira trova.

Agrimonte No se me acuerda, en verdad.

Germínio Agora ta creio menos.

Artur Dizei logo algũa que fizésseis, que sabido está que todos os autores sabem suas obras melhor que a oração.

Germínio Que é grão perrice.

Agrimonte Que no señor, para que quiere vuesa merced ahora oír torpedades de un castellano nescio?

Germínio E a ti quem to nega? Mas sobr'isso andamos.

Agrimonte Endemás que no sé cuan aficionados los portogueses son a cosas de castellanos.

Artur Extremadamente, os portugueses [67'] de nossa boa condição.

Agrimonte Nunca más medréis todos.

Artur Somos tão incrinados à língua castelhana que nos descontenta a nossa, sendo dina de maior estima. E não há antre nós quem perdoe a ùa trova portuguesa, que muitas vezes é de vantagem das castelhanas, que se tem aforado connosco e tomado posse do nosso ouvido que nenhũas lhe soam melhor, em tanto que fica em tacha aniquilarmos sempre o nosso por estimarmos o alheio.

Agrimonte No diré yo eso de mí, que tan aficionado soy al mi natural que ninguna cosa me parece mejor que el castellano. Que digo, mejor? Ni aún tan bueno.

Germínio Todos são, em extremo de si, de abonar e estimar o seu por melhor.

Agrimonte Esto está claro, que la lenguaje castellana es una laguna y una mar oceána que vence a la misma copia, pues en la poesía es cosa espantosa. Y queréislo ver? Mirad quién trovó como Juan Roíz del Padrón, el Bachiller de la Torre, Cartagena, Grací Sánchez y mil cuentos d'otros. Señor, nadie quite el loor a nadie.

Artur É verdade, mas sabeis quem me aborrece muito no vosso Cancioneiro Geral? As graças do Roupeiro.

Agrimonte Oh, pesia tal, ese fue extremado dicidor. Pues Juan poeta no le va en saga.

Artur E o judeu que fez à rainha dona Isabel a cantiga Alta reina soberana, [68] que razão houve para não ser queimado por tão diabólico atrevimento e clara heresia?



Agrimonte Oh señor, de los hombres es errar, son acometimientos de ingenios sutiles que no pára hasta lo infinito.

Artur Ora por amor de mim que nos digais algũa cousa vossa.

Agrimonte Que no cure, señor.

Artur E vós quereis que me custe tanto? Ora leixai-o.

Agrimonte Entiende vuesa merced el castellano?

Germínio Vem-se das pontas.

Artur A linguagem facilmente a entendemos todos.

Agrimonte Y trovas, ha entendido?

Artur Não sei, parece-me a mim que si. Dizei vós, veremos.

Agrimonte Pues oiga ahora y tenga tento y el sentido vivo porque va per comparaciones, cosa de más dificultad y artificio, y tanto que dudo lo alcanzará sino apenas.

Germínio Por força nos quer fazer parvos.

Artur Como conosco são boçais tais cuidam que somos com eles.

Agrimonte Dice pues así la letra e introito, y note con especulativa atención como va subida en estilo y en sentencia, que, en buena fe, después de habela hecha más estimé y precié su composición que si me hicieron conde.

Germínio Açoutado te veja que assi és prolixo, maldito juízo que tem.

Artur Caro me custa já pairá-lo.

Agrimonte Digo, señor, que escuche:  
 Bien como todo elemento [68']  
 se va siempre al natural  
 así vuestro pensamiento  
 busca de su nacimiento  
 hacer obras de inmortal.  
 Y la diosa gigantea  
 sobre las nubes levanta  
 vuestra gloria que se canta  
 por el mundo, porque él vea  
 que hasta Proserpina espanta.

Artur Ah diabo, como está boa.

Agrimonte Pensé que le pareciese mal en buena. Ce, esto es castellano purísimo!  
 Hala entendido?

Germínio Parece-me que lhe hei de dar ãa pescoçada porque me vai enfadando com sua simplicidade.

Agrimonte Diga ora la sentencia, veamos.

Artur E quereis que me lembre já?

Agrimonte No puede juzgar la especulación que se requiere para alcanzar el profundo sintido sin saber primero la intención del autor, porque va mucho en esto. Oiga por tanto, porque la entienda.

Germínio Estou esperando quando vos há de chamar parvo, que bem dá a entender ter-vos por esse.

Artur Leixai-o vazar que eu voltarei sobre ele.

Agrimonte Esto, señor, es todo filosofía y metafísica y razón natural del filósofo que dice en [69] los Metauros: toda cosa vuelve a su elemento. Aristólica doctrina y Platón en sus Diálogos lo toca. Escuche que yo

me aclaro, como decimos: hecha una piedra hacia el cielo, perdido y acabado aquel violento ímpetu y fuerza que la mueve cae en la tierra, su naturaleza; sopla una candela, a la misma hora se vuelve aquel fuego que la encendía a su región lamental do procede. De las aguas no hay quién no sepa que toda se ahunde en la mar, Salamón lo dixo: todos los ríos van a la mar. Donde le aludió singularmente el Manriquez: nuestras vidas son los ríos, que van a dar en la mar. Secretos son profundos de Dios que puso en las creaturas. Cae vuesa merced en esto?

Artur Muito bem.

Agrimonte Pues luego lo mismo, porque apliquemos lo dicho. Como nuestro ánimo sea inmortal, cuestión harto ventilada, más esto es lo cierto, aunque muchos filósofos lo ignoraron, e yo no lo dudo. Trabaja pues este ánimo compelido de su inmortalidad y pretende hacer obras inmortales, lo que se ve claro en los generosos y nobles de heroicos espíritos, según vuesa merced ora es, y otros tales.

Germínio Como é nestes certo ser meigos e lesunjeiros a fim de seu interesse.

Agrimonte Por donde queda la comparación prospísima, linda y galana, aunque en el caballero a que la hizo [69'] quedó muy falto que debiera cumplir para conmigo.

Germínio Como está magoado, todos são amigos de seu proveito.

Agrimonte Acá en Portugal, pienso, la gente no es destas cosillas de ingenio y de ciencia, ni creo las entienden, y de aquí viene no preciarlas. No hay otra tierra sino Castilla para hombre vivir por su habilidad y ser conocido, tratado y regalado entre los mejores que, en buena fe de gentil hombre, con mi capa rota, me sentaría entre duques y mayorazgos. Pues y qué tales? Los ifantes de Carrión y los de Lara, ya los habrá oído nombrar. Hartas vegadas, por vida del rey, me he visto con el duque del Infantazgo y con él de Najara pareja como hermanos, platicando en donaires y mil cosillas buenas sin hacer diferencia de personas.

Germínio Tudo a pouca vergonha ousa e faz.

Agrimonte Portugal, señor, no es para hombres de bien.

Germínio É logo para velhacos como tu és, todos dizem mal dele e vem-se cá como à terra de promissão.

Artur Há muito que viestes de Castela?

Agrimonte Quince días habrá que soy llegado en esta ciudad, y Dios sabe que nunca pensé venir a ella, a lo menos tan destrozado que se afrenta la persona de sí mismo en mirarse tal.

Germínio Já tardava o fazer-se fidalgo, há de dizer que vem por homezio.

Agrimonte Empero, pues Dios fue servido él sea loado, [70] con todo yo me satisfago y contento con tener ingenio mediano y no ser del todo nescio, como los ha muchos por acá, ca mientras la persona tuviere salud no le ha de faltar del pan, porque la ciencia en toda parte es mantenimiento y provisión. Y como dicia él otro: todos mis bienes traigo conmigo. Así lo experimentó aquel tirano Dionisio, rey siracusano, que cayendo de su silla real vino a enseñar muchachos. Mueve Fortuna sus aguas dulces. Harto descuidado vivía ya della, mas

como raramente perdona a los buenos hallóme quizá de su jurisdicción porque no pudiese alabarme del mundo traidor. Bien lo dixo por cierto aquel legislador Solón ateniense al rico Creso, que antes de muerto no pensase llamarse dichoso.

- Artur Sei que houvestes lá algũas desavenças.
- Agrimonte No entiendo, señor. Qué llama desavenças?
- Germínio (Somos gregos para eles e o dia que entramos em Castela cumpre-nos trocar a linguagem por que nos entendam, e assi o fazemos, e eles de brutos e maçorrais em toda sua vida alcançam a nossa vivendo antre nós.)
- Artur Brigas.
- Agrimonte Ah bregas, cuistiones, pendencias, disensiones, mire como es copiosa nuestra lengua.
- Germínio Para mentir tudo o seu é bom.
- Agrimonte Señor sí, a servicio de vuesa merced, bregas han sido y harto reñidas [70] en buena fe, que jamás falta un roín para desasosegar los buenos. Ca en verdad, ansí Dios me vuelva sano delante los ojos de mi cara madre y señora, y si no que nunca recobre mis pérdidas, no era más mi propósito aquel que ora vuesa merced puede tener de echarme en la mar, pero no se pueden sufrir afrentas, endemás delante damas y adrede. Fue el caso que yo, señor mío, andaba en casa del almirante y tenía su acostamiento, y aun era harto de su seno, y un sobrino suyo, de invidia, quiso afrentarme adrede, y hubiéralo hecho sin duda según venía aderezado si no me hallara aprecebido con seis hombres, por Dios del cielo, todos hechos como relojes. Me toma en una calle angosta, que estaba yo con mi guitarra diciendo una prosa a cierta señora frontera en un terrado. Yo, viéndolos desenvainar, hago un tiro con una pelota y hecho los dos por tierra como lo pudiera hacer con una escopeta, y con mi espada y rodela, que es una buena arma defensiva para tales tiempos, arpelé a todos los cuerpos como si traxeran armas de casco de cebolla. En esto sobrevino la justicia, yo, por no caer en manos della y ser necesario sufrir su mala creanza, sálgame como león por antre los porquerones, hiriendo a diestro y a siniestro en ellos como [71] en abejas.
- Artur Não sei qual é mais parvo: eu em ouvi-lo ou ele em cuidar que o creio.
- Agrimonte Y después que acá soy venido, porque yo no paré hasta pasar la raya...
- Germínio Essa creio eu.
- Agrimonte Hánme dicho que de mortajas hice ricos los clérigos, y para curar los heridos fueron llamados los médicos de Aragón por no bastaren los de Castilla.
- Germínio Isto já não é pouca vergonha mas suma simplicidade, e leixai-o ir gabar-se de nós a Castela.
- Agrimonte Ansí que, señor, esta ha sido la causa de mi desdichada venida en estas partes, loado Dios, con mi honra sana.
- Artur Como é vossa graça?
- Agrimonte No entiendo, señor.
- Artur O vosso nome.

Agrimonte Mi nombre, señor, Agrimonte de Guzmán, a servicio de vuesa merced y de los buenos.

Artur Sois da casa de Gusmão?

Agrimonte Señor sí, a lo que mandare.

Artur De que terra?

Agrimonte De Sivilla, la Noble.

Artur É grande povo?

Agrimonte Toma por ahí sí es grande, es cosa de admiración.

Artur Abastada?

Agrimonte No se puede pensar ni imaginar. Por Dios, más anegas de trigo, pienso, coge Sivilla que hay pejes en la mar y estrellas en el cielo. Pues el aceite de su axarafe, válgame la verdad, que no querría descomedirme, mas sin duda puede haber otro diluvio si a caso lloviese.

Artur Ouvi e vereis onde pára. Será tamanha como Lisboa?

Agrimonte Más, mi padre, es [71'] Lisboa un rincónçillo de Sivilla, estoy por decir que solamente la iglesia mayor es tan grande, si mayor, como Lisboa. Y no le quito ser harto populosa, pero no tiene que ver con Sivilla. Pues las gradas donde es la lonja o lugar do concurren los mercaderes es bastante para recoger en sí un ejército mayor que el de Xerxes, aquél que mandó azotar la mar por le ser rebelde y no querer obedecelle.

Germínio Bem emperrado está este, e todos são assi.

Agrimonte Si vuesa merced viese la casa de la contratación donde ocurren todos los negocios de las Indias y se despachan por tres oficiales della! Válasme Dios, y que de maravillas hallara, allí podiera ver más ídolos de oro y plata... yo vi con estos ojos, sin otros, muchos que no tienen cuento. Allí un ídolo que si le pusieron en mitad desá mar representara la torre de Babilonia.

Germínio Já não estou por o seu mentir, mas ser tão parvo que cuida que o cremos, a isto não há paciência.

Agrimonte Día ha, señor, en que entran dos mil naos cargadas d'oro, plata, perlas, aljófar y otras riquezas que no tienen suma. Tinaja de oro traen en que seguro yo sin duda que quepa el Tajo. Hay nao que trae cien mil arrobas de plata. Salen de la casa de la moneda cada día recuas de oro y plata amonedada como si sacasen agua del Guadalquivir. [72] Es cosa de ver, los montones que en ella hay!

Artur Espantado me tendes, não cuidei que havia isso no mundo. E essa cidade será calçada de prata?

Agrimonte Sí señor, pues si viese su alameda, donde las damas van por su deporte espaciarse en sus coches! No hay cosa de tal recreación!

Germínio Mas de tanta dessolução, e sofre-se!

Artur Segundo isso pouco vos contentará esta nossa terra, que é toda pobreza e pouquidade.

Agrimonte Fasta agora no me satisface mucho, más concepto tenía della, mas por eso dixo el otro: de luengas vías...

Artur Pois que determinais fazer aqui?

Agrimonte Querría asentar con el ifante Don Luis, cuya fama de magnánimo príncipe favorecedor de toda habilidad vuela por el mundo.

Artur Sabei que em partes de sua real pessoa, condição real, animoso espírito e peito criador da virtude, que nada deve aos presentes. E eu fiador que se ventaje aos passados oferecendo-se tempo de se mostrar.

Agrimonte Por allá nombradía tiene.

Artur Com justa razão.

Agrimonte Yo le tengo hecho una obra en poesía de cuanto arteficio pudo imaginarse.

Germínio Estes como são de se apegar ao melhor, em pondo olhos em Portugal logo amarram suas esperanças no ifante, que é a gema dele.

Artur Fazei-me mercê que me digais algũa cousa que vos lembre dela, porque [72'] tendes matéria para vos espraïar em seus justos e dividos louvores, se os tratais dele, mais que Homero nos de Aquiles.

Agrimonte Pues por tanto, oiga, vea y sienta, que quanto la materia sobra a la obra tanto la obra se levanta y suena con altísimo boato, pues dice y propone para tratar:

Tome su cítera el délfico dios  
las diosas tespiadas hagan su coro  
y vuestro loor relumbre como oro  
según que en nascidos soys el Febo vos.  
A mi flaca musa en esto empleada  
preste sus alas aquel Pegaseo  
y tiña la tierra el mavorcio Alseo  
cual Libia quedó de monstros sembrada.

Artur Vai profundíssimo, não se pode negar. Vós devíeis estar afinado quando tal fizestes.

Agrimonte Es todo poesía encendrada y hágolo yo a la manera del Claro y Obscuro de Juan de Mena, si le ha visto, que nadie ha podido imitar fasta agora. El estilo es heroico, en que se cantan los hechos de los hérois y quanto más va adelante muestra más ciencia. Y esto es solamente el exordio.

Artur Dizei-me, trazeis alguns chistes novos?

Agrimonte Muchos hice ya, empero lo que al presente se usa más en [73] Castilla es buena prosa.

Artur Que chamais prosa?

Agrimonte Siquiera vuesa merced no entiende? Nunca escribió carta misiva a su dama?

Artur Já vos entendo, cuidei que eram cantigas para andar às Janeiras.

Agrimonte Que diablo de Janeros? No hay quién entienda esta vuestra lenguaje. Llamamos prosa un razonamiento. Pónese un caballero y un galán con una guitarra y habla cantando con su dama, ni más ni menos, como un coloquio o diálogo enamorado y galano, y es cosa de mucha recreación y pasatiempo.

Artur Sabeis algũa?

Agrimonte Yo hice una extremada a mi propósito, y en buena fe que la estaba cantando cuando me acaeció la desgracia que le he contado ser causa de mi destierro.

Artur Ora dizei, por vossa vida, por ser cousa nova que deve ser aprazível.

Agrimonte No sé si se me acordará. Pienso que empezaba desta manera:

Prosa:

Ce señora, que se va el tiempo, prestad siquiera a mis terribles ansiedades aquellos zahareños e indiablados oídos que de mis inficionadas y orgullosas quejas hacen colación. Vengan ya los relámpagos de su rubicunda [73'] vista y el trueno de la orgánica voz aliviar a los circunflexos deseos deste miseratísimo corazón por coger un átomo de gusto daquellos rutilantes garzos ojos que me traen embelesado. No le oigo con el ladrido de los perros, que por haceros la voluntad muestran quererme dilaniar a manera de vuestros cordeales deseos que me tienen hecho otro Acteón entre sus hambrientos donaires. Donosa estáis, señora. Pues por vida de los ángeles que si los dioses y titanos gigantes se hiciesen de una conseja y viniesen contra mí en las carretas que Dario hizo contra Alexandro no harían mella para hacerme dar paso atrás de la ingrifada opinión de serviros. Calla, que es zombería eso. Fresco hace por el calor en que me enciendo como fénix y por la fénix. Tal me tiene que pienso estar en medio de las sulfúreas grutas de los cícoplas. Bueno estaría por cierto quién descender a sacar dentre las fraldas de Proserpina el trifauce Cerbero no creese ser él mas chico servicio que por serviros sin serviros hacer puedo. Hacéisme cosquillas de celos, pues allende del cielo le cumple volar para se erradir y escapar de mis manos. Bien sé que vuelan mis adriméticos sentidos por cazar de escalera mi desventura mejor que el ave de Júpiter. [74] Ah, derreniego de la composición esférica. Qué niñerías son esas? Hago pleito y homenaje a la clava de Hércules y al tridente de Neptuno que, si suelto la rienda a mi coraje, de mis ojos eche centellas de fuego que abrasen la mar y le consuman. Y si disparo los congelados sospiros míos la menos cosa que harán será llevar los elementos como pajas a anegillos en las aguas del cielo cristalino. Juzgad pues cuanto os quiero y si la razón por la sinrazón que me fuerza y esfuerza la fuerza que fuerza mi pensamiento a sentir lo que no sentís y siento no sintirdes para que yo sienta vuestro desabrimiento, etc.

Y va por aquí discurriendo, en que pasan grandes altercaciones de parte a parte, donaires, rencillas, amistades y pasos sotilísimos de entrambos, cosa mucho para oír de quién bien la propone.

Artur E é grande?

Agrimonte Bien será de seis o siete pliegos de papel.

Germínio Como é prolixo um castelhanao.

- Artur Ora algum dia vos hei de ouvir cantá-la, que deve ser muito para ouvir, e haveis-me de fazer mercê dalguns papéis vossos, porque eu para cousas destas despir-m'-eis.
- Agrimonte Yo holgaré de servir a vuesa merced en lo que se ofreciere.
- Artur Eu também vos servirei.
- Agrimonte Adónde [74'] le hallaré?
- Artur No paço, e dar-vos-ei a conhecer com os cortesãos e daí iremos à minha pousada.
- Agrimonte En buena hora, mañana yo vendré. Beso las manos a vuestras mercedes dos mil veces.
- Artur Beijamos vossas mãos.

Cena Décima.

Artur do Rego, Germínio Soares.

- Artur Nam gostastes muito da sobeja linguagem do castelhano? E como vinha real!
- Germínio Jurarei que vai jurando que vos tem acolhido, porque todos cuidam que nos vendem com sua sotileza.
- Artur Não vem connosco palmo de terra, e nós somos tão apagados que os ouvimos de siso.
- Germínio Dir-vos-ei ãa verdade: todos somos de perdoe-nos Deos. Também antre nós há manqueiras que nos eles notam com muita razão, mas eu tenho que somos nós com eles humanos e eles connosco ingratos, porque aceitamos suas cousas com gosto e eles sofrem mal as nossas. O pior que lhes eu acho: atinarem mal a verdade de nós, tendo tanta vezindade e comunicação. E parece que [75] não gostam o bom nome português, achando a nossa amizade tão certa que nunca lhe erramos nela.
- Artur Não sei se somos assi com toda nação que se nos acha em descoberto. Não nos perdoam e fingem-se amigos, quando não vem a sua.
- Germínio Tenho que é inveja que nos tem, e que nos encalma e afronta lealdade e cavalaria portuguesa.
- Artur Como se rirão disso todos.
- Germínio O castelhano de nós rindo vai e nós dele, Deos sabe quem tem razão.
- Artur A razão é que nos soframos todos, pois é tão esquiva a natureza humana que de nada se satisfaz e de si própria sente menos, e a inveja reina antre os conhecidos, por o que se há de viver de tanto me dá para com o mundo, visto que quanto mais pretendeis granjeá-lo menos o satisfazeis. E os que vedes que vivem de artifício contrafazendo-se em branduras, cortesias e afabilidades, e tredos sobretudo, também são entendidos e tomados às mãos. Por maneira que tudo é: se cuidastes cuidamos, e então seja discreto quem vós quizerdes que eu não sei se há algum sesudo.
- Germínio Pois, portanto, sabeis qual é o bom de tudo? Ser muito namorado, porque com este aziar dais vento a outra dor.

- Artur E eu disse sou. Vamos por aqui e mostrar-vos-ei ãa rapariga que me não quer mal, e como o pai é [75'] rico e não tem outra sou-lhe devoto e pretendo encravá-la, porque faz muito em meu partido cair neste atoleiro.
- Germínio E parece bem?
- Artur Isso logo lho escusarei, se quereis que vos fale verdade, porque como tiver aquela cousa a que chamais moeda per que me honram na igreja antre bons e na praça antre roins logo supre minhas faltas, e as suas eu lhas sofrerei como não desfazem em minha pessoa nem prejudicam meu estado.
- Germínio Freos dourados não fazem o cavalo melhor, e assi ninguém deve gloriar-se senão do que for seu próprio.
- Artur Pois, portanto, vossa razão faz mais em meu propósito.
- Germínio Desfaz logo vossa danada tenção em vosso gosto.
- Artur Haveis vós que é pequeno gosto encher-me ela a casa de dinheiro e com ele muito descanso para o meneo da vida e muita honra nas conversações dela, e não dos cuidados e fadigas que trazem essas muito fermosas pobres? Quereis que vos diga? Esperança de prémio é consolo e esforço de trabalhos. E já que os hei de ter em servi-la não faço mau fundamento.
- Germínio Todavia, o contentamento é todo nesta parte. Tevesse eu este e vós os tesouros de Midas, de que nunca sereis farto por sua calidade, porque crece a fame com a abastança no avaro como a sede com a água [76] no hidrópico. E casar com molher fea mas rica é ter bem de comer com fastio. Achá-la boa, esta é a maior riqueza, nem há cousa tão gostosa. E pois não é pobre o que tem pouco salvo o que deseja muito, não importa também que tal é o estado se vos ele não contenta, por o que quero mais que tudo o meu contentamento.
- Artur Eu assi o digo. Que mor contentamento que casar com molher que tem moeda para sustentar a vós, òs filhos e òs seus apetites, e não com a que traz para casa presunção sem raiz? Gasto de excessos além de sua sorte, e o coitado cave, roce para lhe sustentar a fantasia, nela imprópria e para ele afronta. Se o quero fazer não posso, se o não faço não vivo. Assi que vos armam rostinhos sem lastro de bom cabedal. Eu não me fio tanto da fortuna, serei parvo e mau galante, que sobr'isso não debato, mas dai-me dinheiro que o al terá remédio e com ele far-vos-ei da senhora hortas de Valença.
- Germínio Isso é logo casar cobiça com dinheiro e não homem com molher. O casamento há de ser fundado sobre amor e não interesse, donde Licurgo mandava em suas leis casarem as virgens sem dote para que nenhũa por pobreza fosse enjeitada nem por rica cobiçada, mas escolhida por sua própria virtude, que assaz e bom dote [76'] é o da casta e virtuosa.
- Artur Andai vós a bons dichos de filósofos que o tempo é muito disso. Essa moucarrice passou já e se Diógenes, como dizia Aristipo, já então soubesse o usar dos reis não comeria verças, e outro tanto vos digo eu: se gostardes dos prazeres da riqueza e cairdes bem na conta de seus próis e percalços rir-vos-eis doutra fermosura, porque não podeis



negar que a necessidade em toda cousa é trabalhosa e ao homem sobretudo lhe é necessário possuir e tudo o al pode escusar. E inda que tenha a prudência de Radamante e saiba mais que Sísifo não conjunta. O nervo da guerra dizem que é o dinheiro, e eu digo que é nervo da vida e o todo, e de tanta força que tudo arrasa. Este dá gosto, dá molher, dá pai, dá filho, e se falta fica tudo engelhado como terra sem água, pois amores nenhũa cousa outra os faz corridios como dinheiro. E sabeis que é sangue e alma do homem que se o não tem anda morto antre vivos. E sabeis quanto pode? Que resiste à má ventura, à infirmitade e a todos os males. Encobre as faltas, aformosenta os defeitos, adquire as vontades, faz suave e aprazível a conversação. E aquele corno da abastança que os pintores pintam com frutas e flores é a figura do dinheiro [77] com que tudo vos sobeja: amigos, valias, herdades, tudo enfim, acatado do povo, servido de quem vo-lo não deve, sofrido dos que vos tem por insofrível, discreto sem o serdes, venerado dos imigos, e até a natureza vos renova, porque sendo desmazelado, feo, apagado e mudo vos converte em lustroso, galante, conhecido e eloquente, e até enfermo o faz contente por os remédios que lhe sobejam e a outros faltam. Por onde não deveis acoimar-me pretender ser rico sendo o sê-lo tão necessário, tão frutuoso e tão sabido, inda que gema com mimo de gota, que eu para mim tenho que não há pobre são pois não há maior necessidade, e ride-vos doutra discrição pois sem dinheiro não tem lustre nem voz. E por isso respondeu Simonides, perguntado qual era melhor possuir, riqueza ou sabedoria: vejo os sabedores frequentar as casas dos ricos, e agora dissera idolatrar os poderosos, e de maneira que ãa bolsa de couro per si é sem preço, val segundo o dinheiro que tem, assi os ricos que de sua natureza são nada são estimados segundo o dinheiro que tem, porque vemos que os incrinados e dados à música, às artes e a tudo o mais que quiserdes, todos juntamente desenham seu final intento ao ter dinheiro, e como tem este tudo o al desprezam ou [77'] tem por acessório, porque com o dinheiro lhe entra o crédito, a discrição e quanto podem desejar. Agora filosofai vós quanto quiserdes, mas a verdade é esta.

**Germínio** Não podeis negar da riqueza ser viciosa e soberba, de pouco saber e covarda esfaimada, porque quanto mais tem mais deseja. Envejada, acoimada, não estima os bons dotes da alma porque se funda no que tem e com o vício corrompe os do corpo, perde o sono, que é o maior descanso da vida. Tudo lhe é sospeitoso, os seus filhos são os piores porque os dana a abastança. Se quer lograr-se gasta-se, o guardá-la é trabalhoso cuidado, o adquiri-la desejo insaciável. E dizia Sócrates que na cidade próspera e na casa rica não acha a virtude morada: quando vivo aborrece, quando morto não chorado, e mil outros males que o rico não entende e padece. E basta que a fortuna dá a riqueza, a escasseza a conserva e a liberalidade a desbarata e raramente dura.

**Artur** Cousa tão experimentada no uso de cada dia é escusado profiá-la, e a vós mesmo vos dou em prova.

**Germínio** De modo, senhor, que vossa dama é fea e querei-la arraiar do alheo.

- Artur Não digo eu tal.
- Germínio Dai-lo logo a entender em procurardes sustentar o partido das feas.
- Artur Entendei-me vós, senhor. Eu digo que não me [78] mato por fermosura, tal estreme, quanto ora muito, que antes a queria amoedada, ca bem sabeis que beleza e virtude não casam neste tempo.
- Germínio Não deixa de ser mal feito e bruteza de juízo. E por isso dizia Aristóteles, preguntado por que eram amadas as cousas fermosas, que era pergunta de cego, e por tal deve ser tido quem não se render à afermosura, maiormente virtuosa, e a não antepuser a todo o al que o mundo tem, que esta ganha amigos e não pode ter imigos e é na molher qual a força no homem. E de não se ter muita conta com a virtude fermosa cuida que há muitos mal casados, que é um laberinto infernal de que não se sai salvo por morte. Ora não vos lembre isto.
- Artur Senhor meu, há-se de viver com o tempo que põe e tira leis, o qual nós mesmos fazemos mais custoso para nós com nosso descomedimento e novos excessos. E deste erro nace todos os outros maus foros que temos admetidos: estranhamos e seguimos, culpamos e fazemos.
- Germínio Assi é, mal pecado. Ninguém pode fazer o que entende, ninguém entende o que deve, e o mundo todo é qual Deos melhore.
- Artur Pois, portanto, é bom quem pode melhorar-se em ser rico para ser nobre. E, antes que cases cata que fazes, que não é nó que desates. [78'] Casar pobre é desventura que dura até morte, porque a pobreza, sabeis vós quanto quiserdes, sempre foi afronta para a vida e fermosura não mata fame. Mas por cima de tudo isto assi pareça a minha dama como me ela parece. Os seus olhos são cometas, pois o rosto é da estrela boeira pondo-se o sol. Cabelos, não há mais linho alcâneve. As mãos, não venham alféloas d'açúcar refinado.
- Germínio Nova maneira de gabos é essa.
- Artur Pois quereis que seja eu tão parvo que me lance pelo estilo dos poetas, que todos vão dar consigo em um mar de etiguidades que enfastiam?
- Germínio Eu, senhor, tenho minha poesia nova e faço minha viagem por fora da rota de João del Ecina, e benzo-me da vitola dos antigos como de espirro, porque são músicos de fantasia sem arte e não alcançam o bom d'agora, que tem furtado o corpo a idolatrias contempativas. Quando lhe dizia en tus manos la mi vida encomiendo, condenado e então logo morriam, vinham os testamentos, os infernos d'amor, e tudo era aire. E vós jazeis na cama e eu ando pela lama. E a dita senhora sua dama estava mais vã que Helena quando do alcáçar ílion via matar-se sobre ela toda Ásia. Assentai ãa cousa: cada vez os homens sabem mais. Não vos abafem velhos com [79] vos dizerem: no meu bom tempo era um rei tal, os senhores tais, os galantes faziam e aconteciam. Tudo são patranhas, ninguém me fale aravia, sabem mais dezasseis anos d'agora que os setenta dos passados. E de se irem açacalando os engenhos modernos ficam os antigos botos e ferrugentos, que não tem aço. Portanto não vos vades per o que dizem, que se lhes desaprazem os trajos curtos nós rimos dos compridos, e somos tão apurados já no bom sentir que o que eles tinham por gentileza condenamos por grossaria. Já não há quem endoudeça

d'amores, é mais sesudo o mancebo d'agora que cem Demóstenes, de quem contam por extremo que não quis dar dinheiro a Laida dizendo que não comprava o arrepender-se. E os galantes modernos refinados não somente o não dão, antes o pedem e aceitam das damas, que é outra discrição apurada.

Germínio Já essa opinião é pior e assi coramos nossas faltas em tudo. O ganhar dinheiro com dinheiro chamava-se onzena, de que os passados faziam carantonhas. Agora está tanto em uso e costume, e a maldade o facilitou de maneira que o primite entre si e chamais-lhe câmbio, mas o bom disto Deos o aprove.

Artur Per i o que vos digo como se vai apurando o saber, e de maneira que cada [79'] dia se descobrem novas terras e regiões, havidas por desabitadas e ãnotas dos antigos, assi também se acham novos estilos de vida, antigamente não permitidos nem alcançados, favorecidos e louvados agora. Por onde não estranheis nem hajais por mal ter-se o amor acomodado ao costume e habituado ao próprio interesse que lhe dá sombra para vultar e lustrar. E não se tem em mais preço a pessoa salvo segundo o que possui.

Germínio Assaz mal é esse e ocasião de muitos. Aquele grande Temístocles, cavaleiro, capitão e discreto, cometendo-lhe dous homens para casar com sua filha, escolheu o virtuoso bem costumado antes que o rico, dizendo que queria mais o varão sem riquezas que riquezas sem o varão.

Artur Isso passou já com os gorriões de meia volta. Não há cousa que encubra manqueiras e aformosente faltas como moeda.

Germínio Ah, i-vos di, como se pode negar jurdição à gentileza, damice, galantaria, arte e discrição de ãa gentil dama, abrigo de um apaixonado espírito que a contempra por a mais rica e fermosa pessoa que a natureza tem? Aquela granha que faz rir o mundo? Aquele despejo que lhe dá bateria? E aquela meguice que rende os brutos? Fraco é o júizo que lhe nega obediência e de tudo se lhe deve [80] a escolha. Mas sois muito mau namorado, esta é a verdade.

Artur Vós deveis ser perdido por damices, e querê-las-eis que sejam um chocalho ou pandeiro e eu vou noutra bolta Riberas del Doro arriba. Não quero molher que me passe pela casa nos bicos dos pés, com torcicolos e o corpo de engonços e mesuras requebradas, sem mais cuidado da casa, e, quando muito, de ouciosa, faz algũa hora desfiados.

Germínio Segundo isso não sois de uns que dizem que é de vilão roim querer que fie e amasse.

Artur Esse mau! Octávio Augusto, monarca da Ásia, nas armas e letras singular, mandou a suas filhas aprender todo ofício com que a molher pode manter-se e aproveitar-se, e assi fiavam e teciam tudo o que vestiam, porque a molher ouciosa nunca fez bom feito e faz muitos maus.

Germínio Vou-vos entendendo, quereis rapariga caseira, fazendeira, tavanês, que em casa de seu pai traga as chaves, manda o almoço à vinha, escolhe azeitonas com luvas de cabrito e forneja na quintã, gabada do

- pai de moça de grande recado, e ela encomenda-lhe que lhe traga da feira ãa ciranda para a safra. Pois sabeis que para a minha arte antes a queria fanqueira que gaste a vida em tirar ouções e ouvir ouciosos.
- Artur Vedes que não caís nesta música, que a mulher [80'] havei-la de querer que seja ãa cordeira matinada da mãe, só sofrer as carrancas do pai, corrida e não despejada?
- Germínio Segundo isso, quereis que seja párvua.
- Artur Dir-vos-ei: receber glória do alheio é cousa vã, e a discrição de minha mulher não me faz discreto. Já se ela entra em domínio, e por ter em pouco o marido e fazer de si muito, toma a mão a mandar tudo, adubar as vinhas, fazer obras e pagar a fêria... estas pegas são basaliscos.
- Germínio Não me podeis negar que tem grandes quebras mulher párvua, porque Eva pecou de nécia e é necessário que o não seja da malícia do homem, que como naturalmente são incrinadas a novidades, se não são traquejadas na notícia das cousas sobejamente recolhidas, com um birimbau se enganam. Ora vede se está bem aviada e segura a honra do homem que pende da cabeça de ãa borboleta tola.
- Artur Para mim a mais perigosa é a que presume de discreta, e o perder-se ela está em ter-se por essa. Eu sou de ãa alma singela que aprenda de mim qual a de el rei Geron, que não estranhava chirar-lhe mal o bafo porque cuidava que tal era o de todos os homens. Esta simpreza me arma antes que os ressábios de ãas graciosas que falam desenvolturas e as sengas que zombam do [81] pregador, porque estas com nada acertarem nunca cuidam que erram e a que menos fia de si acerta. Nem nas cerimónias da Igreja a quero destra porque não sei se lhe dá desnecessária fouteza e confiança para o acatamento divido. E confesso-vos que ando tomado do muito despejo que lhes nesta parte vejo.
- Germínio Senhor, a pior gente do mundo é homens e mulheres. De ninguém há que fiar e de todos que temer, por o que me resumo que não há lei que não tenha contradição, nem estado satisfeito nem acerto que não seja notado, nem cautela que não tenha contramina. Fio-me tão pouco do saber humano que me rio de todos os seus tentos. Não vejo grandes erros salvo em grandes discretos. Todos receamos os costumes alheios e lecenciamos os próprios. Sabeis a cousa que me não leva o estômago de cansativa? Querer ninguém consolar outrem. Vereis um homem rebatido de sua má ventura de qualquer sorte, com dor e sentimento que o estila, volteando sobre mágoas, e o consolador, muito prático e desenhado, com o pensamento dali a cem léguas, em seu gosto dá razões esquisitas, consolativas, todas infiadas em provar-lhe ser bom o estado mísero, e que aos seus amados apura Deos nos trabalhos, que assi entrou o mundo [81'] e há de sair. E por aqui mil maravilhas mais caldeadas que Recuerde el alma dormida e, quem padece padece, porque não cuido que pode consolar salvo quem pode remediar, e todas essoutras caramunhas consolatórias é vento. Esforços de são para doentes são enxaropes que o estômago apaixonado em os ouvindo arrebeza. Eu tenho-me com o que dizia Chilon: que assi vos lembre a morte que não vos esqueça a vida.

- Artur Beijo-vo-las mãos, senhor, não digo eu mais. Folgaria muito com a mulher discreta, fermosa, agraciada, mas há-me de lembrar se traz alforge para passar a vida, que a morte não é má mas o caminho para ela si. E se este é mau que outra cousa é melhor?
- Germínio Sois muito profioso e cabeçudo. Não se pode falar convosco de siso. Homem tão mundano e tão entregue a vaidades do mundo para que é bom? Ora vinde cá, assi como vós joeirais a molher e não lhe sofreis ervilhaca, por que falemos moral, por que não se terá esse exame nos homens? Que estê um coitado de um pai criando ãa filha nos seus olhos, mais mimosa que ãa alcorça, mais enfeitada que um bolo de rodilha, mais velada que ãa fortaleza antre imigos, matizada como ãa oxa, doutrizada como um podengo, e que lhe ajunte um celeiro de formigas [82] para contrapeso da sua virtude e do seu primor, para assi carregada como ouriço-cacheiro a entregar muitas vezes a um uso que a não entende, nem estima, nem sabe tratar? Que razão há para antes que este pai tão namorado desta filha, que todo se desvelou por empregá-la bem e a criou com tanto amor, e que nela tem o seu gosto, e por ela se despede do que tem, não devassar e tirar ãa grande pesquisa da condição, da calidade, da vida e dos costumes deste senhor que pede e escolhe molher nobre, discreta, sesuda, fermosa, e virtuosa e rica? E ele quiçá carece de tudo isto. Somente diz que tem moios e que há de ser e acontecer. E o dito senhor foi criado em muito vício e muito mal acostumado, e muito néscio e desbaratado e, sobretudo, mal acondicionado. Ora porque tem moios, entregai-lhe sem mais consideração o vosso mimo.
- Artur Está bem ponderado, e dir-vos-ei como diz o cura: diga cada um por si como eu digo por mim. Quem casar sua filha veja o que faz, que inda vos eu confessarei que há menos homens de tomo que molheres. Quanto a mim bem parece o primor nelas.
- Germínio Pois como há contentamento o comer nunca faltou, que a providência divina aos bichinhos sustenta.
- Artur Não vos tenhais a essas atenças. Viver à mercê [82'] de Deos santo é, mas queria saber se viveis para lha merecer.
- Germínio O senhor o faz porque é visto que ante ele não há merecimento salvo o que ele habilita, e ela lho merecerá por orações, porque todas são devotas.
- Artur Cuido que não lhes dura essa devação mais que enquanto são solteiras, por casarem, nem o lavrar e outras habilidades que sustentam por acreditar-se a fim de suas esperanças.
- Germínio Ora vós dizei o que quiserdes, mas eu as tenho em melhor conta e reputação que os homens. A caridade e amor que em nós falta sobeja nelas. A devação de que carecemos elas a tem, e todos seus erros são culpas nossas. Na molher ganha-se companheira para conselho e para esforço nas fortunas, para gosto nos prazeres, discrição para o governo da casa, amor para criar os filhos, finalmente ãa manilha para o que quiserdes. E ela ganha no homem um imigo dissimulado, um cativo forçado, um senhorio trabalhoso e um laberinto de vontades e desgostos que há de sofrer com riso e pairar com siso. E sobr'isso há

de comprá-lo, e ele resgatá-la para vendê-la, porque não há coração de homem singelo para mulher.

- Artur Também elas coxeam nessa parte.
- Germínio As erradas, que são poucas, mas as virtuosas, que são as mais, são [83] puras.
- Artur Sem-razão seria negar seu preço às mulheres. Mas como lho confesso e estimo, e pretendo sustentar nela, e isto não poderá ser sem moeda, e como a não tenha sobeja, queria que lhe não faltasse a ela, já que se aforarão em gastar em vestidos e vaidades mais do que podem. E pois são descomedidas no escusado não se escusa trazerem o soprimento de seus excessos, sem os quais se pudera viver com gosto e sem necessidade.
- Germínio Nisso não há que negar, e é um mal geral e sem cura.
- Artur Pois, portanto, que o padeçam já que o causam, e o tempo castigará tudo. Ca não é sofrível a devassidão que nisto vai. E por que vejais quanta razão tenho de me prover nesta parte andai e ir-vos-ei mostrar esta rapariga. E vós me confessareis que é para a ter em algodão como almísquer, para o que há mester muito, por mais que tenha e que eu a queira por o que tem.
- Germínio Vamos já que assi é.

Acto Terceiro. [83']

Cena Primeira.

Dinardo Pereira, Grásidel de Abreu, Rocha, Cardoso.

- Dinardo Beijo-lhas.
- Grásidel Que novas?
- Dinardo Assentaram na casinha que quem não tem dinheiro não faz o que quer.
- Grásidel Grão certeza.
- Dinardo E diz que houve brava altercação e controvérsia antre os bacharéis, e o vosso voto, monsiur Rocha, que dissera aqui?
- Rocha Auri sacra fame, tudo agora é cobiça, mas Aristóteles dizia que era melhor filosofar que enriquecer. Isto porém foi quando imperava Alexandre, que tinha Homero na cabeceira, e já então disse Diógenes que era o ouro amarelo por se temer de todos os que o buscavam, mas que oxalá dessem todas as árvores tal fruto.
- Dinardo Eu sou disso. Sois grão padre de lechones e homem de barba para [84] conselho.
- Cardoso Companheiros, há que comer?
- Rocha Tamanha galga trazeis vós? Ouvi primeiro as sentenças de vosso amo.
- Cardoso Mas as parvoíces.
- Dinardo Ora leixad'as paixões, quero-me entender convosco que o ledes e entendeis. O jantar está para dous toques? Que eu. de vossa licença, trago-lhe gana.
- Rocha Inda tem vagar, antretanto pode fazer sonetos.

- Dinardo Ah galante, sou eu vós para ter essa habilidade? Enfim que zombamos!
- Rocha Logo será servido, em vindo o mulato com certos escabeches.
- Dinardo Sejais bem casado com a filha do juiz. Vossa panela arredada, já me entendeis: vinho em frio, fatia de laranja, etc. E ride-vos dos banquetes de Lúculo, que o comer há de ser que não empache o estômago, segundo Avicena, já sabeis.
- Rocha Estou no cabo, mas leixemos esse estado para o cura d'Alhos Vedros.
- Dinardo Por isso sou perdido por vós, que com vossos pós de latim fazeis rosto a tolo, digo Túlio.
- Rocha Parceiros acharei.
- Cardoso E não poucos.
- Dinardo E sois para governar Veneza. Ora pois que assi é tocarei o rapaz do Conde Claros.
- Rocha De prazer vem vosso amo, algum passarinho novo viu lá.
- Cardoso Veria muita má ventura, que anda sempre após estes. Páscoa má venha por quem mo enculcou, que tão parvo é.
- Rocha Pois muito saberá quem lhe tirar da cabeça [84'] que é a suma da cortesia e discrição, e essa é ela, a parvoíce refinada: grande confiança e pouca posse são gentis partes para medrar para alfeloeiro.
- Dinardo Pregonadas son las guerras de Francia contra Aragone.
- Rocha O que ele tem para seu remédio, gentil voz.
- Cardoso Tal seja sua vida e a minha pois o demo assi o quis.
- Dinardo Como las haría triste, viejo, cano y pecador... Ah, pesar de Mafoma.
- Cardoso Quebrou-lhe a prima, inde bem.
- Dinardo Vedes? este desar tem a música, quando estais no melhor leixa-vos em branco ãa prima falsa.
- Grasidel Dessas achareis muitas.
- Dinardo Como vós, porém, estais real. Assi empregado com essa varinha não há mais estribeiro africano que foi alveitar. Que homem se perde em vós para tirar para a cera da Atalaia. Bem parece que não tem sua alteza a informação de vós que devia, pois vos leixa assi às moscas, servindo-se de néscios solobros.
- Cardoso Já meu amo começa, ele entrará ora na escaramuça do praguejar.
- Rocha Leixá-los zombar de uns que não faltará quem zombe deles.
- Dinardo Estou para me enforcar por quão enganados são os príncipes com parvos, e eu que o sou maior, porque não tenho cem mil cruzados de renda cad'hora para os não ver, salvo por jubileu, e dar quatro figas a esses sátrapas que os chupam sem [85] dó.
- Cardoso Vejo eu logo mau caminho para os terdes, nem de contado.
- Dinardo Diz que hei de ver e sofrer valias sem merecimento e quem o tem anda às canastras, e então leixai mandar e ouvi falar cabrões nascidos das ervas, muito foutos, sendo moucarrões muito nojentos.
- Grasidel Como vós vindes bravo, sei que vos picaram, que ninguém quer justiça em casa.
- Dinardo Quereis que tenha paciência com ver corações lançar corninhos ao sol, alcandorados em toda soberba da sua fortuna, sem habilidade, a cujas carantonhas eu leio os bofes, cujos princípios foram tão rasteiros

- como eles esquecidos do que eram? E os que tem por aução não podem arribar ao honesto.
- Grasidel Quão longe de vos contentardes com o justo, isso são escumas de enveja! Fazei vós os personagens que eles fazem para sobirem e não vos queixareis de vós. Dai-me vós a condição servil porque o saber não basta para dobrá-la salvo à força de necessidade, e inda assi mal. Tanto pode a natureza de cada um que o que eu forçado não acabo comigo faz outro com gosto.
- Rocha Sofrei logo quem tem tudo para vir à sua pretensão, que a nobreza adquire-se vivendo e não nascendo. Que a virtude do pai raramente se passa ao filho, e muitas vezes se vê no filho a que o pai não teve. [85'] César mais claro foi que o seu, e o filho de Cipião africano ficou obscuro.
- Dinardo Não me podeis negar que até nas alimárias e nas prantas também se mostra a virtude e calidade do tronco donde procedem. Tudo o que nasce tem semelhança daquilo de que nasceu. Não vos nego, porém, que vai muito na criação, doutrina, exercícios, conversações e costumes, que aformosentam tudo. É como a enxertia, que parece emendar a natureza. Eu para mim bastar-me-ia ver estes que a fortuna levanta em estado claro não o merecerem com muitos defeitos próprios, mas saber seus baixos meios de sobida e notar seus maus modos de sustentar-se leva-mo mal a carne, porque raramente dareis um destes que seja sofrível e os mais são aborrecidos e de má digestão, esquecidos totalmente de seu princípio. Entender isto me apura que os não gosto.
- Grasidel Sofrei-vos logo a vós que os não seguis no que lhe notais.
- Dinardo Pois quereis que um homem da minha arte e calidade se faça bogio? Para o puto que assi voasse, não se pode imitar o que vos desagrade.
- Grasidel Senhor meu, desenganai-vos, ou se desengane toda opinião humana de seus escarcéus e surtos, que ninguém vai por onde quer senão por onde o levam. E a condição própria é leme da fortuna [86] de cada um, e portanto contente-se com o primor de que outros carecem se o tem, que Deos reparte seus dões a seu modo e no mesmo modo manda que nós sofram.
- Dinardo Estou remediado e quereis que me cale. Triunfem os maus com sua maldade e chorem os bons com sua virtude. Isso armou aos mártires do meu senhor Jesu Cristo porque era o cabedal de seu emprego, mas padecer por mundo tolo carece de sofrimento em pena de seu erro.
- Rocha Parece-me, Cardoso, que estes nossos amos falam largo em casa e fora vogam pouco, e são mágoas de acanhados.
- Cardoso Não, que eles tem todos por parvos e os discretos aborrecem.
- Dinardo Mais vos digo, por que vejais como sou carunchoso e traça de mim mesmo: já entendeis quão preciosa, dina de grande estima, e necessária para o uso da vida e a recreação da alma é a amizade em que se conserva toda a máquina do mundo. Ora olhai que fui cuidar: esta mesma amizade tão frutuosa antre os bons é a mais prejudicial cousa antre os validos, porque primeiramente é falsa, e aquele carcarejar que vedes quando se topam, os salás que se fazem, as



risadas com que festejam seus bons dichos, é tudo fingido. O seu granjear-se contrafeito e o seu conversar-se forçado, e tudo se resume em ãa [86'] conformidade de seu particular interesse e danosa ao povo. Antes os queria imigos capitais, porque este ódio não pode ser tirano e fica afábil aos outros.

Grasidel Não lhe errais vós a junta, e a experiência o aprova.

Dinardo E quereis que baste sofrimento para dissimular com mágoas tão públicas?

Grasidel Fraca vingança e de baixo espírito é o praguejar de ninguém.

Dinardo Pior é o fazer, porque senão que uns padecem o que outros logram.

Grasidel Ao invejoso entristece a prosperidade dos bons e ao reprimido a dos maus, e assi todo o dano é seu. Faça cada um o que deve por vir ao que pretende, leixe subir quem pode, que seu trabalho lhe custa. A bonança do bom é justa, a do mau carga para maior pena. Meta cada um a mão no seu e veja em que altura está. Ao próspero é a vida gostosa e a morte aborrecida, e, pelo contrário, ao mal-aventurado é a vida pesada e anojosa e a morte desejada, o que tudo para os poderosos é pior, que tem mais cuidados e mais temores, por onde há pouco ou nada que envejar a todos os presentes, e muito que recear do porvir.

Rocha Bem podemos nós, Cardoso, escusar ir aos sermões, com esta lição dos ditos senhores.

Cardoso Todas aquelas razões são boas de dizer e más de fazer. Queria eu ser poderoso, [87] e então gritem e ameacem pregadores que eles bem semeiam a terra, mas o grão nasce mal e prende pior.

Rocha Eu disse sou, boa é a doutrina, santa e necessária, mas estes altos são, como dizem, do Monte Olimpo, em que não se movem as cinzas dos sacrifícios que nele faziam porque lhe não chegam os ventos. Nós cá, a gente rasteira, mais asinha nos alavarcamos, por onde quem vos gavar o estado consolado gavai-lhe o invejado. Quem gavar Itália e todo mundo gavar-lhe Portugal, e diga cada um o que quiser, que na vida não há mais que satisfazer-se homem consigo sem ofensa de Deos.

Grasidel Fazei-me ãa mercê: fazei-vos cego para toda empresa alheia, na vossa ponde vossas forças. Contentai-vos com o vosso jornal, que pai das famílias é repartir o seu à sua vontade.

Dinardo Tende ponto, é muito velho já o bom falar: tomai a cruz e i-vos ao ermo, que no meio das ondas são Pedro se afoga se lhe Cristo, meu senhor e Deos, não dá a mão.

Cardoso Meu amo está no certo, que essoutros inchados que puseram o gosto em enlear o mundo com fingimentos põem o peito no céu para descer à terra com o bico e unhas a que voam com seu intento.

Dinardo Eu já não lhe hei de contrafazer por nenhum interesse do mundo, nem darei o [87'] gosto de praguejar certas horas por todo o ouro do mundo.

Grasidel Exercício de ociosos e culpados. Coitado de quem padece suas mágoas.

- Rocha Não, que vós cuidáveis que era ela como eu, que nasci para sofrer vossos mimos e purgar pecados.
- Cardoso Porquê? Que passou?
- Rocha Zombou a dama dele altamente, e ele está sem paciência.
- Cardoso Folgo, outro tanto queria eu que minha ama fizesse a estoutro, não velaríamos toda a noute. E sabeí que ela o traz brasa. Ele é aleijado por ela, e jur'a mim que mais bela foi Helena.
- Rocha É condão das feas serem ditosas. Em desconto, parece, da vã glória das fermosas. Mas meu amo e eu andamos atropelados porque Dorotea fez-se-me pior que sua ama, e passamos ela e eu ãas cíveis em que nos calafetamos. E despejadamente me disse que era livre que me fosse enforcar. Eu com esta raiva fiz-lhe um vilhancete e determino mandar-lho, porque agora que me ela despreza parece que me toma o demo por ela, não sei se com raiva se com amor.
- Cardoso Mostrai-mo, farei também minha ajuda.
- Rocha Sou contente. Vede-lo aí, e vou-lhe dirivando o nome:

Dorotea, dor se atea [88]  
no meu triste coração  
vendo vossa isenção.

Volta Sei tempo, e nunca ele fora,  
pois este havia de ser  
que vos lembrava sequer  
outras horas ãa hora.  
Então m'éreis vós senhora,  
agora o meu coração  
chora a vossa ingratidão.

- Cardoso Estai assi quedo que voto a mim de fazer outra que vos abafe, e mais vá sobre aposta.
- Rocha Vá, e sobre essa morena.
- Cardoso Que pondes?
- Rocha Dous arrátens de canelões a quem a fazer melhor. Juízes: nossos amos.
- Cardoso Sou contente.
- Dinardo E hoje que fizestes?
- Cardoso Aqui estive enfadado com meus castelos de vento. Ora ouvi agora e escrevei-a com essoutra, que vão ambas da vossa letra que não entendam qual é a de cada um. E também dirivo:

Até a dor que eu sentia  
sentia por grande gosto,  
gosto morto em que estou posto  
posto que a não merecia.  
Merecia outra valia, [88']  
valia o meu coração  
não padecer sem-razão.

- Rocha Está bem, vejamos agora em que se determina. Vai sobre aposta de qual destas voltas é melhor.
- Dinardo Feitas por ambos os ditos metrificantes?
- Rocha Senhor si, e importa canelões.
- Dinardo Segundo isso, dareis espórtolas?
- Rocha Faremos nossa cortesia.
- Dinardo Do vilancete, é de saber quem o fez?
- Cardoso Depois se dirá. Essa cousa há mister bem vista de sexta, por que se vá logo fazer execução nos mesmos canelões.
- Dinardo O que agora cumpre é jantarmos, e sobre a sentença descansai que eu farei justiça sem ódio nem afeição, e tudo se fará por sua ordem.
- Cardoso Quem não sabe meter-se nela mal a dará a outrem.
- Rocha Leixá-los fazer quimeras na pousada, e por derradeiro o vento levava-lhe os castelos.
- Cardoso Assi levará também os nossos. Ai de quem vive à mercê de fundamentos alheios.
- Rocha Pior é inda viver à ventura da vontade.
- Cardoso Venha o demo e escolha. Bofé, parece-me a mim ora que hei de deixar este meu amo a boas-noutes e buscar outra via mais segura, que esta do paço eu a julgo por muito incerta e tardinheira.
- Rocha O mesmo fizera eu se me o [89] tempo não tivera penhorado, porque também tenho entendido que traz mau fundamento a vida da corte.
- Dinardo Parece-me que também se Rocha picou, e eu ando mouro por acolher minha prima. Sospeito que se me esconde, porque Milícia de Fontes tem-lhe dito que lhe queria falar, e digo eu que deve ela sentir-se culpada. Ou de arrufada por fingir sentimento não sai da pousada.
- Grasidel A cousa vai de monte a monte, os termos destas quebras são muito diferentes de todas as que já tivemos, e eu hei já de esperar o que passais com ela para saber determinar-me, porque a determinação em todo negócio é perigosa e deve ser cuidada.
- Rocha Podem vir-se assentar.
- Dinardo Vossa palavra vá diante. Venha água a mãos. Ûa cousa vos digo eu, Rocha, que se eu fora vós a Dorotea houvera-me de deixar as toucas nas mãos por lhe danar a gravidade, porque não é compatível presumir ela fazer cachas a essa pessoa.
- Rocha Bem o desejei eu, mas não se me azou. Ela anda mui remontada e é muito para ver a sua fantasia, e é ùa tinhosa que ontem guardava patas em Barquerena e agora cuida que é pouco para ela o Duque d'Alencrasto.
- Dinardo Fazei ùa cousa de meu conselho: quando lhe agora mandardes o vilancete borrifai-o com algũa merenda, inda que seja de [89'] alfoces e tremoços, que esta cousa de dar arromba tudo, e gente de corte rende-se muito a presentes.
- Rocha Se lha eu mandar não hei de ir tão rasteiro.
- Dinardo Já sei que sois de vossa opinião, mas eu vou ao menos custo por não aventurar tanto, porque estas ataimadas comem às vezes a isca e ficam-se rindo.

Cardoso Mandar-lhe-ia eu um baração, e então ria-se a prazer. Mas eu havia de trabalhar com que lhe amargasse o riso.

Dinardo Desse vosso rostinho de bogio se podem rir, porque vós sois um jogo do tintenim e pareceis caçapo alfanado com trempem ao pescoço, que juga o fitelho.

Cardoso Parecerei, senhor, mas ninguém me há de fazer ãa que lhe eu não faça outra.

Dinardo Porque sois vós como esse mancebo barbiponente que põe os pés seguros como passavante do sofio.

Rocha Eu todavia sou bom bicho, e tido em conta antre elas.

Dinardo E fazeis disso pouco? Pois sabeis que não chegou aí Mancias. Isto vos lembre se for caso que ela lance mão de algum outro aventureiro, porque ela não há de estar vagante. Tende tal maneira que o entregueis ao mulato, que eu fiador que ele vo-lo fustigue.

Rocha Já o tenho prevenido, e a ele vem-no Deos a ver.

Cardoso Não hei de fiar eu minha honra dele.

Rocha Sois-lhe suspeito.

Cardoso Deve ser, mas eu confesso-vos que o tenho por lebre.

Rocha Não cuida [90] ele isso de si e eu o tenho por bonito, não queria melhor companheiro.

Dinardo Pois se cumprir à vossa honra eu não me hei de negar.

Rocha De tudo zomba, pois à fé que não hei de levar duas em capelo e que me não há de ir a Dorotea por a pendência a Roma.

Dinardo Nem eu creio menos dessa pessoa, e longe vá o mau agouro. Ora leva remo, i-vos comer e untai vossas barbas e depois alimpai os dentes com peninha de galinha. Antretanto veremos por quem sai a sentença.

Cardoso Ali vem Filelfo Correa.

Dinardo Recolhei tudo e dizei que suba.

#### Cena Segunda.

Filelfo Correa, Dinardo Pereira, Grasidele de Abreu.

Filelfo Que se fazem os senhores tão enlevados? Em cousas que não tem cura amador não cures delas.

Dinardo Pois bofé, não errais vós muito a juntura a ãa alma de Portugal.

Filelfo Eu, senhor, sou de bom faro, por isso não vos espante latir à mouta.

Grasidele Rides dos mal vestidos, e para cada porco há seu são Martinho. Ninguém cuide que arrepica em salvo, que a desventura [90'] sempre espreita e vem não cuidada.

Filelfo Não há que negar. Porém o que se conta agora cá?

Dinardo Mil cousas boas.

Filelfo Se o mundo tevesse algũa! Mas por algũas que vejo tem-se desacreditado comigo, de modo que nem o fiarei nem me fiarei dele.

Dinardo Não sei se tendes tão bom parecer como cuidais.

Filelfo Eu sou dama que me hei de prezar dele. Noutro dia se me abonava ãa fanqueira em desculpa de ser trigueira que o seu carão era d'água do rio tal.

Dinardo E gavastes-lho?

Filelfo Afirmei-lhe ser contrário a paredes caiadas porque me não ousou encostar a elas.

Dinardo E dizem elas que o desfariam à unha.

Filelfo Não é isso o que me cansa.

Dinardo Pois quê?

Filelfo Juízos de saborrinho, como pão asmo dos judeus. E assi estando agora na pousada, compassando os rumos de meu enfadamento, fui-lhe descobrir um fecho por cujas conjecturas estou em lhe chamar espécie de catarro. e não me determino até saber se alcançou isto Avicena, porque eu não sou de ãas velhices aprovadas por uso e costume e afeiçoo-me a cousas novas mais que vós às antigas em que presumis ser fragueiro.

Dinardo Isso, senhor! Para o tempo tal seja minha vida, mas não vos queria de estimativa tão desenfreada por vos não esperar ao hospital.

Filelfo Dias há que nele ando.

Dinardo Não destinguis [91] bem. Não digo per essa via, que desse mal todos morremos porque o mundo todo é miséria.

Filelfo Muito bem sei por quem o dizeis, e por essa o digo. E pesa-me não o ser já confirmado, pois não há gosto que chegue a ser doudo nem vida tão aprazível.

Grasidel Como estais com ser parvo?

Filelfo Muito mal é viver do limbo sem pena nem glória, posto que no contentamento que tem de si próprio pareça sensitivo. É como caracol que não alcança mais que o gosto.

Grasidel E que chamais a ser doudo?

Filelfo A nata da discrição, porque o engenho que endoudece é cegonha que alimpa a terra de bichos. Sinte as pequices do mundo, e de as recolher na fantasia e remoê-las, atordado o juízo do grande peso da imaginação, ferve com desejo de lhe dar o remédio que pretende como agulha que busca o norte, e parvo é monstro que a natureza mantém por estado e ocupa a casa sem servir.

Dinardo Tendes águas de matemático, falareis por caracteres, daí vireis ao sino-samão. Ora pois sabeis que é grande rapazia toda negociação judiciária e não me fio dos seus podengos, porque se em toda minha vida acabo de me entender como hei de cuidar que entendo os céus?

Grasidel Não, tendes razão, não se pode negar, antes vos digo que para mim é grande admiração cuidar [91'] no muito que Deos de si deu a entender aos homens em todas as artes.

Filelfo Por isso me traz morto ver a confiança de um cortesão tal, estreme, perdido por falar per metáforas e modos esquitos, nova linguagem, vocábolos sotis, e peneirando dez horas no ar por fim desce a um rato como milhano.

Dinardo Nem essa não é má comparação. Vós sereis de uns que de confiados falam em tudo como de casa, e se caem em ãa cegueira não se desdirão do seu mau parecer pola vida, e todo outro juízo hão por perdido.

- Filelfo Cortesãos gente é de guarnição, mas a muita monda os abafa. São tanto de maquias que nem com fatexas tirareis a lume um bom espírito. Os diligentes são como gaivotas, levam tripas e tudo. Os comedidos erram sempre a maré. Os nécios jogam à cabra-cega sem ver inconvenientes, e atinam aos brados até que aferram as mais das vezes melhor que todos. Discretos em tentar respeitos gastam a vida como alquemistas, e assi tudo se resolve em queixas.
- Dinardo Que cousa vós fôreis para censor naquela polícia romana.
- Filelfo Ah que tudo me enfada.
- Dinardo Muito próprio é isso dos birrentos do mundo, na maneira da vida são o mesmo enfadamento, que cerram o punho com ouciosidade e queixam-se dele.
- Filelfo Mais há que [92] queixar, mas o tempo dá esta novidade de estâmagos de má digestão para ouvir e sofrer verdades.
- Dinardo Vós já não venhais adivinhar pela mão, que é grão pequice.
- Filelfo E per fisionomia, dais licença?
- Dinardo Nem essa é sofrível, porque sabeis que eu, senhor, tomo sempre do preto e a poucos botes descubro os fígados a estes meus senhores que tem o saber como superfície, e a duas enxadadas achais água solobra.
- Filelfo Donosas conversações, despejos foutos e pouco comedimento são causa de grande corrupção dos ares. E quanto nisto se aventura o tempo o aprova não sem mágoa e escândalo, macha-fêmea de amizades vidrentas e mal forjadas.
- Dinardo Para que é falar nisso? Faremos mil párrafos e não é sofrível ver uns que ladram como gosos com bons princípios, dando de si grandes mostras e esperanças. E ao tempo da vindima achai-los passados do sol, feitos engaços, sem acodirem a pé nem a mão.
- Filelfo São esses uns temporãos como pêras mouzinhas, compostos de freima, que nem a terem pensamentos se armam.
- Dinardo Eu sou perdido por uns aios cuja gravidade é tanta que mau grado a Saturno. E tudo consiste em desmamando o cachopo enfronhá-lo em um capuz de autoridade.
- Filelfo Isso basta, assi o fazia o centauro Chiron que doutrinou os nobres [92'] de Grécia.
- Grasidel Bem vos dais nos borquéis, logo se assi pode passar um longo e bocejado serão da guarda-roupa.
- Dinardo Mas que certa postura dos mantenedores apontarem aí pequices que baixos estâmagos tem, e por outra via andam antre eles feitos personagens.
- Filelfo E consolam-se com esperar tempo em que se forrem, mas quem vos negar ser esse o purgatório não o entende, e eu tenho boa orelha e o que me a mim não soa não cureis dele.
- Dinardo Pareceis-me nisso com uns que dizem como é enfadonho o escudeiro, da pregação gabam somente o ser breve, e o senti-lo está em França.
- Filelfo Por estas e outras tais que eu sempre vou topar em Roncesvales, ando assi acossado de pensamentos sem fundo, como a tinalha das Lelidas.
- Dinardo Fazei distinção, porque há uns como caramujos mal cozidos, sotrancões, cabeçudos, que não há alfenete, por sutil que seja, que os

tire a terreiro. Presumem de vedores d'água, parece que ameaçam o mundo, e tudo é pena como coruja. Outros são como cranguejos, andam sempre a través do uso e costume, fazem espojeiro como touro em sua opinião, e de desconfiados não sofrem a garrocha de parecer alheio e falta-lhe a despesa no meio da jornada. Há outros como toupeiras, mantêm-se da terra, nela vivem, da sua [93] provisão, tem sua guedelha em cavar para herdeiros. Mas porque a história é longa vou-me à vossa tenção para me determinar, que é o que mais vos arma desta feira calabreada em tantas seitas, e todas piadasas.

Filelfo Eu até minha mercê, por agora desvio-me dessa estrada mais pedregosa que a serra de Ansião. Vivei vós e todo o mundo desses esfolagatos, que eu não quero mais que cevar-me de pensamentos amorosos, compostos de branduras, olhos escassos, doces no ferir, ais desentoados ao lume do desejo, e cada vez que me derdes ãa hora de um bom acerto como o de antanho rio-me de triunfos de Roma.

Dinardo Confesso que em cousa de damas sois bom bicho.

Filelfo Sabeis já, senhor Graside de Abreu, como fomos festejados de certas senhoras o senhor Dinardo Pereira e eu?

Graside Não, mas contai.

Filelfo Ora ouvi remar. Estávamos ambos ao pé de ãa janela que já nela terei que contar toda minha vida, porque vieram ãas ninfas ao buraco dos encerados do tamanho de ãa noz e, arrevesadas, punham diversos olhos com mil diferenças doces para nos enlearem. E os ditos olhos eram tais que podiam com seus raios transformar mil corações em outras tantas vontades, bem que na minha não há que trasfegar porque é pedra e [93'] cal e está mais asida e aferrada do seu intento que samexuga, como quem tem aposentado o juízo e entregue a seu desejo, de maneira que não há cem cavouqueiros que me tirem ãa lasca doutro desenho. Por onde naquele marulho sempre extremei sem enleio o meu alvo. Ora como fui na pousada, picado da mosca deste amoroso furor, fiz-lhe este soneto para lhe mandarmos, se armar.

Soneto.

É tão sobida a glória de vos ver,  
enriquece-se tanto o entendimento  
que só cuidar em vós um pensamento  
excede todo extremo de prazer.  
Se na vida tem mais que pretender  
ũa alma livre, um juízo isento,  
servir-vos se chamou contentamento  
e o não vos adorar não entender.  
Admiram-se os sentidos mais perfeitos  
deleitando-se em vossa fermosura,  
contemplando esse extremo de beleza.  
Quantos corações há vos são sojeitos  
sabendo que podeis mais que a ventura  
e que destes o ser à natureza.

- Dinardo Está galante, por vida de Ana. [94]
- Grasidel Não está mau.
- Dinardo Dai-mo e mandar-lho-ei porque havemos de ter touros sobr'isto.
- Filelfo Tê-los-eis vós que lhe sois aceito, que estas senhoras são como príncipes, não admitem senão privados, e oxalá chegasse eu a quererem enganar-me.
- Grasidel Tendes razão, Deos vos livre de estado de desenganos que é o cume das mágoas e muito perigoso.
- Filelfo Sabe Deos que por lhe fugir e furtar o corpo escolho morrer calando, e assi vivo, e não ousou tomar vista de esperança algũa, nem de salto.
- Dinardo Desse alto me guardarei eu por não me arriscar a perdê-la.
- Filelfo E eu arrisco o sofrimento por cima do meu desejo por me ver seguro dela.
- Dinardo Seguro dela não fora mau.
- Filelfo Em desesperá-lo me salvo.
- Dinardo Desse alvo ao preto a que vossos desenhos encaram seus fundamentos há grande distância, se mal não barrunto vossa opinião.
- Filelfo Não sejais sospeitoso.
- Dinardo Sobre corpo feitor.
- Filelfo Armo muito longe da seita comũa nessa parte, tanto que queria antes alcançar ãa vontade certa, sem mais esperanças que ter tudo dela sem seu gosto.
- Dinardo Terde-la haveria por melhor, que essoutras filaterias não me armam. Antes vos afirmo que nenhũa cousa me desarma como empresas desesperadas.
- Filelfo Errais tudo, de [94'] popa à proa. O homem que há de emprender amores seja em parte onde o alcançar valia, seja gosto o trabalho bem empregado e ocupação de louvar, porque o refinado espírito é más vale butre volando.
- Dinardo Determinação em amores sem afeição é perigosa, e muito para zombar de homem que por arte e opinião emprende pensamentos altivos e sem a vontade se obriga mal pela parte mais fraca, que elas sempre ficam livres para o que lhes cumpre.
- Filelfo Antes, bem olhado, pior é muito acanhar os espíritos, porque andam pelas ramas, e conta feita vão logo convosco ao cabo. Recebem-vos um lanço dos comprimentos, dão pressa a arrematar-vos o ramo por se verem forras do seu fadairo. E esta facilidade desacredita o preço e menoscaba o amor, o qual se afina em render empresas duvidosas.
- Dinardo Se vos elas tal ouvem menos piadasas as achareis que as de Trácia com Orfeu, porque não sofrem ser aniquiladas, antes tem que tudo se lhes deve.
- Filelfo Assi o confesso eu, nem houve extremo bom e singular dom em que as mulheres não se extremassem e todas são dinas de muita estima, Mas cada cousa tem seu preço, e o entendê-lo e extremá-lo não é geral.
- Dinardo Há mister muito tempo para esta questão. Quero ir mandar este papel [94] e depois trataremos dela.



Filelfo Parece-me muito bem, e no paço nos veremos.

Cena Terceira.

Filelfo Correa, Grasidele de Abreu.

Filelfo Quam diferentes são os juízos dos homens.

Grasidele Raramente se conchava um com outro, e Dinardo Pereira é entregue ao seu gosto, e este dá grande estima às cousas.

Filelfo Ao menos com poderosos val tudo. Dinardo Pereira todo é sensual, honra-se dos amores mais do que lhes é sojeito, desnecessária vanglória. Eu ao menos por ela não tomaria pensamentos custosos quando afeição não me obrigasse, mas há poucos que caíam na delicadeza do amor nem saibam tratá-lo, por onde me rio sempre destes amantes. E hei dó das molheres que os sofrem, porque as desdouram.

Grasidele Não hajais dó senão dos homens que as sofrem, pois vemos sempre desestima.

Filelfo Muito há que dizer nisso e muito que sentir. Eu me tenho entavolado em novo e alto posto d'amor, porque o bom disto é enlear a física e morrer de doença não conhecida. E se [95'] vós não sois de uns que toda letura querem breve porque lem sem gosto mostrar-vos-ei ãa carta a este propósito, a qual escrevi a um físico lido e discreto, e da conversação de ãa alma, grande sua cousa, quando os dias passados estive mal desposto.

Grasidele Oh, dizei por vossa vida.

Filelfo Ouvi.

Carta.

Isto só quero de minha dor, que me dê fôlego para gritar quando apertar comigo, pois calar me dana tanto que nem sabeis de mim nem quereis que saiba de vós, senhor. E já que la crudel mia sorte me ha distinato a perpetuo languire, e per la sciagura mia ogni socorso me è tolto com os últimos soluços, qual o cervo ferido, me vou ao medronho do vosso abrigo. E lembro-vos que egli è ufficio d'animo prestante el compatir all'altrui calamità. E não pode ser maior que a minha, pois a Dio, al mondo e a me stesso sono odioso, e ogni età mè aparechia lusto, affano e cordoglio, e solo per morte i mei stratij si potran terminare. O sfortunato a chi el ciel è tanto nemico, so che quel ch'io sento parra menzogna a chi aspirar d'amor l'aura non sente. Mas a tão [96] claro juízo como o vosso e tão versado em conjecturar tenções de aspeitos celestes e alcançá-los não se pode meter dado falso, donde ho tolto per ottimo conglio al tuto teco comunicare per il che, primeiro que tudo, te priego che de niuna altra cosa piu efftuosamente sia da te ajudato quanto de uno fidele e perpetuo silencio. E juntamente com isto io non vi dimando cosa che cometere sia impossibile ma solo quello che senza molestia vi sia facil e non

men che zonesto. Sou já tísico no meu mal, entregue ao despacho do tempo para o que não há banhos de desenganos frios, nem suadouros de esquivanças tão ásperas que desarreiguem deste enfermo espírito os humores de um secreto cuidado. Deu Deos para isto ãa piscina, mas *neminem habeo*. Só a erva melissa pode sarar-me, falta Alexandre que ma busque. Por onde estou em fome e sede de Tântalo, vendo e desejando, temendo e ousando, vivendo, morrendo. Lembrastes-me nesta afronta e juntamente a queixa de Febo: *Hei mihi quod nullis amor est medicabilis herbis*. No esforço pasmei, desesperei na esperança *sed quid tentare nocebit*. Para carecer de repouso foi dado o penedo a Sísifo, quando, porém, Orfeu o não teve algum lhe deu com seu canto. Para [96'] desesperado me escolheu minha sorte e eu consenti, porque *amans quid cupiat scit, quid sapiat non vidit*, já pode ser por vosso meio tê-lo eu de vida, mas porque *una salus victis nullam sperare salutem*, de receoso de mim não quero esperá-lo. Contudo, porque sois amigo, alívio, valhacouto de desaventuras, farei ante vós alardo das minhas dores dê seu princípio: namque est *memenisse voluptas*. Haverá certos anos que me sei viver tão livre que tinha por impossível haver cousa que me usurpasse minha jurisdição. Antre as armadas e redes de amor andava eu tão solto e aventureiro que logo disséreis, vendo-me, este não teme nem deve, não me lembrando que a muita fouteza deu com Ícaro no mar. Enlevei-me no favor da ventura, que em alguns casos desta qualidade me assoprou, por maneira que à minha revelia ordenaram os meus espíritos ãa Babilónia. Lançaram-se do bando dos gigantes e durando esta gigantomaquia cuidava eu, bêbado de vitórias más, que as armas do menino que desprezou as de Tifeu eram sem forças contra mim. Se a seus secazes queixosos ouvia pregoar seu poderio em desculpa do próprio abatimento, havia-o por abuso, não tinha inda cipilhados os sentidos [97] para sentir como Dido: *vulnus alit venis et ceco carpitur igne*. Quantas vezes me ri dos aleijados deste furor que fere a modo de raio, abrasando a alma, leixando são o corpo. Como tinha por graça haver Vénus piadosa ou vingativa. Coitado de mim, poupava-me, parece, minha estrela na cegueira passada para as dores presentes, descuidando-me dos imigos da minha bonança para que a menos trabalho seu e maior meu custo tevesse entrada em mim o destroço da minha liberdade. E no tempo em que eu mais fundamento fiz de me lograr da vida me pôs em cerco esta morte. Brandamente e sem suspeita nem receio se me apossou d'alma, dantes tão opiniática de sã, agora tão enferma. Nel primo aspeto che in *madoma drizai la vista, rimase senza spirito e vivo in sola carne, letitia me abbandona, doglia me abbracia, la speranza mi è in dubbia, il martirio certo, oi me che tanto me sento angustiato, che mai più ne pace, ne quiete credo, ne spero poter ritrovare, de ogni consolatione mi ha privato amore*. Mal cuidara eu qual havia de ser, antes mal cuidei, e foi e havia de ser, pois é *infelix animi*. Em meus olhos não entra sono nem em peito repouso: *ingeminant curae, refurgens saevit amor, magnoque [97'] irarum fluctuat aestu*. Heu quid agam? Quo me vertam? Ad quem confugiam?

E pois dizem: fome e frio te fará meter com teu imigo fogo e dor, antes amor e desesperação me trazem a vós, senhor, amigo. Ora valei-me, que eu me ofereço e obrigo a toda experiência que em minha fé quiserdes fazer, e a não cair de vosso regimento com tal que ma não mandeis negar, porque nenhũa cousa me menos sofre o estâmago que conselhos contrários a esta opinião. Podem os deoses todos ser-me imigos, como contra Tróia, mas *Placeat sibi quisque licebit, hoc est, cada loco con su tema*. E que digais: *sors tua mortalis, non est mortale quod optas*. Confesso: *plus etiam quamquam superis contingere fas est*. Vede que cura pode ter espanto tão upilado: *tantus tenet error amantem*. Non altrui incolpando che me stesso e solo amore, che del suo altiero lume, piu me invaghisce ove piu me incende. E fez-me os desejos ãmortais: che hamno la morte desiando morta, allor che fulminato e morto giacque il mio sperar, che troppo alto montava. Assi que a tal prossuposto podeis escusar reprehensiones e he dè hora inanzi, ogni defesa à tarda altra, che di provar se assaio poco queste [98] preghi mortali amore sguarda, non prego gia, ne puote haver piu loco, che misuratamente il mio cor arda, ma che sua parte habbi costei del foco. Se eu isto visse nunca mais valesse. A todo o al que não for a este fim, çarro orelhas como Ulisses ao canto das sereas, ca o não consintem gli begli ochi, che in lor prezença me è piu caro il morire che il viver senza. Sabei e saibam che vivo del dizir fuor di speranza, quem mo não louvar eu lho perdoo. Não sou obrigado nem posso dar juízes, basta que me entendo e que só vejo a maior beleza oculta que antre nós vive, à que se deve o pouco que sento do muito que se lhe deve. E dado que vos eu, senhor, não pareça capaz de divinas visões, bem sabeis que ao criador de tudo sovra ogni stato, humiltate e saltar sempre gli piaque e hor in piciol borgo, anzi in humilde amante não é muito dar um espírito pronto e uns olhos de lince com que veja ãa alma doutra: *sublimibus alta colunis, clara micante auro, flama squè imitante Piropo, cuius ebur nitidum fastigia summa tegebat, haec super imposita est coeli fulgentis imago*. E como Vénus, por não abater quiçá, sua fermosura, lhe opõem a nuve com que encobriu Eneas: [98'] sou eu só o que veggio, penso, ardo, piango e qui mi sface sempre me è inanzi para mia dohe pena, guerra è il mio stato de ira e di dol piena, e sol di lei pensando ho qual che pace una man sola mi risana e punge: mille volte il di moro e mille nasco. Com tudo isto tendo por muito certo que multa prius vasto labentur flumina ponto, *aunus et inversas duxerit ante vices: quam tua sub nostro mutetur pectore cura, scis quecum que voles, non aliena tamen*. Deste último temor pende o meu caso, se me dele segurarem tudo me seria seguro, donde tomara a minha Diana transformada em imagem de pedra, qual sua condição é para mim, segundo a de Pigmaleon Vénus transformou de mármore em carne: *votum in amantem nouum, que assi o sou eu em todas as experiências da minha afeiçãõ, sendo pois isto assi, e que aut me videbis imperatorem aut non videbis caesarem, porque conoscer mi fa che cosa è Dio*. E eu tão satisfeito que tenho que *perieramus nisi perijsemus*, e também visto como *fata volentem ducunt nolentem*

trahunt. Vós, senhor, vos descartai de todo inconveniente que me achardes, porque, na verdade, recte cum valemus omnes, aegrotis recta consilia [99] damus. Tu si sic esses, aliter senties. E, portanto, fata viam invenient de vida ou morte. E eu quod dederit fortuna lutus, libenter amplectar. Fazei o que em vós for, se achardes que vo-lo mereço, lembrando ante a minha bela a ira de Némesis sobre Narciso, que desprezando todo merecimento veio a desmerecer-se, e o mais que vos o tempo der, que a minha verdade, quando cumprir, eu a farei boa per fogo, per água, per ferro, etc. Per ergo has lachrimas, quando aliud mihi misero nihil ipse reliquit. Sive ne quid de te maerui miserere animae labentis e istam oro (si quis adhuc salutis spei locus) salva mentem, para que com vida vos sirva a que me derdes e peço. Da cama.

Grasidel Nunca vi carta de girões senão esta, e se fora mais curta parecera melhor.

Filelfo Para molheres nunca vos pese de escrever cumprido, porque quanto mais tempo lhe ocupais mais seguras as tendes. Além disso, é bom abafá-las de razões e dar-lhe passatempo e cevo para sua ouciosidade. Eu o bom nunca o acho prolixo, nem me enfada ler o que tem sumo. Quem vos gavar a cousa de breve não gosta do que lê nem no sente.

Grasidel Estou perdido por essa carta, e desejo saber [99'] se feriu fogo.

Filelfo Estas cousas todas respondem ao longe como eco. Vou cursando por minhas mágoas, faço minhas diligências com o divido respeito à causa delas, desvelo-me em enterrar minha tenção por não ofender seu nome.

Grasidel Per essa via tarde colhereis o fruto de vosso trabalho.

Filelfo Sabei que tudo corre assi. Nenhũa opinião alheia satisfaz em tudo a outrem, tantos homens, tantas sentenças. Por onde, sobre prossuposto de fazer o que deve cada um siga sua natural arte, como não for prejudicial, por nada se contrafaça, que é baixeza de espírito, leixe ao mundo grosar, que já não há de perder costume tão antigo.

Grasidel Parece-me que tendes razão e dou-vos o meu voto, mas trago o gosto tão danado que da vida e de mim o tenho perdido.

Filelfo Isso leixai para mim se quereis que andemos a verdades, que um dos maiores trabalhos que tenho é temporizar com o mundo, mostrando que vivo sendo morto no espírito. E tão escasso me sou do meu contentamento, se posso tê-lo, que em meio dele lhe fujo de cioso de mo entenderem, por não errar aos respeitos dividos à causa.

Grasidel Cada um sinte o seu, que outro tanto digo por mim e cuido que me sobeja a razão, e tê-la para glória no sofrimento e no padecer é o maior bem do mundo. [100] Mas ser tudo ao contrário e não haver cousa que me obrigue senão o meu enleio enganado e cego é mágoa que não tem descanso, e tudo eu vejo. Mas que fará quem quer bem?

Filelfo Tapais-me assi a boca, senhor. Amor é azougue, traça e caruncho que ateadado n'alma não cessa nem se satisfaz té fazê-la pó. Mas sabeis como me tenho ao paio com ele? Tanto que o sinto com a mosca da sua fúria dou-lhe seus tempos sós, em que lhe leixo correr o campo de

- seus sentimentos e fazer gazua em mim. E, passado este recacho, recolho minhas mágoas no retrete do meu peito polas não pubricar, e aí refazem forças e fôlego para me tirarem a vida, que sostento de impossibilidades e sem fundamento dalgũa esperança. Por outra via, enxergada de muito poucos e trilhada de menos, sou tão satisfeito do que padeço que, se o cuido, vejo-me um pavão com a roda feita.
- Grasidel Segundo isso, em estado próspero deveis estar, porque o favor faz gostoso e leve o trabalho, que assi fui eu quando Deos queria.
- Filelfo Senhor, o homem há-se de afeiçoar em parte onde o mal que vos vem é dita senti-lo e o bem sem preço, porque a causa da dor é a consolação dela.
- Grasidel Si, mas se lhe falta a esperança que em todas as empresas é a máxima que sustenta, esforça [100'] e aviva o espírito é triste sorte e abate todo gosto.
- Filelfo Não é fino amor o que pretende mais o próprio proveito que o de quem ama, que se desejais bem à pessoa a que o quereis sem-razão é desejar roubar-lhe honra e fama, que em lei de bom cavaleiro e bom namorado sois obrigado defender e sustentar a toda molher. Portanto, não sejais de uns que em suas tenções pubricam o que devem enterrar no pensamento e em seus pregões justicam o bom nome de sua dama, e por sobejos querem desmerecer o que na tenção desmerecem, sendo certo que mais amor testifica de si um amator com um suspiro, um acatamento honesto e um receio sojeito que com quantas cartas e recados pode mandar. Nem há mais certos messageiros da verdadeira afeição que os olhos, porque como per eles se descobre o que o coração quer e entende assi mostram a dor da alma e a pureza dos pensamentos, e os vivos espíritos que deles saem abrasados do amor do peito amante vão-se abrasar ao da amada. E per estes meios se entendem e sentem os corações, donde se diz que se falam.
- Grasidel Será isso depois que se amam, mas para se entenderem e amarem requerem-se muitos meios, que quem deseja e sinte não escusa buscar e cometer.
- Filelfo Assaz pouco é o amor e muito interesseiro que não pode sofrer [101] sua pena por escusar o perjuízo de quem ama. E de ser isto mal olhado nos princípios são os fins tão perjudiciais. Bem que a crueza ou vanglória de molheres indiscretas, que pretendem experiências, causam fazerem os homens, por satisfazê-las, muitos erros púbricos.
- Grasidel Sempre ouvi que é pouco o amor que pode consigo. Esses resguardos e respeitos que vós quereis ter são muito pouco seguros e menos estimados delas, que querem antes ver-vos doudo púbrico que namorado secreto.
- Filelfo Essas não se sentem. Eu trato das que tem primor divido a si próprias. Todo fundamento convém ter firme alicece. Quem edifica desejo amoroso em coração paciente seja sobre segredo, havendo por melhor padeecer morte desmerecida calando sua pena que merecê-la pubricando seu cuidado em dano da causa dele. O al é negar amor e entregar ao desejo, e pelo satisfazer esquecer todo outro bom respeito.

- Grasidel Que menos pode fazer quem sinte a dor senão publicá-la para lhe procurar saúde?
- Filelfo Em lugar solitário, em companhia de seus pensamentos, pratique seus males. Onde se um o desconfiar em seu merecimento outro lhe dará confiança na sua fé. E assi escusa [101'] descobrir-se ao amigo que o publica de um noutro, até que todos o sabem, e não fica escravo daquele a quem entrega seu segredo.
- Grasidel Nesta parte nenhũa cousa corrompe tanto o segredo como querê-lo ter demasiadamente, e é forçado fiar-se de alguém a quem comunique seus sucessos, e mediante o conselho alheio acertar no próprio. E também para ajuda do meneo desta cousa em que só não pode prover, ca muitas vezes remedeia os erros que o cego paciente faz. Val-lhe também para gosto no prazer e esforço no pesar. Assi que naturalmente é necessária a comunicação.
- Filelfo O puro amor há de ter tanto respeito em guardar o decoro ao seu que anteponha a isto todo contentamento e toda dor, e a sua fé há de ser um aziar que lhe dê sofrimento para passar per tudo por cumprir com quem pretende servir e não afrontar.
- Grasidel Raramente achareis molher que lance mão dessas finezas, antes cuidado que se querem traquejadas e poucas conservam seu segredo. São sempre desconhecidas para com o verdadeiro merecimento, imigas de si mesmas em não estimar quem sabe estimá-las, e não acertam, porque um espírito delicado e altivo, qual deve ser e é o de ùa gentil dama, não devia atinar a outro interesse salvo servir-se de quem souber [102] respeitar sua grandeza e per ela registrar a esperança.
- Filelfo Muito devedor é a seus fados quem emprega bem os pensamentos, e nesta parte ninguém lhe está em tanta obrigação como eu.
- Grasidel Agradecei-lho como o entendeis e não culpeis os que virdes menoscabados na sorte, que os socedimentos não se podem fugir nem resestir-lhe sem socorro divino. E de muito pequenos azos de mal socedem grandes danos, e eu que o tenho experimentado, porque me traz a senhora Filomela abrasado em engratidões e isenções, a risco de nos desavirmos de todo.
- Filelfo Se tem, porventura, algum fundamento novo?
- Grasidel Tudo receio e quero ver se posso ter meio de me ouvir, e sobr'isso também foi Dinardo Pereira.
- Filelfo Vamos, que eu quero-me ir ao paço e lá vos espero.

Cena Quarta. [102'] Aulegrafia, Filomela.

- Aulegrafia Sobrinha minha, meu amor, quereis vir para esta janela que tenho muito que vos contar?
- Filomela Que me dareis vós?
- Aulegrafia Dar-vos-ei aquele gentil homem que lá está defronte.
- Filomela Tudo isso era, ui por ele e pela sua vida.
- Aulegrafia Seja pela do demo, não vedes, má hora, que é próximo?

- Filomela Per i bem não me lembrava. Como aqueloutro seu companheiro é todo alfenim, jurarei que é perdido por si mesmo.
- Aulegrafia É toda a doce França, mas eu o tenho por bizarro porque me parece que não é cá conhecido e deve andar agora à prática com Germínio Soares, que é águia e todos estes lhe pagam páreas. Este deve ser de uns filhos mimosos da mãe e muito obediente, matinado dela por rico e velado do pai que não se lhe case a furto. E eles com toda a doutrina raramente escapam de cair em barrancos de que ficam com o pior.
- Filomela Mas nunca al vimos salvo grandes quedas nestes mais recatados, porque os pais viveram a seu sabor com [103] muitas culpas e cuidam salvar delas os filhos, em que lhes dá a pena que merecem.
- Aulegrafia Diferente arte, porém, é a de Germínio Soares e a sua confiança. Eu sou perdida pela sua brandura e acho-lhe muita graça na conversação. É muito aprimorado, e mais sabe que não é tacanho. Bem vistes como nos proveu na nossa romaria. Mas quanta diferença de condições há nos homens: há uns que de graça vos perdereis por eles, outros que tudo é fastio.
- Filomela Má raiva os coma todos, do pior até ò melhor, que eles vivem livres e nós morremos cativas. Não me fizera Deos homem para andar por onde quisera à boca que queres, como eles fazem? E as coitadas de nós não havemos de ter vontade própria, a sojeição toda a vida, os passos vos contam, as palavras vos acoimam e até os olhos vos registam.
- Aulegrafia Assi é, mal pecado, mas se eu fora homem pintada houvera de ser a molher que me enganara.
- Filomela Vós fôreis um tavanês arrebatada-punhadas, a cada canto tomáreis ùa dama. Mas eu houvera de ser muito doce, muito apontado, espenicado e todo contempativo nos amores. Ditosa fora a molher com que os eu tratara, porque fora muito mimosa e muito venerada de mim.
- Aulegrafia Eu sou muito disso, queria o homem meneável, [103'] apazível, prático, que tenha muita praça e geralmente benquisto.
- Filomela Esses tem muitos antressolhos, e como são gerais na conversação na afeição não são particulares, e só consigo tem conta.
- Aulegrafia Vós sereis de uns sotrancões que roem as unhas e dão com dedos estalos, que são tudo malícia, e não há movê-los dos seus treze inda que vos escabeleis ant'eles. O homem há de ser bem assombrado quando não for gentil homem, e o mesmo quero da molher. E de ruim rosto não há que fiar, e muito que velar de uns verde-negros, que se tem por sabeções, porque são adros, e livre-me Deos de más condições e mate-me com corações maviosos e humanos.
- Aulegrafia Pois, parece-me a mim de Germínio Soares que com qualquer arrufo e lagriminha farão dele cera.
- Filomela Não vos fieis tanto disso que a silva sempre pica. Os homens têm muitos ressábios e escarninhos. Nenhum há fiel para molheres, que quando as tratam de fora mostram-se-lhe arminhos e depois que as logram são imigos. Os discretos nenhũa confiança tem de nós nem nos dão crédito, os parvos não sabem estimá-las nem as acatam. A verdade é, senhora madrinha, que a nossa sorte é triste e cativa, e para

- nós nada é seguro. Quando cuidamos descansar então nos cansamos. [104] Bem-aventurada a que se entregou a Deos, que esta se pôs em salvo.
- Aulegrafia Quem o duvida? Como vós agora estais contrita. Pode ser que algũa fosse lá contra sua vontade.
- Filomela É vento isso seja de que sorte for, mas a sua é a boa porque tomaram o porto seguro, e o menos descanso seu abate todos os gostos do mundo quanto mais, vede, que será um mimo de Deos.
- Aulegrafia Mana minha, leixai-vos agora dessas certezas. Ouvistes vós já dizer: amores e dores com pão são bons? Não se pode ter tudo, o tempo o dá. Tratai do presente conforme a idade que ela não espera. Favoreci aquele galante e fezei dele muito fundamento, que se vos cair em sorte, como cuido, eu fiador que vos não arrendais.
- Filomela Deos o sabe. Eu, todavia, tenho-me com ser livre dessas paixões.
- Aulegrafia Ora não sejais sensabor, que me aborrecem muito pessoas de entejos e que não sabem extremar as cousas. Como é certo que não sois tão de pedra que vos não incrineis já a quem vo-lo merece.
- Filomela Eu o desejava, inda nisso há muito que cuidar. Não se move logo assi a menina, e mais eu cuido que sei também o meu salmo.
- Aulegrafia Pois eu tenho-lhe dito o que me dissestes. E ele com o maior alvoroço do mundo disse-me que faria o que lhe mandásseis. E eu, por rematar, [104'] prometi-lhe falarmos-lhe esta noute.
- Filomela Ai, guarde-me Deos de mal. Jesu, mãe minha, longe vá o mau agouro. Sequer vós prometeis tal de manos a boca?
- Aulegrafia Isso me mata de vós, não mo dissestes?
- Filomela Não para lhe falar tão asinha.
- Aulegrafia Ora certo que vos não entendo. As pessoas por falar se entendem.
- Filomela Mais ao longe. Em que conta quereis que me tenha esse homem se lhe for tão fácil? Não sabeis que homens desejam o que lhe negam e estimam o que lhe encarecem?
- Aulegrafia Essa regra não é sempre certa, como os gostos são diversos assi é a afeição. Onde há amor perdem-se as cautelas, e o grande é muito sôfrego e quer-se satisfeito antes que inconvenientes o cerquem.
- Filomela Todavia bem sabeis que não há cousa tão enganosa como o coração do homem, cuja arte é mostrar o contrário do que sente.
- Aulegrafia O geral não comprende todos, também ãas mulheres vingam outras. Em Germínio Soares é escusado falar dessa maneira. Nas palavras e modo de vida é muito bom de conhecer a tenção de cada um. E mais quereis que vos diga? Também do pouco siso e pouca firmeza das mulheres nasce a culpa dos homens.
- Filomela Ai mana, não sejais por eles, que a molher que neles pôs confiança nunca se alabou. Já fui tola, não hei de crer senão o que [105] vir.
- Aulegrafia Ora olhai cá, sobrinha mana, não pode haver maior falta na pessoa que não ter palavra, e não tê-la é sũmo desaforamento. Mal sofreria eu falar da minha, nem vós quereis. E quanto aos vossos receios, esses hão-se de ter de parvos, que tem de natureza ser tredos. E antre pessoas discretas ninguém é julgado pela opinião popular, e quero-vos dizer o como deveis ser fouta nesta parte sem dar orelhas a maus



juízos. Toda mulher galante é-lhe dado e pode dar mostras d'amor como não der esperança de cousa desonesta. Segurada a honestidade, pode favorecer segura quem lho merecer sem lhe ser mal julgado. Não se ofereça a ser servida com jeitos e desassossegos que abatem muito seu preço. Mas se sabe que é amada de quem quer que seja, pagar-lhe com desprezos é sinal de desconfiança própria, e por ser ingrata não seja causa de perder o que ganhou por fermosa. Esquivar servidores, as mais das vezes é parvoíce, que eles não desdouram, antes abonam a dama nestas casas em que não se escusa ser vista e requestada. O em que há de ser atentada e provida: enquanto a vontade não fez assento saber escolher com tento e sem pressa. Não se vença do próprio proveito salvo sobre o certo, [105'] como agora neste negócio que temos antre mãos, e vá à minha conta o que nisso aventurardes, que mulher sou eu para fazer o que disser e tirar tudo a limpo. Enfim, não curemos de mais histórias. Nós havemos-lhe de falar. Eu falarei primeiro, e não lhe faleis vós se vos não segurar o campo. Aqui nada perdeis e aventurais ganhar o que tenho por muito certo.

- Filomela Onde quereis vós agora que lhe falemos? Eu já não me hei de pôr em parte que possa Graside de Abreu aventar ou espreitar algũa cousa se acertar de andar per i.
- Aulegrafia Ora, por minha vida que vos acho graça, mas pouca. A obediência e medo que lhe vós inda tendes nunca se viu, agora não me espanta ter-vos ele em pouco.
- Filomela Pola sua negra vida, como me eu disse rio.
- Aulegrafia Boa está aquela que assi for sojeita. Em hora que o ele tomasse o demo. E doutra parte sois a mais alta molher que cuidei ver ou vi, diz que a hei de rogar com o seu proveito, a mim que me vai nisto. Ora vos desengano, que se me já não tivera penhorada com Germínio Soares prometo-vos que vos não falara palavra, mas por minha honra hei-vos de mostrar minha verdade, e acabado de vo-la fazer vente lavar as mãos de vossos negócios, [106] porque não sou como outras amigas fingidas que folgam de meter em culpas a quem se delas fia e depois zombam de fora.
- Filomela Estais merencória, e eu queria antes anojá-me a mim mesma. E por que vos não pareça outra cousa, digo que me meto em vossas mãos. Fazei o que quiserdes.
- Aulegrafia Inde mal e inde negra, pois meus pecados me fizeram tanto mal que desconfiais de mim.
- Filomela Não digo eu isso.
- Aulegrafia Ora leixai-me fazer, que me não podeis negar que sou para muito como começo, e vós o vereis. Esperai-me aqui nesta janela enquanto lhe vou mandar recado.

Cena Quinta. [106']

Dinardo Pereira, Filomela.

Dinardo Agora me cai a lanço minha prima Filomela, quero-lhe fazer meu tiro por parte de seu servidor Grasidel de Abreu para os pôr em paz, dom de Deos per que todo bem crece e ele trouxe à terra para a conservar. A minha opinião, porém, é entressachar os tempos em guerra por que tiranos não logrem o seu isentos, desestimando os homens que os sostém. E o mesmo também entendo que corre nos amores, que se querem alternados de avenças e desavenças, porque a molher mimosa enfada-se da prosperidade, cuja malícia quero tomá-la antes que venha algum intervalo. Beijo as mãos da senhora minha prima, que mundo novo é este? Que cousa é esta? Que pecados tamanhos foram os de ùa alma? E que desconhecimento o doutra? Cujá é aqui a culpa?, que a pena bem sei quem a padece.

Filomela Quanto mais certo é que sabeis vós, senhor primo, a verdade de tantos enganos e tão longos e que tinha eu muita razão de me queixar de ma vós também [107] não falardes. Merecia-vos eu não sofrerdes ver-me vendida tanto tempo e não serdes em consentimento disso pois o encobríeis? Acabei, enfim, de saber que não há que fiar de homem, e por vós jurara eu.

Dinardo Não senhora, vós já não me atalheis. Sabei que sou enviado a vos converter e restituir à nossa fé, da que andais muito isenta e irregular. E se o não valer convosco ir-me-ei fazer elche, e mais já que a cousa está danada quero salvar minha honra e que me restituais a posse do meu crédito, que por nenhũa via sofrerei perder com quem tanto desejo servir.

Filomela Eu, sem embargo de meus queixumes, quando for em cousas de vosso serviço que eu possa mostrar a minha amizade a ninguém darei vantagem, porque sou amiga desenganada em todo tempo e de toda hora.

Dinardo Beijo as mãos a vossa mercê por essa que para mim hei por de grande preço, e também sou tão certo de quem devo, e devo a vós, senhora prima, tanto que agora hei de ver se me respondeis segundo o que vos quero.

Filomela Eu, senhor?

Dinardo Haveis-me de ouvir, e se me quiserdes crer dir-vos-ei a verdade de tudo o que passa.

Filomela E para quê, j' agora?

Dinardo Ah, senhora, que não val nada isso. Eu não vos hei de negar muitas culpas em Grasidel de Abreu.

Filomela Senhor primo. [107']

Dinardo Haveis de ouvir razão, mas estas serão de condição trabalhosa ou mimosa e não de vontade falsa. Ora nisto há já muito que dizer e que respeitar porque, senhora prima, muitas cousas faz a condição que a vontade não concede, antes nega, e onde há vontade tudo se acaba e está seguro. Daqui vem que soffremos aos amigos muitas sem-razões e dos imigos nem a razão nos satisfaz.

- Filomela Senhor, quereis que vos diga?
- Dinardo Ouvi-me, senhora, por me fazer mercê, e não me atalheis. Todavia, sou tão bandeiro por vossa parte que nenhũa desculpa soffro nem aceito pela de Grasiel de Abreu. Mas estai comigo, dou-vo-lo culpado, dou-vo-lo condenado por herege d'amor. Aqui tem agora lugar o ânimo grandioso. Misericórdia não deve negar-se a quem a pede. Má demanda tem necessidade de clemência como a inocência a tem de juiz justo. Ambas estas alaias tendes de obrigação de quem sois, ãa me haveis de dar, seja qual quizerdes. Se vos errou usai a piedade que se vos espera e nunca faltou em sangue nobre. E se vo-lo eu der sem culpa da que me dizem que lhe pondeis sede justificada, que o al será teima e rancor que nunca faz impressão na alma pura ofendida, quanto mais não lhe errando.
- Filomela Como falais a vosso sabor, [108] mas muito saberá quem me tirar dos meus treze.
- Dinardo Falo fouto porque tenho a causa justa.
- Filomela Tudo é malhar em ferro frio, já sei o que me cumpre.
- Dinardo Eu já não me hei de ir com má resposta, maiormente de quem eu cuido e sei de mim que lha mereço boa e me deve dar crédito.
- Filomela Bofé, senhor primo, quanto agora longe estou de aceitar essas justificações nem piedades, antes estou determinada acabar questões para todo sempre.
- Dinardo Boa heresia seria essa, senhora. Dizia um rei que se devem os poderosos aproveitar da clemência primeiro que usassem do poder, porque o ânimo real, senhor doutro, há de ser piadoso e não vingativo. E o mesmo digo para convosco, por segurardes com perdoar e não perderdes com rigor o senhorio que tendes sobre ãa alma.
- Filomela Nem o tenho nem quero tê-lo.
- Dinardo Ah, não sejais teimosa.
- Filomela Mal sabeis quanto me disso prezo.
- Dinardo É logo muito mal feito, e perdoai-me, senhora, que vo-lo não posso dizer doutra maneira.
- Filomela Oh, perdão de Deos, mas eu hei de fazer o que quizer e vós, senhor, dizei o que quizerdes.
- Dinardo Senhora minha, a piedade sustenta e conserva o que a crueza acaba e destrue. Não se há de usar de todo poder, e o mais notável primor de príncipe é perdoar e dar, donde [108'] César, preguntado de que tinha mais glória, lembrando-lhe se alegrava mais, disse: de perdoar aos que me erram e galardoar aos que me servem. E esta quero eu que agora sejais, perdoando más sospeitas e agradecendo boa vontade.
- Filomela Todas essas razões são boas de dizer, e vós que as sabeis bem pintar, mas não respondem ao meu propósito nem me armam.
- Dinardo Antes vem a pluma, porque está claro e não se nega, antes todos confessamos, serem vossas mercês princesas nossas, e nós não pouco satisfeitos com isso.
- Filomela Pois bem, estamos remediados com esses principados. A outro perro com esse osso... Mas quão longe o que dizeis do que fazeis, que todos vos prezais de nos sopear e querer ter-nos por escravas.

- Dinardo Tá, senhora, que me afrontais. E por parte de minha senhora o não posso nem quero sofrer, porque eu já não saberia negar-lhe minha servidão por nenhũa via, e todo homem aprimorado se preza de trazer sua dama na cabeça.
- Filomela Inda, má hora, não seria assi. Boa tola será a que consentir sojeição! Isso é lá para mulherinhas de vila, que todo seu feito é sarilhar e debar e não entendem vossas malícias. Cá temos outros esperitos.
- Dinardo Por isso arrenego eu, ou arrenegamos todos, que sois todas tão isentas que nem conhecimento do vosso [109] senhorio nos quereis confessar, porque sois tiranas de vontades, vidas, almas, e nem assi satisfeitas.
- Filomela Não se fala al senão disso. Quem vos queimasse todos por embaidores.
- Dinardo Não se pode falar agora convosco, estais merencória, que é parede meio com desarrazoada.
- Filomela Bofé, mais o estais vós em profiar no escusado, que, quanto a mim, como não há cousa que chegue a ser livre nunca vivi com gosto como agora. E se me não credes experimentai-o e não vos leixeis sopear da vontade apetitosa, e vós me nomeareis.
- Dinardo Não me divertais o propósito. Vós, senhora, já que o sois de quem padece vossa isenção, cuidai que perdoando ofensas e galardoando serviços se ganha contentamento e louvor, e por este respeito convertam-se estas peleijas que não se escusam antre os que se bem querem em maior amizade, e seja tudo renzilha de são João. E fora de vossa paixão eu vos perdoo depois confessardes-me o que vos mereço e me agora negais, com tal que pagueis per junto tudo a Grasedel de Abreu, que dele quero as alvísseras.
- Filomela Mas quereis que não falemos mais em cousa tão escusada?
- Dinardo Há-se de sofrer isso no mundo?
- Filomela Desengane-se, que estou tão farta de seus embates que por cousa desta vida não tornaria a eles. Que tem [109'] esse homem de ver comigo? Ele cuidava que era eu obrigada a sofrer seus achaques sempre? Pois saiba em certo que já passou.
- Dinardo Senhora prima.
- Filomela Senhor primo.
- Dinardo Pesar de toda a mourisma, não sejais tanto molher em ser teimosa. Confesso que tendes razão em atanzá-lo, mas também haveis de olhar que o espírito afeiçoado tem mil paixões e quanto mais vencido menos sofrido. Ao ânimo apaixonado nada se há de crer nem estranhar, porque não está em si e falar-lhe é falar com quem está ausente.
- Filomela E como ora o eu estou.
- Dinardo Já o vejo, quanto mais em paixão d'amores que desatina um homem.
- Filomela Assi não vemos cada dia outra cousa. Ah, raposos!
- Dinardo Ah, cruéis! E olhai como rima. Cuida Grasedel de Abreu que vos é mais leal que um português e vós, senhora, acusai-lo por traidor e condenai-lo sem ouvi-lo nem lhe aceitar razão que o desculpe, e quereis que tenha sofrimento. Digo-vos, senhora, que é caso para perder o siso.

Filomela Deos o tenha de sua mão, mas não hajais medo que ele é para muito quando tal fosse, quanto mais quem se tão bem empregou.

Dinardo Assi cuida ele e não lhe val.

Filomela Eu me entendo, e se fui párvua até qui não o quero já ser.

Dinardo Assaz pena e castigo é o pesar e arrependimento do cometido, [110] quando se tem, e padecer a inocência não é justo.

Filomela Todos sois inocentes, e ele sobre todos.

Dinardo Já vo-lo dou culpado, mas arrependido. Não olheis ao que podeis mas ao que deveis. Passar pelas ofensas é grandeza, e maior ânimo é sofrer a injúria que fazê-la, e mais mofino quem a faz que quem a sofre. De vingar-se muitos se arrependem e de perdoar nunca, por ser o gosto da vingança de um mau momento e o do perdão dura para sempre.

Filomela Aos homens nunca lhes faltam razões, a razão si.

Dinardo Senhora minha, do meu mau conselho não cureis ora de novidades. Conservai o que tendes seguro, não venhais a novas experiências que são perigosas.

Filomela Pois por tanto como isso, ele ma tem dada de si, e boa, e me ensinou o que devo fazer, por onde hei por escusado falar em cousas passadas que fim deram.

Dinardo Logo eu consintirei esquecerem as passadas contanto que nas presentes não haja mudança.

Filomela E como ora espero não fazê-la.

Dinardo Não digo da maneira que dais a entender, mas que esquecidos os passados agravos, pois o próprio remédio da afronta é esquecê-la, acabe-se toda desavença.

Filomela Eu vos seguro que nunca a mais tenhamos.

Dinardo Beijo as mãos a vossa mercê per essa, e isso me parece de rosas. E assi é muita razão não [110'] havê-la antre vontades tão certas. Não errava eu em vos ter por essa.

Filomela Senhor, não me faleis ad Efésios. Entendei-me se quiserdes, como o digo, que eu bem vos entendo. Em que folgava com fingimentos e os cria!

Dinardo Estou para haver merencoria, se pudera tê-la de vós, senhora, do descrédito que me tendes. Fiai-vos dos amigos, que pior é fiar de imigos e desconfiar de todos é triste vida. Melhor é vencer com conselho que com paixão. Tomai ora o meu, que à fé de vosso servidor que está Grasiel de Abreu salvo de culpa.

Filomela Quem perde a fé nada lhe fica em que se salve.

Dinardo E se a não perdeu?

Filomela A muita facilidade é parvoíce, e de mim estou escandalizada por a muita que tive em me fiar dele. Como hei de ser sesuda daqui por diante.

Dinardo Enquanto durar o arrependimento.

Filomela Acho-me tão livre que de contente me desconheço.

Dinardo Certos ferros de magoada, e com isso desconhecereis todos. Pois dizeime, senhora: e tão isenta se cobra lá a liberdade?

Filomela Mais prestes do que cuidais. Portanto ninguém anoje sua dama se não quer perdê-la.

- Dinardo E assi mo aconselhais?
- Filomela E mais agora que hei de avisar todas que façam mal sem quererem bem, que os homens assi querem.
- Dinardo O demo to disse. Apelo por parte dos afeiçoados, [111] e a culpa de um (quando a houvesse) não deve ser pena de todos.
- Filomela Nunca ouvistes que ameaça muitos quem afronta um, e um ingrato ensina outros ser escassos?
- Dinardo Estais brava de maneira que vos hei medo.
- Filomela Guarde-vos Deos de mulher determinada.
- Dinardo Não cuidei que se usava lá tanta mudança.
- Filomela Pois que querieis? Ser muito livres e as coitadas sojeitas? Já as tolas morreram.
- Dinardo Bom está isso. Vós, senhoras, mandais, nós obedecemos; vós descansadas, nós cansados; vós alegres quando nos vedes tristes; vós senhoras da vossa vontade e nós querençosos de vo-la fazer.
- Filomela Quantos enganos.
- Dinardo Injuriais-me por boas palavras, tudo sofrerei senão negardes-me minha verdade. E com todo homem que ma contradissera me matara, mas com vós, senhora, não há mais que sentir e padecer, e vai-me parecendo que aproveitará já pouco minha porfia a quem me cá mandou.
- Filomela Crede-me que vos ouço por não ser mal ensinada.
- Dinardo E eu, se sou sobejo, perdoai-mo, porque nos negócios próprios rogo e nos alheios importuno. E mais não sou tão pouco vosso que poupasse o gosto danado de ninguém com vossa perda, maiormente que presumo de tão leal a honra e estima de todas as mulheres que por nenhũa cousa melhormente mataria [111'] um homem que por saber que trata enganos a molher de respeito. E tenho para mim por suma das vilezas e grande grossaria fingir amor.
- Filomela Não tratemos de vós, senhor primo, que sois esse e cá estais nessa posse antre estas senhoras, mas de essoutro senhor. Para que é vir com novidades agora? Se no tempo passado não teve amor merecido por boas obras e conversação singela, por que o haverá perdida a razão para havê-lo? A fé é como a alma que não torna donde sai, inda que ninguém perdeu a fé salvo quem a não tem. Ele nunca a teve, e esta é a concrusão.
- Dinardo Senhora prima, à fé de gentil homem que lhe tenho dito disso mais do que podeis dizer primeiro que aceitasse vir-vos falar, e deu-me tais razões e com tantos juramentos, fiái-vos de mim, que vista sua inocência lhe prometi fazer estas pazes.
- Filomela Não façais, que a ele vem-lhe isto melhor. Não lhe pejarei o tempo, que quem dous senhores serve...
- Dinardo Ah senhora, que é mor mentira do mundo.
- Filomela Que o seja ou não seja, que me dá a mim? Não hei de tornar atrás de meu propósito pois me acho muito bem dele. Fazei-me mercê que mudemos a prática ou me dai licença para me ir.
- Dinardo De maneira, senhora, que não valho convosco ouvirdes-me?

Filomela Que vos hei de ouvir? [112] Confesso-vos que dizeis verdade, porque vos parecerá que se me devia, mas eu quero agora viver à minha lei e ver que vida é viver sem amores, que deve ser muito descansada segundo vou sintindo.

Dinardo Nunca vivestes sem eles?

Filomela Há já tanto que me esquece, e um estado traz esquecimento doutro.

Dinardo Pois, senhora, olhai que o senhorio do costume é muito forte.

Filomela A pessoa determinada tudo acaba e pode consigo.

Dinardo Finalmente que é escusado debater nisto?

Filomela E bem escusado.

Dinardo Se assi fizessem os despachadores forrar-se-ia sequer o tempo, mas inda me não hei por respondido. Cuidai-o bem, que as cousas cuidadas se embicam não caem. Deve cuidar-se muito tempo o que ùa vez se há de deliberar. Lembro-vos que se alguém perde também perdeis.

Filomela Sinta cada um sua perda e cale-se com ela, que eu assi o farei, segura de me arrepender.

Dinardo Dai ora ao demo essas birras, que de fazer vontade à paixão socede o arrependimento.

Filomela Senhor, perdoai-me, que me chamam. Beijo-vo-las mãos.

Cena Sexta. [112']

Dinardo Pereira, Grasidele de Abreu.

Dinardo Voto a tal que o viu e fugiu por não lhe falar. Nisto já não há cura. Livre-me Deos dos ódios destas, que como começam não tem meio em ser teimosas. Bem se diz que ou amam ou aborrecem.

Grasidel Que vai cá, que tendes feito?

Dinardo Dai a Deos, mais danada está esta cousa do que eu cuidei. Estava-lhe falando e em vos vendo vir foi-se sem me esperar mais razão. Passámos grandes baixas, eu às boas e ela às más. Eu, porém, fiquei com a pior e desenganado rasamente, que não havia de entender em cousa vossa.

Grasidel Não vo-lo dizia eu? Sabia melhor que havia isto de ser assi, são galardões do mundo. Coitado de quem há de sofrer tudo. Sede lá afeiçoado, vereis como vos pagam, não querem elas mais que acolher-vos a vontade para vos fazerem perrarias.

Dinardo Ora dizei-me por vossa vida, vós quereis bem no extremo que mostrais?

Grasidel Mas que vedes vós em mim para eu não querer mais do que digo?

Dinardo Pois à fé que nunca [113] pude entender de vós mais que parecer-me que o fazíeis por passatempo.

Grasidel Tal foi para comigo, mas tinha que era empregar tempo, porque também entendo quão pouco fruto dão fingimentos nestas partes.

Dinardo Nem também dá perda, é um viver como vossos vezinhos, pouco custoso e de gosto e sem amores. Cuido que ninguém pode tê-lo de si mesmo, e com eles tudo vos alegre, e até pôr ùa ataca nova vos contenta. E sabeis por quão necessário o tenho? Que como me derdes

um coração namorado, contemplativo, sem fezes de sensual, dou-volo fonte de espíritos nobres, um debuxo de bons costumes, e que não tenha em muito ser outro filho de Amon. Sem amor não pode tomar fogo para bom feito, logo fica apagado e homem inábil. Por isso sou perdido por mim e tenho muita razão, porque não me dem comer nem beber salvo pestanas que façam sombra, sobranceiras afiladas e ùa espertadura como estrada, e então sob los teus cabelos ninha dormiria. Mate-me Deos com homens desta fêvera e mande-me tomar Marrocos, vereis se mo defende o sofí. E vós cuidais que tudo é namorado sou eu? Mais há que fazer nisso que nas bragas de um bode. O bom galante primeiramente há de ser liberal [113'] se quer alcançar vitória, livre para oucioso, espreitar azos e lograr acertos, paciente para sofrer sem-razões e fingimentos, discreto para saber arrazoar o que lhe cumpre, secreto e não vãoglorioso para encobrir suas glórias, fiel para agradecê-las e animoso para perseverar no trabalho, este tal nunca morre nem erra valia. A vossa arte não entendo eu, navegais por rumos mui avessos da minha agulha, são outras discrições singulares desviadas de certezas. Eu sou de ir pelo caminho das carretas, que enfim tudo o mais trilhado é o mais certo.

Grasidel Dir-vos-ei ùa verdade como a meu confessor, e que encobri sempre, porque a minha arte é nunca dizer o desnecessário: eu quis e quero bem em todo extremo à senhora Filomela.

Dinardo Agora me espanto mais de vós e vos julgo pior, dino do mal que vos veio. E sendo assi, em que vos fundáveis, quando por nada armáveis peleijas de ano e dia?

Grasidel Como vós sabeis, esse é o querer bem refinado, todo rabugento e videntro. Nunca quem teve o amor que eu tenho temporizou falando à vontade, como lhe queria muito receava muito. E a molher para sustentá-la haveis-lhe de mudar os postos de bem a mal, porque são tão mudáveis naturalmente que se lhe não alternais gosto, vida [114] e estado, dando-lhe a gostar e sentir as diferenças do desejo, tomam logo fastio ao que possuem.

Dinardo Ora crede que nenhum amador vê o que lhe cumpre, o muito mimo vos danou. Bem se diz que a velhice descobre os erros da mocidade e a fortuna o mau conselho, e tal o tevestes em seguir, de confiado, parecer próprio. Pois sabei que no amor próspero se deve cada um velar de suas cautelas, porque menos seguro está quem a muita segurança tem desprecebido. De boa fortuna não há que fiar que o mar em um momento se muda. Fazei sempre que vos não tenham ódio por vossa culpa e cumpris convosco. O amante sabe, inda que mal, o que deseja, mas não sinte o que releva. O mau teme a lei por suas culpas e o bom a fortuna porque entende sua inconstância. Isto é andar no certo e não buscar mundos novos.

Grasidel Eu, pois vimos a tudo, fazia a conta ao longe. Pretendi experimentar sua condição, se me respondia a meus fundamentos, porque amor apura no sofrimento.

Dinardo Experiência de amigos é muito perigosa, e a molher é desconfiada das boas obras quanto mais das más. Prova de amor como é doce sendo a



que deve, assi trabalhosa a contrária, maiormente se a vontade está sojeita. Nunca ouvistes que o enfermo desregrado [114'] faz o mestre ser cruel? A ninguém tenteis de paciência, que não há quem a tenha, e ferida muitas vezes converte-se em furor. Tal foi minha prima, que da muita que teve convosco cansou, e nada se acaba por mal. E como diz o exemplo: guarde-vos Deos de ira do Senhor, alboroto de povo e de doudo em lugar estreito. Ela senhora de vós, douda como o são todas as fermosas, buscastes cinco pés ao carneiro em querer experimentá-la.

Grasidel Quem quereis que acerte tanto? Verdadeiro amor não sabe ter regra. Eu sou de saber o que tenho por escusar depois mágoas que roem a alma, e primeiro se há de usar do saber que tentar a fortuna.

Dinardo Se assi quereis sofri o dano por lograr do proveito. A paciência é brandura comã de todos os males, mas eu hei que é matar-se duas vezes quem se mata com as próprias armas. Nunca creais ânimo apaixonado. Encobristes tanto o bom da vossa tenção que desesperastes quem vo-la não entendia, porque qual te dizem tal coração te fazem.

Grasidel A fé é do que não se vê, e em crermos o que não vemos está o merecimento, e crer com prova não se agradece.

Dinardo Assim que quereis que vendo ela quão esquivamente a servíeis vos cresse o que não via? Excelente varão sois! Estas [115] minhas senhoras querem-se muito mimosas, e dado que depois de entregues ao amor sofrem as perrarias que primeiro fizeram, que por isso se disse: para cada porco há seu são Martinho. Mas se se assanham ou se enfadam já ouviríeis que ou amam ou aborrecem. Outros andam a enganá-las com falsas mostras de bem e vós com as de mal enganáveis a ela e a vós. Mau fundamento fazíeis, não sois camuz de entender damas. Querei antes ser amado que temido, que por amor duram as cousas que se perdem por temor, e é pequice querer amar sob cor de imigo. Ides fora de todo o bom dos amores, que hão de ser meguices e branduras, e essoutras rabugens são mecânicas.

Grasidel Como o meu amor não é comum não tem os termos usados comumente. Fiz sempre conta de descansar com a senhora Filomela, por o que lhe dava os toques das mágoas para me lograr seguro do descanso.

Dinardo Bem presente não se deve leixar por o que está por vir, para que é adivinhar o mau ano?

Grasidel Porque gostado o mal se conhece o bem. A esperança do descanso alivia o trabalho. Pouco gosto pode ter-se do bem receando o mal. A deleitosa vida amarga com a lembrança da morte, melhor é o trabalho que espera repouso que o deleite de que se espera [115'] nojo. Pouco contentamento tinha el rei Dionisio das músicas e faustos de seu estado real, parecendo-lhe ter sempre sobre a cabeça a espada nua que pendia de um cabelo. Gosto é contar fortunas passadas salvo já delas.

Dinardo Não há bem, por pequeno que seja, que não queira antes lográ-lo presente que a maior promessa do mundo, porque só Deos sabe o porvir. Quem trabalha por descansar não descansa sem trabalho, e pois

o toma à condição de per ele conseguir o descanso melhor o aceitaria podendo escolher o trabalho que por seu respeito passa. E portanto quando vos derem a escolher do mal e do bem escolhei o bem, e chamem-vos parvo e que digais que é melhor o bem passado o mal. Não cureis dessas vaidades, no que estamos benedicamos, dizem lá. Regras de filosofia são boas de dar e más de experimentar. Nenhum vi tão parvo que não errasse. Lograr do presente, que o mal quando vier ele ensinará sofrer-se.

Grasidel Ah, quem se visse em estado de conselho para debater sobre ele, mas eu vivi esperando que falásseis com vossa prima até 'gora antre esperanças e temor. Perderam-se ambos com me deixar em pior estado, venham as dores pois assi o quiseram meus fados.

Dinardo Não vos entregueis à paixão. Já [116] vos a fortuna não pode mudar para mais dor, fica esperar o remédio que Deos dará. Ira com poder é raio. O efeito de tudo consiste em ter poder e crer, se qualquer destes falta nada se faz, porque ninguém faz o que não quer, e faltando o poder por demais é o querer. Minha prima tem agora tudo, não há resistir-lhe, leixai-a cumprir com sua fúria. Antretanto eu falarei com vossa cunhada, que as mulheres rendem-se ãas a outras, e ela lhe fará perder esta merencoria, que quanto maior lha vejo mais lhe espero amansá-la.

Grasidel Seja assi, nada fique por tentar. E quando não entregar-me-ei às mágoas, que já sei que estas dá o mundo em satisfação das verdades.

Dinardo Ora que tudo se fará bem e o tempo o dá. Vamo-nos ao paço que são horas.

Acto Quarto. [116']

Cena Primeira.

Germínio Soares, Artur do Rego.

Germínio Parecem-me horas de irmos à nossa aventura.

Artur Eis-me aqui com minha esclavona cinta, coração seguro no peito e a vontade pronta em vosso serviço.

Germínio Eu diria que era bom levar verdugo mais de marca, quais os já trazem todos, e postos em ponte de ferro a poder de estocadas se defendem como de um baluarte.

Artur Castelhanos trouxeram essa covardia à terra. Quando Portugal florescia com seu treçado ao longo da perna bom esforço cometia tudo e davam-se e tomavam-se com gintil destreza e ânimo destemido, agora passou-se a confiança do espírito à munição das armas.

Germínio Havemos de andar com o tempo por que nos ajudemos dele. E portanto forrai-vos para contraminar matantes roncadores que andam feitos relógios, [117] que eu vou de minha coura e casco de lâminas, luvas de malha e duas pelotas de chumbo, e este verdugo de Milão que é dos melhores que vistes.

Artur Braço há no mundo que dê dous golpes com esse espeto?

- Germínio Eu não quero mais que pô-lo diante do peito e meu passo avante.
- Artur Ora vos digo que ides um Mazagão de forte. Pois eu não quero mais para arripicar em salvo que este chapéu de casco e minha luva d'aferrar, e vereis que descoser faço com a minha fíberta, se vimos a isso. As horas vós, senhor, as vede por vosso regimento, que do conselho do capitão pende o esforço do cavaleiro.
- Germínio Vamos, que melhor será irmos de antemão que errar maré, que em acertá-la consiste tudo. Nós imos apercebidos para os nocturnos combates de nossos petrechos, ao propósito competentes. Esperaremos as horas no posto por que não o tomem primeiro outros aventureiros, pois por estilo de bons cortesões é de quem toma a posse.
- Artur Vedes que graciosa noute?
- Germínio É a própria para amorosos furtos. Mas vamos calados, veremos se há galantes nas frontarias que nos possam estorvar.
- Artur Mal lhes armará agora isso, porque vou de maneira que se me alguém faz carrancas e posturas de bufo... em outro tempo se podem [117'] melhorar de mim, em que me tomem sem cólera, mas neste... perdoe-lhes Deos. Dó hei já do que me anojas e se puser em pontos comigo, que, como sabeis, também na valentia há horas. E em vossa dita, parece, caiu-me o meu quarto, e vou para me dar com um esquadrão.
- Germínio Se vos sintis picado ide lestes, que a galantaria anda aqui travada de maneira que não há quem perca ponto. Deve causar-se do faro destas senhoras, que esse deu alento aos tiranos para sustentar-se dez anos cercados, e o temeroso cervo faz-se atrevido tocado deste furor.
- Artur Se toparmos graça que se ponha em som de fanfarraria leixai-me que eu vos darei conta dele.
- Germínio Dir-vos-ei: eu tenho que é linguagem de Satanás e semente que semeou nos ânimos portugueses por conhecer que são altivos e pontuais em seu brio e que casi pecam de desconfiados, porque leves palavras vêm a eternos ódios, o que nas outras nações é venial, e nós fazemos a honra tão vidrenta que qualquer toque a amola.
- Artur Antes vos digo que se vai já perdendo a opinião com que se guardava o decoro aos homens e não se sofriam os desaforamentos que o interesse tem admitidos.
- Germínio Tem-se o mundo feito muito sesudo.
- Artur Logo lhe eu isso sofrera, mas tenho que o interesse o [118] tem feito covardo, e esses sisos dos bons dá ousadia a roins para tomarem liberdade em seus excessos e caírem com eles. Eu não vos louvo ser soberbo nem vos gabo ser sofrido por não dar licença a covardes. Entendo que o muito sofrimento acanha espíritos nobres e dá fôlego aos fracos.
- Germínio Muito há disso pela terra, e é viver cristãmente, sem ódios.
- Artur Essa vos não confessarei eu, antes cuido que quando as amizades eram públicas havia corações mais puros e agora tudo é brasas debaixo de cinza e cobra antre as ervas. Dessimulo por que não vos veleis de mim, não me declaro por que não me recê de vós, e fica assi o campo

- seguro para vos ferir onde vos acho em descoberto. Estranha-se tolher a fala e sofrem-se obras imigas.
- Germínio Essa é a discrição que achou o mundo, saber dissimular o ódio, e atrevimentos já não vêm a lume, e amarrar o siso inda não basta. Quando o escudeiro se enfeitava com brozeguins baios, barrete vermelho com fita azul, morto por levar boas pernas a cavalo, e no cabo da carreira apupava, então se estimava a cólera. Agora em açamá-la vai a honra e em leixar-vos acanhar a discrição. O homem brigoso é bruto, o manhoso louvado, e portanto não sejais ardego, boca ardente, nem tomeis sestros [118'] tão desassazonados.
- Artur Não sei tão pouco do mundo andando em meio do pego. Pouco presumis de mim se me fazeis tão cego que não vejo o tempo bissexto e que apupa a quem seu cabedal emprega nessa mercadoria, que já teve preço. Tenho entendido que está o Portugal na derradeira idade, que requiere repouso. Cobiça dinheiro para fazer quintãs, natureza de velhos, e sofre rapazes por viver. Mais vos digo, por que entendais como sou de atalhar a desgostos que cansam a vida e poupar minha recreação, que não me haveis de acolher nestes amores do paço porque são muito longueiros. Quero mais duas horas de ãa madama sem coimas que me vem a casa bailar que todas estoutras vossas damices, porque as que digo é um comer feito e barato e estas minhas senhoras são tão guardadas e recatadas que não se pode fazer com elas travessura que vos não caia em casa. E eu vivo à lei de siso e não me aventuro em cousa de tanto perigo e pouco tomo.
- Germínio Valha-me Deos, quão mau namorado sois! Baixa estofa é o trato dessas madamas, mais de homens sensuais e devassos que de galantes. E não tendes gostado amor contempativo, que é o doce dos amores. Essoutra cousa é bruteza que enfastia e enfada [119] mui em breve, e tem cem mil enfadamentos d'alma e do corpo. Sabei que o mel da vida é servir ãa gentil dama, e quanto mais perigosa é a empresa tanto de mais preço; quanto mais velada mais estimada, cobiçada e de mais gosto. Contrária opinião tendes de todo o homem de espírito. Há cousa que chegue à recreação que a alma sinte em contempurar a lindeza de ãa donzela, que é a nata da natureza, ãa pintura admirável, a menina das criaturas, a mostra das graças, o trasunto do primor? Ora chegai a ouvir a agradecida fala, a meiga brandura, a mansa conversação. Senhor, hei dó de todo homem sensual e perco-me por um galante contempativo. Ponde-me vós além do mar, que o menos que farei é ser outro Leandro.
- Artur Eis aí, vós que vos armam cavaleiros andantes e os encantamentos da ínsula Firme. Eu, senhor, queria a entrada franca e sair pela porta por não morrer como Calisto, e todavia se cumprir ninguém é mais verde que eu.
- Germínio Agora me contentastes, que eu bem estou com o siso, mas às vezes parece que há casos em que, posto à parte, cumpre usar desarrazoada determinação, segundo fazia Alexandre. ãa hora por outra hão-se de cometer as cousas à ventura e não ser sempre arbitrador, pois não [119'] basta alcançar os sucessos delas por cousa de tanta estima

como ãa linda dama. Tudo se há de aventurar e nada temer, mas para com os aventureiros deste paço toda a boa cortesia é esforço e discrição, e tacha querer afrontar ninguém sem necessidade, e tem-se por grossaria estorvar a ninguém seus gostos. A paz há-se de procurar sempre. E assi dizia Cipião maior que não se devia travar peleija salvo convidado da ocasião ou forçado da necessidade, porque de capitão descuidado era desprezar azos oferecidos e de extremada covardia não ter ânimo acometedor quando se oferece esperança de não haver desastre nem perigo, e o temor não dá outra cousa salvo destruição e afronta. Por onde o bom é sempre antes de virem às armas acabar tudo com a boa razão. E assi disse Felipo vencendo os Arcadas: melhor fora se os vencêramos por saber antes que por força, que a vitória alcançada per virtude do ânimo é a melhor, porquanto nas forças as alimárias nos vencem, por o que ser bom capitão é especialidade muito de vantagem à do bom cavaleiro. E por isso dizia Cipião africano que o parira sua mãe capitão e não soldado.

- Artur Não se nega que o saber domina sobre tudo se o tempo o permite, e que é bom viver de proximidade. [120] Mas esta cousa corre, segundo tenho entendido, segundo o que cá dizemos: que o covardo fugindo não foge à morte porque às vezes o querer fugir brigas as causa. E homens muito cavaleiros e aprimorados, por não quererem ter palavras, havendo-as por armas de mulher, ficam-se afrontados e é-lhes depois necessário melhorar-se com dobrado trabalho, porque não há enfadamento e ocupação que assi atormente a alma enquanto a não satisfazeis e depois de satisfeita, e haver de cumprir com o mundo, parentes, amigos, e com honra, não se pode fazer. Se não fora cristão esperara-vos um touro. Por onde palavras são muito perigosas e vinganças más de azar, e há uns madraços que trazem o esforço na língua, vendo gente em meio. E se vos vem comedimento querem-se senhorear de vós com sobrançarias.
- Germínio Esses nécios desenganá-los com obras. Andam aprecebidos de termos grosseiros no primeiro recontro por se forrarem de vir ao segundo em que mostrarão o fio, são de alcateas, e quem não entende sua composição e que vir seus preparatórios tê-los-á por Golias, mas isto é para povo e mulheres. O homem que de si sabe que não há de fazer covardia seja seguro e não dê vento a roncarias. De branduras vos [120'] velai, que pior é o dia encoberto que o descoberto. Dizia Chilon: ameaçar é avisar o imigo e danar a ocasião da vingança. Homem manso abotumado me desatina e nunca o queria por contrário.
- Artur Eu nenhũa cousa receio tanto como palavras que vos tomam descuidado, por quão má é de haver satisfação delas. Dar-se um homem com outro, o que menos pode se se defende com ânimo não fica covardo. Ficar mal de palavras acanha a opinião, obriga muito, e quem se guarda é mau de acolher em parte que vos satisfaça, e são culpas mais da mofina que do ânimo. A minha voz é ser biscainho nas razões e português nas obras, saindo ao primeiro arrepique.
- Germínio Aqui somos, inda cá temos gente de guarnição, amantes de cavalo, os quais fazei conta que manterão a tea parte da noute.

Artur E quem são os meus senhores?  
Germínio Inda o não sei.  
Artur Os dous que cá estão assentados devem ser seus lacaios. Vamo-nos para junto deles por que os amos não encalmem connosco e se detenham de sôfregos se entenderem que temos negócio.  
Germínio Seja assi, que a noute grande é e ouviremos também o que dizem.

Cena Segunda. [121]

Dom Ricardo, dom Galindo, Germínio Soares, Artur do Rego, Xarales, Miranda.

Dom Ricardo Vós, senhor dom Galindo, ouvistes hoje a senhora dona Paula com dom Galaor na mesa da rainha?  
Dom Galindo Não fui lá por certa ocupação.  
Dom Ricardo Ora pois ouvi: foi-se dom Galaor para ela e çarrou-se de maneira com ele que o afrontou e chegou a tanto que ele de inchado soltou-se em palavras tais que foi necessário a seu primo dom Florendos, que estava da outra parte, sair per ela. E ficou a cousa tão azeda antre eles que se recea haver desafio d'ambos. Eu, já sabeis, que se fora dom Florendos além do mar o desafiara porque, senhor, estardes com ãa dama obriga muito e requiere estar homem sempre com o pé diante como grou.  
Dom Galindo Muito me contais. Assentai, senhor, que ãa dama é um vidro, e o galante que com elas há de tratar cumpre-lhe andar confessado e com cédula feita, porque se lhes entra um [121'] entejo do ar fazem-vos desprezos que não há muralha que se lhe tenha. Ora a um torcicolo com bocejo não há casa forte, que por nô soffrir ultraje cometerei todo o impossível.  
Xarales Juri a dez que tenéis poco que hacer en eso, ca peor que moro es quien me tiene aquí a deshoras al fresco de la noche, con hambre, sed y frío, mas puto de mí (judío) que te sufro por un negro ducado al mes, y ése mal pago, y es justo, que quien sirve locos y necios no puede sacar dello sino mala ventura. Y voto a tal que si me paro a pensar en esto estoy por derreñegar de la leche que mamá por haber venido en esta tierra do todo es locura y fantasía.  
Miranda Vós, castelhano, cuidáveis que tudo em Portugal era mel e manteiga?  
Xarales Calla, português bobo, que de necio no sientes tu mal. Hados malos me traxeron acá purgar pecados en comunicar bobos.  
Germínio Vós gostais desta farsa?  
Artur Real está o passo, e o castelhano tem sal.  
Germínio Pois o português não se lhe agacha.  
Dom Ricardo A senhora dona Paula é gentil dama e de sua opinião, e sofre mal galantes de almazém, e o que ela admite sabeis que há de ser atilado, e poucos tais na dúzia. E parece ser que o serão passado mandou-lhe dom Galaor pedir que quisesse dançar com ele ãa baixa e alta e ela [122] escusou-se por mal desposta. E daí a nada saiu a passar galharda e pavana com dom Felipendo. E dom Galaor já sabeis que é fraco cortesão e leva mal o paço.  
Dom Galindo É verdade, e já há d'ir à cova com se vestir mal.

- Dom Ricardo E cuido que se queixou.
- Dom Galindo Vamos e venhamos, que pode um fidalgo dizer a ãa dama que não seja amores, galantarias, obediências, sojeições e bons ensinos? Ora se fala bem que lho alevante a dama e estime e se mal que lho dissimule e sofra, pois ele faz o que pode e sua tenção é contentá-la.
- Xarales Tomad por ahí, pensáís, mi amo, que todos tienen de ser como yo, que vivo de sufrir necios como vos? En buena fe, que debe ser mujer de bien pues no sufre badajos. Si el galán fuera Xarales a mí el cargo que no le hallase desgraciado.
- Miranda Não te calarás, castelhano? Queres que te quebre esses focinhos?
- Xarales Cállate tú, noramala, pues eres asno y no sientes la carga que traes a cuestras en vivir con otro tal como tú.
- Miranda Bem sei, castelhano, que correis hoje risco comigo.
- Dom Ricardo Si, mas pressuposto que ela se enfada da sua fraca cortesia. Porque quereis obrigar ãa dama discreta, que nasceu para mimosa, que se encalme com ouvir muita sensaboria e frieza, que é um bravo e incompatível [122'] enfadamento.
- Dom Galindo Dir-vos-ei a isso, senhor: eu não sinto qual é o homem discreto, quanto mo derdes mais namorado, que se atreve ou pode falar a sua dama sem tartarear.
- Dom Ricardo Desse voto sou eu. O homem afeiçoado mais fala com os olhos que com a boca.
- Xarales Nunca más medréis que para melcochero. Oyes, Miranda? Hoy me acaeció con una rapaza, hija de la mesonera amiga de mi prima Cifuentes, quererla hablar y por no quererme escuchar subióseme la mostaza a las narinas, y fue tanta mi saña y coraje que le descargué media docena de bofetones y ensangrentéle todas las muelas. Hecho esto, escabullóme de presto y véngome muy enojado.
- Miranda Voto a Mares, que andaste como homem de barba, inda que a tens bem ruim, porque não há cevadouro para caçá-las e fazê-las vir comer à mão como dar-lhe ãa boa estafa, que todas têm que as não castiga senão quem lhes quer bem. E eu com a minha tarasca não lhe acho melhor Entrudo, e baila diante mim.
- Germínio Parece-vos que dizem bem os amores destes com os daqueloutros que té falar temem?
- Artur Tudo tem pró e contra. Tantos homens, tantas sentenças. Todos os estados têm seus estilos.
- Dom Galindo Muito bom seria isso. Eu todavia não sou de ver logo os cabos, que são muito sensabores. Dai-me [123] uns amores picados, esperanças perdidas, isenções amorosas que vos fazem afocinhar a cada passo, que aqui vai a trisca dos suspiros, ânsias mortais e a profia dos desejos. Porque, senhor, também não se pode tolher a ãa gentil dama, antes lhe está bem e pode se quer ser isenta, porque eu não sofro um homem enfadonho, quanto mais quem nasceu para as sofrerem e desenfadarem.
- Germínio Está aprimorado dom Galindo.
- Artur Não se pode negar ao sangue puro ter delicadeza nos espíritos e pureza nos pensamentos.

- Dom Galindo Senhor, sofri-me esta fraqueza se vo-la parecer, mas eu a minha arte é estimar damas como as meninas dos meus olhos, porque assi o são elas.
- Xarales Para el puto que tal hiciese, juri a la mar salada a hallarme con una destas sus requebradas más paparotes les diese.
- Miranda Esta de meu amo, que parece feita de engonços e anda sempre nos bicos dos pés como alvéloa, quem me desse achá-la antre Lavra e Coruche para me vingar destas más noutes que me dá, porque eu já primeiramente havia de desbijá-la de todos seus pendiricalhos e ensinar-lhe a doutrina cristã, que perdesse ela a saudade aos suspiros de seus requebros.
- Xarales Y para hacelle su oficio con letanías y todo dalle al cabo con los talabartes una buena disciplina. [123'] En buena fe que la dexases más dotrinada que la Sivillana en su tiempo.
- Germínio Haveis que soubera aquele grande dom João de Menezes tratar assi ãa dama?
- Artur Mas como se acharia enleada a delicadeza de ãa donzela linda em poder de um destes alões.
- Germínio Tudo a desventura pode e tudo se viu já, mas culpas desta calidade nunca as desculpo em molher se ela as cometeu, nem lhe chamo senão desaforada devassidão, por mais cores que lhe deis da fraqueza humana.
- Artur Fraca desculpa tem, mas é para lastimar muito, porque a molher é o em que se ela a si mesma estima.
- Dom Ricardo Muito bem estou com haver de sofrer tudo a ãa dama por ser dama e ser molher. Mas os movimentos acidentais não estão na mão dos homens, porque elas também devem muito fugir de escandalizar por não aventurar ser escandalizadas.
- Dom Galindo Pois dissei-me, senhor, sabeis se se desafiarão? Que dom Galaor eu seguro que aceite o desafio de bona voglia, porque lhe tem vantagem nas armas em que é muito destro.
- Dom Ricardo Não vos vades por i, que no ânimo está o negócio. Eu não me fio tanto nas mostras, inda que as não condeno, mas de homem de sangue que tem vergonha tudo lhe espero. E mais nisto há ter razão por si, e dita.
- Xarales No os [124] matéis, que yo os prometo, si allá van, que ellos vuelvan salvos y sanos como los de antaño.
- Germínio Como é certo a ninguém perdoar o povo.
- Artur Olhe cada um que faz, que mui comum é trosquiar-me em concelho e não o sabem em minha casa.
- Miranda Disse, castelhano, nunca vós ouvistes: não querer ferir nem matar não é covardia mas bom natural?
- Xarales Así lo dicen en mi tierra, mas, empero, allá si dos rufianes de por ahí salen a campo por nada, de muertos o arpados, todos a bien librar, no escapan ellos y los padrinos.
- Miranda Isso será borrachas. Sabeis vós outros mais que punta al ojo? Não ouvi eu sempre em Castela: al buen huir llaman Sancho?
- Xarales Noramala para vos y para vuestros agüelos, pues adonde hubo los ifantes de Lara Bernardo del Carpio y el Cid Ruiz Dias?



- Miranda Nesse tempo não havia portugueses.
- Xarales Cuánta necedad decís hermano! Perdona Dios a quien más no sabe.
- Miranda A vós amarga-vos a verdade, castelhano.
- Xarales Mirá, Miranda, no riñamos que os pesará si me enojo.
- Miranda Todavía, vós, castelhano, correis-vos e então ireis a Castela dizer que são os portugueses bobos, e a mim chamam-me engule-castelhanos e toda Castela Velha não é papo para a minha luguesa colobrina.
- Xarales Juri a las siete cabrillas, [124'] si Castilla se le entojase, que tiene en Portugal un almorzo.
- Miranda Pelos ossos de minha dona, que com ãa queixada de asno faça morteiro de todos vós, como mosquitos.
- Xarales Quiero callarme que al loco y al toro...
- Germínio Não se pode negar serem castelhanos galante gente, não gostais da segurança do Miranda?
- Artur É muito certo posto de castelhanos linguarazes e graciosos correr-se como lhe não favorecem seu partido, e se há quem lhe tenha as pélas perdem-se a cada passo.
- Dom Ricardo Todavía Dom Florendos andou curto, e não sei o que fará.
- Dom Galindo Sei eu logo muito bem o que fizera, porque esta cousa quer que tomeis o conselho convosco para segurá-la.
- Germínio Dom Galindos é bom bicho e vem de boas éguas.
- Artur Assi sabeis vós que estes castiços logo têm outra seda e outra condição mais tratável e humana.
- Germínio Pois se o conversardes sereis seu negro, porque a sua fidalguia e o seu primor é como de branco a preto doutros inchados de valias da fortuna.
- Artur Esses desconhecem-se a si mesmos e não tem inda a natureza alporcada para serem comezinhos, e mais realmente parece que de serem idolatrados de muitos que a necessidade obriga granjeá-los. Não advirtem os juízos que os espreitam, nem sabem extremar os homens, [125] donde são aborrecidos e notados.
- Germínio Com muita razão, por que não sejam cabrões tão nécios que se ponham nos píncaros da soberba como lhe entra um dado de dita, e como carecem de merecimento assi o não sabem granjear, o que podiam fazer a pouco custo.
- Artur Não dá tudo a fortuna, antes muitas vezes lhes é mais falsa que liberal.
- Dom Galindo Dir-vos-ei, senhor: estes desafios são por cousas tão leves e sem ódio nem paixão de partes, somente por primor, que nem os hei por bons nem me parece mal virem amigos deles. E tenho eu que o homem que levemente aceita brigas levemente se há nelas.
- Dom Ricardo Si, mas que quereis fazer a murmurações dos homens? Que nestas cousas assi vos acusam os amigos como os imigos. E todos vendem então hombridades à vossa custa, nem há quem vos conselhe o que deve, nem o negócio é para tomar conselho salvo consigo mesmo. E há nisto mil pontos de que homens muito experimentados não sabem desasir-se, e ajunta-se querer um fidalgo às vezes requebrar ãa dama e por contentá-la arriscar sua quietação.
- Dom Galindo Esse é o demo e nunca o cumprir com elas leixou de ser custoso.

Germínio Já o castelhano não discanta e é perda.  
 Artur Está amuado.  
 Miranda Xarales, dormes ou que demo te [125'] toma que não falas?  
 Xarales Estoy contemplando en tu necedad y mi locura.  
 Dom Galindo Ai, ai, vós, senhor, vistes o que eu vi?  
 Xarales Pensé en buena fe que le apaleaban.  
 Miranda E não lhe acodias?  
 Xarales Mi fe, antes me holgara por verme vengado.  
 Dom Ricardo Parece que devem agora vir da mesa de sua alteza.  
 Dom Galindo Senhor, não há cousa que chegue a verdes ãa dama à claridade de ãa vela.  
 Dom Ricardo Perdê-la seria muito melhor.  
 Dom Galindo E vê-la também não é mau.  
 Germínio Grande dirivar vai lá, e conquanto me ocupam o tempo gosto de os ouvir, porque enfim todos falamos ãa linguagem, por mais que se nos façam ídolos.  
 Artur Mas quão mal eles ora sofreriam cuidar que os grosamos, porque não compadecem na outra gente juízo nem primor algum. E achareis muito mais impacientes os que menos razão tem de sê-lo, uns ciosos da fidalguia, pobres de avoengo, que os naturais dela são mais humanos em admitir e aceitar espantos alheios, não lhe faz nojo o particular talento. Todos, porém, manquejam de desconfiados.  
 Germínio Sabeis ãa nobreza muito enfadonha e nojenta? A dos que sobem por dita. Querem negar e apagar seu nascimento, com se fazerem intratáveis enfadam o mundo, não sintem como são vendidos em recompensação da sua desumanidade [126] e idolatria.  
 Artur Não é sofrível nesta parte o estilo desta terra, que há de poder tanto um mau costume que ferrem os homens com o foro, como ao gado com ferro; e não nos valha ter partes de merecimento e justiça de avoengo que por fortuna e leis do tempo descaísse para vos entabolardes em nobre. E outros sem o ter nem merecer, por dita ou por dinheiro, tem-nos para tudo e mandam o mundo e levam o grão àqueles a que se deve por justos respeitos que não valem.  
 Germínio Muito há que recramar nisso, mas parece como Deos dá merecimentos assi querem os poderosos dar foros. O certo e o justo no dia do grão juízo se verá, que agora tudo é trevas e confusão.  
 Dom Galindo Áque del rei, áque del rei, que correu o encerado. Vou-me lançar em um pego.  
 Xarales Ya lo hicieses, pluguiera a Dios. Las tripas me truxo a la boca con su aque del rey.  
 Miranda Vós, castelhano, cuidáveis que éreis já mamado.  
 Xarales No en mi ánima, sino que me holgara de velle arrastrado por no oír sus necedades, que pienso que aquí nos tiene de amanecer según están de espacio, y no sé cual es el Dios que lo sufre.  
 Miranda O que te sofre a ti, que és pior que eles.  
 Xarales A lo menos no soy tan necio como vosotros.  
 Dom Galindo Ah desumana cegueira, que trago os olhos quebrados, [126'] quebrados para quebrar todos os gostos passados.

Xarales Tomá por allá, que concierto de razones!

Dom Ricardo Isso é vosso?

Dom Galindo Senhor, não, é do Chiado.

Dom Ricardo Em algũas cousas teve vea esse escudeiro.

Germínio Estes nomeam um escudeiro como os judeus nomeavam Samaritano, como que não procedessem muitos de mais baixos troncos.

Artur Natureza é da soberba desconhecer-se e cuidar de si o que outros não cuidam.

Dom Ricardo Eu sou perdido pelo Petrarca: Lassar il velo o per sole o per ombra, dona non vi vidi io, por che ne conosceste il gran disio, che ogni altra voglia dentro al cor mi sgombra.

Dom Galindo Sabeis, senhor, que me mata? A letra do Dante sobre a porta do inferno: Voi che intrate lasciate sperasse.

Dom Ricardo Está fidalga.

Xarales Más la quisiera villana para ser buena. Estos portugueses todo su negocio es hidalgo acá hidalgo acullá. Queríale yo las obras hidalgas, mas ellos cúranse poco de hacellas.

Miranda Como são fidalgos são previligados e escusos de toda obrigação, e té para com Deos querem ter pontos. Nós cá não somos gente.

Germínio Entram na filosofia que é toda mágoas.

Artur É tão natural nosso sermos censores d'obras alheias que como entramos em matéria de reprensão qualquer de nós é sentencioso, e mais tudo é verdade porque [127] somos nós todos erros.

Dom Ricardo O Virgílio, senhor, também é muito delicado nesse passo, e pintando-lhe a entrada diz: Vestibulum ante ipsum primisque in faucibus orci, luctus et ultrices possuere cubilia curae.

Dom Galindo Bravo epitáfio.

Dom Ricardo Nunca homem tal disse.

Dom Galindo Sabeis um verso que me derrea? De Lucano, quando Pórcia, sabida a morte de Pompeu, dizia: Turpe mori post te ferro, non posse dolore.

Dom Ricardo Está maravilhoso, senhor, não há cousa como poetas para falar bem.

Xarales Bueno va el negocio, de caballeros se han vuelto letrados, oh, plega a Dios que presto seáis recueros y después, porque mejor medréis, forzados en galera.

Miranda Ora vem-te, irás tanger o teu cravo e ornejarás um pouco.

Xarales Es músico tu amo?

Miranda Como eu, mas ele cuida que não há outro Orfeu.

Xarales De las armas queria que tratasen como sus pasados, pues es su profisión, que para el latín sobrados nescios ha.

Miranda Por isso a terra é cheia de trampas.

Germínio Vedes outra opinião vulgar: haverem por bom não saber.

Artur Os nossos passados tiveram essa manqueira fazendo fidalguia o ser inábil, e todavia eram assi mui escoimados nas armas e na verdade, e não se lhe [127'] pode negar um grande louvor em seus famosos feitos. Isto, porém, não tolhe ser mau o não tratar as letras humanas, que nunca botaram a lança do nobre. Antes eu diria que as boas artes aos nobres sós armam e neles são melhor entaboladas, e já se isto assi vai entendendo e usando.

- Dom Galindo Dir-vos-ei um verso que trago a meu propósito, se vos quadra. É de Ovídio, que fala sempre do tempo, de Medea para Jasão: Et formosus eras et me mea fata trahebant. Achei esta ãa razão namorada para ãa dama que lhe parece conquistar mundos com sua fermosura.
- Dom Ricardo E que linguagem lhe dais?
- Dom Galindo Vossa fermosura e meus fados puderam tudo.
- Dom Ricardo Parece-me mui forçada, outro sentido lhe daria eu à letra para lhe abater a opinião, qual me parece devia de ser o de Medea, que para molher vem a pedir por boca.
- Dom Galindo Dizei, veremos.
- Dom Ricardo Feroso éreis vós, Jassão, não bastara, porém, se me não deixara arrastar de minha afeição, e assi faz a sua causa boa.
- Dom Galindo Eu vou-me quanto à minha tenção, que muitos comentadores há que dão aos poetas entendimentos alheios do seu, melhores e piores, porquanto não se leixam alcançar senão de muita discrição e galantaria.
- Germínio Como dom Galindo está aferrado [128] com o seu parecer, quão longe de crer que pode haver outro melhor.
- Artur Natureza é destes não cuidar que há juízo que chegue ao seu. Nós não lhe negamos que muitos têm mui claros entendimentos e engenhos, se quisessem segui-los.
- Germínio Manha é de português, com qualquer cousa que alcança de algũa ciência parece-lhe que está no cabo dela.
- Artur Daí vem favorecerem muito pouco toda arte, e também de muitos que a não têm e nada alcançam, e com desprezarem e reprenderem tudo cuidam fazer-se discretos.
- Germínio Todos tais somos e em todas as regiões cuido que é assi, pois tão geralmente se queixam os escritores. E eu o não hei já por inconveniente para cada um por isso leixar de seguir seu engenho, com tal que nunca se antemeta em emendar a Igreja nem pontos de fé, pois tem o espírito santo por padroeiro, porque acometer o contrário hei por a suma das parvoíces.
- Artur Vou-me convosco, a carga cerrada entrar ãa vez na barca de são Pedro empole o mar quanto quizer e durma o mestre embora, que já sei que acordando manda os ventos e obedecem-lhe. E portanto mediante sua graça nunca me vereis homem falto de fé.
- Dom Galindo O Propércio pica-se de cioso e fui-lhe [128'] achar a este propósito: Scis quaecunque velis, non aliena tamen.
- Dom Ricardo Está delicado, mas em ciúmes ninguém falou como o Boscão, e vai um castelhano achar: mucho más lo quiero vivo que muerto, de vos llorado.
- Xarales Mas pensé que lo hallases português, que no saben más que hablar: minha fermosa.
- Miranda E castelhanos sabem mais que reboarias e feros?
- Xarales Quisiera más hallarme ahora en las viñas, al pie de una cepa, que oírte a ti ni a los bobos de nuestros amos. Hermano Miranda, quieres que hagamos arroído hechizo, quizá con esto por despartirnos que haremos que se vengan?

- Miranda Vai bugiar. Eu não posso arrancar sem fazer sangue.
- Xarales En una bota.
- Dom Galindo Gintil poeta é o Boscão.
- Dom Ricardo Gracilaso leva-lhe a bóia.
- Dom Galindo Ambos me satisfazem, cada um por sua via. Mas se me désseis licença, não lhe dou a fogaça do nosso Francisco de Sá de Miranda, de seu estilo setencioso e mui limado e novo.
- Dom Ricardo Achareis muitos contra vossa opinião.
- Dom Galindo Basta ser natural para ser contrariado.
- Germínio Como aquilo é certo de portugueses.
- Artur Não nos sofremos.
- Dom Galindo Todavia conceder vantagem a ninguém é difícil e atrevimento insofrível. A mim não há cousa que me atarraque como [129] boa prosa.
- Dom Ricardo Eu a louvo, mas não tireis seu preço à trova, que a boa raramente a fez homem parvo e a má não se sofre. Donde se vê claro quão pura e rara é.
- Dom Galindo A trova portuguesa sem fezes é muito para agradecer, e senão tomarme o nosso dom João de Menezes, vereis se falou ninguém melhor que ele, e mais tudo é seu próprio sem se ajudar do alheio. E o Boscão e Gracilaso colheram as flores dos outros.
- Dom Ricardo Esse mau. Virgílio escolhia pedras preciosas do esterco de Énio. Não faz pouco quem sabe ajudar-se dos autores, maiormente de diversa linguagem. O Gracilaso teve nisto brava habilidade. Achei noutro dia o seu verso: Que no hay sin ti el vivir para que sea, no mais namorado passo que cuidei ver. Conta Apiano Alexandrino nos Triunfos que vindo-se Marco António desbaratado per Octávio Augusto acolher a Cleópatra, que se tinha feito forte, receosa do desaforamento dos soldados, mandou que lhe dissessem que era morta. Ouvida per ele a triste embaixada, disse: que esperas mais, António? Pois a só causa de viver que te ficava fortuna ta roubou, e sem ti, Cleópatra, já não há para que seja a vida. Com isto deu-se pelos peitos com ãa adaga. O que sabido per ela, mandou que lho levassem [129'] assi meio morto e, lançando cordas de ãa janela, ela com suas damas a toda sua força e assaz trabalho o alçou acima. Ora pintai um homem ferido de morte, namorado em tanto extremo que se matou por amor, com os olhos pregados na vista deles, e prossupondo que neste tirar que ela fazia com as damas, ele deu não menos cabeçadas que suspiros. E subido e lançado no regaço de Cleópatra, coberto dos louros cabelos dela, que pranteando os arrancava, e regadas as faces de muitas lágrimas em que o banhava expirou o triste amante.
- Dom Galindo Oh diabo, como isso está mimoso, parece-me que o estou vendo. Porém, notai aí o estômago de ãa molher que lhe morre um homem puramente de seus amores nos braços e ela vive.
- Dom Ricardo E que amor quereis que baste merecer a morte de ãa dama? Tudo se lhes deve.

- Germínio Galante está dom Ricardo. Mas haveis vós que faria eu o que fez Marco António por minha dama, inda que fosse mais meiga e agraciada que trinta Cleópatras?
- Artur Não sei de vós. De mim seguro estou, como quem tem assentado, não fazer por elas cousa fora do meu gosto e proveito.
- Germínio Não há quem possa ser tão isento. De sua jurisdição é fazermos corros por elas, queiramos ou não queiramos.
- Dom Galindo Pois [130] os homens não quereis que tenhamos ante elas preço. Eu não me acanho a merecimentos, também tenho meus pontos.
- Dom Ricardo Esses que os tendes com competidor, que não é cousa sofrível, mas com damas há-se de ter obediência e sofrimento.
- Xarales Andaos ahí a decir donaires y medraris con ellas. Juri al ciego, si conmigo se consejasen estos de rodillas les haría ser servidos de sus damas.
- Miranda Por isso é Deos bom, que a estes dá o dinheiro e a nós o saber, que se lhes dera tudo não lhes tivéramos vida. Esta, porém, é ãa triste consolação, porque eu obrigado de minhas necessidades estou sofrendo a corva da minha velha, que lhe rugem as tripas mais que a um sendeiro de merchante. E se acerto vê-la em garganta assombra-me como alma passada, e, ah pesar de mim, porque me mantém para servir este a festejo como um palmito. E estes não são para saber tratar ãa dama cristalina feita de leite, que eu comeria como requeijão, porque estas são mais tenras que talo de cardo.
- Xarales Por eso se dixo: da Dios habas a quien no tiene quixadas y el más ruin puerco come la mejor bellota, porque a los bobos aparece, etc. Para estas, si una destas me cayese entre manos que la tuviese más contenta en una choza que mi amo en sus palacios [130'] y no querría más renta de la que con ella me deseara.
- Germínio Bons estão os castelos de vento.
- Artur Não há estado que não viva de seus enganos e confianças, grosando outros, e o melhor de todos é o de que cada um se contenta.
- Germínio Mas olhai a que chegaram os excessos da malícia humana, que vieram os homens a pôr em preço a molher não tendo outra cousa melhor.
- Dom Ricardo Sou mui pontual na estima que se deve às molheres. E para ver como estais nesta cousa do amor, respondi-me: de duas damas que igualmente vos satisfizessem, ãa que per igualdade desmereceis, outra que vos desmerece, qual escolhereis servir?
- Dom Galindo Sem mais chamar a conselho, aceitaria a empresa da menos custosa, pois não há quem não escolha breves trabalhos antes que os longos, e como a de menos quilates é melhor de alcançar e de mais certo emprego parece-me siso aventurá-lo com esta. Na outra há perigos e temores, e o desprezo certo com que tarde ou nunca vos aceita pensamentos, e estoura pelo contrário estima ser amada e trabalha obrigar-me por amor, ceva-me em esperança, que é o âmeço do gosto das cousas.
- Dom Ricardo De animoso espírito é seguir cousas altas e desejar o dificultoso.

- Dom Galindo Não sou tão entregue a vaidades, [131] vou-me com a voz dos muitos. Não quero ser desses especiais, notados da fama, cuja familiaridade sempre é muito custosa.
- Dom Ricardo Pois a mim não me pesaria alcançá-la inda que fosse a meu custo, porque não se há de fugir fama por não fazer nada. Vou, porém, a isto, todo efeto mostra maior força onde há maior resistência. Tal é o amor de maior merecimento e sendo maior fica de mais estima. Fraqueza é querer o que levemente se alcança e de bom espírito ter em preço o mais difícil; o fácil de adquirir em menos se tem e para menos amor, o que se ganha com trabalho por ele se estima. Os perigos nisto são gostosos não estimar, é ânimo saber cometê-los e contraminar hombridade, e assi se apura e afina a discrição; com a somenos, se vos acolhe, é abatimento, depois aborrece-vos. Vai-vos bem pelo que tendes e não por vossa pessoa, que não pode ser maior desgosto. Com a alta tudo é glória, tudo puro amor, e de seguir tal cuidado segue-se tê-lo de si próprio para se singularizar em todo outro primor. Tal amor nunca foi pequeno, covardo nem parvo.
- Dom Galindo Antes é parvoíce leixar o certo pelo duvidoso, o descanso pelo trabalho, e sendo igual na fermosura tal será no amor, e este em meio cumpre com tudo.
- Artur A openião [131'] de Dom Ricardo me arma.
- Germínio A de dom Galindos é segura e à vista de terra.
- Xarales Que te parece, Miranda, las locuras en que nuestros amos consumen el tiempo, velando las noches y durmiendo los días como morciégalos?
- Miranda Deos lhe dê em que entendam. Oh, a minha fame! Coitados dos que andam no mar lidando com a morte por sustentar a vida, estes, aramá, merecem o que comem, e não essoutros cevados de conservas.
- Xarales Desos no hayas duelo, basta su locura para aliviallos del trabajo. Gente que pone sus esperanzas en el viento que sufra sus contrastes, porque la codicia siempre fue verdugo de sus paniguados. Hombre que va a la mar, maldito el seso que tiene.
- Dom Ricardo Enxergo-vos sensual e pesa-me porque é ãa seita d'amor muito baixa e pobre de gostos. Põem todo o seu no efeto breve e para brutos. E chegar a ver o fim de nada é triste sorte, pois é claro que no infinito está o mel, empresas atermadas não podem ser gostosas.
- Miranda Hei medo, castelhano, que mourais de cajão, porque sois tão provido.
- Xarales Malos agüeros vengan por ti. Vosotros los portugueses sois el mismo viento, por eso no estimáis lidar con él.
- Dom Ricardo Para me certificar se vos sondo a tenção e vos fazer vente que ides a través do bom quero saber [132] qual haveis por maior contentamento: ver de presente vossa dama ou em ausência contemplá-la?
- Dom Galindo Eu sou de a ver e mais cuido que todos tais são, porque a cousa amada deleita vista e o deleite da contempração é a esperança de ver aquilo em que se contempra. A dama de presente contenta e namora, e quanto mais se vê mais é desejada ver-se. O vê-la contino segura amor, que pelo contrário ausência desbarata. Pela vista contentam-se os corações e falam-se as almas, e o contemprar serve de assoprar o fogo do desejo de vê-la. Por onde maior glória sente quem se contenta

- que quem deseja contentar-se. E a saudade que daqui procede é a fonte dos desgostos e paixões que afogam a vida.
- Dom Ricardo Ora olhai quanto vai em cair na realidade das cousas. O contentamento mais está no que desejamos que no que vemos. A contempração logra-se do desejo e deseja, e a vista deseja mais do que alcança. Contemprando recebem os espíritos contínuo contentamento, contentando os desejos no que cuidam. E como as cousas segundo mais ou menos estão juntas da alma, assi lhe imprimem seus bons ou maus efeitos. O pensamento que reside nela faz ver muito melhor com os olhos do entendimento a quem ama, falar-lhe e tratá-la segundo [132'] seu desejo na contempração. E o gosto da vista consiste e resume-se no presente, sem se estender a mais. E sendo amor natureza de medroso aquece que vendo-se ante a amada perde o sentido, a fala e a força, esmorece ou pasma, o que tudo ninguém queria que lhe acontecesse. Ora vede se contenta o que queríeis escusar. Mas a contempração forra destes desares, em ausência vos faz verte o que imaginais: o, como entendeu quem o sinte, são segredos do amor que se alcançam per graus de afeição.
- Miranda Mas de parvoíce. Melhor me dê Deos saúde do que ele sabe o que diz.
- Xarales Maldita palabra que le entendí. Parécete que se sofre esto? E toda mi vida oí predicación de día, y ahora, por mis pecados, vengo oír sermones de noche a mal mi grado. Y todas sus enlevaciones y sus no sé qu'es no funden una paja. Así pasan estos sus días, sin hacer en toda su vida cosa que valga un maravedí.
- Miranda Logo passaria per suas ouciosidades, se eu não nacera para lhas sofrer ou padecer.
- Germínio Vedes aqui quanto pode o pecado, que nos fez sermos sojeitos uns doutros para pender o descanso de nossa própria vida da vontade alheia.
- Artur Inda isso passara, mas pender também o assossego é pior. E se nossa sojição fosse pola salvar seria véspora de liberdade, [133] mas padecer servidão por cousas sem fundamento e obrigar corpo e alma a perpétuo cativo por galardões transitórios não pode ser maior engano. E assi permite Deos padecermos descontentamentos enquanto seguimos estes fados, porque não sabemos lançar mão da verdade que nos ele ensina. Quem pudesse sentir e entender isto no princípio da viagem.
- Germínio Em todo tempo é bom o arrependimento a quem se dele ajuda.
- Artur Per Deos há de vir o remédio que humano juízo não alcança.
- Dom Galindo Vós, senhor, direis o que quizerdes, mas dou-vos um seguro de mim: que me não haveis de converter a vossa opinião, que por ver ùa dama farei extremos, e pela conversar de mim mangas ao demo, e vós contempriai.
- Xarales No hay paciencia que baste a oír los cuentos y mentiras destes locos. Nunca medre quien tal sufre, y según la cosa va aquí nos tiene de amanecer.
- Miranda Pois o mal é que como eu daqui for que me irei lançar em lançoís de veludo com a bela infantinha da minha goelas de cegonha, a qual



generará do coração, por não dizer que é da madre. Eu, porém, por me forrar de seus requebros hei de ir escumando de merencório e direi que briguei com a justiça, e se falar palavra desandar-lhe logo com [133']

o punho seco, e se me tiver má cea eu lha darei pior por que não zombemos.

Xarales Pues yo, par estas que no me he de recostar sin primero demandar cuenta a mi Marinilla de la ganancia de hoy, y quizá le daré una estafa si no hizo buena venta de las versas. Mas digo una cosa, Miranda, si te parece, ya que los señores amantes, olvidados de sí mismo, están despacio, si será buen consejo dar un salto en el mesón más cercano y tomar sendos tragos de vino por atajar al peligro del sereno.

Miranda Para termos mais questões se os errarmos, que há de ser, que eles fazem dos dias noutes. Boa guerra que os tirasse destas ouciosidades e pusesse os homens em preço. Estes não podem ir ao paraíso que lá não vão ouciosos, e seus pais muito menos, que entesouram com onzenas públicas por lhe fazer morgados para eles levarem esta vida e dar-lhe mau grado.

Xarales Pascua mala venga por mi padre, y mal siglo haya mi abuelo, y toda mi generación, que ni blanca, ni cornado me dexaron.

Dom Ricardo Tornam a'brir o encerado.

Dom Galindo Ençarrado me veja eu com elas, inda que seja entaipado.

Xarales Mas azotado.

Dom Galindo Senhor, gavai-me aquela molher, vedes como está fermosa?

Dom Ricardo É gentil dama. Eu tomara agora ali a senhora dona Cláudia. Quem é a que está com [134] ela?

Dom Galindo A senhora dona Vitória.

Dom Ricardo Sabeis quem me dizem que favorece altamente dom Cifuentes?

Dom Galindo Já me isso disseram e mais me afirmaram que são casados secretamente, e ela leixa já de vir acima.

Dom Ricardo Já se isso diz assi, pois eu vo-lo dou por certo. Dama de quem vos disserem que é casada dai-a por recasada, porque são elas muito discretas e fazem tudo muito a seu salvo.

Miranda Pois olhai vós lá se podeis fazer outra tal cavalgada, e remediar-vos-eis bem com vosso pai.

Xarales Por qué? Hale de pesar con una dama hidalga y hermosa.

Miranda Como sois parvo, castelhano.

Xarales Y vos discreto, portugués, si fuera posible sello alguno.

Miranda Cuida o pai casá-lo com algũa princesa desterrada, e cada dia compra para o morgado, e estoutra não tem mais que a mercê de Deos.

Xarales Esa le sobra, si la tiene. Ayuntan unos para otros. A padre discreto dad hijo necio; al codicioso avariento dale hijo pródigo. De manera que como ponen la confianza de sus deseos en su propia providencia y no la registan con la voluntad divina sale todo mal parado.

Miranda Pois matá-lo-ia o pai se se lhe casasse a furto.

Xarales Calla, que hijo es a que fácilmente se concede el perdón. No te entremetas tu en ello, porque no se vuelva a ti la pena de sus culpas,

- [134'] que esto es muy cierto, que en lo demás presto serán amigos, y Dios quiere que derrame este lo que el padre ayunta.
- Miranda Primeiro t'ó demo leve que tal aconteça.
- Xarales Mas a ti con él, e yo fiador, que ha de ser lo que digo y no te arriendo la ganancia destes pasos y noches bien gastadas.
- Artur Não erra o Xarales a barreira se sair profeta.
- Germínio Dai-o por saído, e Miranda culpado e punido por conselheiro, no que per ventura não entra mais que com o trabalho forçado.
- Dom Galindo Aquela é a guarda que lhe vem fechar as janelas. Ora sus, entreguemo-nos às trevas. Não sei que horas são.
- Xarales Va a la una.
- Dom Ricardo Mente.
- Dom Galindo Parece-me que deseja o castelhano cear.
- Dom Ricardo Vamo-nos.
- Dom Galindo Vamos. Ou castelhano, são já horas?
- Xarales Más deshoras, señor.
- Dom Galindo Tendes já sono?
- Xarales No señor, sino gana de comer que da más pena. Juri a mi señor que lo bueno era llevar esta señora para casa y emplear las noches en la cama, y no andar como grillos gruñiendo al sereno.
- Dom Galindo Haveremos conselho, vós e eu, sobr'isso.
- Miranda Este castelhano, senhor, é mui provido e recea-se não lhe dem algũa calamocada às escuras, que de dia não lhe pode aquecer desastre porque em vez de correr voa.
- Xarales Siempre trae prestas mi amigo Miranda [135] dos pares de badajadas por hacer de donoso. Mas ahora quisiera más bien de cenar porque me siento tomado de romadizo, y esto es de tener el estómago ayuno.
- Dom Galindo Andai lá, que eu pago o vinho.
- Xarales Pues a fe de hombre que no he menester otro xarabe.

### Cena Terceira.

Germínio Soares, Artur do Rego.

- Germínio Tinha-me já morto a tardada destes, receando deterem-se tanto que se me passassem as minhas horas e se deitassem a dormir nossas amigas.
- Artur Elas velam toda a noute, maiormente para obras tão pias. Ora vós passais pelos passos que vimos dos fidalgos e seus lacaios, que a querer-se contar isto parecerá fingido.
- Germínio Não há cousa que possa fingir-se que não aqueça, nem se podem particularizar os aquecimentos per quantos termos passam, donde estes ficam com menos graça contados e o melhor esquecido, que a poder-se tentar tudo o que aqui passou não houvera mais farsa. Ora os meus senhores desaparecem já e não devem fazer volta porque passa de [135'] meia-noute. Portanto, ponde-vos daquela banda à minha vista, olhai se vier alguém que me deis aviso com tempo, que cá tudo está despejado e sem embaraço.

- Artur As noites vão sendo frias e esfriam os namorados, que de si também são já frios. E como faz escuro, que se põe o luar, não querem dar tempo sem vista.
- Germínio Isso faz o servir por interesse e não por amor, que onde o há tudo faz como de presente. Vou fazer sinal para saber se são vindas.
- Artur Falai seguro, que à língua vos axorarei quantos almogóveres vierem porque sou homem de grande linguagem nesta negociação, e antretanto avir-me-ei com uns meus senhores que chamam castelos de vento melhores que mesturços para fastio. Ah, quem me já chegara a estes termos com a minha menina! Como sou para festejá-la! Se lhe lembrarei agora! Mas a bogia, de confiada em mim pelo que presume que se nela ganha, dorme agora o sono solto. E já tomara que sonhasse comigo e acordá-la, e ela em som de gritar apresentar-lhe eu mil piedades e amores por que a obrigasse a fazer-se muda e cuidar que era tudo sonho. Só para isso quisera saber mágica. Oh diabo, mas que cousas eu fizera! Já primente houvera de fazer de um diabo um cavalo que voasse, e trazer esse perro de Brazabu [136] selado e enfreado, e correr nele todo mundo. E onde vira cabrões que presumem que podem e que mandam e que os haveis de sofrer dar-lhe muita bochechada porque cuidam que não se lhe entendem suas baixezas e refohamentos conhecidos. Brava vida me levava, mas quando chego a me lembrar que vos saltea em um momento a morte e faz tudo pó cai-me o coração aos pés, desejo fazer-me beguino. Eu a isso hei de vir se me não entra um dado. O tempo o dirá. Mas se eu falo à minha menina, que é só no ninho, essa moeda que o vilão do pai tanto negocea e fecha há de arder, que eu hei de triunfar do seu trabalho e lograr-me da filha, mal que lhe pese. Parece-me que fala já meu companheiro, prestes estavam as minhas senhoras. Mas como são diligentes nestes negócios e noutros quebram de preguiça, nisto nunca adormecem nem se acovardam! Como estes cães ladram, não sei se lhe farão nojo para ouvir e reprimir de improviso. Que não pareça cuidado. Quero assentar-me, quiçá segurarão mais.

Acto Quarto. [136']

Cena Quarta.

Aulegrafia, Germínio Soares, Artur do Rego, Filomela.

Aulegrafia Ah senhor, estais aí?

Germínio E não há pouco.

Aulegrafia Já cudaríeis que não havia de vir.

Germínio Amor nunca carece de receios e toda esperança desejada nunca vem cedo. Eu, senhora, contudo confio tanto em vosso amparo que nada desespero dele, e sobre vossa palavra vivirei cem dias. Mas diga-me, senhora: a minha senhora veio já ou há de vir?

Aulegrafia Virá, me parece.

- Germínio Não mo ponhais em parece que me tornarei mouro porque mouro por vê-la. Chamai-a, que vos valha Deos, que não me sofre a alma carecer de bem tão esperado.
- Aulegrafia Sofrei-vos, que não são inda todas lançadas.
- Germínio Lançadas que a alma atravessam.
- Artur Quanta pólvora de mentiras se ali despende agora de parte a parte: elas verdade nunca a falam, estoutro anda feito almazém de fingimentos para com elas, per maneira que se calafetarão belamente. Muito quisera ouvi-los, que todavia são duas e não sei se o tratarão mal, porque sabem [137] deste mester mais que pegas, maiormente com homem que delas concebe boa opinião e as tem por galantes, e estão sempre como atalaias sobre vós para julgarem o que dizeis: se lhe falais enleado, se despejado, se receoso, se confiado, e daí saberem por onde vos hão de vadear e té quantos pontos vos darão de si por meses e anos. Trazem mui decorada a ciência de damices.
- Germínio Ó senhora, quem quereis que tenha sofrimento em tanta dilação, e mais vindo tão alvoraçado com o fôlego no papo pera este desejo? Se vos minhas dores dão algũa e de mim tendes dó qual se deve a um próximo amigo e servidor valei-me no que podeis, que o tempo e a vida me fogem e esmoreço.
- Aulegrafia Para mais tenho eu que vós, senhor, sois bem que não leixo de conhecer e respeitar vossa paixão, porque sentiria a mesma no que desejasse.
- Germínio Ah, como sois discreta, mas quão próprio é de descrição conhecer mágoas.
- Artur Quão longe meu amigo de saber festejar as gentis senhoras. Há-lhe de querer falar sisos que lhes a elas não armam, polo pouco que tem, e era-lhes toda a serventia porque tanto que vos sentem grave e apontado velam-se de vós, e nem por continuação de tempo, que tudo acaba, valeis com elas. O boi com que se estas sarram em bandas é muita desenvoltura, [137'] pouco primor, nenhũa descrição. Tudo isto em conserva faz um homem pérolas a pedir por boca, porque o tomam às mãos vivo cada vez que querem. Quanto mais parvo, mais valia, e só nisto as acho discretas pois sabem escolher o que lhes cumpre.
- Germínio Vou desconfiando da vida. Em que se pode agora deter a senhora Filomela? Desenganai-me se não quis vir e conhecerei meu estado, que não é pouco. E se dorme, por ma fazer que vades acordá-la, não na tenhais mimosa em perjuízo meu, inda que todavia falo mal, que bem conheço que é justo que padeça eu e ela triunfe. Mas desatina-me o grande desejo de a ouvir.
- Aulegrafia Dir-vos-ei, senhor: não me leva o coração fazer-vos mal pois vo-lo não quero. Ela muito bem vos ouve, agora acabai com ela que vos fale.
- Germínio E já me deseparais?
- Aulegrafia Antes amparo.
- Germínio Tendes muita razão, e a mim falta-me para poder dizer o que sinto e quão sem ela seria não me sintirem pois não vivo senão de sentir e padecer o desconhecimento que se me tem desta vontade tão certa,

estando em mim tão conhecida a sojeição com que me satisfaço pela que se deve à causa. E já que, senhora, nasci para chegar a bem de tanta glória quanta tenho em vos ter presente mereça-vos [138] ouvir vosso consentimento, porque ouvir-vos será a beatificação que deste martírio espero conseguir.

Aulegrafia Falai-lhe, não sejais corrida que parece isso curteza.

Germínio Boa está minha amiga, contudo vem forjado. Fez que dilatava a vinda pela encarecer, agora encarece a fala por sopesar a honestidade.

Aulegrafia Acabai, que me injuriarei por vossa parte.

Germínio Ora senhora, não por mim que eu me conheço indigno, mas por respeito de quem vos roga valha-me o que vos quero.

Filomela Se quereis ser crido conformai as palavras.

Artur Vou-me enfadando e quisera-me mais na cama. Esta pena tem certa más ocupações: tempo perdido que nunca se cobra, tesouro de mágoas para a velhice e enfadamento em satisfação. Ah, quem pudera ter juízo claro em nascendo para forrar grandes quebras! Tangem agora os frades às matinas e vão louvar seu criador, e estou-o eu julgando por grande trabalho e velo toda a noute por parvoíces do mundo, e o que nestas horas anda no golfo do mar lidando com o vento, sofrendo perigo e trabalho imenso, tem por cousa insofrível dar obediência a um guardião piadoso, e pelas cousas do mundo damo-la a muitos soberbos que nos esmagam com sem-razões.

Germínio Não queria eu mais bem, nem vós, senhora, me podeis fazer [138'] maior mercê que mandardes-me em que vos posso servir, que destes desejos e da esperança de satisfazê-los e ver-me por vós mandado me sustento. Mas não cuido inda que quereis fazer tanto por mim.

Filomela Em vossa mão está o que dizeis desejardes.

Germínio Como, senhora? Não me dilateis mais tamanho contentamento, que em verdade que o não sei.

Filomela Si, sabeis.

Germínio Ora matem-me pois me mato. Como? E tão pouco meu amigo quereis que seja que sabendo meu bem mo tolha? Não vos enganeis comigo.

Filomela Assi o espero eu em Deos.

Germínio Julgais-me mal, senhora, mas sabeis que sospeito? Que por não me fazerdes as mercês que é forçado que vos espere. Lançais-me com desconfianças para vossa escusa. Ora seja assi, que só o que quiserdes quero e só isto desejo saber para meu descanso e confirmação de minha verdade. Mas assi vivas tu.

Filomela Eu vos tenho por tão discreto que entendeis muito bem o que vos dizem.

Artur Devagar vai a cousa. Estas desde que começam são infinitas, não há quem possa despedir-se delas. Que queirais não vo-lo consintem, se lho dais a entender dissimulam, se vos declarais assanham-se. Há mester muita paciência e tento para as conservar. Elas, na verdade, são muito desenfadadiças, porém tudo por derradeiro [139] enfada se não granjear Deos. Mas já pode ser que é meu amigo o importuno, qu'ele é perdido por lhes mostrar linguagem, e forma de seu pé achará.

- Germínio Pois vos ouço. Quereis que vos veja? Quiçá o ver-vos me dará a entender o que não alcanço.
- Filomela Sou muito corrida. E mais, para que é ver cousa tão fea?
- Germínio Oh camanha graça.
- Artur Dá três, eu não me posso ter com sono e elas começam inda agora pelo melhor. Ó ocupações humanas, como sois verdugo de quem vos segue! Se o quiséssemos entender. Não me daria a mim Deos um espírito que me entregasse a um capelo, que é o mais certo valhacouto das pequices do mundo, e não me desvelaria por as badaladas, meninices e certezas corriqueiras em que se estes amantes enlevam e a ouvintes de fora enfadam? Quero passear por me valer deste sono.
- Germínio Bem sei, senhora, que me não achais capaz dessa alta visão, mas para isso sois grande, para grandes mercês. E que vo-las não mereça! Dai-me podê-las servir que para tudo o em que me puserdes sou.
- Filomela Nada me fio de palavras, nem vivo de esperanças.
- Germínio Isso não entendo eu.
- Filomela Declarai-lho, senhora tia, pois me trouxestes a isto.
- Aulegrafia Sabeis, senhor, que quer dizer esta senhora? Que se lhe quereis o que dizeis que lhe deis palavra [139'] de casamento.
- Germínio Assi te tome o demo a ti e a ela. Dou cem palavras, mas terá bom penhor nelas, porque se costuma agora muito cumpri-las. E busco eu outra cousa?
- Filomela Pois haveis-me de dar logo a mão.
- Germínio Com cem vontades para trás.
- Filomela Há de ser presente a senhora minha tia e o senhor vosso companheiro. E se isto não quereis podeis ir-vos a dormir que é já muito tarde. Não gasteis vosso tempo debalde que eu não vim aqui com outro fundamento, e por cumprir com a senhora minha tia que me aqui trouxe.
- Germínio Ó senhora, quê? E vós sois tão determinada? Pois eu também, já que vos declarais, declaro-me, que nada faço forçado: busco quem me obrigue por amor. Conhecido este então me obrigarei ao que vos quero. Sem amor nada farei, nem está em razão. Algum preço e valia hei de ter por mim já que afeição o não tem. Portanto faça vossa mercê, senhora, o que a vontade a obrigar e al não, que isso pretendo.
- Filomela Pois, senhor, vá-se embora repousar, que eu conheço bem enganos e nunca valeram comigo.
- Germínio O demo to disse. Como me hei eu de ir assi, senhora?
- Filomela Ir-me-ei eu logo, e beijo-vo-las mãos.
- Artur Estas são as quatro, folgai lá. Eles em seus gostos não sintem o tempo, e se os eu ouvira menos enfadamento [140] fora, mas não foi tão galante e lembra-lhe pouco meu enfadamento. Grande trabalho é pender vosso descanso do descuido alheio.
- Germínio Isto me guardava a fortuna? Para ouvir desenganos tão ásperos me trouxe a minha desventura aqui?
- Aulegrafia Senhor compadre, não vos agasteis que tudo se curará.

- Germínio Ah senhora, não me digais isso. Quem quereis que não se agaste? Há de haver no mundo tanto desprezo e desconfiança? Mal-aventurado é o homem que quer bem e nunca leixou de lhe fazer mal.
- Aulegrafia Tomais isso muito em grosso e não tendes razão.
- Germínio Inda mais que haver no amor comprar e vender?
- Aulegrafia Como assi?
- Germínio Está mal visto. Certo que estou o mais abatido homem do mundo. Tão mau sou eu? Tantos males tenho feito que não se fiam de mim? Eu não sou basilisco que mata com a vista, nem lobo que ãmudece a quem vê.
- Aulegrafia Ides muito longe da sua tenção.
- Germínio Quereis que vos diga, senhora? Essa senhora é tão isenta que deve ter a vontade ocupada noutra parte.
- Aulegrafia Que não, senhor, é mais fora disso. Será desconfiada, não para leixar de vos querer o que mereceis. E quanto mais vos quer, mais vos teme e deseja. E também vós tendes a culpa, porque se lhe quereis o que dizeis, que vos monta dar-lhe [140'] a mão agora ou depois?
- Germínio Nada faço abafadamente, nem me obrigo com cautelas. Devera dar crédito à minha palavra e não mostrar-me tão claro que o não tenho ante ela. O tempo não nos foge nem há tanto que me quer ouvir. Vontade ganha-se com vontade e o gosto está em cuidar que alcanço per mim o que se me deve por quem sou. E se comigo nada aventura, por que obrigação devo fazer o que ela quer?
- Aulegrafia A do amor que lhe tendes.
- Germínio Esse penhora-se com outro amor.
- Aulegrafia Senhor compadre, i-vos embora repousar que eu quero ter-vos muito mimoso e poupado. Tudo se fará bem, que de tal pessoa como vós não se crem enganar.
- Germínio Disso vou injuriado, porque não ando tão ocioso que me ocupe em cousa a que me a vontade não obrigue.
- Aulegrafia Ora bem, eu tomo tudo sobre mim.
- Germínio Hei de purgar eu o que outrem pecou? Homens podem-se mal julgar uns por outros, e mais eu que sou tão diferente de artes dos que se podem temer e crer os enganar, mas esses pervalecem. Pesa-me de essa senhora não fazer de mim mais conta.
- Aulegrafia Isso é nada. Amores têm esses trabalhos, porém são doces pois se acabam em maior amizade e descanso.
- Germínio Esse levo eu bem pouco.
- Aulegrafia Eu vo-lo faço bom, e sobre mim dormi descansado.
- Germínio Beijo as de vossa mercê.

Cena Quinta. [141]

Germínio Soares, Artur do Rego.

Germínio Pesar de meu pai com as bêbadas que assi me enfadaram, mas como é certo estar ali a outra que se fingiu ida. Pois eu não me hei de

- enforçar, mas haveis-me de cair nas mãos. Como estareis enfadado e morto de sono!
- Artur Cuidei que estáveis de juro.
- Germínio Não podia desempençar-me delas. Sabeis que horas são?
- Artur Dará cinco. E pois que vai? Grandes discrições? Grande tremer de fala? Secar de cospinho e todos essoutros sinais de extremo d'amor? Ficareis grandes compadres, que para tudo houve tempo.
- Germínio Dai-as aos corvos, que me escozeram. Sabem muito.
- Artur Oh que bem. Contai, por vossa vida.
- Germínio Cuidaram de me acolher, eu fiz-me forte em minhas cautelas e ficámos em jogo. Mas crede que se houveram comigo bravissimamente.
- Artur Em extremo folgo, porque cuidais que vendeis o mundo. Chegaram a determinar-se sobre vossa boa tenção?
- Germínio Esse foi o negócio.
- Artur Pediu a mão?
- Germínio Despejadamente.
- Artur Muita tinta é essa, [141'] linguagem haveis mester para escápula.
- Germínio Não me faltou.
- Artur Por isso é grande descanso andar d'amores com quem ver-vos seja o mais que dela podeis esperar. Estoutras são partido vencido pelo que de vós pretendem, todos seus gostos cansados e com contrapeso de mágoas quer vos enganem quer as enganeis. Pois em que ficastes?
- Germínio Arrombado em toda desavença.
- Artur Tudo isso vós lá fostes fazer? Melhor não viéreis cá.
- Germínio Bofé melhor.
- Artur Não podíeis forjicar algũa escusa, inda que imprópria, que tivesse qualquer cor? Que com elas toda mentira valeu sempre mais que a verdade. Folgam fingir-se enganadas, passar vida sobre esperança perlongada e sofrer-se de malenconias.
- Germínio Vinha tão ensaiada no seu propósito que nenhũa razão me admitiu.
- Artur E vossa comadre abelha mestra?
- Germínio Esforçou-me em minhas fraquezas fingidas e protestou que cerziria toda desavença.
- Artur Tudo é falácia, joga d'ambas as mãos. Diz-vos ãa cousa e com ela consulta outra. Seguro-vos, pois assi vai, que nunca vos desavenhais de todo. Determinam levar-vos à toa com fingimentos porque vos armam alçaprema. Sabeis que estas lutam decorado, e guardar não fazer parvoíce que fique em casa.
- Germínio Não hajais medo, sou muito confiado em mim.
- Artur Aí está a queda. Tomai a empresa devagar, não façais vontade a [142] desejo. Estas honram-se de amores abonados: ao princípio armam-se sobre esta voz de casar, sobre tal propósito fazem o alicece à sua esperança. Se lhe corre a dita, Deos que bem; quando não, já depois de feita profissão no amor, inda que lhe desfaçais o fundamento e vos entendam livre, dissimulam. Consintem que as enganeis para cumprirem consigo e escusa com o mundo, põem tudo nas mãos da fortuna: se alguém as engana não falta a quem enganem. Este é o



remate de suas contas e a suma desta história: alguém cuida muitas vezes que faz no alheio e faz no seu. Elas como se vem em perigo de desengano soltam a carola a esperanças, com isto muitas vezes pescam, porque o tempo faz a razão. Portanto, abri vossos olhos.

Germínio Excelente varão sois, vós o tendes muito bem dito. Ora ouvi, porque não sei se sois camuz de me entender: não sou de uns polhastros enleados que não vem senão aquilo após que vão, cevam-se de favores para depois enlear-se em dores. Tomo isto somente a fim de algum passatempo, se me ventar, e quando não a boas-noutes. Trago a vontade tão certa no que me cumpre que é riso haver manha que me desvie de minha rota.

Artur Como estais desse bordo não há mais que pedir. [142’]

Germínio Vamo-nos recolhendo que eu vos seguro com toda minha paixão dormir muito bem o que resta.

Cena Sexta.  
Grasidel de Abreu.

Trabalhosa cousa é receber dano de quem vos não podeis queixar nem melhorar. Já quem pode vingar-se menos sinte seu mal, mas que fará o triste que de si dá a vingança em vez de tomá-la da ocasião dela? Oh quem pudesse ver-se alheio de seus sentidos, que em toda adversidade o maior tormento é haver sido ditoso, porque a memória do prazer passado acrescenta a dor da tristeza presente. Donde dizia Temístocles que mais queria aprender arte de esquecimento que de memória, por ser tão vidrento o gosto da vida que não somente magoa a lembrança da glória gastada, quando perdida, mas também a da afronta passada entristece nas honras presentes. Beatos, portanto, os que estão fora desta humana miséria e logram a bem-aventurança. [143] Triste eu, posto por alvo aos contrastes da minha má fortuna. Quanto melhor é, como dizia César, morrer ãa vez que cada dia em continos temores, mas a quantos trabalhos atalha ãa morte temporã! Assi dizia Lisandro: há-se de morrer quando as cousas estão prósperas. Sintia-o bem Xerxes quando vendo o Helesponto coberto da sua armada e as praias ocupadas da sua gente, movido da vanglória de tamanho estado, chamou-se bem-aventurado. Dês i chorou logo juntamente e, perguntado de seu privado Artabano da causa de tão súbita mudança, respondeu: veio-me à memória quão breve é a vida dos homens, que de tão grão multidão deles daqui a cem anos nenhum destes será vivo. O que cada hora vemos, que não há cousa tão junta à outra como morte à vida, foge ãa de nós contino, a outra segue-a. A quem entra na vida parece-lhe cousa infinita, a quem sai dela um nada. Conhece-se o engano quando não pode escusar-se. Agora o conheço. Oh quão pouco há que crer em fé de molheres! Fiel servidor não sirva a quem dele desconfiar. Mas, ah doces enganos, quem me vos roubou? Senhora, quem me vos mudou da que éreis, que não é possível que vos mudastes vós nem eu hei de crer heresias de tanta perfeição? [143’]

Maus conselhos de más companhias. Mas que digo eu? Eu sou o culpado. Não de balde se disse que o mimo desensina e o avaro é causa de sua miséria. Sempre, senhora, poupastes meus contentamentos, que me eu destroía de cioso de mim mesmo. Faz a fortuna doudo a quem muito amima e em mim se cumpriu. Dino é de perder o bem quem dele não sabe usar. Ninguém desestime o descanso que tiver, que um erro no princípio pequeno no fim vem a ser grande. Mas, senhora, inda que eu seja culpado amor é ùa cousa muito sutil e diligente em adquirir receosos cuidados, no fogo se apura o ouro. Tal cuidou fazer vosso amor e meus desgostos, que ao verdadeiro nunca faltou sofrimento. E dado que o serdes tão fermosa me venceu, a condição vos estimava, que o certo amor há de ser dos costumes. A menor perfeição da molher é a fermosura, que o tempo lha desbarata. Que desconfiança vos tomou de mim agora mais que nunca? Não sabeis que cousas fingidas mui prestes tornam à sua natureza? Se o meu amor fora fingido já cansara há tantos anos. Que é isto, senhora? Assi hei de perecer ao vosso desamparo? Té qui cuidei que era birra, mas paixão que vai fazendo profissão no tempo dá más sospeitas de si. [144] Cá vem Dinardo Pereira, quero consultar com ele a concrusão deste negócio.

Cena Sétima.  
Dinardo Pereira.

Quanto há que conhecer no coração do homem, que retretes de fingimentos, que escaninos de incertezas tem, e quantas mostras de diversas cores. É vento fazer contos do polvo tomar as da causa em que o põem. Em um só sojeito tem o homem muito mais inumeráveis efeitos e acidentes sem número, já se é discreto não há braças que lhe possam sondar o bucho. Menos incerta é a astrologia judiciária que as operações do peito humano, e quanto mais provido mo derdes mais erros darei nele, porque guardou Deos para si só o acertar. Isto me apura, e ando atónito do amor de Graside de Abreu. Quando favorecido de Filomela mostrava-se isento, agora, desprezado, confessa-se sojeito. Pôde com a prosperidade carecida de siso, faltando-lhe escasseou-lhe o sofrimento com que agora mostra o fio. Por isso arrenego destes [144'] que se mostram livres e depois caem em maiores quebras. De que servem enganos de quem é consigo mais enganado, mortos por fazer experiências de vontades alheias e da própria não sabem tomá-la? Chamo eu a esta discrição pequice mal incrinada, que o prudente não quer enganar, porém, também não pode ser enganado. O saber de cada um, enfim, é segundo sua condição natural. O malicioso tal tem a discrição qual é, e assi dos mais. Verdade é que tão mau é crer a todos como crer a nenhum. Estamos em mundo que querem os homens antes parecer sábios que sê-lo e não parecê-lo, porque, diz que a boa opinião, val tudo. Muitos conheço que lhe valeu isto. Mas eu sou mais de o ser que parecê-lo. E a meu

ver cada um tenha cuidado de si e leixe os outros com sua carga. Faça eu o que devo e quando não mo fizerem fico sem culpa, que é um bom estado e melhor de todos. Em amizades nunca experiências senão forçadas, e isto destruiu Grasiel de Abreu. Filomela enfadou-se e quebrou banco. Sospeito que achou amparo e ri-se dele. Não no sofria, parece, senão à míngua, e gastai lá vossa boa idade em confiança de vontade alheia. Cá o vejo, quero ver que diz.

Cena Oitava. [145]

Dinardo Pereira, Grasiel de Abreu.

Dinardo Que vai? Donde vindes? Para onde ides?

Grasiel Não sei se vou, se venho, se estou, se fui. É mui párvua vida esta. Ditoso o que acaba jornada.

Germínio Agora está por ver que não há mor trabalho que viver, porém, contudo, morrer é grão parvoíce. Sou muito treito de saudade e, se quereis que fale mais claro, muito mau, e quem fez mal sempre teme. Folgo com esta vida porque não sei que vai na outra e que gasalhado acharei. Custa-vos aqui os olhos de enfadamento tomar casa de aposentadoria, que será onde contino vai tanta gente buscar pousada? E sabeis que pequice será vir um diabo muito tredo e mal-assombrado fazer-vos ùa forca, andar convosco aos botes e danar-vos a gravidade com descortesias.

Grasiel Se quereis escusar essas diferenças recenseai a conta da vida antes de irdes ao escamel, leixai vaidades do mundo tão custosas e conformar com Deos, porque segurais viagem e perdeis os receios que vos picam.

Dinardo Falai-me depois sobr'isso que agora ando um pouco [145'] ocupado em meus gostos, e não lhes posso ser desleal salvo quando a possibilidade me deixar.

Grasiel A esse tempo nem grado nem graças.

Dinardo Ora, que melhor é tarde que nunca.

Grasiel Sei que tendes privilégio de tempo.

Dinardo Eu, senhor meu, quero muito grande bem e vai-me muito melhor. E Deos criou a mulher fermosa para descanso do homem, e a mais necessária alfaia que lhe pôde dar.

Grasiel Mas para destruição de nosso gosto! De mim afirmo que não houvera fortuna com que me não aviera meãamente, e não sou poderoso para me ter ao paio com os desenganos de ùa mulher.

Dinardo Por isso hei medo sempre à minha e a velo de todo recontro, por lhe tirar azos de dar orelhas a novos conhecimentos. Digo isto porque trago atoardas que se serve Filomela de Germínio Soares, e vossa comadre assi o sospeita, e anda sobre certificar-se para lhe escozer as orelhas. E isto deve ser fazer-vos catcha, que os primeiros amores podem apartar-se e não esquecer-se e seus termos são feros da sua mágoa, porque o coração apaixonado o mal há por bom conselho.

Grasiel Não me fio de paixão que dura muito.

- Dinardo Vós tivestes a culpa. Conhecei-vos, que o sábio conhece suas faltas. Não há tão grande [146] claridade que a soberba não escureça, e humildade é fundamento da verdade. Enganastes-vos sempre convosco, que é mais perigoso que enganar outrem. O que a fortuna rege não é seguro e em ãa só hora se paga quanto se erra em toda a vida.
- Grasidel Essas repreensões sengas podíeis agora escusar, porque reprender quando há necessidade de socorro é danar muito mais. Vós, senhor, tereis razão, e eu terei errado, mas tudo se julga segundo socede. Má fortuna nunca foi louvada, capitão vencido não lhe chamam sesudo, nem ao vencedor doudo. Por isso é por demais desculpar maus sucessos e desnecessário reprendê-los sem tempo.
- Dinardo Não há quem sofra o aziar da verdade. Mas sabeis que digo? Hei por muito perigo deixar crescer cizânia antre vontades amigas, que depois pode-se mal desarreigar. Amor facilmente se perde e difficilmente se adquire.
- Grasidel Tudo temo, tudo me lembra e tudo sinto.
- Dinardo Eu vos direi, se é verdade que põe os olhos em Germínio Soares o bom era esquecê-la de todo, porque é de crer que lhe vai bem, que ele é homem a que se deve tudo. E que o não fosse, elas sempre escolhem o pior, que a fortuna de molher lhe vem dar seus bens aos indinos, donde a dita dos maus é tormento de bons. [146'] Eu, a minha arte era esquecê-la e melhorar doutra.
- Grasidel Falai em al. Sabeis quão parvo ando nisso, que quanto a mais desespero mais a desejo!
- Dinardo Fados de nossa natureza. Dir-vos-ei o que entendo desta cousa e depois virei ao que faria, por que nada me fique por dizer-vos. Isopo preguntado que fazia Júpiter respondeu: abaixa altos e levanta baixos. Daqui veio que não há boa hora para um que não seja má para outro. Tal sois agora com vosso competidor, e nunca al vimos senão levar um o que outro suou. A grande Laida dava esta regra aos amantes para alcançar toda molher, convém a saber: quanto ao primeiro segui-la, porque tudo o trabalho vence; item servi-la, que quem dá espera e quem toma dá; item sofrê-la, porque são acidentais em suas paixões e em tudo soffredores vencem. E as injúrias dos que nos mandam hão-se de dessimular como as cousas dos príncipes, senti-las e calá-las, que o sábio tem a língua no coração. E pois a dama é senhora dele tudo se lhe deve sofrer, se é má mostrar-lhe que a tem por boa e tirar-lhe as ocasiões do mal. E, portanto, agora não vos sinta Filomela que sabeis seus amores, porque quererá antes sofrer perdas que ouvir injúrias. Do galante podemos ter maneira que por bem leixe [147] a empresa, e quando não por mal, que a justiça é por vós. Dês i mostrai que a ides esquecendo, que a molher amada mais sinte os descuidos com que a tratam do que estima os serviços que lhe fazem. Isto com tento, que não lhe pareça que a desamais de todo, porquanto são todas mui tenras no querer e duras no aborrecer.
- Grasidel Tudo o que dizeis confesso por bom, mas os meus males vão em tanto crescimento, as minhas mágoas tão de alevanto, o sofrimento é tal, as

paixões tem-me tão senhareado, e eu já tão entregue a triste, que não me parece que posso viver para nenhum bem esperado quanto mais tão duvidoso.

- Dinardo Poucas vezes se viu mal que não seja aviso de maior bem. Falero tebano, estando muito enfermo do baço, entrou em ãa batalha em que lhe deram ãa lançada da qual sarou, e juntamente da infirmitade por causa dela. Mamillo Bubulo, rei dos etrucos, em ãa batalha lhe deram ãa setada pela garganta e ficou-lhe o ferro dentro. Depois, andando à caça, deu tão grande queda do cavalo que lançou pela boca o ferro e ficou são. E assi às vezes se vê de notável desventura vir a bem-afortunado, donde Temístócles desterrado dizia: pereceramos se não pereceremos. Nada deve esperar-se ou desesperar-se [147'] sem experimentar ventura. Não vos deis tanto ao sofrimento que vos tolha buscar-lhe remédio. Nas cousas duvidosas val muito o bom conselho e ousadia, nada vo-la faça perder, que do mal que homem teme desse morre. Sem perigo não se faz façanha. Inda que vos dê pena, se minha prima mudou o amor sou de parecer que o mudeis, porque como ãa molher se desdoura em ter muitos corações nenhum preço tem comigo. Sou nesta parte mui escoimado, digo-vos o que faria.
- Grasidel Eu não posso crer isso dela, mas se mo dais vente... No amor não se sofre companhia, como reinar, nem eu lho sofrerei.
- Dinardo Ora dai-me espaço té domingo que eu saberei a certeza, porque também, se minha prima não está ocupada e é a que deve, eu me obrigo congraçar-vos.
- Grasidel Seja assi, que não sairei do que ordenardes.

Acto Quinto. [148]

Cena Primeira.

Germínio Soares, Artur do Rego.

Germínio Vós, senhor, sabeis ãa cousa?

Artur Que foi?

Germínio Sou posto outra vez em concerto com a senhora Filomela.

Artur Como assi?

Germínio Dês que nos desavíamos na noute de más razões lidou todo este tempo Aulegrafia, minha comadre, com ela, como sabeis, e tinha-se-lhe às voltas branda e amorosamente. Tive eu maneira com que lhe falei ontem na portaria, à boca da noute. Travou-se a conversação de modo que a armei a querer-me ouvir esta noute. Nunca vos desejei senão então porque tive com elas mil passos bons. Far-lhe-ei crer quanto quiser.

Artur Essa era a dos feros? Como isso estava certo, nunca desabrem mão de todo dos servidores, folgam de ocupar todo mundo, não há quem delas se desempece, mais intrincadas que o laberinto de Creta, [148'] de que se Teseu livrou e não dos modos de Fedra. Trabalham as molheres sempre por estar a muitas amarras, porque diz que a ovelha que não tem dono come-a o lobo. No primeiro porto que podem tomar, se lhes

- arma, lançam âncora por abreviar esperanças. Assi que não hajais por das sete maravilhas vossa reconciliação. Mais foi a destruição de Tebas e a entrada de Alexandre em Corinto.
- Germínio Todavia se teve bem nos seus treze. Vai em seis meses que foi nossa desavença e eu, neste meo tempo, contino no cerco sem lhe deixar tomar fôlego doutra determinação.
- Artur Não há siso que baste resistir a tanta continuação.
- Germínio Eu quanto mais se me defendem mais embirro em combatê-las.
- Artur Onde há resistência no paciente põe mais força o fazedor. Obediência abranda duros corações, té nos brutos. Quanto Numância foi forte tanto ensistiram os romanos em destrói-la. Presunção de fortes destruiu Tróia e Cartago.
- Germínio Crede que é assi, e sabeí que lhe dei brava bateria e que a tenho rendida, perdi cuidado. Verdade é que à minha comadre Aulegrafia devo a vida porque nunca amiga assi treçou por amigo, e diz-me ela que claramente conhece em Filomela ser decepada por mim. Ora eu nunca vi mulher tanto [149] da minha arte, e assi doce e galante na conversação, já graça é pasmo, pois condição, mais branda que arminhos, discreta, se a ouvirdes aleijar-vos-á porque as suas repostas são lançadas d'arremesso. Um ar, um requebro e um riso que vos ride de mais galantaria. Ûa mão lhe tomei dessimuladamente que parecia seda de Bragança.
- Artur Já vós nisso andais? Olhai por vós que o estado dos privados é perigoso, porque prósperos desconhecem-se e abatidos ninguém os conhece.
- Germínio Que mais daí nunca pior caísse.
- Artur Já tu jazes.
- Germínio Contentamento próprio não se compra por preço. Marco Aurélio, filósofo discreto e emperador, tudo dessimulava a Faustina, satisfeito de sua gentileza.
- Artur Já se apega a desculpas, bom vai.
- Germínio Ferosura é pedra de cevar de corações humanos e amor um desejo do que bem parece. Daquí se move nossa razão, vista e ouvidos, e se deleita, deleitando rouba e roubando inflama. E quanto mais claro júizo tanto mais se afeiçoa ao que lhe parece bem. Ora ponho isto em prática, Filomela não me negareis que merece per si muito e é muito para estimar sua pessoa.
- Artur Si, mas neste tempo ninguém se estima salvo pelo que possui.
- Germínio Mais dez menos dez, tudo vem a um conto. [149'] E mais eu vos direi, tenho isto muito bem gizado: assi como assi hei-me de ir este ano para a Índia, e já que hei de cavar vida quero que seja com gosto e passar estes dias nele, que depois não sei o que de mim será. E portanto, que mau fundamento achais casar com Filomela, por cujo respeito também me farão muitas vantagens no despacho?
- Artur Os homens mancebos têm a vista do entendimento curta e o júizo atado e posto em talas de seu apetito, e tal vos vejo já. Pintais o que quereis e Deos fará o que quiser.

- Germínio Porque eu vejo que nada é feito sem ele o temo e me ponho em suas mãos.
- Artur Como dele há necessidade logo o conhecemos.
- Germínio Vós não vedes que não se sofre enganar tal molher, que é grande consciência? E eu, senhor meu, sou cristão e lembra-me que há morrer e ser julgado na outra vida segundo as obras desta.
- Artur Como todos somos graciosos, té a Deos é necessário andar nossa vontade se quer que com a sua nos conformemos. Obrigovos eu a enganá-la? Não vos enganeis vós e apartai-vos de seus amores, que ela não lhe faltarão outros que a emparem.
- Germínio Ri-se mais de homens e das molheres que se fiam deles, e tenho bem tirado a limpo quão pouco Grasidel de Abreu valeu com [150] ela. Mas são homens que querem abonar-se à custa da fama alheia, e tudo foi emportunar amigas que lhe falassem e lhe valeu pouco, custando-lhe muito do seu. E nunca chegou com ela a mais que, se estava em companhia doutras, tomar-lhe um barrete com elas.
- Artur Não creio que ele empregasse seus anos debalde, que eu sei que a serviu muitos.
- Germínio Ora a mim mo jurou quem o bem sabia, e minha comadre se riu sempre de mim nessa parte.
- Artur Quem me vós alegais, a sátrapa dos conluios!
- Germínio Estais mal informado, se a tratásseis diríeis que não há tal molher. Quereis fazer ùa cousa? Andai d'amores com ela e falar-lh'-ei por vós, vereis ùa estranha arte.
- Artur Folgarei muito, para vos mostrar que piloto sou.
- Germínio Ora estai assi, que a vejo a lanço e sereis logo servido. Não vos mudeis daqui.
- Artur Quero ver que terço sois. Hei medo que este meu amigo de confiado se perca. Viu-se favorecido e cuidou que ninguém chegara a tão ditoso estado, de pouco fragueiro nos amores, e é certo que fez Grasidel de Abreu mil notomias na paciente. Mas como eles estão atolados na afeição é por demais tudo o que se lhe diz. Todavia eu sou muito mau se me dou por amigo seu e me tem por tal, que tenho dever mais que cumprir [150'] comigo em lhe falar verdade no que lhe cumpre. Por isso o mundo anda tão trastornado, porque não há amigos senão para tempos de prazer, de proveito e prósperos, e nas de siso e importância todos se arredam, e também ninguém há que aceite repreensão. Gavam todos o bom e seguem o mau. Nenhum vive pelo que entende, todos querem seguir a voz popular. Não foi tempo em que o primor dos homens menos preço tivesse e menos uso a boa amizade, e que haja alguns que a usariam há tantos que a desbaratam que fica em parvoíce querer trato, que não se usa por sem fruto. Daqui vem haver tantos erros em nossas obras, porque como nas próprias sempre nosso júzo manqueja e não admitimos o alheio nem há quem o dê desenganado assi não há poder acertar. Meu amigo foi-se ao sabor de seus antolhos. Ela o castigará e avisará a tempo que lhe seu arrependimento não sirva de mais que de lhe renovar mágoas. Este é o fruto que se tira sempre

desta negociação. Mas se entro em jogo com sua comadre quiçá o remediarei, se houver inda lugar de remédio.

Cena Segunda.

Germínio Soares, Aulegrafia.

Germínio Eu, senhora comadre, desta vez hei de dizer o que entendo a meu risco; mas de vossa licença, que todavia hei-vos medo.

Aulegrafia Que é, senhor? que para tudo a tendes.

Germínio Par estas barbas que estais muito fermosa.

Aulegrafia Ah, que bom propósito! E quando o não fui eu?

Germínio É verdade, mas agora mais que nunca. Todas as cousas tem horas.

Aulegrafia Já me logo não vistes debalde, folgo para meu contentamento. Porém, senhor, não vos enganem cores.

Germínio Pois bem, senhora, sou eu negro?

Aulegrafia Assi me sei eu vingar. E não tendes consciência de me enganar? Fiai-vos lá d'amigos.

Germínio Como folga de repetir nisto. Nada sou lisonjeiro, do que me pesa, que quiçá me fora bom! Falo a verdade do que entendo.

Aulegrafia Ora, enfim, não hei de parecer mal a quem me bem quiser.

Germínio Pois eu, senhora, onde fico?

Aulegrafia Outrem vos parecerá melhor, e eu assi quero.

Germínio Ah, duvida.

Aulegrafia Conheceis aquele galante que lá está disfraçado?

Germínio É um grande devoto vosso, e [151'] servidor.

Aulegrafia Meu? E sabíeis-me esse bem e não mo dizíeis.

Germínio À fé de gentil homem que falo sem zombaria, e que me haveis de ouvir muito de propósito sobre isto.

Aulegrafia Jesu, que boa ventura! Eu cuidava que não lembrava já ao mundo.

Germínio E se lhe lembrades, que remédio?

Aulegrafia El remedio es morir.

Germínio E não mau, sendo d'amores vossos.

Aulegrafia Não serei eu, mentiram-lhe os olhos, que eu inda agora me tenho por minha, isenta dessas obrigações.

Germínio E se ele diz que é vosso forçado.

Aulegrafia Di-lo ele? Não há logo mister mais, mas se ele meu é conheço-o eu bem mal.

Germínio Pois, senhora, conheci-o e servi-vos dele, que, par estas, que é afazendado.

Aulegrafia Tal o hei mester.

Germínio E discreto, perdi cuidado.

Aulegrafia Isso lhe não quisera.

Germínio Fidalgo mais que os Godos.

Aulegrafia Também lho escusara.

Germínio Pois galante! Olhai-me aquela pessoa e aquele poer de pés no chão! Não é fermoso nem belo porque se forrou de parvo, e como começa entrar nos amores é decepado. Fareis dele ãa cera.



- Aulegrafia Segundo isso é favo de mel.
- Germínio Pouco menos, e de verdade, senhora comadre, que polo que vos quero e devo queria empregar-vos aqui, e a seu rogo venho ser intercessor para convosco, e haveis de pressupor que antes de aceitar sua petição o esconjurei e tomei homenagem da pureza [152] e segredo que se nestes casos requer. Portanto vá sobre mim qu'eu vos porei em porto seguro como quem deseja servir-vos, e quero que vejais o que em mim tendes já que me fizestes mercê em meus gostos.
- Aulegrafia Senhor compadre, tudo confio de vós, mas sou já velha para estas cousas e ando muito fria delas. Esse senhor, pois é tal, não lhe faltarão outras mais fermosas que lhe mais armem, inda que cada ãa presume de si, qu'eu também tenho meu pedaço de fantasia e muito saberá quem me tirar meus dous dedos de opinião.
- Germínio E pois quem senão vós, senhora? E o mal é que vos não sobeja razão, a qual também hei que ele tem em vos haver por senhora, e louvei-lho quando mo disse porque é homem obrigado a favorecer o bem. Ora ele meteu-me em que vos pedisse licença para vos servir, aceitei-lho, e pela tenção me relevai meus atrevimentos. E mais não há de ser assi, senão que haveis de ser tão galante e tão confiada que o favoreçais, e seu fiador que vos não pese ao diante.
- Aulegrafia Muito bem sei, senhor comprade, que por vós não me há de vir senão todo bem, e bastava ver-vos gosto para também tê-lo. Mas já vos digo que me vou lançando dessas cousas pela pouca confiança que tenho dos homens, de quem [152'] já não há que fiar. E não leixo de vos conhecer a vontade que vos eu mereço.
- Germínio Todavia, senhora, esta noute hei de vir falar à senhora Filomela, ele vem comigo. Fazei-ma de ouvi-lo e terçarei eu em meio, que bem creeis que hei de ser pelo que vos cumpre.
- Aulegrafia Guarde-me Deos, e assi se faz isso, de manos a boca? Encomendem-se a vós os desencaminhados, se assi negociais por todos.
- Germínio Aqui não trato senão de vos servir, e portanto queria abreviar dilações.
- Aulegrafia Não sou tão despejada, e que vo-lo pareça para convosco eu tenho-me por corrida. Enfim, senhor, depois falaremos sobr'isso, já que são cousas vossas a que não posso negar gosto. Vinde vós embora que agora não há tempo para mais.

Cena Terceira [153]

Germínio Soares, Artur do Rego.

- Germínio E ora que havia ela de enjeitar o servidor vai morta por conceder. Mas são tão indiabradas e certas em seus fingimentos que por mais que o desejem sempre hão de mostrar que o não querem.
- Artur Que tendes já feito?
- Germínio Pouco menos de campo franco: lancei-lhe a brasa no seo, agora leixai lavrar suas horas como fogo artificial. Abonei-vos aí por trinta homens, pouco menos de conde. Sou grande terceiro e tenho vea com elas.

- Artur E pois que diz?
- Germínio Ela é de boa avença, e desesperada como começa entrar no bailo.
- Artur Mais fermosa foi Tamar.
- Germínio Não cuida ela isso. É graciosa e de muita arte, com que tudo fica bom.
- Artur Como elas não tem rosto logo querem remediar-se per graças. E eu queria-lhe os ressábios e galantaria nos termos da virtude, que o al, que seja aprazível não é vendável.
- Germínio Não tratemos disso. Esta noute quero ver como vos haveis com ela na prática, que eu seguro que vos jura já pela pele.
- Artur Eu vos [153'] direi: jogará a artelharia. Ela tem de si grande confiança que fica em manqueira nas obras e despejada, de que é muito para haver dó por ser cousa que menos cumpre à molher. E eu hei-vo-la de levar ao pináculo e fazer dela pandeiro, porque a leio. É toda pensamentos e crê que per si tudo merece e se lhe deve, vã de gabada, olha sempre de través, má de contentar, toda enteijos, estranhas mudanças, e tem a rol alguns por quebras. Presume de ler e parece-lhe bem o castelhano, quer ter parecer em sonetos e grande marca de tenções, e com todos estes epitáfios do sobrescrito, em puridade, podem tirar par' ela como para cativos.
- Germínio Ora vos digo que sois um praguento homem, porque notais por mau tudo o que é primor. Sois o mesmo momo, e como um homem tem essa condição não há cousa que o contente.
- Artur Dizer o que não é chamo eu praguejar, mas notar qualidades próprias é ser Plínio da natural história. E sabeis outras ilhas de que deveis sempre desviar-vos e nordestear a bombordo? Ûas gabadas de grandes mãos, e tem-se por inventativas nos labores e não lhes dura mais que enquanto são solteiras. De língua são chocalhos, conhecem todo mundo, golosas no quarto grau; gastam dias e [154] noutes em concertar o seu cofre, enfeitam-se para a cama, temperam muito bem decoada, falam antre si desenvolturas, contrafazem e tocam de tavanesas.
- Germínio E da carruagem do exército tendes apontamentos?
- Artur Essas são ùas rapazas que não merecem fazer-se delas lenda. De moça de retrete para baixo nenhũa comemoração haveis de fazer, e fugir sua conversação, que nunca leixa de ser custosa.
- Germínio Nem de negra que sai fora e pode levar recado?
- Artur Essa, vilão vosso que a tenha da sua mão, o qual ela trará alfanado. E tereis nela um aguadeiro para vós e vossos amigos, à custa dos quais a pagareis, e pelo ano com algum calçado, e terá certos seus réis pelo seu dia.
- Germínio E de pêra parda d'olhos esbugalhados, que quando fala abre muito a boca ou a torce, dentes muito alvos, gengivas amarelas de casca de noqueira, grande mestra de conservas e perfumes que é ofício de benesses?
- Artur Essas são o vivo diabo. É mate forçado procurar sua amizade e valia para terdes crédito para passar letras e recambiar nas feiras, porque são grandes pedreiras e incansáveis por parte do penitente que tomam a cargo. Havei-las de trazer mimosas e ensopadas na vaidade. São

todavia de muito custo, porque [154'] vos despem se podem, e se as desaforais não tendes mais vida, que não descansam té vos varar. Mentem de sol a sol, têm boa fala desentoada, é o mais perigoso esteiro que há em toda paragem, porque têm mil arrecifes mui perigosos.

Germínio Vós já fazei-me mercê que vos não saibam que sois praguento, porque se benzerão de vós e nenhũa haverá que vos admita, quanto mais minha comadre.

Artur Pouco se perde nisso, à minha menina pão caseiro queria eu lembrar que estoutra cousa por vosso respeito a emprendo, enquanto me não enfadar.

Germínio Eu vos fico que tenhais passatempo, e esta noute o vereis. E com isto nos vamos. [155]

Cena Quarta.

Dinardo Pereira, Artur do Rego.

Dinardo Homem a que a experiência não ensina arrenegai dele e não lhe espereis bom feito. Verdade é que a condição de cada um vence-lhe o entendimento, donde sempre tenho visto a vontade fazer tudo o que o juízo nega. E assi vemos que o ser de todos os estados consiste em quem os possui. A parvos aborrecem-lhe discretos, roins têm por indústria sua malícia, desta maneira damos todos cor a nossas incrinações. E basta para ter tudo em nada saber que são nossas obras julgadas pelos homens de nossa natureza, treitos de errar e sempre cegos por mais sabedores que sejam. Por discreto tenho Grasidel de Abreu, mas dêz que descaiu da bonança em seus amores tem feito mil pequices, porque má fortuna sempre descobriu quantas faltas afermosenta a boa, por o que nunca me debato muito por discrições próprias. Mas é este que eu cá vejo meu amigo Artur do Rego. Ora dele hei de saber as sospeitas que trago. Quero esperá-lo já, [155'] que traz a proa para cá.

Artur Quem não quiser errar muito viva sempre acautelado na forma, pois nada é seguro e o mais perigoso passo que a vida tem é ser homem muito confiado de si, porquanto se há mister muito maior coração e espírito para resistir a um vício aparelhado a que os azos vos convidam que para acometer um esquadrão de imigos. Já em trato de molheres não há molher, por tola que seja, que não embarace o mais discreto homem do mundo, porque ele entrega-se ao desejo desapercibido de resistência e ela naturalmente naceu armada de fingimentos: por mais afeiçoada que seja nada faz senão ou por seu gosto ou por seu interesse. Na esperança da vitória nos engodam té que nos metem na cilada, e com qualquer fame que nos fazem nos tomam no brete. Quem ouvira Germínio Soares pregoar-se per acautelado nos amores de Filomela jurara que nunca ela dele levava o melhor, e o galante casou-se com ela com cuidar que furtava bogas. Ora jurai lá por ninguém e fiaí-vos em sisos, que esses dão maiores

cabeçadas. Por isso é riso cuidar de ninguém que sabe, a verdade é que de azos poucos se salvam. Sabe quem Deos quer. Mas como sua amiga e sua comadre Aulegrafia o soube trazer ao talho! [156] E após isto jurarei que tem consulta sobre mim para me armarem para sua desculpa, porém, eu lhe tirarei esse cuidado, com o ter da minha menina, que é carne sem osso e de proveito. Pois que cousa para a minha arte Aulegrafia, e mais haverá quem a cobice, que assi se alternam os gostos e sortes humanas. Cá vejo Dinardo Pereira, que não sei o que sentirá desta nova por parte de seu amigo Graside de Abreu, ao qual há de pesar forçadamente da vitória de Filomela, porque muito mais vos cansa o bem que vedes a outrem que o que vos falta. Quero ir-me a ele que já desejo contar esta história.

Cena Quinta.

Artur do Rego, Dinardo Pereira.

- Artur Sempre vos acharão nestes lugares tais, e com o furto nas mãos as mais das vezes. Por que sois tão daninho, que fazeis aqui?
- Dinardo A vós, senhor, nada se nega, cevo a alma da vista de uns olhos belos de que vivo.
- Artur Bem digo eu que haveis mester degradado da corte.
- Dinardo Desse corte tenho eu, senhor, para [156'] mim que é o vosso pano, senão que, como vos embuçais e sois dos galantes de antre lusco e fusco como ourencu, e em tempo de luar costeais ao escuro, não fazeis sombra e enleais o mundo. Mas eu sei-vos buscar a escama trás a orelha.
- Artur Não tendes tão bom faro como cuidais. Leixai a mim o saber latir à mouta, porque pelas conjecturas quasi adivinho.
- Dinardo Não é mau isso para ter entrada com gente nobre.
- Artur Não sou muito disso, ao presente armo em uns pensamentos cobertos de sentir o que passa, fístola que desassossega muito todo espírito.
- Dinardo Sabeis de que maneira? Que se nisso atolais não aproveita cortar-vos a sobrecarga do sentimento, e olhando para trás é tempo perdido, perda sem remédio: ficais estátua, morreis em mágoa, sem cura de inveja daqueles a que pouco lembrais, e em vos escutarem queixas vos fazem mercê. Um triste estado.
- Artur Não vou por i, mas ao modo moral vivo. Já me desviei de uns sentidos dos sápatras, deoses penates dos que os servem, porque tenho entendido a má novidade desta cousa que chamais corte. Lembra-me que Séneca e Papiniano, validos com emperadores, querendo desasirse deles para lograr-se de si mesmos, não lhes valeu entendê-lo bem. Que estado chamais logo o que se [157] alcança per baixezas e se possui com receio, e se quereis leixá-lo não podeis? Maiormente em tempos em que habilidade boa não tem preço e más invenções o levam. E portanto, senhor meu, lá se avenham os confiados em esperança que nenhũa inveja lhes hei, ca, ao socairo da terra

- alavercado, tomaria do meu trabalho honesto prêmio, com liberdade e recolher ao abrigado. Quem al quiser Deos lho dê.
- Dinardo Logo não sois de ganir após promessas contrafeitas e com raiva, como cachorro que rói osso porque não lhe acha carne, escaramuçais em emendar a vida do rei.
- Artur Escusada cousa, hei por desnecessário açoutar príncipes em púbrico do que em secreto lhes dessimularia, e um mau excesso.
- Dinardo E em que vos fundais nisso, que eles também erram e seus erros chegam ao vivo?
- Artur Em saber tomar o pulso aos aspeitos dos planetas errantes porque compreendo o sojeito de suas influências, os quais prossuponde que necessidade os pode compadecer mas por honra não, cobiça os sabe pairar e esprito livre nunca.
- Dinardo E esse conhecimento, se mostra maus temporais, dá-vos pena.
- Artur Aí me calo, paixão que não tem outro furo salvo bebê-la ou vertê-la nunca lhe agasalho os receios d'antemão. Corto assi as cabeças a um monstruoso [157'] trabalho, segundo Hércules. Valho-me do sofrimento por escudo de Palas contra a presente cobiça medusea, desta maneira cumpro comigo. Dês i ponha Deos a virtude e vaya el Doro por do va, etc., que ao bom cristão nada do mundo lhe dá pena que não seja sofrível.
- Dinardo Estais o mais bem arrendado homem que vi.
- Artur Sabeis porquê? Porque vejo caos de homens sáfaros que em um credo fazem notomia de vivos e mortos, tudo emendam, nada perdoam, louvam o que nunca viram, praguejam do que não entendem, rebolvem o centafolho da vida, levam a fogaça ao mundo e entabolam-se em opinião sem causa, com que tudo lhes val.
- Dinardo Não vos vades per i que ela não se gainha de balde, antes hei que é muito custoso alcançá-la.
- Artur A verdadeira, confesso, porque se alcança per justo preço e é rara, mas a falsa tem dita e acerto e desbota muito, faz finca-pé na valia de cada um, a que o merecimento dá poucas vezes sua voz. E é tão mau rapaz o mundo que apela, agrava e pede revista e, todavia, obedece-lhe acurvado de baixos respeitos, e isto soffro mal: que possa tanto um particular interesse que vos obrigue granjeardes quem vos aborrece e venerar em púbrico quem antre vós desestimais.
- Dinardo Por isso me eu rio dos [158] que batem a mata. Vejo baratar-se a feira em ódios e invejas, e daqui procede o praguejar.
- Artur Pois, portanto, tacho o usar-se tão solto e contino de muitos que fazem saber de forjicar cumprimentos e consonância falsa embuçada com a destreza do contraponto. E o capaz adquerir tem mais quilates de discrição, granjeiar proveito a velas tendidas sem dar ouvidos a respeitos ostantes, por ser o tempo de cada um para si e Deos para todos. Pagar com esperanças do alheio e não lograr do próprio, não ver do olho cousa que saiba a espírito, e o remate e prova de todas estas discrições que nos espantam é leixar um testamento tão intricado que nacam dele exames de demandas para seus herdeiros. Ora se isto é bom não sei que possa ser mau. Por isso, senhor, perdoai-me se vos

- confessar aqui antre nós que tenho o mundo por muito tolo e a mim por pouco menos.
- Dinardo Ireis servir a vossa feitoria e lá mo direis, que lascarins diz que não sofrem palavra descuidada.
- Artur Dir-vos-ei, senhor, viverei como em Roma. Mas dissei primeiro se ma derem.
- Dinardo Já está por prossuposto a tal pessoa e de tal serviço.
- Artur Estai, não carregueis mais em receita, que quantas mais obrigações apontardes tantos empecilhos de despacho e azo de dilação [158'] me pondeis, porque assentai que não há fruta mais sorôdia nem trabalho que mais tarde com o fruto, mas são sortes.
- Dinardo E agora vindes do paço?
- Artur De lá venho, fugindo de enfadado.
- Dinardo Porque há lá fadas que fadam?
- Artur Mas há mil cousas que enfadam, e homens que vos cansam com maus estilos de condições baixas.
- Dinardo Camanha verdade essa é.
- Artur Crede que não sou apagado, quanto muito em saber sondá-los, e sabeis que tenho tirado pela fieira a sūma desta cousa, de antigo e calejado nestas desaventuras brasfemadas de todas, e por muitos que vejo açoutados da experiência e tomados do tempo com mataduras n'alma. Determino, de vossa licença, pôr-me em salvo com as orelhas o mais cedo que me for possível.
- Dinardo Vós vindes chamejando. Trazeis requerimento?
- Artur Lá trago um papel no lago da Hidra que me custa já mais o esperá-lo e requerê-lo do que me tem custado servi-lo e merecê-lo.
- Dinardo Vedes, isso é soberba. Donde há tantos anos que servis nessa esperança não vos coze agora o ânimo dilação de dous dias.
- Artur Já fossem dous anos e acabasse. Agora vos chegou donos dão e servos choram? Pois sabeis que os terceiros sopesam tudo de maneira que não sofrem nem leixam entrar távola a merecimento [159] e obrigação, porque respeitos particulares ou benesse próprio levam a bóia à força de diligência e seu contrapeso. De modo que o que não é de seu ferro é impossível ir a rol e quando muito vai no enxurro. E eu, senhor, sou muito mau para sofrer idolatrias destes semideoses lares.
- Dinardo Menos sofro eu esses espíritos portugueses tão mociços. Por que sereis vós, senhor, eu e ninguém, tão vão que cuideis que vos hão de rogar com o que vos cumpre, inda que se vos deva? É dividido servir e rogar os que podem e valem, porque fantasias sem alicece não dão outro fruto salvo mágoas a seu dono.
- Artur De homem de preço é não dar obediência senão a quem lha reconhece. Essoutra gente povo faça o que não entende.
- Dinardo É muita verdade, que nesta parte muito bem estou com o português: que não reconheçam senhorio senão a seu rei, ao qual é dividido o amor, servidão e lealdade que lhe temos sobre todas as nações, porque nos cria nas abas como filhos com os quais reparte o seu património, como que o não tevesse salvo para no-lo dar. E assi, por sua real humanidade, somos livres e realengos, e os que podem arrimar-se à

sua sombra não tem mais que desejar. Mas para vir a isto não se escusam meios, por o que o homem [159'] discreto há-se de vestir segundo o tempo, e o viver muito mais. Dessimular enquanto não vê a sua, e como tiver asas que lhe consento que seja outro Perseu sobre o cavalo Pegaseo conquiste mais que Baco Índico, seja mais livre e isento que Diógenes e mais grave que Catão Censorino. E vivirá assi pelo foro da terra, porque Quinto Fábio dessimulando e sofrendo vencia Aníbal. E mais tende ãa cousa para vós: para estes que nos fazem carantonhas porque idolatramos e se nos vendem por vedores d'águas na discrição cretense não há escarlata que assi os cegue como o sofrimento de quem os trata, um alavercar ante eles e carcारेjar da sua sombra os faz logo perder os registos para convosco e descuidar-se da vela com que os sondais a cada passo, e o mesmo fazem eles a outros que os precedem.

- Artur Tudo é vento, sem ser árvore de fruto de todo ano.
- Dinardo Isso pela mesa está, e se escassea logo arrefece, porque o que apraz é tão leve de esquecer como de lembrar o que magoa. Por onde não há dúvida que é mui incerto o acertar-lhe a juntura. Mas quem nasceu para sofrer sofra e dessimule ou apare as unhas da cobiça.
- Artur Dir-vos-ei, senhor: muito bem me parece e é estilo de homem honrado dar sua obediência e sua possibilidade [160] a quem lha estima, mas se me usurpais a cortesia é tudo entornado, que espírito nobre não sofre maus ensinos. É manjar d'alma e semente de amor o bom ensino: como me negais a honra que se me deve já vos compro o benefício que me fizerdes, antes nunca acabais de me pagar.
- Dinardo Senhor, já Ovídio dizia em seu tempo: o preço é em preço. Casi diga, toda cousa de preço se vende e sem ele nada se dá. O censo, digamos a peita, dá as honras e amizades, e o pobre que não pode peitar jaz por aí desprezado. Por onde vereis quão antiga lepra é a que vos agora lavra.
- Artur Se me vós pusésseis taixa a esses que me querem servidão culpai-me se lha não der com sabor e lealdade. Mas vós vedes muito bem que nos esmagam esses tais sem nos enxergarem, o que per eles é muito mal olhado e pior feito, e a nós forçado o senti-lo. E então, pesar de Fez, diz que me ande estirando antre sátrapas de Pérsia que sequer de vista me não conhecem. E os mais descomedidos são os que mais enxergadamente mostram as fezes de seu avoengo, que nos nobres que não desbotam da obrigação do bom sangue sempre achais outra brandura, aos quais a popular ambição não lhes desbota o cume da honra mas a moderação vista [160'] dos bons. Porque como o dinheiro foi honrado logo caiu a verdadeira honra, que é virtude do ânimo, que reis não dão nem se ganham com lisonjaria, nem compra com moeda.
- Dinardo Essa é a verdade. Mas que faremos aos padroeiros da mentira que a sustentam a pesar de galegos?
- Artur Já dissimularia termos baixos. Mas quereis que vos diga, senhor? Sirva-se de mim um negro e mostre-me conhecimento. Porém, desprezos, comerei antes terra que sofrê-los! Deos me dê furo per que me livre de ver tanta pouquidade de ânimos e tanta soberba de

- humanos, o que só nesta nossa terra se acha, onde se honram com descortesias como nas outras pelo contrário. E se me eu vir no palanque o meu rótulo será pela lei e por el rei.
- Dinardo E antretanto, que ele tarda y no viene, vivireis de desejos famintos do efeito, que é o tormento de Tântalo no inferno.
- Artur Companheiros acharei.
- Dinardo E o vosso requerimento, senhor, para a Índia?
- Artur Senhor si, nesse lago de honrados me hei de lançar de molho como sardinha.
- Dinardo Em extremo folgaria que vos despachassem, iríamos todos este ano.
- Artur Porquê? Também vós ides?
- Dinardo Querendo Deos.
- Artur Vamos, pesar de meu pai, comeremos desse arroz com leite de coco e o seu bringue, manjar que [161] tanto gavam, e tentaremos essas orrancaias. E sabeis por que me arma muito a Índia? Dizem-me que lá nunca faltam dez pardaus ao homem de bem. E como me dais isto, digo, senhor, que não quero tornar a Portugal por não ver suas misérias.
- Dinardo Eu sou disso, senhor, não se pode já viver em terra em que se vos falta moeda sobeja-vos desventura e do paço tirais espíritos vãos, do que vedes que vos assopram continos desejos a que vos habituais para maior mágoa.
- Artur Que falais? É tormento de Tício no inferno, que lhe come um abutre o coração que nunca lhe mingua mas sempre crece para pena infinita.
- Dinardo Digo, senhor, que quero ir morrer e comer biscouto mil anos por fugir destas sirtes, e espero vir triunfar dous dias nesta corte, banquetecendo gentis damas de Lisboa com muita ostra.
- Artur Isso não farei eu, mas virei comprar matos maninhos e pôr bons bachelos, à imitação daqueles nobres antigos Fábio e Cúrio, que de suas vitórias iam descansar nos doces campos. Eu sou destes sisos, por não gastar em vaidades o que se ganha tão trabalhosamente, e se dais em seco com a moeda pagais o escote com tornar lá, onde as mais das vezes leixais a vida em arreféns da vossa pequice, porque, parece, leixam-vos vir [161'] com a condição com que Plutão deu a molher a Orfeu. O homem sesudo trabalha para a velhice, se alcança descanso aferre-se dele, conhecê-lo e estimá-lo e contentar-se com o que pode. O al é vento. A vida breve passa-se em contas e um Ezequiel houve a que se acrecentou. Portanto, viver para com Deos aprecebido e para com o mundo moderado.
- Dinardo Vós vireis hoje a fazer um doutrinal de cortesãos, segundo estais. Não sou de ser tão sengo. O homem para calabrear a vida e saber tratá-la há de ser sobre o verde e dar cem voltas ao mundo sem lhe lembrar providências de velhos, que sabem segundo se atrevem.
- Artur Fazei vós, senhor, o com que folgardes, que bem oucioso está o homem que quer que vão todos pela sua via, tendo cada um natureza própria e vontade livre. Eu, querendo Deos, irei à Índia, e no ponto que me achar em desposição de vuelta, vuelta los franceses vir-me-ei cá meter em ãa coorte antes que andar mais na corte, a qual é um



- touril para gente manceba, mas depois que vos o tempo amansa o siso é acolher com o fradel ao abrigado.
- Dinardo Bem dizeis vós, se não houvesse mais que dizer e fazer. Mas primeiro que o homem aqui colha o fruto de seu trabalho e se desenvencê-lhe [162] das esperanças que vos lançam grilhões é pior de fazer que o caminho que Eneas fez com a Sibila, cuja volta diz o Virgílio ser concedida a poucos, e estes muito amados de Júpiter. Donde disse Marcial que desta vida cortesã dous até três se melhoram e os mais vão na corrente das mágoas e desaventuras dar consigo nesse mar da morte.
- Artur Vós direis hoje as lições de Job. Não sintais tão mal de mim, que tudo o que dizeis alcanço, e inda mal porque é tanto a meu custo. Mas quanto digo vai debaixo do prossuposto se Deos quiser.
- Dinardo Per i bem, porque esta passagem à Índia não é passar a Almada em barco de Cacilhas com grandes borriscadas, antes tão duvidosa que foi sombra dela a ida de Colcos, e há-se de fazer com grande receio. E quem o não tem não sinte. Que na fábula que vos contam que Glauco se tornou deos marinho entende-se que todo homem entregue à vida do mar é bruto como peixe. Ora vede que género de gente pode ser e preguntai a quem com eles tratou, dir-vos-ão que carecem de toda razão e humanidade.
- Artur Nem tal vida não na pode sustentar senão tal gente. Mas que lhe farei, que está a terra aforada em tantos excessos? E a muita sobejidão das cousas tem-nos postos em tanta miséria e [162'] necessidade que não podemos caber nela sem enxamear, nem manter sem trazer de fora tudo.
- Dinardo Todo esse mal nós mesmos no-lo fazemos, e as delícias de Pérsia destroíram Roma com guerras civis e assi o fazem agora a nós com cobiças e tiranias e ódios, de que hei medo que venhamos ao ferro. E sabeis de que maneira somos já? Que fazem de nós todas as nações de Europa o que nós fazemos aos da Etiópia. Com cristalinos e três mil outras cousas desnecessárias que eles desestimam nos chupam como samessugas quantas riquezas trazemos de toda Ásia. E veio a cousa a tanto, que soíam os nobres ter casas de armas e as mulheres tem-lhas convertidas em casas de vidros, e fazem disto estado, e de ter muitas donas e eles quatro rapazes.
- Artur Tudo o que dizeis aprovo, mas eu não posso remediá-lo nem fazer seita por mim, e arrenego de tantos conselhos e nenhum remédio. Tudo há de ser determinações sem concurir em algũa. E quando quereis pôr a mão per vós não há para quê, porque tempo corredor é como ondas do mar, cousas recolhe a ele e outras lança fora, e quem lhe erra os azos e ocasiões perde a sação. Senhor meu, hei de çarrar os olhos como cabra-cega e atinar onde se me oferecer, porque em fim que diabo há i mais [163] que morrer?
- Dinardo Que posto tão certo esse é de mancebinhos bocicódios que falam foutos do palanque, mas se venta rijo com chuveiros no Cabo das Correntes ou trovoadas de calmaria na costa de Guiné quanto vos desejáreis antes na praia de Cabeça Seca, qual Ulisses se viu, que

antre as ilhas de Samatra com os tesouros de Creso. Não o digo porém por vós, que os homens honrados naceram para coar afrontas e perigos, nem há maior obrigação e pior vida que a sua, maiormente estes que servimos de remos do reino, mas vejo uns bilhafres calaceiros sem juízo pintar ulisseas de idas e vindas que inda não vão já vêm, e se lhe meteis o leme na mão: Faetão! Sabem menos reger-se que eu voltar per corda. Toda empresa quer-se tenteada e regida per muito siso, e oxalá bastasse.

- Artur Querer medir tudo pelo exame da razão é um surdo género de parvoíce.
- Dinardo Que chamais parvoíce?
- Artur Sabeis quê? É enfermidade de bexigas que se apega da conversação. Tão mau é o muito siso como a muita doudice, por isto soffro mal polhastros desta outonada, que sendo filhos de sacres bafaris saem ogeas ou tartaranhas. Se lhe contardes os pontos da ufanía calçam por vinte Hércules, e quando vêm a passar a carreira são revelões [163'] e têm tais sestros que lha não farão correr direita Autumedão nem o Quirão centauro, e saindo da casca bufam pensamentos, mas sem cólera no efeito e ao tempo do empar ficam sáfaros. Não se viu safra tão tomada de névoas, todos os pode a águia lançar do ninho e nenhum há que não ronque que passará os Alpes com Aníbal.
- Dinardo Essa seita pitagórica é para uns comparativos acordados no arroído do que coligem dos púlpetos, e com dous pés desses ameaçam com a galharda e sospiram por Portugal, o velho. Cuidam que em tudo o que apontam pelo menos sempre tomam do alvo.
- Artur Micelo mio, ora digam o que quiserem que eu vosso sou: hei de ir per esses mares dessas oceanas águas, enroladas como mal-assadas, com velas cheias que chiam, acodir em pernas cilhado de arrevém, breado à mezena ou ao traquete e leixar o cabrestante para mimosos. E quando me cair velar o meu quarto da modorra tomarei um laúde e ver-me-eis outro Anfião, sobre golfinho direi mal à minha vida. E cada vez que me lembrar direi também: i-vos minhas cabras, i-vos, e Joana patas guarda. Cantarei em voz alta: Pensando-vos estou, filha, e foã me está lembrando, e por desfeita: Tangovos yo mi pandero, que vem a propósito. Vereis [164] que bravas saudades faço.
- Dinardo E não vos esqueçam uns borrhifos de Que me muero madre, que por antiga sempre tem graça.
- Artur Por quanto leixareis algũa hora de ser namorado?
- Dinardo Por nenhum preço: o homem de bem há de sê-lo até morte e senão não lhe espereis bom feito, e mais tendo tanta razão como eu tenho em ser aleijado por ãa minha muito prezada e amada senhora.
- Artur E pois se vos haveis d'ir, que lhe fareis se há cá de ficar? Haveis que vos esperará até volta?
- Dinardo Si, isso está pela mesa, sem falta.
- Artur Mais certeza queria eu nos temporais. Mas que digo? Casar-vos-eis antes que vos vades, à véspera da partida?

- Dinardo Não sou dessas travessuras, não tenho estômago para tanto. Não sei se me vem de desconfiado de mim, mas por o que tenho visto e ouvido acho muito perigoso pôr vezo e tolhê-lo.
- Artur Não errais muito a barreira, que na verdade esta natureza humana é muito enferma nesta cousa de sofrimento, e de quantos capitães foram sobre Tróia nenhum da volta achou a casa sem fezes. E Penélope, que Homero quis abonar, tem-se que foi das mais desenvoltas, e mintiu nisto como Virgílio nos amores de Dido com Eneas. Portanto, parece que é siso não pôr nesta ventura. Quando a cousa está em minha [164'] mão não ousa fiá-la de mim quanto mais na alheia. Vós perdoai-me, mas eu serei mau de armar nisso.
- Dinardo E eu desse voto sou. A ninguém quero dever que se doa de mim mais que eu. Fique a senhora comendo em talha na esperança da volta, e sua alma em sua palma. Não lhe tiremos a liberdade que lhe Deos deu.
- Artur Ora sabeis que sobre tudo isso as mulheres são extremadas no que determinam, e nessa parte muito macias, na virtude assaz diferente da nossa. Enquanto pretendem fazer a sua, e entavolar-se na sua opinião, fazem milagres: são muito recatadas, nada do que lhes cumpre lhe esquece. E isto é o certo e geral delas, que se lhe deve estimar, e por alguns descuidos odiosos as condenamos, porque à mulher de César não convém suspeitas, e esta é a minha voz.
- Dinardo Vá por ambos, que nisso me fundo.
- Artur E mandai-lhe cantar ãa que diz:  
Eu me parto e vós quedais,  
não sei quando nos veremos.  
Peço-vos que não percais  
il amor que nos tenemos.
- Dinardo Vem a pluma! Ora bem, vá-se a falar verdade. Tendes cá nestas casas alguma cousa? Que eu poder-vos-ei dar boas ajudas, se vos servem, que não é tão pouco, antes o remédio das tais necessidades.
- Artur Bem sei que mandais no alto e no baixo, folgara ter em que vos penhorar [165] mas não chego a ser para tanto.
- Dinardo Antes cuido que de serdes para muito mais vos vem não vos fazer isto papo, cai-vos das bainhas o mundo todo.
- Artur Mas não há quem me queira e eu sou pusilânimo para empresas tão duvidosas.
- Dinardo Não mais, não mais, sou convosco. Quanto há que sei tredices de uns enleados que presumem de secretos se lhe vai bem e velam-se dos gerais. Senhor meu, que logreis vossos favores embora, que ninguém cobiça sabê-los nem vos há inveja. Eu também faço sombra mas não sou tão avarento dos meus gostos, porque não quero prazer não comunicado. A meu jeito o melhor dos amores é a comunicação e prática extravagante com os amigos, para um dia rir de suas damices e outro chorar suas saudades. Isto faz o gosto dobrado e o trabalho leve.
- Artur Haveria isso por prejudicial. Bem que não se escusa com um amigo particular em segredo comonicar-se, mas, quanto a mim, não louvo o abonar-me à custa da honra alheia. E além disso tenho por ocupação ociosa e sem fundamento estes amores do paço.

- Dinardo Quando isso disserdes cantai por desvio: mis arreos son las armas, mi descanso es pelear. E se profiarem convosco mordei o versinho dizendo: quanto mais certa [165'] foi a tença de Burgos, e com isto ficais chaçando sobre todo mundo.
- Artur E vós sois-me tão árduo das esporas? Guardai, não vo-las ponha se me outra vez anteparardes, que eu sou picado.
- Dinardo Assi, senhor, está muito bem, e dá-las-eis debaixo da coberta em compasso d'ambas partes. Pois sabei que já não se costumam essas velhices.
- Artur E eu não aprovo novidades e vivo mais do meu parecer que do costume, porque sei quantos há maus e mal aprovados. Será parvoíce, mas outras haveis de achar mais gradas.
- Dinardo Confianças me trazem morto porque vou sempre descobri-las antre torres de Ximena, e eu, de enfadado de certezas não vos darei ãa palha por um romance velho.
- Artur Pois eu não há cousa que me arme tanto e hei muito grande dó de uns juízos poldros e tão curtos da vista que aceitam toda novidade, sem peso, a olho. E assi me parece de vós, senhor, que por andar com som do moderno sereis todo um soneto e condenais logo todo o outro verso sem mais respeito nem consideração. E eu digo-vos que queria mais ser caixeiro dos fúcaros que todos esses primores.
- Dinardo Também essa opinião é moderna, mas baixa. Será segura, mas nunca pariu Cipiões.
- Artur E parece-vos se esses agora foram que serviram de [166] cavouqueiros?
- Dinardo Mas de menos, que também os agora haveria se lhes ventasse. O tempo, porém, por mais tirano que ande da verdade nunca pode tirar o preço ao bom. E sabei que contentamentos próprios, quando forem justificados são gostos que regem a alma e seguram o porto, triunfos injustos e de má prumagem, por mais que reluzem lá tem sempre o seu bicho que desassossega altamente o espírito. Senhor, leixemos parábulas que arrepicam muito a cãs, e seu tempo virá. Venhamos ao presente. Vós armais para estes rios das senhoras palencianas?
- Dinardo Senhor, são aleijões. Dias há que empreguei meu cabedal em uns cuidados amorosos de que me receio.
- Artur Pois ãa mercê me fazei, e digo-vos isto como quem vos deseja livre de más venturas: tenteai bem vosso emprego e ide sempre com a sonda na mão, não vades cair em baixos de que depois não possais sair, como fez há poucos dias ãa alma que muito bem conheceis.
- Dinardo Quem, por vossa vida?
- Artur O tempo vo-lo dirá, que eu não vo-lo posso dizer porque me vai sobre segredo.
- Dinardo Como sois gracioso. Hei de ir pregoá-lo, e mais dizendo-mo vós?
- Artur Sois parte nisto, por respeito doutra.
- Dinardo Ora, já sei o que é. Aposto que adivinhe, se acertar confessar-mo-eis? [166']
- Artur E vós para que o quereis saber não vos indo nisso?

- Dinardo Quereis tirar à natureza a curiosidade humana? Antes vos digo que muitos se ocupam mais em saber o alheio que em entender no próprio.
- Artur Nunca vos pendureis dessas ouciosidades, tarde ou cedo se saberá.
- Dinardo Camanha graça quererdes vós agora fazer mistérios do que eu entendo.
- Artur Que entendeis?
- Dinardo Vós já não me podeis negar que anda vosso sócio, Germínio Soares, próspero nos amores da senhora Filomela, minha prima.
- Artur Porquê? Disse-vo-lo ela?
- Dinardo Tudo se sabe, e tudo barrunto que anda perto de se casarem.
- Artur Se já não são casados, podeis dizer!
- Dinardo Por vossa vida, Estais zombando!
- Artur Sabeis quanto zombo? Que fui ãa das testemunhas e vossa madrinha Aulegrafia outra.
- Dinardo Ela andou por aí, que o diabo lhe deu saber tanto. Grande cousa me contais. E vós como estais nisso?
- Artur Bem, pois ele assi quis, mas não que eu fosse o autor. Antes vos digo que comonicando-me ele seus amores sempre o adverti, e ele por me fazer dos seus quis que me picasse com Aulegrafia e eu consenti, parecendo-me desviá-la da contramina que entendi que lhe armava. E eles traziam o negócio tão aceirado que indo a noute passada com ele para lhe falarmos vieram ambas [167] falar-lhe, e casar-se foi tudo ãa cousa, sem eu ter mais voz nisso que achar-me presente e muito granjeado da senhora Filomela.
- Dinardo E esse era o homem que me vós gabáveis de discreto. E rende-se tão depressa, sem mais consideração?
- Artur Livre-nos Deos de conversação que facelita impossibilidades e pega como visco. Pois se víreis como ele ao princípio zombava e se mostrava recatado! Começando os amores... a som de passatempo... Mas ela é muito gentil molher e a fermosura é muito poderosa para render espíritos delicados, e Aulegrafia peitada dele franqueava-lhe tudo. E a Filomela apostou-se a vender-se por seu justo preço e não gastar tempo de balde.
- Dinardo Muito bem sabem o que lhes cumpre quando querem. E mais ela é gato escaldado, e o fiar-se doutrem a fez não fiar-se de si e segurar seu partido. E Aulegrafia embairá os diabos.
- Artur Desejo atropelá-la por vingá-lo, porque cuida que sabe muito.
- Dinardo É ãa mina de cautelas, e se vos arma dir-lh'-ei de vós maravilhas.
- Artur Fazei, por vossa vida. Verei se me entendo com ela.
- Dinardo E guardai, não vos acolha que é ãa pega.
- Artur Não acolherá, que meu amigo me fica por baliza para saber donde me hei de guardar.
- Dinardo Nada val quando o a fortuna azar. [167'] Ora Deos os faça contentes e os leixe lograr-se, que eu folgo de minha prima se empregar bem, que não lhe podem negar merecer tudo por sua pessoa, que é o principal. Per maneira que o negócio está arrematado e nisso não há dúvida?
- Artur A cem amarras e as partes satisfeitas.

- Dinardo Que o sejamos nós também. E sempre me deu na vontade que estava minha prima em porto seguro como a vi isentar-se de Grásidel de Abreu, que sabeis que não lhe foi mal com ela, o qual ele, de muito confiado nela por a ter penhorada em um amor de muito tempo, parecia-lhe impossível negá-lo ela. Mas quis fazer muita experiência, e também foi mexericado que tinha outros amores na cidade, e era mentira. E ele cuidou rendê-la mais com isso, e ela, parece, pôs cobro em si cosendo a dous cabos: magoou este e açamou essoutro. Como Deos ordena, porém, tudo desviado do que cuidámos. É certo que sintiu minha prima por perda grande desarmar-se de Grásidel de Abreu, e estava-lhe guardado Germínio Soares. Bem se mostra nisto como todas nossas diligências e maginações são vento se lhe Deos não assopra. Donde tinha razão Sócrates dizendo que não se devia pedir a Deos salvo simplesmente bem, zombando dos votos humanos [168] que mostram querer ensinar a Deos o que nos cumpre, sendo ele só o sabedor do bom e repartidor do melhor. Por o que, quando do céu está ordenado, na mente divina, o contrário do nosso desejo, por demais é pretendê-lo. Por isso siso e regra infalível é entregar à vontade de Deos, ter o cuidado em cipilhar a alma conforme ao que manda a lei que professamos, tomar o leme do honesto trabalho e leixar o cuidado da viagem a quem tem a cargo e manda a nau.
- Artur Fazer todavia cada um o que pode por sua parte para que Deos o ajude: ter sofrimento nos trabalhos, comedir nos vagares do tempo e não esmorecer nas dilações.
- Dinardo Quão provido cumpre ser o homem para não dar cem topadas.
- Artur Há mister mais olhos que os de Argos, e inda assi dorme.
- Dinardo Não há mancebo que saiba ter de si cuidado, e todos presumimos de nós muito.
- Artur A Germínio Soares confiança própria o destruiu, fiou-se do seu conselho e não tomou o dos amigos.
- Dinardo Senhor, havia de ser sua. Para que é mais? E já que lha Deos deu tanto monta rica como pobre, e ele é o que remedeia tudo, e os bons socedimentos aprovam as obras. Quiçá lhe socederá ao diante de maneira que seja dino de louvor o que agora parece de culpa, [168'] o homem sesudo isto pode: remediar com saber o que se erra no tempo e ocasião.
- Artur E também, senhor, rio de quem há sempre de comprazer ao mundo, o que não é possível havendo tantos e tão diversos juízos, e os acontecimentos tão contrários dos que cuidamos.
- Dinardo E mais cada um quer viver do seu gosto e não do alheio. E de querer satisfazer ao povo nasce muitas vezes errar para Deos e para mim mesmo. E querer cumprir com vontades alheias causa não fazer a própria e agravar muitas.
- Artur Já em cousa de casar é a maior graça querer pai nem ninguém que cumpra eu com o seu gosto e negue o meu, e que outrem me escolha a molher com que eu hei de fazer a vida.
- Dinardo Para filhas é lei sofrível.
- Artur Grandes parvoíces têm pais com filhos.

- Dinardo Não é de espantar, por a diferença que têm na idade e gosto.
- Artur Mas no saber, que é dos velhos?
- Dinardo Ora também voz de parentes nisto é boa peça, os quais vivendo a seu sabor falam de papo que não haveis de ter vontade, salvo do que cumpre a vossa honra, e fazem-me asno para levar a carga de mil descontentamentos, de que se socedem depois grandes afrontas.
- Artur Senhor, livre-nos Deos de fazer cousa que haja de ser julgada dos homens. E mais vos digo que não [169] há trabalho como pedir conselho, porque se o vós não tendes próprio, qual vo-lo dá a vossa dor, raramente achais quem se ocupe em cuidar para vo-lo dar. O homem capaz faça o que deve a Deos e a si mesmo, e leixe julgar-se que não há de quem não digam.
- Dinardo Todavia, eu não queria ser ocasião que digam de mim com causa.
- Artur Assi digo eu. Fraqueza grande é zombar no princípio dos amores de ãa molher e cair-lhe depois nas pioses.
- Dinardo É justiça divina vista cada dia, porque na boca do cavaleiro não há d’haver vituperar seu imigo, e deve sempre defender o nome das molheres como faziam os da Távola Redonda. Antes louvá-las e tratar do próprio e não desfazer no alheio, e então, como dizia o outro, chame-se Alexandre deos, quero dizer: tenha-se cada um na conta em que quiser e lá se avenha com sua vaidade, que se não é perjudicial pode ser proveitosa.
- Artur Parece-me isso muito bem, temos os juízos mui conchavados. Vós, senhor, que quereis fazer?
- Dinardo Ir-me à pousada se não mandais outra cousa.
- Artur Eu vou-me daqui a um pedaço sobre certo negócio.
- Dinardo É cousa em que eu sirva?
- Artur Senhor, não. Beijo-vo-las mãos.
- Dinardo Pois veja que eu estou prestes em todo tempo, e não são cumprimentos. [169’]
- Artur Assi o tenho por mui certo. Pois, senhor, vejamo-nos mais vezes.
- Dinardo Eu vos fui buscar à pousada ontem e disseram-me que vos mudáreis.
- Artur Senhor, si, para Valverde.
- Dinardo Ora um dia destes lhas irei beijar.
- Artur Fazei-me essa mercê, porque temos aí grande passatempo com ãas alfaiatas que pousam fronteiras onde acodem moças aprendizes, e é um cevadouro.
- Dinardo Não perderei eu isso. E tocais também jogo?
- Artur Não se pode viver sem isso, e mandamos baratos. Há tempos de esgrima e boa prática.
- Dinardo Lá me tendes como bom bebedor.
- Artur Quero ver, e daqui me faço prestes.

Cena Última. [170]

Dinardo Pereira, Grasidel de Abreu, Cardoso, Rocha.

Dinardo Grande cousa tenho sabido para meu amigo. Esta é outra erva, qual a de Alexandre para curar seu amigo Tolomeu. Ora fiaí-vos lá em amor de mulheres. Sabei que nunca leixam certo por duvidoso. E minha prima eu a louvo, porque não cuide nenhum galante que açambarca com boas razões o que a razão não sofre. Quando vires o bom dia mete-lo em casa, porque, na verdade, o viver sempre em esperanças e andar em contas com medranças deve ser experiência de purgatório, se o não é do inferno. E quem se pode per algũa via forrar deste estado, inda que com perda, deve fazê-lo, que esse é o gainho e o al fadaíro. Vou-me buscá-lo logo, acabaremos estas desavenças. Na pousada deve estar, e não sei como tomará a concrusão, mas eu já lha tinha pronosticada, porque como vi durar Filomela em sua birra logo tive que ia noutro bordo de mais seu gosto. Aqui somos. Cardoso!

Cardoso Senhor.

Dinardo Está lá Grasiel [170'] de Abreu?

Cardoso Senhor, si.

Dinardo Micer Rocha, que faz monseor?

Rocha Lá está na câmara, passeando e suspirado pelo vento.

Dinardo Pois agora o vereis ganir.

Rocha Quero escuitar o que vai, que já desejo vê-lo de todo desenganado por acabar questões.

Dinardo Vós ouvistes já que se curam grandes enfermidades com remédios ásperos?

Grasiel Pois que foi?

Dinardo Antes é, que haveis d'haver paciência e fazer o coração largo para o que o tempo dá.

Grasiel E vedes-me vós fazer outra cousa há mil anos?

Dinardo Assi é necessário agora, porque naturalmente somos levados de nós com ímpeto a todos os efeitos: vituperamos, louvamos, enternecemos e agastamo-nos para a parte a que nos move a presente afeição.

Rocha Grande orador vem teu amo, Cardoso.

Cardoso Eu quisera-lhe menos linguagem e mais dinheiro.

Rocha Melhor fora, mas mouro já por saber o que traz.

Grasiel Dizei o que quiserdes fouto, que não me podeis dizer mal que eu não tenha cuidado e esperado.

Dinardo Esse é um grande meio para sofrê-lo.

Grasiel Pior é já sofrer a vossa tardança.

Dinardo Tenho sabido grandes cousas.

Cardoso Mas grandes parvoíces, e não pode ser maior que usar tantos circunlóquios sobre nada.

Grasiel Contai, não me esteis martirizando.

Dinardo Dai a Deos, aquela senhora soube-se ajudar dos [171] azos. Por isso dizem: com o que Pedro sara Sancho adoce, e tinha muita razão Demétrio em dizer que nenhũa cousa lhe parecia menos dita que não passar algũa adversidade.

Cardoso E ter sempre desaventuras e misérias, que lhe chamais?

Rocha Masmorra.

Cardoso Pior é inda a nossa vida com estes e a destes connosco.



- Dinardo Por ãa de duas: ou porque a pessoa que sempre prospera não pode conhecer-se, pois de si não tem experiência, ou os males passam per ele por fraco e não hábil para soster-se nos recontros da fortuna.
- Cardoso Quisera-me eu ver próspero para esquecer misérias, pois é próprio da prosperidade o esquecimento do primeiro estado, e essoutros floeos, bons de dizer e maus, dê-vo-los Deos, meu amo, para vos curar a cabeça.
- Rocha Fazeis bem, porque a vossa é muito maciça.
- Dinardo Ora também muitas vezes vem mal por bem, vós assi o tomai e perdi a saudade à senhora sobre senhora minha prima, a quem podeis dizer que micer Germínio Soares de dia lo tiene en hierros, de noche lo tiene consigo.
- Cardoso Oh, como folgo! E vós, meu amigo Rocha, como sois bocicódio, porque agora ficareis em branco dos amores de Dorotea, que sabeis que vos não há de sonhar mais, e o retorno das vossas merendas fazei conta que se perderam nos [171'] cachopos.
- Rocha Escutai, ouçamos o remate, que eu vos responderei.
- Dinardo E ele a tem recebida por boa e lídima, ao que diz o castelhano: a quien Dios se la diere san Pedro se la bendiga.
- Cardoso Como vosso amo ficou coado.
- Rocha Há-se de enforçar.
- Cardoso E vós ir-vos-eis meter frade, e chamai-vos frei Amador Chufado, que a Dorotea, se é a que eu cuido, à imitação da sua ama, há-se d'aposentar com sol, salvo se ela não pode.
- Rocha Dou-a a cem corvos, que não foi necessário lembrar-lho, antes por não se perder à míngua logo lançou mão do novo conhecimento, e eu lho barruntei do primeiro dia que vi o pajem mirrar-se nela.
- Cardoso Pois dir-vos-ei: vós sois um vilão carregado por diante e assombrai-la, e essoutro rapagão eu o conheço: é d'arte e anda sempre muito golpeado, e elas são perdidas por rostos que têm inda a penugem, porque se confiam em os enlear e tomar do primeiro pulo.
- Rocha Par estas repas poucas e raras, que perante ela o hei de tomar e dar-lhe ãa revolta de couces, por que veja essa rapariga que diferença há de Pedro a Pedro.
- Cardoso E que culpa tem ele em querer a quem o quer? E mais vos digo que me dizem que lhe dá ela lenços, panos de cabeça e as camisas, e a vós toma as pestanas. A ela me tornaria [172] eu antes.
- Rocha Senão se eu não posso acolhê-la. Que há Deos de sofrer que triunfe de mim ãa rapariga tihosa e lambareira, a maior golosa que vi?
- Cardoso Porém, como vós estais magoado. Inda vosso amo mostra melhor espírito. Escutai, veremos em que se resume o meu.
- Dinardo O bom piloto como teme naufrágio rime com a perda o que o pode salvar e alija sem dó seu emprego. E como os médicos nos corpos enfermos cortam o que pode danar assi se deve cortar tudo o que afronta a alma. Portanto, de meu conselho, dai-a por esquecida, empregai o pensamento em parte de sustância que vo-lo saiba estimar, assi vos ireis safando de suas lembranças, que um amor com outro se tira, como ela fez.

- Cardoso Consolai-vos, Rocha, e tomai aquele conselho, e se quiserdes eu vos enculcarei cousa de vossa arte e que vos aceite à mesma hora.
- Rocha Onde? E quem?
- Cardoso Conheceis vós aquela que lava os servidores?
- Rocha Mas vosso avô! Bem sois vós para ter tais conhecimentos... Quem vos tirar de ser mulateiro!
- Cardoso Não hajais vós merencoria nem tomeis a mal o que digo por remédio, porque me dói vosso desamparo.
- Dinardo E como vos forrardes, vereis quanta mercê vos Deos fez em vos tirar deste enleio.
- Grasidel E quem vistes vós sesudo, sendo [172'] afeiçoado? Amor não se rege per razão.
- Dinardo Foi-lhe isso assacado. Não há cousa em que a razão não tenha o seu quarto voluntário ou forçado, té nos brutos e racionais tem força.
- Cardoso Que aproveita, se ninguém quer usá-la salvo no que faz de sua prol?
- Rocha Verdade, a razão são as cousas mais louvadas e menos estimadas. E daqui vem todos os males ao mundo.
- Dinardo Tendes também outro remédio: a desesperação, que cura muitas chagas porque se esforça contra a dor, e o esforço é sempre principal dos bons sucessos.
- Cardoso Bravo consolador está meu amo.
- Rocha Para consolar e aconselhar muitos há, mas para remediar nenhum.
- Cardoso Muitas mágoas se abrandam com o consolo e muitos erros se concertam com o bom conselho.
- Rocha Um e outro se toma raramente sem o remédio. Sabei que é um perro estado ser consolado nem aconselhado. Eu queria não ter necessidade de nenhum deles, porque o al é mau de achar e pior de gostar.
- Grasidel E que sucesso bom dais a quem dais por meio desesperá-lo?
- Dinardo Homens viciosos entregues a seu apetito sempre vem a razão per peneiras, mas o que ela nega não convém ao juízo claro. Aos vencidos dá o poeta por saúde não esperá-la, e diz Quinto Cúrcio que a desesperação é grão incitamento para um honesto [173] morrer, e dado que proceda da enfermidade da saúde já os cuidados lhe não combatem o ânimo forçado, porque quem não tem que esperar não tem que desesperar, e assi a desesperação faz os homens ousados. Donde dizia Ouvídio: quem é movido e arrebatado dos sucessos contrários, que pode buscar e esperar senão adversidades deles? Por o que se lançam sem medo aos perigos, como a cotovia que fugindo do esmerilhão se mete pelas casas donde se val dele, e assi das espinhas nasce a rosa, que é de triste sucesso o alegre e do grande perigo a segurança. Após a esperança do bem tem o segundo lugar a desesperação, e espera-se o que se deseja com gosto. Desespera-se o que perdemos para descanso.
- Rocha Todas aquelas razões são boas de dizer mas pouco gostosas de ouvir e mui dificultosas de seguir.
- Dinardo E pois o tempo que desengana enganado vos trouxe à luz vossos receios, tomai o conselho que vos a necessidade dá e tende paciência, que é mãe da honra.

- Grasidel De maneira que isso passa-s' em verdade, avirguadamente?
- Dinardo Agora mo disse Artur do Rego que foi presente e testemunha do recebimento, e deu-me por autor de tudo minha madrinha Aulegrafia.
- Grasidel Triunfar essa de mim é o que mais sinto, porque [173'] o afortunado, inda que padeça trabalho próprio, o prazer de seu imigo lhe dá maior pena, nem há mágoa que aqui chegue. Mas pois assi vai, já não há que sentir de ninguém senão da minha má fortuna.
- Dinardo E que sabeis, se é boa? Eu tomá-lo-ia por melhor já que o Deos permitiu, do qual sempre se deve esperar bem.
- Grasidel Per maneira que em cabo de tantos anos sirvo Filomela. Quando cuidava tê-la penhorada para me não negar, antes obrigada a estimar-me e satisfazer-me, meteu-se em meio da minha obrigação Germínio Soares, e pôde tanto com suas peitas e aderências, mediante sua amiga Aulegrafia, que me levou a bóia, esquecida de quantas promessas me deu, desprezando quanto lhe eu tinha merecido, sem admitir justificação algũa minha, aceitar verdade nem respeitar serviço.
- Dinardo Nem mais nem menos, do que nos ficam grandes exempros, para os que peregrinamos nesta vida cortesã, aos mancebos de não se meterem confiados em amores de passatempo, em que o perdem e perdem-se.
- Cardoso Notai lá Rocha, que para vós o diz.
- Dinardo As mulheres moças tomem aviso dos enganos dos homens e não se aventurem pois perdem mais, que se ãa se salva as mais se condenam.
- Rocha Nunca vi vosso amo tão filósofo.
- Cardoso Vós estais agora [174] boto do gosto e em nada achais sabor, mas o Pereira fala por trinta e vosso amo pode aprender com ele toda sua vida.
- Rocha O estado acanhado abate o saber, por isso não me espanto agora do Abreu estar manho.
- Dinardo Quem ouvir esta história dirá que é ãa comédia: empeça e acaba em prazer, porque vós ao princípio sintistes muito as desavenças que tevestes com Filomela e delas se azou vir ela aceitar os amores de Germínio Soares, em que se confirmou o perigo e se rematou agora no contentamento do amante querido e no descanso do desprezado, que haveria por melhor. Queira Deos que o bom sucesso de uns não engane outros aventureiros, porque sempre nos ajudamos mais dos exempros que fazem a nosso gosto que dos que nos avisam o que releva. Benzei-lha, e por amor de mim que vos não lembre mais.
- Grasidel Eu determinado sou pedra e cal.
- Cardoso E todavia não acaba de se determinar?
- Rocha Pois terá bom remédio em o não fazer, e quer ele inda que lhe deva estoutro fazê-lo, sendo-lhe forçado.
- Grasidel Folgo de me Filomela desobrigar, que, doutra maneira, não sei o que comigo poderá. Té qui a tive na conta do bem que lhe queria, cuidando dela o mesmo. Agora, pois não amo a quem cuidei [174'] que amava, não tenho a quem amar, riscar-me-ei de seus cuidados.
- Cardoso Com que dor da sua alma se ele vai tirando.
- Rocha Um amor de tanto tempo é muito mau de desarreigar.

- Dinardo Assentai nisso, que assentado tenho comigo que ela não vos sofreu salvo enquanto não achou quem a mais satisfizesse, que estas gentis damas assi o têm por prática: mais se incrinam a seu interesse que a sua afeição. Nenhum amor as obriga senão o de seu proveito. Grande aviso para homem afeiçoado temer muito. Mas já que não é quem vós cuidais e o fundamento de vosso amor se foi em vento, tal deve ser o que lhe tínheis, porque amor é um concepto que tendes dalgũa cousa dina de estima e merecimento; se vos este falsificam, apaga-se como candeia que se lhe gastou o pavio.
- Cardoso É diabo este meu amo. Mau grado, a melhor alveitar vai-lhe curando a chaga per seus pontos, como um saca-molas.
- Rocha Escutai, ouçamos em que assentam.
- Dinardo E pois a senhora Filomela está contente da sua escolha que o sejais vós de vossa liberdade, que mui certo fruto é de empresas mal fundadas terem por satisfação tempo perdido, vida atalhada, arrependimento sem razão e mágoas por heranças. E o mais certo desta vida áulica é levarem uns o galardão [175] dos outros, donde há muitos queixosos e poucos contentes.
- Cardoso Que novas aquelas, Rocha, para quem serve per esperanças.
- Rocha Por velhas as tenho eu já, mas que há homem de fazer, senão, como carneiros, saltar uns trás outros?
- Dinardo O bom disto é lançar âncora na praia que a fortuna primeiro oferecer, antes que outro terreno nos tolha o porto, porque nunca vejo senão desprezar e enjeitar uns cousas com que outros se melhoram, e depois chorar erros a tempo que não tem remédio.
- Cardoso Muita doutrina levo hoje daqui, mas quisera mais dinheiro para poder leixar a boas-noutes o pregador, e não ganhara pouco em me forrar de ouvir suas patranhas e sofrer suas moucarrices.
- Dinardo E sabeis como é tudo? Espíritos que não são contemptrativos caem mui raramente na realidade do bom. Bojos maus de contentar nada estimam, tudo têm em pouco, lidam sempre com maus acontecimentos, nisto gastam a vida; quando cuidam que per serviço tem segura sua obrigação, saem-lhe dantre mãos os azos, ficam em branco com as queixas, segundo agora ficastes.
- Cardoso Quant'a agora não me parece que meu amo ata muito, eu ao menos entendi-lhe bem pouco.
- Rocha Vós não sois marca de ser mais que arrais de Ribatejo.
- Cardoso Sereis vós logo com o vosso latim, [175'] aprendido de enxerga, como carne de porco que vendem, bom piloto para o Rio das Enguias.
- Dinardo Os comedidos, e que se velam das necessidades fortuitas e sintem a brevidade da vida e a pouquidade da terra, lançam mão do que podem, alcançam o que se lhe oferece, e assi em pouco tempo se satisfazem e ficam de gainho, por o pouco custo que fizeram. Tal foi Germínio Soares. Ora fazei-me mercê que agora sejais muito mais contente que nunca, por que não cuide a fortuna que triunfa de vós.
- Grasidel Vou caindo no que cumpre à minha saúde e entendo quanto vai no conselho puro, porque estar tredo sobre quem se fia de mim é vileza e parvoíce com cataratas. E quer Deos que a estes da primeira enxadada

lhe desenfardelais toda sua trelice, e donde cuidam que julgam, ficam julgados. Digo isto por uns que nos desgostos de seus amigos têm gosto e falam-lhe a sabor e nunca respondem com tenção às palavras. Mas vós, senhor, como a vossa é boa e a amizade pura, assi sois claro e verdadeiro. Vejo em vós quão verdade é que sem um bom amigo na adversa nem próspera fortuna não se pode viver, e quanto é melhor a manifesta repreensão que o amor incoberto. E bem se diz que as cousas prósperas adquirem amigos [176] e as adversas os aprovam. E, portanto, não sairei do vosso parecer por toda a vida. E mais seria doudice lembrar-me do que me fazia esquecer de mim, sem lhe lembrar.

Dinardo Como se converte a necessidade em razão. Assi nas adversidades é mais eficaz remédio a necessidade que a razão. A discrição consiste em saber sofrer com ânimo o que nos sucede contra nossa esperança e gosto, esperando sempre socorro divino, que nunca faltou aos bons e que o bem pedem, e apricar nosso espírito ao sofrimento e remédio, pois nos Deos deu razão e virtude, e juntamente ânimo, para podermos desviar e vencer todo movimento e tempestade adversa e senhorear nossos sentidos e apetitos. E, portanto, ganhai-vos a vós, ca não é bom nem cumpre ser sempre um em todo tempo, a idade, o lugar, ocasião e sucesso requerem sua vez. Perdoa-se o passar pelos vícios, mas querer estar neles é torpíssimo. Os homens hão de viver da razão, pois per ela se diferenciam das bestas, que vão após seu apetito.

Rocha Quanto vosso amo diz é mui fácil de dizer e de fazer difícil. Sutilezas extremadas quebram-se. Quem quiser ser obedecido mande moderado, que o costume de longe é outra natureza que a vence. E para se ir dilindo há mister [176'] espaço doutra continuação.

Cardoso A grandeza do ânimo faz possível impossibilidades, porque todo caminho tem seu fim. Mas a falar-vos verdade, enfada-me já tanta razão de meu amo, que nunca começa como acaba, e todo o muito trilhado perde o sabor. Eu quisera antes ter já ceado, será bom que lhe atalhem, se a cea está para isso.

Rocha Falais Séneca, quero-lho dizer que prestes a tem. Entremos, podem cear cada e quando quiserem.

Dinardo Por isso sou perdido por vós, Rocha, porque sobre não serdes muito gentil homem, quero dizer belo como outros pânfilos que aí há, sois bem assombrado quando vindes com boas novas.

Cardoso Essas não tem ele agora de si.

Dinardo Como? Morreu-lhe seu pai?

Cardoso Esse mau para herdar algum conchouso!

Grasidel Sabeis já de vossa amiga, a senhora Filomela, que é casada?

Rocha Assi o ouvi.

Grasidel Parece-me que zombou de nós.

Rocha Sempre me pareceu que não se desamarrava em sosso.

Grasidel Ora pois sabeis e crede de mim que por nada me hei de enforçar.

Cardoso Esse esforço quisera eu a Rocha.

Dinardo Porquê?

- Cardoso Está mui magoado de lhe a Dorotea comer a isca das suas merendas, que já nas hortas não havia alface que lhe bastassem.
- Dinardo Também se vos levantou com o amor?
- Cardoso Nunca faltam roins [177] que se antremetam onde os não chamam.
- Dinardo Como assi?
- Cardoso Foi-lhe o demo deparar à madama Dorotea um pajem de Germínio Soares em tal hora minguada, que bebe os ventos por ele, sem fazer mais comemoração do senhor Rocha, como cousa que nunca fora.
- Dinardo Ora virdes vós a ser mofino em amores haveria pela mor graça do mundo.
- Cardoso Pois bem lhe podemos cantar: Para qué paristes madre un hijo tan desdichado?
- Dinardo Se tal é, podeis-vos consolar, porque mofina não nasceu senão para homens de grandes espíritos, que só tem para fazer rosto a suas discórdias, e bojo para cozer seus desenganos.
- Rocha E que viu ele em mim para não poder ter a cacha à fortuna?
- Dinardo Lá vos acho um não sei quê assi-assi, que me pareceis mui descoroçoado em casos fortuitos, que no al de vossa hombridade nenhũa dúvida tenho, mas vejo-vos arte de vos enforcades se vos morrer a molher, e os homens hão de pairar fortunas.
- Cardoso Perto está disso com perder a dama, porque também na verdade ela é muito rapariga e não sinte, e foi muito ingrata e descomedida em assi trocá-lo levemente por um rapaz, parece ela deve tê-lo por revelhusco, sem embargo da pouca barba, e o outro é escamado, sem ponto dela nem esperança, e parece-lhe [177'] menino e moço.
- Rocha Zombamos, e não cuidais vós ora que falais pouco frutado e feito em vós muito a corte?
- Cardoso Muito pareceis vós agora bilhafrão esgalgado, que fez presa em grande trilhoadá de negalhos de tripas e escapou-lhe das unhas de confiado, e faz furto no ar com viu, viu, porque vós fazei conta que olhos que la vieron ir...
- Rocha Se fôreis mais breve, tevéreis graça, mas deveis lançar mão de sacamolás, quiçá se vos dará melhor que a cortesia.
- Dinardo Ora consolai-vos, Rocha, que nas pressas se mostram os amigos. E por que vejais quanto o sou vosso, quero-vos dar uns amores em que vos melhoreis e com que façais remoê-la a essa graça.
- Cardoso Eu lhe inculcara ãa donzela da sua arte e mais proveitosa.
- Rocha E ri e folga, como se dissesse algũa cousa, e parece porteiro do Cartaxo, pregoando fato de mortalha com trempem ao pescoço por colar.
- Cardoso Não estais hoje para dizer cousa bem dita, poupai-vos para depois que cozer essa paixão.
- Grasidel Ora, senhores, não tanto paço que outros vi já estarem melhor dele. A boa resolução desta cousa, Rocha, seja cearmos por agora e dar o feito por esquecido, que os casos desesperados per si se consolam, e a fortuna até aos vencidos ensina a arte da guerra. Melhor é padecer culpa alheia que a [178] própria. Nas cousas contrárias não estemos por bons ditos, mas por os necessários. Sabemos que, como aos bem

afortunados os mais dos seus sucessos são contentes e prósperos, assi òs tristes de propósito se lhe oferecem ocasiões de tristeza e mágoa. E dado que ninguém é tão animoso que não se abale com a novidade de qualquer desgosto, os desamparados da boa fortuna devem pôr tod'a esperança de sua saúde na virtude, fazendo rosto aos dessabores que lhe socedem com tê-los em pouco e passá-los como desesperados, porque val muito a confiança do bom ânimo em tod'o caso, e as feridas que cada um recebe a olho são mostra e indício da sua virtude, e a morte, que segue aos que a temem, em desprezá-la se foge. Por o que já que vossa amiga, a senhora Filomela, e a sua donzela Dorotea estão contentes e satisfeitas do seu próspero acerto, não tenhamos pesar do seu prazer, nem mágoa do seu gosto, que parece ódio ou inveja, que tudo é um; um nem outro lhe tenhamos, e este é bom e seguro conselho dado, que sempre falta quando se toma forçado do socedimento. Todavia a condição e natureza do homem é querer e não querer. Este querer e não querer, a seu tempo assazonado, é dos discretos. Querer o que não convém ou [178'] o que não pode é de homens que querem a si mesmos e não sabem vencer-se em seus apetites. E, portanto, se vos parece, já que sois homem entendido, queiramos agora o que podemos, pois não podemos o que queríamos e não invejemos a boa fortuna a quem a tem, que como sabeis, pois o ledes, Alexandre dizia dos invejosos serem tormento de si mesmos. Consolemo-nos com saber que as grandes glórias humanas as mais das vezes as conseguem ditosos sem merecimentos, havendo-lhe de dar por prémio da própria virtude a que realmente o mundo sempre contrasta.

Dinardo Muito parece isso pregação de padecente. Lancemos o bastão com alça. Valete et plaudite.

Momo Torno a declarar-me convosco. Tendes ouvido um largo discurso da cortesia vulgar. E se algũa cousa vos parecer mordaz, não pode ser menos, porque já primeiramente não me podeis negar que toda obra humana não carece dalgũa falta, quando não de muitas.

Laus Deo.